

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GISELE DA CRUZ ROSA

CURSOS DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS INGLÊS UFU: Tecnologias Digitais,
Investimento e Complexidade.

UBERLÂNDIA
2015

GISELE DA CRUZ ROSA

CURSOS DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS INGLÊS UFU: Tecnologias Digitais,
Investimento e Complexidade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino e aprendizagem de línguas.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza

UBERLÂNDIA
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R788c
2015 Rosa, Gisele da Cruz, 1988-
 Cursos do idiomas sem fronteiras inglês UFU: tecnologias digitais,
 investimento e complexidade / Gisele da Cruz Rosa. - 2015.
 237 f. : il.

 Orientadora: Valeska Virgínia Soares Souza.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Linguística.
 Inclui bibliografia.

 1. Linguística - Teses. 2. Língua inglesa - Teses. 3. Aprendizagem -
 Teses. 4. Professores e alunos - Teses. I. Souza, Valeska Virgínia
 Soares, 1972-. II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-
 Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 801

GISELE DA CRUZ ROSA

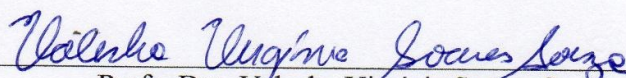
CURSOS DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS INGLÊS UFU: Tecnologias Digitais,
Investimento e Complexidade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras
e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito para a obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos.

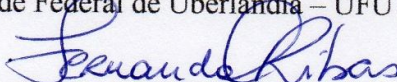
Área de Concentração: Estudos em Linguística e
Linguística Aplicada.

Uberlândia, 04 de dezembro de 2015.

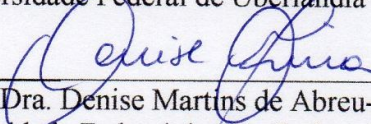
Banca Examinadora



Profa. Dra. Valeska Virgínia Soares Souza
Universidade Federal de Uberlândia – UFU (orientadora)



Profa. Dra. Fernanda Costa Ribas
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profa. Dra. Denise Martins de Abreu-e-Lima
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Suplentes

Profa. Dra. Júnia de Carvalho Fidélis Braga
Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida - minha família que sempre me apoiou e encorajou em todas as jornadas e à minha orientadora e “desorientadora” Valeska, que me guiou, rompeu com minha ordem e incentivou o investimento em novas trajetórias.

Muito obrigada a todos que de alguma forma contribuíram e fizeram parte desta jornada complexa:



“O caos é uma ordem por decifrar (...) os algarismos não têm sentido fora de uma qualquer ordem que se lhes dê, o problema está em saber encontrá-la” (SARA MAGO, 2008, p. 90).

RESUMO

Vivemos em tempos em que tecnologias digitais e o processo de aprendizagem de línguas estão cada vez mais imbricados. A aprendizagem de inglês como língua adicional tem se solidificado e este crescimento se deve à necessidade de aprendizagem de uma língua franca. O ensino de inglês, foco deste trabalho, propicia um contexto de várias ações ou políticas públicas ao se considerar a sala de aula como um espaço social que dialoga com o mundo. Nesse contexto, foram criados programas como o *Idiomas sem Fronteiras (ISF)*, que demanda que os estudantes tenham um conhecimento mínimo sobre tecnologias digitais durante o desenvolvimento de suas atividades. É desse contexto que surge a inquietação para realizar esta pesquisa. Assim, busco compreender o papel das tecnologias digitais para os aprendizes de inglês como língua adicional, bem como pretendo investigar o investimento no processo de aprendizagem realizado pelos aprendizes do IsF. Para tanto, contemplarei: a) a investigação sobre o investimento dos participantes em sua aprendizagem de língua adicional; e, b) a análise da opinião do aprendiz frente ao uso de tecnologias como ferramentas de aprendizagem. Deste modo, irei responder às seguintes perguntas de investigação: 1) Qual o investimento dos alunos do IsF-inglês UFU, participantes dessa pesquisa, sobre seus investimentos para a aprendizagem de inglês? e 2) Qual é o papel das tecnologias digitais nesse processo de investimento? Para que as questões que direcionam esta pesquisa sejam respondidas adotei as premissas da Teoria do Investimento, que considera a relação sócio-historicamente construída dos aprendizes com uma língua adicional e seus desejos de aprendê-la e praticá-la, e do Paradigma da Complexidade na aquisição de uma língua adicional, que concebe esse processo como dinâmico, não-linear, caótico, imprevisível, sensível às condições iniciais e ao *feedback*, aberto, auto-organizável e adaptativo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, cuja abordagem metodológica é o estudo de caso, tendo como instrumentos de coleta, prioritariamente, questionários e autobiografias, e de análise algumas ferramentas da Linguística de Corpus. Os resultados demonstram que os participantes apresentam comportamentos diversos diante dos diferentes momentos de aprendizagem e prática e essa diversidade demanda investimento e adaptação. O investimento ou não depende da escolha do aprendiz de se superar e investir em sua prática ou se retrair e não evoluir como o desejado para alcançar seus objetivos. Isto provoca influência direta na identidade do aprendiz que é (re)construída na interação entre indivíduo, ambiente e elementos culturais. Os dados revelam que alguns participantes demonstram ter necessidade e investem para aprender, apesar de não existir o desejo de estudar a língua alvo; outros demonstram desejar aprender, mas não investem na prática para o aprimoramento. Adicionalmente, para os aprendizes, as tecnologias digitais são uma ferramenta que incrementa e facilita a aprendizagem, mas não as consideram o meio principal nesse processo, apenas complementar. Diante deste contexto, o entendimento do processo de aprendizagem de línguas deve ser pautado na diversidade e não em modelos padronizados e homogeneizados. Concluo que o programa é um sistema complexo e as ações dos seus elementos produzem reflexos nos investimentos dos aprendizes e contribuem para o equilíbrio e o desequilíbrio do sistema.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa; Investimento; Complexidade; Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

Digital technologies and the process of learning languages are deeply connected at present times. Concurrently, learning English as an additional language has solidified over time and this growth is due to the necessity of learning English as a global language. Both teaching and learning English, the focus of this research, provide a context for multiple actions or policies by considering the classroom a social space. In this context, programs such as *English without Borders (ISF)* were created in Brazil. The program requires that students have a minimum knowledge about digital technologies for the classes and development of activities. From this context, my concern for this research emerges: I intend to understand the role of digital technologies for learning English as an additional language and I investigate the investment made by learners from ISF. In this proposal, I include: a) a research about the participants' investment in additional language and b) the analysis of each learner's opinion towards the use of technology as a learning tool. As a result, I try to answer these questions: 1) What is the investment of the students of ISF-English UFU, participants in this research, when it comes to learning English? 2) What is the role of digital technologies in this investment process? For the questions that guide this research to be answered, I have adopted the premises of the Investment Theory, which considers the socio-historically constructed relationship of apprentices with an additional language and their desire to learn it and practice it, and the Complexity Paradigm in the acquisition of an additional language, which sees this process as: dynamic, non-linear, chaotic, unpredictable, sensitive to initial conditions and *feedback*, open, self-organizing and adaptive. This is a qualitative research, whose methodological approach is the case study, having as main collection instruments questionnaires and autobiographies, and core analysis tools those of Corpus Linguistics. The results demonstrate that participants have different behaviors on the different moments in the learning process and this diversity demands adaptation and investment. The investment or not depends on the choice of the learners to invest in their practice or withdraw and not evolve as desired to achieve their goals. This causes direct influence on the learners' identity which is (re)constructed in the interaction between individual, environment and cultural elements. The data reveal that some participants demonstrate the need and they make investments to learn, although there isn't a desire to study the target language; others demonstrate desire but they don't make investments to learn. Additionally, for learners, digital technologies are a tool which helps and facilitates learning, but may not be considered the main way to learn, just a complementary tool. Given this context, the understanding of the language learning process should be based on diversity and not on standardized and homogenized models. I conclude that the program is a complex system and the actions of its members produce reflections on investments of apprentices and contribute to the balance and the imbalance of the system.

KEYWORDS: English language; Investment; Complexity; Digital Technologies

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1– Organização da dissertação.....	21
FIGURA 2 – Representação de um Sistema.....	24
FIGURA 3 – Propriedades dos Sistemas Complexos.....	26
FIGURA 4 – Conectividade entre os eventos de Babel.....	28
FIGURA 5 – Evolução das ferramentas tecnológicas que mediam a aprendizagem de idiomas.....	49
FIGURA 6 – Recursos da Web 2.0.....	52
FIGURA 7 – Representação do referencial teórico.....	57
FIGURA 8 – Características dos Estudos de Caso.....	60
FIGURA 9 – Página inicial do site IsF.....	63
FIGURA 10 – Banner de divulgação do TOEFL ITP DO Programa IsF – UFU.....	65
FIGURA 11– Faixa etária dos participantes.....	74
FIGURA 12– Em qual nível do MEO você se enquadra?.....	75
FIGURA 13 – Aparelhos eletrônicos mais utilizados para acesso à Internet.....	75
FIGURA 14 - O que você costuma fazer na Internet?	76
FIGURA 13– Organização do corpus de análise.....	78
FIGURA 14 – Corpus arquivado em formato Txt.....	78
FIGURA 15 – Página Inicial do WST.....	80
FIGURA 16 – Como produzir uma WordList.....	80
FIGURA 17 – Recorte da lista de palavras por ordem de frequência.....	81
FIGURA 18 – Stop List.....	82
FIGURA 19 – Lista de palavras por ordem de frequência com StopList.....	83
FIGURA 20 – Lista de palavras por ordem de frequência lematizada.....	84
FIGURA 21 – KeyWords do Corpus.....	85
FIGURA 22 – Concordance: busca de palavra específica na KeyWords do Corpus.....	87
FIGURA 23 – Source Text do termo ‘tecnologia’	88
FIGURA 24 – Clusters com o termo ‘tecnologia’	89
FIGURA 25– Nós de análise.....	91
FIGURA 26 – Concordance do “nó” Inglês.....	93
FIGURA 29 – Primeiro contato dos participantes com o ensino de Língua.....	94
FIGURA 30 – Participantes que iniciaram seus estudos na escola regular.....	96
FIGURA 31 – Experiência de estudar inglês na escola regular.....	96

FIGURA 32 – Busca por escolas particulares de idiomas.....	98
FIGURA 27 – <i>Concordance</i> do “nó” aprender.....	101
FIGURA 28 – <i>Concordance</i> do “nó” cursar.....	105
FIGURA 29 – <i>Concordance</i> do “nó” estudar.....	107
FIGURA 36 – Percentual de participantes que gostam de aprender Inglês.....	108
FIGURA 36 – <i>Concordance</i> do “nó” IsF.....	111
FIGURA 37 – <i>Concordance</i> do “nó” MEO.....	112
FIGURA 38 – <i>Concordance</i> do “nó” ETA.....	113
FIGURA 39 – Mapeamento dos investimentos realizados pelos aprendizes no IsF.....	114
FIGURA 40 – Participantes que estudaram na plataforma MEO.....	116
FIGURA 41 – Opinião dos participantes sobre o MEO.....	118
FIGURA 42 – <i>Concordance</i> do “nó” tecnologia.....	133
FIGURA 43 – Frequência de acesso dos participantes à Internet.....	134
FIGURA 44 – Atividades realizadas on-line pelos aprendizes concomitantemente.....	134
FIGURA 45 – Recursos tecnológicos mais presentes no cotidiano dos aprendizes.....	136
FIGURA 46 – Atividades que desenvolvem a aprendizagem de inglês.....	137
FIGURA 47 – <i>Concordance</i> do “nó” plataforma.....	144
FIGURA 48 – <i>Feedback</i> sobre a relação entre tecnologia e aprendizagem.....	145

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Exemplos de pesquisas sobre o processo de aprendizagem de língua adicional à luz da teoria da teoria da complexidade.....	30
QUADRO 2 – Fases de CALL.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
1.1 Paradigma da Complexidade: panorama geral.....	22
1.2 Paradigma da Complexidade e aprendizagem de Línguas.....	29
1.3 Investimento e aprendizagem de Línguas.....	38
1.4 O uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem de língua adicional.....	47
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	58
2.1 Natureza da pesquisa: estudo de caso.....	58
2.2 Descrição do contexto.....	62
2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta.....	69
2.3.1 Questionário.....	70
2.3.2 Autobiografia.....	71
2.4 Características dos participantes.....	73
2.5 Descrição e sistematização da análise do <i>corpus</i>	77
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	92
3.1 Perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado na aprendizagem de língua adicional.....	92
3.2 Investimento dos alunos do IsF-Inglês UFU na aprendizagem.....	110
3.3 Visão dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais para a aprendizagem.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXO A – Autobiografias dos alunos do IsF Inglês – UFU.....	162
APÊNDICE A – Termo de Consentimento.....	226
APÊNDICE B – Questionário on-line de pesquisa.....	227
APÊNDICE C – <i>KeyWords</i> : lista completa.....	231

INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos em que tecnologias digitais e o processo de aprendizagem de línguas estão cada vez mais imbricados. Com o advento dessas tecnologias, temos uma gama de ferramentas que contribuem para solucionar problemas cotidianos – evitamos gastar tempo em filas de banco, buscamos endereços e trajetos via GPS (*Global Positioning System* ou Sistema de Posicionamento Global), nos aproximamos de pessoas que estão distantes, acessamos informações em bancos de dados, realizamos operações de compra e venda, dentre outros – e para derrubar algumas barreiras que impedem a circulação de informações, bem como para promover a comunicação. No campo da aprendizagem de uma língua adicional¹, tais ferramentas possibilitam que aprendizes utilizem a língua que já falam, ou a que estão aprendendo, em comunidades autênticas, ou seja, em situações reais de uso por meio de *chats*, leituras de textos disponibilizados na Internet, compreensão auditiva de programas de rádio, filmes, vídeos, entre outros, que também podem ser encontrados on-line.

Concomitantemente, a aprendizagem de inglês como língua adicional tem se consolidado. Este crescimento se deve à necessidade de aprendizagem de uma língua franca, isto é, se deve à necessidade de se ter uma língua para a comunicação rotineira entre pessoas que possuem língua materna diferente (CARTER; NUNAN, 2005). Canagarajah (2007) afirma que os falantes desta língua franca não estão localizados em uma mesma área geográfica; isto significa que eles habitam e utilizam outras línguas e culturas. Esta heterogeneidade e distanciamento espacial fazem com que o inglês seja reconhecido como uma língua franca, isto é, como um recurso linguístico compartilhado. Os falantes adotam um conjunto mutuamente reconhecido de atitudes, formas e convenções que podem garantir a comunicação bem sucedida além dos limites espaciais de cada um destes falantes. Essa língua franca tem se expandido no mundo devido, principalmente, ao seu prestígio, justificado por sua posição de língua hegemônica diante do mundo globalizado; isto significa que a língua inglesa se destaca no campo dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais (BRASIL, PCN, 1998). Outra justificativa para essa expansão é a necessidade de diálogo com um mundo

¹Adoto o termo ‘língua adicional’, seguindo Schlatter e Garcez (2009). Os autores defendem que ao utilizarmos esse termo, apagamos a diferenciação dicotômica entre falantes nativos e não-nativos, entre primeira e segunda língua. Acredito que seja uma forma de indicar a fronteira tênue entre primeira, segunda, terceira línguas, assumindo a complexidade do processo de aprendizagem de línguas.

“sem fronteiras”. Nesse contexto, percebo que aprender inglês demanda dos estudantes investimento no processo de aprendizagem por motivos sócio e historicamente situados. A língua inglesa, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser fundamental para a promoção de acordos e para a intercomunicação cultural, científica, intelectual e social no mundo.

Assim, focalizo este trabalho no ensino de língua inglesa por ser esta a atual língua franca (LACOSTE, 2005; SCHUTZ, 2005, entre outros), necessária para o cidadão contemporâneo e que demanda estudos para tornar seu ensino mais rápido e eficiente. A língua inglesa tem sido considerada “como a língua da globalização, bem como a língua da União Europeia, que engloba cerca de trinta Estados de línguas diferentes e que têm necessidade de uma língua comum, ao menos em meio às categorias sociais mais “globalizadas” de sua população” (LACOSTE, 2005, p. 8). Neste contexto, aprender uma língua adicional tornou-se uma necessidade básica para estudantes e profissionais de diversas áreas e para indivíduos que pretendem ingressar no meio acadêmico e no mercado de trabalho.

O contexto tecnológico atual permeia a sala de aula e exige que professores, aprendizes, ambientes de aprendizagem, dentre outros elementos, se adaptem a novas realidades. Além da possibilidade de inserir materiais autênticos em salas de aula de língua inglesa, novos espaços de interação e convivência vêm sendo possibilitados por meio da tecnologia. Alguns exemplos destes espaços são as redes sociais e comunidades de aprendizagem que facilitam a comunicação, rompendo barreiras espaciais e financeiras.

O uso de recursos tecnológicos aliado ao fato de o inglês ser a atual língua franca faz com que aprendizes sejam colaboradores não só em seu processo de aprendizagem, mas também no processo daqueles com quem interagem. Diante deste contexto, tornou-se essencial que pesquisas fossem desenvolvidas para compreender mais amplamente o papel das tecnologias digitais para a aprendizagem de inglês, considerando que as diversas oportunidades criadas pelo uso de recursos tecnológicos resultam em possibilidades de complementação e expansão das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Van Lier (2004) destaca que o processo de aprendizagem de uma língua é complexo e que não pode ser reduzido a uma relação de causa e efeito. Para ilustrar essa complexidade, pode-se dizer que o fato de um aluno gostar de aprender idiomas não pressupõe que ele se tornará facilmente fluente em um novo idioma em um curto espaço

de tempo. Isso quer dizer que não é possível prever um resultado proporcional a dada situação. Aprender uma língua envolve contexto, aprendiz, professor, dentre outros, e todos estes elementos se relacionam e se influenciam mutuamente. Cada contexto de aprendizagem apresenta uma especificidade e os resultados alcançados não são consequências de uma fórmula fixa e determinística.

Esta dinamicidade do contexto de aprendizagem faz com que a sala de aula seja concebida por alguns pesquisadores como um Sistema Adaptativo Complexo (doravante SAC). Vetromille-Castro e Duarte (2011) consideram qualquer grupo em situação de aprendizagem como um sistema complexo. Deste modo, em contextos de aprendizagem, temos elementos e agentes que, constantemente, interagem entre si e com elementos externos e que buscam se adaptar ao ambiente, visando otimizar os resultados pretendidos.

A complexa relação entre aprendizagem e recursos tecnológicos promove diversos tipos de investimento em relação à aprendizagem em sala de aula. Assim, é importante delimitar o conceito de investimento que utilizo nesta pesquisa. Proposto por Norton (2000), para fins de pesquisa na área de educação, tal conceito se refere ao investimento em recursos simbólicos – língua, educação, laços afetivos, etc. – e materiais – material didático, recursos financeiros, etc. – realizado por aprendizes de língua adicional. Esse investimento é realizado com o objetivo de alcançar um retorno positivo e acessar recursos anteriormente indisponíveis e que valorizem o capital cultural do aprendiz. De acordo com o contexto contemporâneo, os aprendizes de língua adicional investem em recursos materiais e simbólicos para que seu capital cultural seja enriquecido e ocorra um destaque profissional, acadêmico e curricular frente à competitividade do mercado de trabalho.

Tendo em vista a complexidade da sala de aula, a presença de recursos tecnológicos em ambientes de aprendizagem e o conceito de investimento, questões essas que serão discutidas de modo mais abrangente no capítulo de fundamentação teórica, ressalto que o alcance dos objetivos e o atendimento dos interesses dos aprendizes está diretamente relacionado ao investimento que eles fazem em sua própria aprendizagem. O investimento na aprendizagem é parte essencial ao se estudar uma língua adicional, pois o empenho do aprendiz é requisito para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Assim, a importância dos resultados desta pesquisa reside na necessidade de compreendermos melhor as diversas formas de investimento para que os aprendizes desta

língua possam alcançar seus objetivos de aprendizagem de forma eficaz e crítica, ou seja, aprender a língua de modo a atender e alcançar seus objetivos.

Em trabalho anterior, de iniciação científica (ROSA; VALE, 2012), constatei que os recursos didáticos utilizados por muitos institutos de idiomas não atendem ao seu propósito pedagógico. Considerando que, em geral, aulas de língua adicional possuem uma estrutura fixa que se baseia, quase em sua totalidade, no conteúdo trazido por livros didáticos, uma lacuna pode ser formada ao não serem alcançados os objetivos dos aprendizes, que desejam se expressar na língua alvo através de temáticas que fazem parte de seu cotidiano. Vale ressaltar que, nos dias atuais, essa lacuna ainda existe e é necessário que ocorram investimentos em prol de seu preenchimento. Deste modo, o uso de recursos tecnológicos digitais pode complementar os recursos didáticos utilizados em aulas de língua adicional, visto que aliar o ensino de inglês e o uso de ferramentas tecnológicas é uma alternativa interessante para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados.

Minha trajetória com a língua inglesa, antes de iniciar uma graduação, era autodidata. Sempre busquei materiais diferentes para aprender e não frequentei institutos de idiomas. Em 2009, quando iniciei a graduação em Letras, com habilitação em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Uberlândia (doravante UFU), minha fluência na língua adicional era boa, mas eu considerava que precisava aperfeiçoar ainda mais, então intensifiquei esses estudos em casa. Por meio de professores e colegas, conheci diversos recursos on-line que poderiam me ajudar nesse estudo.

Em 2012, como apontado anteriormente, realizei um trabalho de iniciação científica no qual analisei livros didáticos de inglês relativos ao nível iniciante, orientados a adultos e utilizados por duas escolas de idiomas situadas em Uberlândia, sendo esta análise e verificação direcionadas para os aspectos da abordagem instrumental – ESP – presentes no material. Nesse trabalho, identifiquei que os objetivos dos alunos ao aprender língua adicional eram voltados para o mercado de trabalho e que os livros didáticos eram carentes de conteúdo para contribuir com o alcance desse objetivo. Em minhas conclusões, percebi que ocorria um desperdício de tempo de sala de aula usado com temas irrelevantes e, conseqüentemente, as necessidades do aprendiz eram colocadas de lado.

Essas conclusões influenciaram em minha atuação como professora. Nesse período, atuava como professora particular e passei a inserir em minhas aulas conteúdos e recursos que atendessem às necessidades dos alunos. Para isso, comecei a utilizar jogos, séries, filmes, jornais e revistas on-line, entre outros recursos tecnológicos. Quando

finalizei a graduação, em 2013, fui convidada pela Central de Línguas da UFU para pilotar um livro didático amparado por recursos tecnológicos. Além dos recursos disponibilizados no material, busquei inserir em minhas aulas diversas atividades que envolviam tecnologia e gostei muito dos resultados, pois os aprendizes se mostravam mais empenhados e, conseqüentemente, cumpriam os propósitos das aulas e atividades. Foi deste contexto autodidata e de livros didáticos que não me agradavam que surgiu minha inquietação inicial de compreender o papel desses recursos digitais e da noção do investimento relacionada ao processo de aprendizagem de inglês, temas presentes nesta pesquisa.

Dessa forma, o contexto investigado nesta nova jornada de pesquisa relaciona a sala de aula e o uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem. Para que esse contexto seja compreendido, analiso o programa *Idiomas sem Fronteiras*² (doravante IsF), um desdobramento do *Ciência sem Fronteiras*³. A versão inicial do programa foi criada por meio da Portaria Nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012, de autoria do Ministério da Educação (2012, p. 1) que estabeleceu objetivos para o programa, dentre eles: (1) formar e capacitar alunos de graduação das instituições de educação superior para os exames linguísticos exigidos para o ingresso nas universidades anglófonas ampliando seu acesso a essas; (2) possibilitar novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil; e (3) contribuir para o processo de internacionalização das instituições de educação superior e dos centros de pesquisa brasileiros.

Em 14 de novembro de 2014, uma nova Portaria foi publicada e o programa foi ampliado para *Idiomas sem Fronteiras*. Com a Portaria Nº 973, de 14 de novembro de 2014, a essência dos objetivos do programa foi mantida, porém algumas modificações são percebidas, dentre essas o programa passou a incluir professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas - IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica como público alvo; a seleção dos participantes do Programa *Idiomas sem Fronteiras* passou a acontecer por meio de

² Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/ingles-sem-fronteiras>>. Acesso em: 01 out. 2014.

³*Ciência sem Fronteiras* (CsF) foi criado para promover o desenvolvimento tecnológico e estimular a internacionalização da ciência e tecnologia desenvolvidas nas Instituições de Ensino Superior (IESs) e centros de pesquisa brasileiros. Este desenvolvimento e estímulo ocorrem por meio do intercâmbio e da mobilidade de graduandos, pós-graduandos, pesquisadores e docentes brasileiros no exterior. Para a concretização deste objetivo, a língua não poderia ser uma barreira, assim, foi criado o programa Inglês sem Fronteiras, por meio da Portaria Nº 1.466, de 18 de dezembro de 2012.

editais específicos; e, por fim, foi acrescentado um novo objetivo ao programa, o qual se trata de fortalecer o ensino de idiomas no país, incluindo o da língua portuguesa, e, no exterior, o da língua portuguesa e da cultura brasileira:

Art. 1º Fica instituído o Programa *Idiomas sem Fronteiras* com o objetivo de propiciar a formação e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas - IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, bem como a formação e a capacitação de estrangeiros em língua portuguesa.

§ 1º As ações empreendidas no âmbito do Programa *Idiomas sem Fronteiras* serão complementares às atividades do Programa Ciência sem Fronteiras e de outras políticas públicas de internacionalização da educação superior.

§ 2º O Programa *Idiomas sem Fronteiras* fará a seleção dos participantes por meio de editais específicos.

Art. 2º São objetivos do Programa *Idiomas sem Fronteiras*:

- I - promover, por meio da capacitação em diferentes idiomas, a formação presencial e virtual de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação;
- II - ampliar a participação e a mobilidade internacional para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;
- III - contribuir para o processo de internacionalização das IES e dos centros de pesquisa;
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento linguístico do conjunto dos estudantes das IES;
- V - contribuir para a criação, o desenvolvimento e a institucionalização dos centros de línguas nas IES, ampliando a oferta de vagas; e
- VI - fortalecer o ensino de idiomas no país, incluindo o da língua portuguesa, e, no exterior, o da língua portuguesa e da cultura brasileira (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014, p. 11).

No contexto do programa IsF, o Núcleo de Línguas (doravante NucLi) escolhido para realizar esta pesquisa foi o IsF-Inglês da UFU, pois o interesse por verificar o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem é foco nesta pesquisa e, neste NucLi, existe uma cultura fortemente marcada pelo uso de recursos tecnológicos. Desde o início do programa, professores e alunos utilizam ferramentas tecnológicas como aliados para otimizar o processo de aprendizagem de língua adicional. Alguns indícios disto são que: (a) o NucLi UFU tem uma página no *Facebook*; (b) cada professor disponibilizou um

grupo nesta rede social para interação com seus alunos; (c) estes acessam informações sobre o programa no *Twitter*; (d) as aulas são postadas no *Moodle*⁴; dentre outras ações.

Para ilustrar o contexto tecnológico em que o IsF-Inglês UFU se desenvolve, em dezembro de 2014 foi realizado o I Encontro Nacional do Programa *Idiomas sem Fronteiras* no qual estiveram presentes professores e coordenadores de mais de 40 universidades de todo o Brasil. Professores do IsF de todo o país submeteram trabalhos, relacionados às suas práticas e ao programa Inglês sem Fronteiras, para apresentar no evento. Quatro duplas de professores do IsF-Inglês UFU se inscreveram, e três temas eram sobre o uso de ferramentas tecnológicas para o ensino de língua inglesa como o *Voki*⁵, uso de palestras acadêmicas (*TED Talks* disponibilizadas no *Youtube*) para aprimoramento de competências do exame *TOEFL (Test Of English as Foreign Language* ou Teste de Inglês como Língua Estrangeira) e, por fim, gravações/*Podcasts*⁶ para trabalhar a produção oral (*speaking skills*).

As professoras Márcia Aparecida Silva e Débora Souza apresentaram o *Voki* como uma ferramenta de aprendizagem tecnológica que foi inserida nas aulas de língua inglesa presenciais dos níveis ‘My English Online’⁷ (MEO) 2 e MEO 4. Tal ferramenta possibilita a criação de avatares personalizados. Depois de construir o avatar, o aluno pode escolher entre digitar frases ou gravá-las com sua própria voz. Optando por digitar, há diferentes opções de sotaque, tais como: inglês americano, britânico, australiano e escocês. A diversidade de sotaques possibilita a percepção do aluno de que a língua inglesa não se

⁴ Moodle (*Modular Object-Oriented Distance Learning*) é um ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido de forma colaborativa por uma comunidade virtual, a qual reúne programadores, designers, administradores, professores e usuários do mundo inteiro e está disponível em diversos idiomas. A plataforma vem sendo utilizada como ambiente de suporte à Educação a Distância e como apoio a cursos presenciais, formação de grupos de estudo, treinamento de professores, entre outros. Disponível em: <<http://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas-moodle/o-que-e-moodle>>. Acesso em: 14 out. 2015.

⁵*Voki* é uma ferramenta que permite a criação de um avatar capaz de reproduzir mensagens com a voz de seu criador. Um exemplo de uso desta ferramenta para a aprendizagem de língua adicional é a apresentação de conteúdos em sala de aula. Para maiores informações, acesse: <<http://www.voki.com/create.php>>.

⁶*Podcasts* são arquivos de áudio ou multimídia publicados na *Internet* que permitem aos seus usuários acompanhar a sua atualização. Esta ferramenta pode ser utilizada para desenvolver atividades de compreensão oral.

⁷ O curso *My English Online* trata-se de um curso de Inglês oferecido pela CAPES/MEC na modalidade on-line e que é baseado na ferramenta para ensino de idiomas MyELT. O curso oferece aos usuários um pacote completo de atividades interativas para o estudo da língua inglesa em qualquer horário e em qualquer lugar. O curso é dividido em cinco níveis de aprendizado. Cada nível contém três partes abrangendo atividades com e-Book, vídeo, gramática e leituras. Ao final de cada parte, o usuário deverá fazer um Teste de Progresso como preparação para a Prova Final do nível (Disponível em: <<http://www.myenglishonline.com.br/saiba-mais>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

restringe aos sotaques americano e britânico, ou seja, há uma variedade de pessoas que falam a língua inglesa como primeira ou como língua oficial.

Os professores Olívia Maria Santos de Lima e Miller Eliézer Cunha e Silva abordaram o uso de palestras acadêmicas (*TED Talks*) para o aprimoramento de competências do exame TOEFL. A plataforma disponibiliza palestras em língua inglesa, produzidas em centros acadêmicos de todo o mundo, independentemente desses países terem como língua oficial ou não a língua inglesa, discutindo assuntos, descobertas, pesquisas e invenções que impactam ou podem impactar o mundo acadêmico. A ferramenta permitiu que os alunos tivessem uma maior aproximação cultural com gêneros similares às aulas expositivas dadas em universidades internacionais, possibilitou a aproximação linguística com certa autenticidade e o desenvolvimento de habilidades linguísticas e estudantis específicas, tais como, compreensão oral, reflexão global, e anotações (*note taking*).

As professoras Carolina Lacerda Ortigosa e Lorena Rochael Mello demonstraram como o uso de gravações de áudio pode auxiliar a prática de produção oral dos alunos, tanto em sala de aula como em casa, e facilitar o *feedback* por parte dos professores, dos colegas, e levar o próprio aluno a refletir sobre sua produção oral. Com esse intuito, as professoras utilizaram a ferramenta *Podcasts*, como uma forma de transmissão de arquivos multimídia produzidos pelos próprios usuários na *Internet*. Nestes arquivos podem ser disponibilizados listas e seleções de músicas e vídeos com opiniões sobre determinado tema. Essa se assemelha a um *blog*, porém ao invés de escrever, as pessoas falam e podem ser ouvidos a qualquer hora. Durante as aulas, os aprendizes utilizaram seus próprios celulares para gravar suas produções orais e, depois, ouviam a si próprios e aos colegas, com a intenção de perceber suas dificuldades, sua pronúncia e erros cometidos no uso da Língua Inglesa. No momento de escutar suas gravações, os alunos discutiram em duplas os problemas encontrados a fim de encontrar meios de melhorar sua produção. As gravações ocorreram ao longo do curso e foram avaliadas pelo professor e pelo *English Teaching Assistant* (ETA)⁸ ou professor assistente de língua inglesa. Além da gravação em sala de aula, os alunos tiveram também que gravar *podcasts* em casa expondo suas opiniões, resumos ou análises de alguns temas propostos. A ferramenta também foi utilizada na avaliação final do curso, na qual os alunos responderam até seis

⁸ *English Teaching Assistant* (ETA) são professores, participantes do Programa *Fulbright*, enviados a escolas ou universidades no exterior, visando melhorar as habilidades da língua inglesa dos estudantes estrangeiros e ampliar o conhecimento desses alunos sobre os Estados Unidos.

questões propostas, desde respostas pessoais, até análises de textos ou áudios aos quais tiveram acesso durante a prova.

Considerando, então, o contexto investigado, busco compreender o papel das tecnologias digitais para os aprendizes de inglês como língua adicional, bem como pretendo investigar o investimento no processo de aprendizagem realizado pelos aprendizes do IsF. Para tanto, contemplarei: a) a investigação sobre o investimento dos participantes em sua aprendizagem de língua adicional; e, b) a análise da opinião do aprendiz frente ao uso de tecnologias como ferramentas de aprendizagem.

Para que o objetivo geral seja atendido, foi necessário que eu definisse os seguintes objetivos específicos:

- 1) Perceber os investimentos realizados pelos alunos ao longo de seu percurso na aprendizagem de língua adicional.
- 2) Mapear quais investimentos emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU.
- 3) Identificar padrões recorrentes (ou não) nas opiniões dos alunos sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional;

Deste modo, irei responder às seguintes perguntas de investigação:

- 1) Qual o investimento dos alunos do IsF-inglês UFU, participantes dessa pesquisa, sobre seus investimentos para a aprendizagem de inglês?
- 2) Qual é o papel das tecnologias digitais nesse processo de investimento?

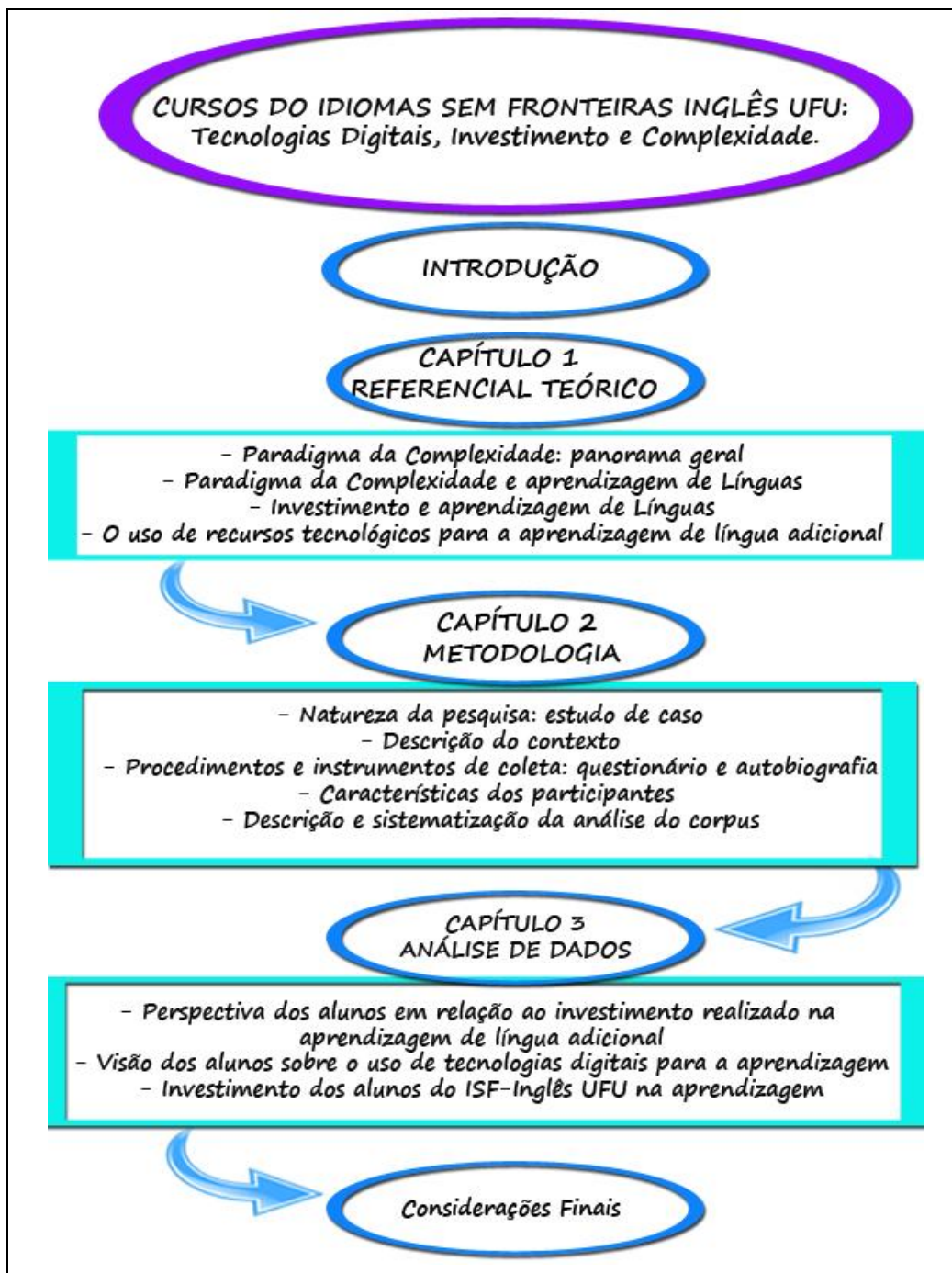
Essa pesquisa apresenta contribuições para o programa ISF, por exemplo, ao traçar o perfil e objetivos de seus alunos no NuCLI UFU e perceber os investimentos que estes realizam em sua trajetória de aprendizagem. Com essas informações ações que aperfeiçoem o programa podem ser fundamentadas.

Para que as questões que direcionam esta pesquisa sejam respondidas, adotei as premissas da Teoria do Investimento (NORTON PEIRCE, 1995; NORTON 2000; 2008; 2010; NORTON; GAO, 2008; NORTON; TOOHEY, 2011; MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011) e do Paradigma da Complexidade na aquisição de uma língua adicional (PAIVA, 2005; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Esta dissertação é composta por quatro capítulos, além deste capítulo introdutório, no qual apresento o tema, exponho os objetivos, as perguntas norteadoras e discorro sobre a relevância desta pesquisa. No segundo capítulo, apresento a fundamentação teórica e, no terceiro, descrevo a metodologia desta pesquisa. No quarto capítulo, realizo a análise

do *corpus* deste estudo e, por fim, apresento minhas considerações finais. A figura 1 demonstra como dispus os capítulos e os temas abrangidos em suas seções:

FIGURA 1⁹ – Organização da dissertação¹⁰



Fonte: Autora

⁹Infográfico produzido com o uso do *Adobe Photoshop CS4*, assim como todos os outros de minha autoria.

¹⁰ Imagens retiradas de pesquisa utilizando o “Google imagens”, assim como todas as outras que utilizo para compor os infográficos.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Visando apresentar o levantamento bibliográfico conduzido para melhor compreensão acerca dos conceitos: tecnologias digitais, investimento e complexidade, optei por dividir este capítulo de fundamentação teórica em quatro seções: Paradigma da Complexidade: panorama geral, Paradigma da Complexidade e aprendizagem de línguas, Investimento relacionado à aprendizagem de línguas e Tecnologias digitais em prol da aprendizagem de língua adicional.

Na primeira seção, exponho concepções gerais acerca do Paradigma da Complexidade a partir da Linguística Aplicada (doravante LA), discorro sobre a origem da teoria da complexidade e da teoria dos sistemas, discuto as propriedades do sistema adaptativo complexo e apresento ilustrações por meio de um infográfico e de produções cinematográficas. A segunda seção trata da relação entre o Paradigma da Complexidade e a aprendizagem de idiomas. Nesta, eu faço um esboço sobre seu estado da arte e relaciono a Teoria da Complexidade e o ensino de línguas, utilizando a teoria da abordagem ecológica (VAN LIER, 2004) e as condições propostas por Davis e Simmt (2003) para que a sala de aula seja compreendida como um sistema complexo. Já na terceira seção, apresento o conceito de investimento, relaciono esse conceito à aprendizagem de língua adicional como um sistema complexo e demonstro como tal conceito faz sentido ao que proponho nesta pesquisa, ao apresentar uma visão ecológica do aprendiz, isto é, o sujeito aprendiz integrado a seu contexto social, influenciando e sendo influenciado pelo meio. Finalmente, na quarta seção, discuto sobre o uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem; nesse sentido, apresento uma retrospectiva dos recursos tecnológicos utilizados como ferramentas para a aprendizagem de língua inglesa, pondero sobre a *Web 2.0* e discorro acerca do processo de difusão, integração e normalização de tecnologias digitais.

1.1 Paradigma da Complexidade: panorama geral

As evoluções e o desenvolvimento de pesquisas nos diversos campos científicos resultam no surgimento de novas correntes de pensamento e de visões de mundo. Uma destas correntes é o Paradigma da Complexidade que, segundo Oliveira (2011), tem suas raízes nas ciências biológicas, na teoria dos sistemas e na cibernética. Apesar de tal

origem, trata-se de um paradigma que ganha cada vez mais espaço nos estudos das ciências humanas e sociais.

O Paradigma da Complexidade engloba estudos da Teoria Geral dos Sistemas, da Teoria dos Sistemas Complexos, da Teoria dos Sistemas Dinâmicos, do Conexionismo, da Teoria do Caos, dentre outros, que têm em comum a preocupação com as diferentes manifestações dos sistemas do nosso mundo fenomênico. Ludwig von Bertalanffy (1975) propôs a Teoria Geral dos Sistemas se baseando em reflexões sobre a biologia e, a partir dos anos 50, estas reflexões se estenderam para outros campos científicos. Segundo Morin (2011, p. 19),

em princípio, o campo da teoria dos sistemas é muito mais amplo, quase universal, já que num certo sentido toda realidade conhecida, desde o átomo até a galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade, pode ser concebida como sistema, isto é, associação combinatória de elementos diferentes.

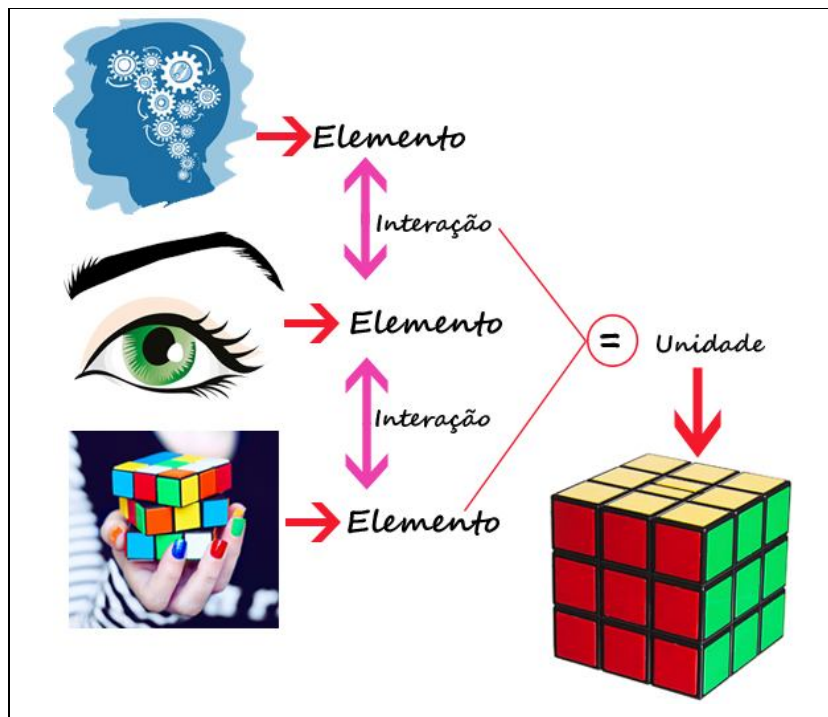
Para Morin (2011) todos os elementos, do mais micro ao mais macro, formam um Sistema. Deste modo, várias unidades (as plantas, os animais, o terreno geofísico, o clima, o ser humano...) compõem conjuntos organizados em sistemas, os quais se inter-relacionam e se influenciam mutuamente. De acordo com a teoria dos sistemas, diversas unidades, da ordem de bilhões, são combinadas e associadas. À primeira vista, essas associações poderiam ser quantificadas, porém, fatores como incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios estão presentes nos sistemas os tornando complexos. Essa complexidade provoca perturbações que afastam relações de ‘causa e efeito’ no interior do sistema e faz com que o todo não se reduza à soma de suas partes constitutivas.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) defendem que o sistema complexo reúne diferentes tipos de elementos e agentes que interagem de formas distintas e em constante mudança ao longo do tempo. O Paradigma da Complexidade propõe um percurso investigativo dos sistemas complexos. Sistema é o resultado de um conjunto de componentes que interagem entre si visando alcançar um estado geral ou uma unidade (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Para facilitar a compreensão do conceito de sistema, apresento a Figura 2. No infográfico, desenhei as representações dos elementos envolvidos na dinâmica da brincadeira do “Cubo de Rubik”. O brinquedo é confeccionado em plástico e possui seis lados com cores diferentes. Após serem misturadas as peças, o objetivo é deixar cada

interface do cubo com apenas uma cor. Para este objetivo ser alcançado, é necessário visualizar as cores das peças do cubo (elemento = olho) e elaborar estratégias (elemento = cérebro) de movimentos (elemento = mão); a interação destes elementos pode resultar, ou não, na junção das cores em apenas uma interface (estado geral ou unidade). As tentativas de alcançar o objetivo podem modificar o resultado final da brincadeira (= elementos e agentes que interagem de formas distintas e em constante mudança ao longo do tempo).

FIGURA 2 – Representação de um Sistema



Fonte: Autora

O termo complexidade é oriundo do latim *complexus* e remete à ideia de qualidade composta; isto significa que algo é composto por partes que se relacionam de modo intrincado (OLIVEIRA, 2011). Nas palavras do autor, o termo refere-se à “indissociação e a relação intrínseca entre as partes de um sistema, propriedades que o Paradigma da Complexidade enfoca” (OLIVEIRA, 2011, p. 15).

Waldrop (1992, *apud* SOUZA, 2011) assevera que o Paradigma da Complexidade é constituído por conceitos e/ou teorias que explicam o comportamento de sistemas dinâmicos, isto é, sistemas que se modificam com o tempo. Souza (2011) cita Waldrop (1992) para caracterizar os sistemas complexos como auto-organizáveis e adaptativos,

pois estes tentam tirar proveito de todos os eventos que o cercam, não reagindo apenas passivamente. Esse sistema busca se beneficiar com as experiências vividas.

Morin (2011, p. 6) afirma que a complexidade “integra tudo aquilo que põe ordem, clareza, distinção e precisão no conhecimento”. O pensamento complexo visa o conhecimento multidimensional, não fragmentado, não reducionista e que reconhece que qualquer conhecimento está inacabado, incompleto. Essas propriedades fazem com que o conhecimento seja passível de ser questionado, interrogado e reformulado.

Neste sentido, um sistema complexo apresenta diferentes tipos de elementos, geralmente em grande quantidade, que se conectam e interagem e, conseqüentemente, modificam as formas do sistema. Exemplos desta dinamicidade podem ser encontrados em situações cotidianas. O trânsito, como um sistema complexo, apresenta características diárias variáveis: há dias em que o congestionamento é maior e há dias em que é possível trafegar solitário por determinadas ruas. Este contexto pode ser resultado de diversos fatores, como um carro acidentado ou a liberação de crianças de uma escola fora do horário rotineiro. As várias possibilidades de causas que resultam em determinado comportamento do sistema se deve à sua dinamicidade. Assim, não é possível determinar se haverá ou não congestionamento, quando se forma a partir de eventos imprevisíveis.

Esta dinamicidade, que resulta em mudanças, é o ponto central do Paradigma da Complexidade. Segundo Larsen-Freeman e Cameron (2008),

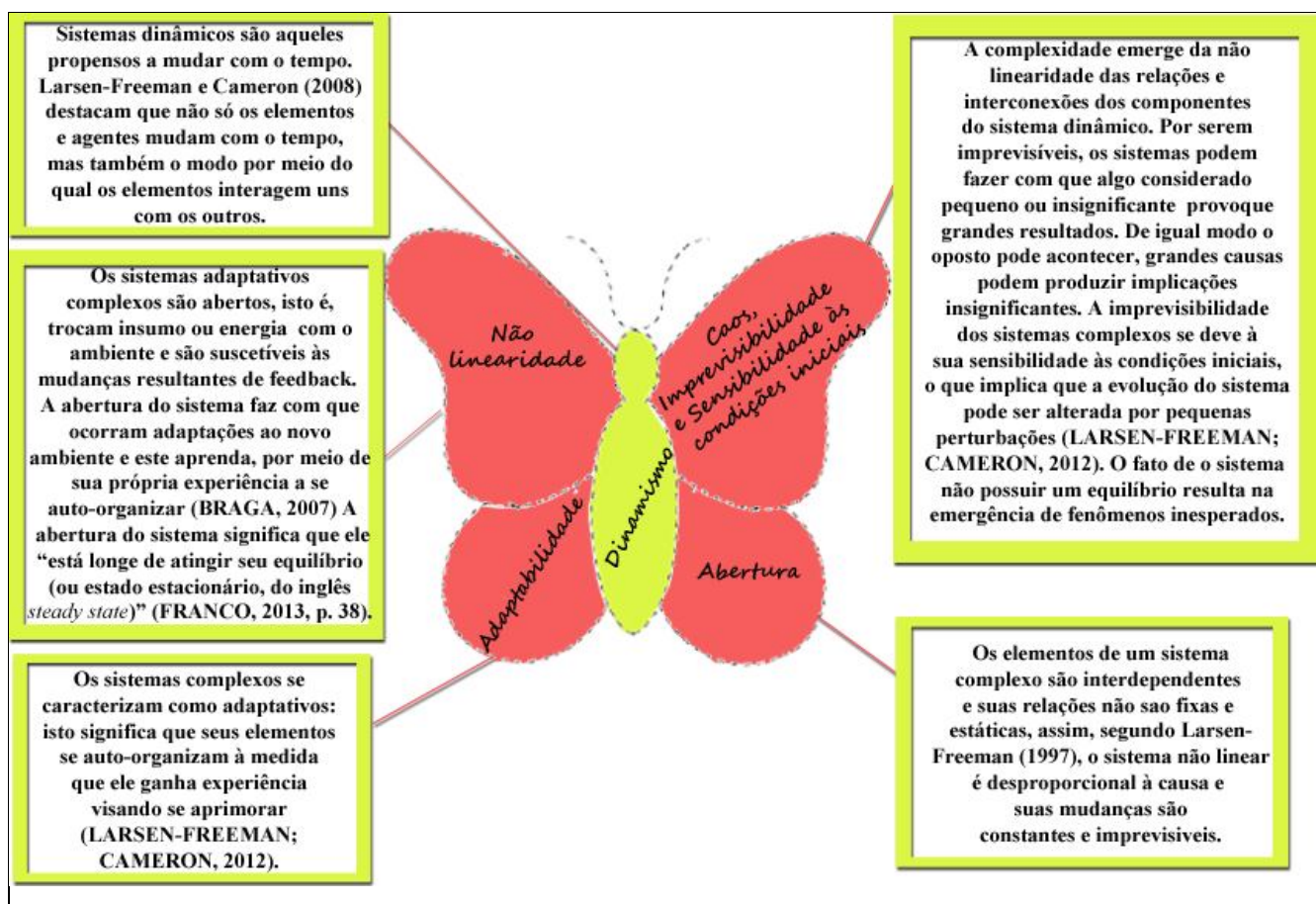
em função de sua não-linearidade, sistemas complexos se desenvolvem e se adaptam de diferentes modos, internamente e através de conexões externas ao seu ambiente. Mudanças na auto-organização interna alteram a estrutura do sistema; enquanto respostas a energia e matéria externas levam a mudança adaptativa, mantendo a ordem e a estabilidade¹¹ (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008, p. 43, 44).

Os sistemas complexos são constituídos por diferentes elementos que estão em constante interação. Estes são caracterizados como “organizáveis e adaptativos”, não sendo passivos e buscando ativamente se apropriar dos eventos que podem surgir, a fim de se favorecer das experiências vivenciadas (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

¹¹ “Because of their non-linearity, complex system evolve and adapt in several different ways, internally and through external connections to their environment. Internal self-organizing changes alter the structure of a system; while response to energy and matter coming from outside, leads to adaptive change that maintains order and stability”. Tradução realizada por mim, assim como todas as outras traduções.

Para elaborar melhor os conceitos do Paradigma da Complexidade apresentados e facilitar seu entendimento, ilustro-os de duas formas: primeiramente, apresento um infográfico sobre as propriedades discutidas, e, posteriormente, descrevo duas produções cinematográficas que exemplificam as propriedades dos sistemas complexos, frequentemente descritas por teóricos, que são: dinamicidade, não linearidade, caos, imprevisibilidade, sensibilidade às condições iniciais, abertura, auto-organização, sensibilidade ao *feedback* e adaptabilidade (LARSEN-FREEMAN, 1997).

FIGURA 3 – Propriedades dos Sistemas Complexos¹²



Fonte: Autora

A complexidade emerge, então, da não linearidade das relações e interconexões dos componentes do sistema dinâmico. A dinamicidade provoca constantes modificações

¹² Na imagem utilizo a borboleta como uma forma representativa das propriedades dos sistemas complexos. A imagem foi escolhida com base nos estudos de Lorenz (1972) sobre previsões climáticas. O autor deu origem à metáfora da Teoria do Caos conhecida como o “Efeito Borboleta” – pequenas causas podem provocar grandes efeitos, independentes do espaço e do tempo (PAIVA, 2011)

nos sistemas, os quais não são lineares; isto significa que esses são imprevisíveis. Ao serem imprevisíveis, os sistemas podem fazer com que algo considerado pequeno ou insignificante provoque grandes resultados. De igual modo, o oposto pode acontecer: grandes causas podem produzir implicações insignificantes. Esses resultados significam que os sistemas se adaptam e se auto-organizam na medida em que recebem *feedback*, energias e matérias externas, considerando que os sistemas, no âmbito da Linguística aplicada, são abertos. Todas essas propriedades permitem que o sistema se modifique e evolua para alcançar seu objetivo (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Os sistemas complexos possuem sensibilidade às condições iniciais, o que implica que a evolução do sistema pode ser alterada por pequenas perturbações. O filme “Corra, Lola, corra” (TYKWER, 1998) demonstra a tentativa de Lola (personagem principal) de salvar a vida de Manni com quem ela mantém um relacionamento. O enredo se inicia quando Manni telefona para Lola, relatando que perdeu o dinheiro de seu chefe mafioso e que isso causaria sua morte caso não encontrassem uma forma de repor o valor perdido. A solução encontrada pelo personagem era assaltar uma loja, o que Lola foi contra, afirmando que poderia solucionar o problema de outra forma. Manni oferece a Lola o prazo de vinte minutos antes de agir. Na tentativa de conseguir o dinheiro, Lola procura seu pai no banco em que ele trabalha. Para chegar ao local, Lola corre desesperadamente pelas ruas da cidade. O pai da personagem se recusa a ajudá-la; então, ela reinicia sua corrida para se encontrar com o namorado e, quando o encontra, ele já está realizando o assalto. Ela decide ajudá-lo e acaba sendo baleada pela polícia.

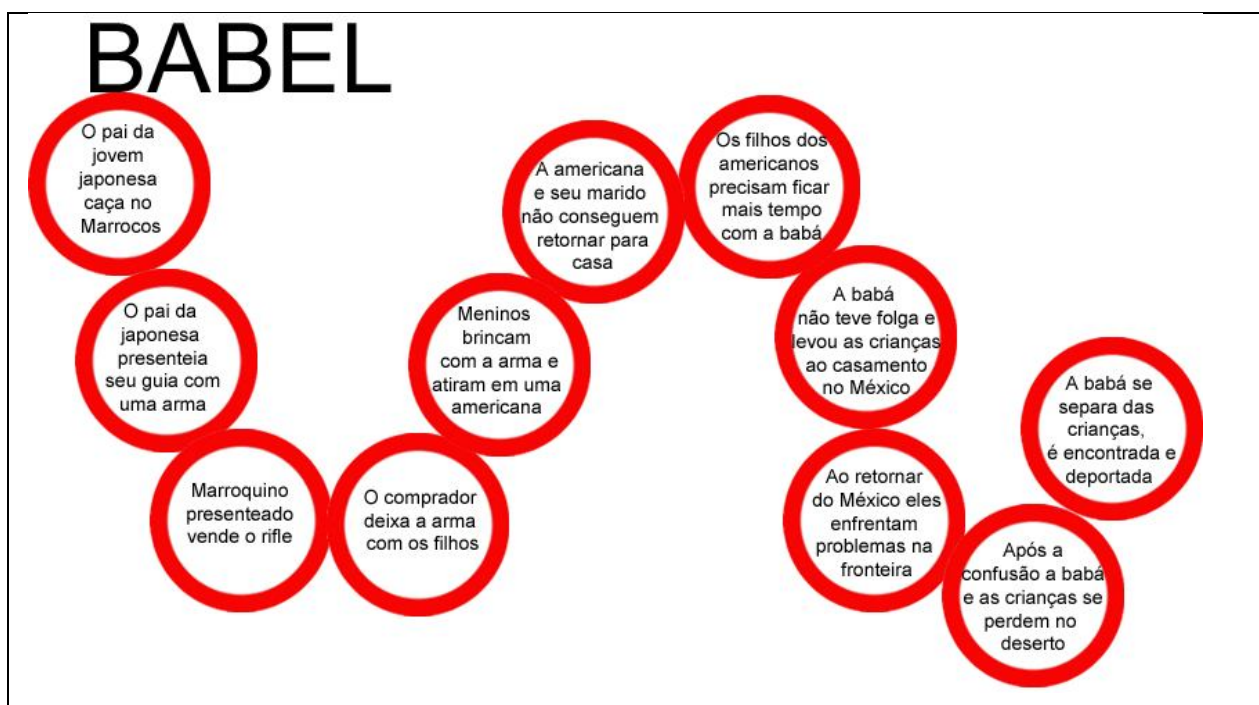
O filme continua com o mesmo enredo, porém a personagem consegue retornar ao seu ponto inicial e, devido a pequenas alterações no cenário narrado e nas ações de Lola, os resultados de sua corrida são modificados.

Em “Corra, Lola, corra” pode-se verificar que pequenas mudanças nas condições iniciais - atrasos por motivos aleatórios como cruzar com um cachorro na escada, não se encontrar com o pai conforme planejado por Lola - provocam efeitos ou resultados diversos. Sob a ótica da complexidade, é possível perceber na trama que alterações nos estados iniciais, ao serem seguidos caminhos diferentes, resultam em efeitos diversos e com grandes diferenças no estado final.

O segundo filme, Babel (IÑARRITU, 2006), envolve, em sua narrativa, três episódios em que as ações se desenrolam simultaneamente. O deserto de Marrocos é a paisagem da primeira cena, onde ocorre a venda de uma arma por um camponês marroquino a um senhor criador de ovelhas e seus dois filhos. Esta arma influencia os

acontecimentos futuros e serve como ponto de ligação para as cenas de todo o filme, que acontecem em quatro países: Marrocos, Japão, Estados Unidos e México. Certo dia, os dois jovens, filhos do criador de ovelhas, brincavam com a arma nas montanhas e, ao testarem a distância percorrida pelo disparo da bala, miram em um ônibus que transportava pessoas de diversas nacionalidades. Com o disparo, uma americana, que viaja com o marido, é atingida. O disparo resulta na busca pelo proprietário e descobre-se que o pai de uma jovem japonesa doou a arma para seu guia, quando foi como turista ao Marrocos. O guia vende a arma ao pai dos meninos. A americana baleada tem dois filhos que estão na Califórnia, sob os cuidados da babá. Como os pais das crianças não retornam de sua viagem e não conseguem um substituto para a babá, ela leva as crianças a um casamento. No retorno para a Califórnia, ao passar pela fronteira e fiscalização da imigração, aconteceram complicações e a babá é deportada para o México, deixando as crianças perdidas no deserto. A conexão existente entre os eventos de Babel é ilustrada no infográfico a seguir:

FIGURA 4 – Conectividade entre os eventos de Babel



Fonte: Adaptado de Babel (IÑARRITU, 2006)

No enredo do filme, em cada cenário são apresentados personagens, eventos e ações com traços culturais e de personalidade próprios. Apesar das diferenças e distância, os elementos do sistema não estão separados uns dos outros, pelo contrário, estão

conectados formando um todo de partes que se inter-relacionam. “Babel” explora como as ações e as consequências de vidas individuais impactam nas vidas uns dos outros e no ambiente que os circunda. Assim, apesar de os rapazes marroquinos só aparecerem no Marrocos, suas ações provocam reações em diversas localidades.

“Babel” exemplifica um contexto com elevado grau de complexidade em termos de seus componentes e ligações. Em primeiro lugar, Babel tem mais do que dois grupos distintos, componentes e mesmo subcomponentes. Na trama, notamos que pequenas mudanças, como o disparo de uma arma, faz com que o sistema se auto-organize, provocando efeitos ou resultados diversos, como a babá ter sido obrigada a cuidar dos filhos do casal americano mais tempo do que o previsto, e, posteriormente, levar as crianças para o México. Esses eventos do filme ilustram, também, o sistema quanto ao caos, imprevisibilidade e sensibilidade das condições iniciais. Considerando que seus fenômenos são complexos, Babel (IÑARRITU, 2006) é caracterizado por ser não linear e romper com a ideia de causa e efeito tradicional e exhibe relações entre seus elementos e componentes, a princípio, imperceptíveis.

Resumidamente, os sistemas complexos são caracterizados por elementos e agentes que interagem entre si e se adaptam constantemente ao ambiente. Esta adaptação busca o equilíbrio do sistema por meio de conexões e relações, a fim de que este se acomode e alcance benefícios positivos que sustentem sua existência. Neste sentido, o Paradigma da Complexidade auxilia no estudo de fatores que buscam compreender os elementos envolvidos na aprendizagem de línguas, o que será explorado na subseção que se segue.

1.2 Paradigma da Complexidade e aprendizagem de Línguas

Paiva e Braga (2011, p. 8) definem sistema complexo como qualquer sistema que “envolve elementos ou agentes que interagem entre si, em constante adaptação com o ambiente, à medida que buscam acomodação mútua para otimizar possíveis benefícios que assegurem sua sobrevivência”. Paiva (2011b, p. 4) afirma que

a maioria dos sistemas é composta de sistemas aninhados e estudar um sistema humano complexo é uma questão de vê-lo como um sistema vivo aninhado. Por exemplo, a aquisição de segunda língua pode ser vista como um sistema aninhado que, por sua vez, é um componente essencial da própria linguagem, que também pode ser entendida como um sistema complexo.

Teóricos da LA têm demonstrado grande interesse pelo Paradigma da Complexidade ao tratar do processo de aquisição de língua adicional. Prova disto é o crescente número de trabalhos que buscam analisar o processo de aprendizagem de língua adicional e a sala de aula de línguas à luz da teoria da complexidade, como revelam os exemplos destacados a seguir:

QUADRO 1 –Exemplos de pesquisas sobre o processo de aprendizagem de língua adicional à luz da teoria da complexidade

AUTOR	RESUMO
LARSEN-FREEMAN, 1997	Nesse trabalho, a linguista argumenta que existem semelhanças entre a ciência do caos/complexidade e a aquisição de segunda língua. A autora analisa a estrutura e a teoria da aprendizagem baseada em tarefas (<i>Task Based Learning</i>) à luz da teoria da complexidade e das cinco hipóteses de Krashen (1982) sobre aquisição de uma segunda língua.
VAN LIER, 1996	O autor investiga a aprendizagem de línguas situada e contextualizada sob uma perspectiva ecológica. Sua abordagem ecológica envolve quatro perspectivas: (1) a semiótica (ciência da comunicação e usos de signos); (2) a ecologia (estudo dos inter-relacionamentos complexos entre os elementos do sistema no e com o seu ambiente); (3) a interação e a ação em contextos de aprendizagem; e (4) as teorias do caos e da complexidade investigando os processos e desenvolvimentos que estão além dos mecanismos lineares causa-efeito ou <i>input-output</i> . O autor defende que o contexto educacional, bem como a sala de aula, são sistemas complexos.
PAIVA, 2005	A autora faz uma reflexão sobre os principais modelos de aquisição de segunda língua e propõe um modelo baseado na teoria dos sistemas complexos. Segundo a autora, os modelos existentes são compatíveis com uma teoria fractal de aquisição de línguas, pois cada um deles descreve um dos aspectos do sistema complexo chamado aquisição de línguas.
PARREIRAS, 2005	Com o trabalho, o autor objetiva abordar a sala de aula digital sob a perspectiva teórica dos sistemas complexos, a partir da investigação dos fluxos interacionais ocorridos entre os alunos de duas turmas simultâneas de uma disciplina do curso de graduação em Letras / Inglês na Universidade Federal de Minas Gerais (doravante UFMG) ofertada na

	modalidade on-line. Segundo o autor, atratores interferem no fluxo das interações nos ambientes digitais e essas interferências podem influenciar o sistema afastando-o dos objetivos de aprendizagem. Assim, atratores como as relações de poder, as culturas de ensinar e de aprender, os conhecimentos científicos presentes na professora e nos participantes, dentre outros, teriam a função de desestabilizar esse sistema e fazer com que ocorra a sua adaptação e organização. Dessa forma, o sistema evolui até os limites impostos pelos atratores e se acomoda até que as interações dos elementos do sistema produzam novas relações de poder, novas culturas de ensinar e aprender e modifiquem os parâmetros dos atratores gerando novas perturbações e acomodações, produzindo assim novos conhecimentos decorrentes desses movimentos.
BRAGA, 2007	A autora busca evidências empíricas de propriedades dos sistemas complexo em interlocuções de alunos que interagiram em comunidades autônomas de aprendizagem on-line, sem a intervenção direta da professora em um curso ofertado pela Faculdade de Letras – UFMG. Nesta busca, Braga (2007) verifica se propriedades como a emergência, a auto-organização, a adaptabilidade na experiência colaborativa on-line, os padrões emergentes, os fatores e os elementos podem influenciar positiva ou negativamente a colaboração e a construção de significado neste contexto. A pesquisadora evidenciou que emergem padrões de dimensões sociais, cognitivas, instrucionais e gerenciais das interações entre os pares das comunidades autônomas de aprendizagem on-line, bem como ocorre a reciprocidade, a construção compartilhada de significado, a liderança distribuída e o caráter fractal das comunidades de um curso on-line.
SILVA, 2008	O autor investiga os processos de colaboração entre adultos, em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Seu objetivo é identificar possíveis (re)significações que o processo de aprendizagem colaborativa apresenta sob a ótica da ciência da complexidade e da teoria do caos. Segundo as pesquisas do autor, a colaboração é um evento dinâmico que emerge das interações previsíveis e imprevisíveis do sistema.
MARTINS, 2008	O autor analisa as dinâmicas interativas, desenvolvidas em uma disciplina de escrita em inglês como língua estrangeira oferecida na modalidade mista com aulas face-a-face e on-line, de um grupo de alunas em uma lista de discussão via e-mail, em um fórum on-line e em uma sala de aula ‘convencional’. A pesquisa foi desenvolvida sob o aporte de uma

	perspectiva ecossistêmica, da Teoria da Complexidade e de abordagens ecológicas. Martins (2008) percebeu com a pesquisa que cada um dos ambientes de aprendizagem possibilitou uma dinâmica particular de relações e proporcionou resultados positivos significativos de acordo com suas especificidades. Assim, é necessário retirar o foco da tensão entre os ambientes de aprendizagem e buscar alternativas de integração e complementaridade entre os ambientes.
SOUZA, 2011	A autora investiga a sala de aula virtual com o intuito de compreender suas semelhanças com a sala de aula presencial. Souza (2011) busca compreender a dinamicidade e o processo de adaptabilidade da produção textual em um ambiente virtual de aprendizagem ao longo das atividades de uma disciplina acadêmica na modalidade Educação a Distância. A autora defende que os ambientes virtuais de aprendizagem apresentam oportunidades para uma experiência pedagógica que deve ter como foco <i>affordances</i> ¹³ significativas que podem ser providas aos aprendizes, e não como a informação que deve ser repassada pelo professor.
SILVEIRA, 2015	A autora tem como contexto de pesquisa o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA) cujo objetivo é disponibilizar um <i>netbook</i> para cada aluno. Silveira (2015) visa analisar, sob a ótica da complexidade, qual a influência exercida pelos equipamentos disponibilizados nas aulas de língua inglesa do Ensino Fundamental, de uma escola municipal regular de Uberaba/MG. Segundo a autora, as tecnologias digitais devem estar presentes em sala de aula, pois essas auxiliam o professor na transformação do sistema, quando ele é conduzido ao limite do caos, possibilitando sua adaptação e modificação.

Os trabalhos referendados no quadro 1 demonstram algumas contribuições da Teoria da Complexidade para o ensino de línguas. Estudiosos desta área se apropriam da teoria da complexidade e de perspectivas ecológicas sobre aprendizagem de línguas, buscando encontrar uma maneira de relacionar aspectos cognitivos e sociais do processo de aprendizagem de uma segunda língua (KRAMSCH, 2012). Neste sentido, o Paradigma da Complexidade pode contribuir para a LA, principalmente no que tange à aprendizagem de línguas, ao abarcar agentes, ações, interações e contextos de aprendizagem.

¹³ Para Souza (2011), *affordances* possibilitam e restringem ações no ambiente virtual.

A aprendizagem de línguas trata-se de um processo complexo e influenciável por diversos fatores, como fatores afetivos, culturais, motivacionais, metodologia, material didático, etc. Tais fatores não podem ser considerados lineares e serem reduzidos a causa e efeito, isto é, estes fatores não adotam uma relação proporcional na qual é possível prever quando um comportamento aleatório vai ocorrer. Aprender uma língua adicional abrange diversos agentes e elementos que interagem entre si (contexto, ambiente, método, aprendiz, professor, entre outros) que se adaptam a cada caso e especificidade do ambiente de ensino, não podendo os resultados serem alcançados por meio de uma fórmula fixa de causa e efeito (VAN LIER, 2004).

A dinâmica das relações entre os fatores envolvidos na aprendizagem de língua adicional faz com que o sistema funcione como um todo indivisível onde cada parte só é produtiva se estiver em constante interação com as outras e não funcionando como entidade autônoma. Segundo Paiva (2005, p. 6) no sistema,

como em uma geometria fractal, em um caleidoscópio, há possibilidades infinitas de combinações dessas partes que constituem os fractais do processo de aquisição. Pequenas alterações poderão provocar mudanças substanciais, como efeito de um seixo que rola e desencadeia uma avalanche.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) definem fractal como figura geométrica que é auto-similar em diferentes níveis de escala; ou seja, formada de partes que, quando ampliadas, mostram o mesmo formato da forma original. Esse conceito é geralmente ilustrado com a figura de uma couve-flor: cada parte desse vegetal assemelha-se ao todo. Um bom exemplo em nossa área de atuação é o da linguagem: temos palavras, sintagmas (que contêm palavras), orações (que contêm sintagmas), parágrafos (que contêm orações), apresentando, assim, uma estrutura semelhante.

Diante da complexidade do processo de aprendizagem, Van Lier (2004) propõe uma abordagem ecológica para melhor compreensão desse processo. Uma das premissas desta abordagem é que o processo de investigação envolve a interrelação e a complexidade dos elementos que se auto-organizam para formar um ambiente.

Martins (2008) assume que o Universo como um todo é complexo, o que torna difícil associar efeitos particulares a causas particulares de uma maneira absoluta. A abordagem ecológica não se trata de uma técnica ou metodologia investigativa, mas constitui uma maneira de pensar e observar o mundo. Tal abordagem sugere um modo

situado e contextualizado de pesquisa, uma vez que examina organismos se relacionando entre si e com o ambiente.

O autor adota esta perspectiva para analisar processos dinâmicos interativos em tarefas on-line e em sala de aula de língua estrangeira. O autor, ao relacionar a aprendizagem de línguas e a abordagem ecológica, utiliza a teoria de Van Lier (1996). Como apresentado previamente, a abordagem ecológica da aprendizagem de línguas possui quatro bases teóricas: 1) a semiótica (ciência da comunicação e usos de signos); 2) a ecologia (relação entre organismos e ambiente); 3) a interação como fator influenciador da aprendizagem; e 4) Paradigma da Complexidade. Tenho interesse pela quarta base teórica, pois as interações locais entre os agentes do sistema originam padrões de interações ou dinâmicas globais no sistema e são esses padrões e interações que, provavelmente, estarão relacionados ao investimento dos alunos em seu processo de aprendizagem e em sala de aula.

A sala de aula é um Sistema Adaptativo Complexo (doravante SAC) pesquisado por diversos teóricos (MARTINS, 2008; LARSEN-FREEMAN, CAMERON, 2008; VETROMILLE-CASTRO; DUARTE, 2011; VETROMILLE-CASTRO, 2011), pois se configura como um espaço interativo que é propício para a construção do conhecimento por meio de eventos com momentos estáveis e instáveis diretamente ligados ao ambiente que os rodeiam e que interferem em seu curso constantemente. Assim, as interações que ocorrem em sala de aula incidem em um nível local e eclodem em um nível global. Nesse contexto, os elementos do sistema (alunos, professor, contexto, material didático, entre outros), sensíveis ao *feedback*, interagem entre si e se adaptam aos outros e ao contexto, buscando se adaptar e otimizar os benefícios.

Vetromille-Castro e Duarte (2011) se baseiam no Paradigma da Complexidade para explicar fenômenos que acontecem em sala de aula. O foco inicial dos autores era a sala de aula na modalidade on-line ou híbrida, entretanto eles reconheciam que a compreensão da sala de aula como sistema complexo poderia ser estendida também para a sala exclusivamente presencial (VETROMILLE-CASTRO; DUARTE, 2011).

Após expandir suas conclusões com novas pesquisas, os autores passam a considerar qualquer grupo em situação de aprendizagem como um sistema complexo independente da modalidade em que este grupo atua (presencial, semipresencial ou a distância). Essa expansão da conclusão de Vetromille-Castro (2011) se deve ao

fato de a sala de aula presencial ser um grupo social (JOHNSON, 2003) que, como tal, guarda o mesmo grau de complexidade com a sala de aula em outras modalidades, o que é evidenciado pelas características sistêmicas. Por ser um grupo social, é essencial refletir sobre a influência que os indivíduos têm na emergência dos comportamentos, os quais são decisivos na constituição e na manutenção dos sistemas (VETROMILLE-CASTRO, 2011, p. 128).

Martins (2008), brevemente mencionado nesta seção, desenvolveu, em sua tese, discussões sobre a emergência de eventos complexos em salas de aula on-line e presencial, utilizando as abordagens ecológica e complexa. A sala de aula, quando compreendida como SAC preenche algumas condições. Tais condições possibilitam a emergência de propriedades coletivas em ambientes educacionais, o que poderá resultar em possibilidades para a aprendizagem. Martins (2008) pesquisa as dinâmicas interativas de um grupo de alunas em uma lista de discussão via *e-mail*, em um fórum *on-line* e em uma sala de aula “convencional”, as quais participavam de uma disciplina que visava desenvolver a escrita acadêmica em língua inglesa. Nesta pesquisa, o autor utiliza cinco condições propostas por Davis e Simmt (2003) para que a sala de aula seja compreendida como um sistema complexo: 1) diversidade interna, 2) redundância, 3) controle descentralizado, 4) restrições possibilitadoras e 5) interações entre aprendizes.

A diversidade interna está presente em qualquer sala de aula, a qual é composta por indivíduos com características diversas e diferenças individuais. Tais características resultam em contribuições e participações de modo diferente nas atividades de aula, o que enriquecerá a aprendizagem coletivamente. Esta condição é a fonte responsável pelo surgimento de circunstâncias emergentes, isto é, a diversidade interna resulta em respostas inovadoras para novas circunstâncias (DAVIS; SIMMT, 2003).

A redundância se contrapõe e complementa a diversidade, proporcionando equilíbrio ao sistema. Deste modo, esta diz respeito às similaridades de seus elementos. Esta condição refere-se à semelhança entre os indivíduos que possibilita a interação entre os agentes e a compensação de falhas dos outros. Assim como na diversidade, esta condição faz emergir uma consciência coletiva, pois as semelhanças fazem com que consciência individual dê lugar à coletiva para que o grupo alcance propósitos comuns.

O controle descentralizado é fundamental. O foco da aula não é centralizado nem no professor e nem no aluno. O foco está na aprendizagem, entendida como um fenômeno emergente que é compartilhado, ajustado e reorganizado coletivamente. Isto se deve ao

fato de que, em qualquer sistema complexo, os eventos emergentes não são causados por um coordenador hierárquico, mas surgem da interação entre os agentes e elementos.

Restrições possibilitadoras são as condições estruturais do sistema que definem um meio termo entre a diversidade e a redundância dos agentes. Tais restrições são também conhecidas como “aleatoriedades organizadas”, sendo que estas limitam e restringem as atividades dos agentes e, ao mesmo tempo, criam novas e ricas possibilidades. Ao mesmo tempo em que restrições reduzem a quantidade de alternativas, simultaneamente, novas possibilidades são criadas. As restrições possibilitadoras emergem do próprio contexto de aprendizagem, com suas normas, ambientes e ferramentas tecnológicas. A comunidade de aprendizagem, como um sistema complexo, se auto organiza baseando-se em regras que, ao mesmo tempo em que estabelecem os limites das atividades de aula, também criam outras possibilidades, como o engajamento dos seus membros no mesmo projeto comum.

A interação entre agentes abrange as interações entre os indivíduos uns com os outros e com o seu ambiente. A interação permite o desenvolvimento e as discussões de ideias coletivas, o que é determinante para que possibilidades complexas emergjam (DAVIS; SIMMT, 2003).

Martins (2008, p. 142) afirma que “a questão da interação tem recebido atenção considerável” e sob a perspectiva “da Teoria da Complexidade ela torna-se fundamental, pois é a partir delas que padrões e comportamentos globais emergem no sistema”. Neste sentido, esta condição trata-se da interação entre diversos elementos do sistema, surgindo a partir destas interações uma nova ordem que contribui para a construção do conhecimento. Ao ocorrer interações entre ideias, novos entendimentos e interpretações são estimulados levando cada agente do sistema a contribuir de um modo particular com os eventos ocorridos na comunidade.

As dinâmicas de participação na comunidade de aprendizagem são tema da tese de Martins (2008), quando ele analisa as dinâmicas interativas ocorridas na comunidade mista de aprendizagem e constata que os movimentos interativos do ambiente de aprendizagem decorrem de questões sócio-afetivas, das restrições e possibilidades de cada ambiente e do próprio desenho instrucional do contexto. Com isso, verificou-se a inexistência de diferenças significativas entre os resultados de aprendizagem em sala de aula face-a-face e outras modalidades, técnicas e métodos de ensino. Segundo o autor, cada um dos ambientes de aprendizagem possibilita uma dinâmica particular de relações

e proporciona resultados positivos significativos de acordo com suas especificidades. Assim,

é tempo de se superar o dualismo que parece sugerir a necessidade de se escolher entre a modalidade convencional face-a-face e a on-line. A combinação dessas modalidades supera o dualismo e potencializa os benefícios de uma forma que vai além das capacidades individuais de cada uma. Uma das vantagens da modalidade mista é que ela oferece aos alunos a conveniência e a flexibilidade da aula on-line, mantendo a interação e a atenção individual proporcionadas pela aula face-a-face. A adoção dessa modalidade mista requer uma reflexão sobre a quantidade do tempo destinado para a aula on-line e para a aula face-a-face, bem como que tipo de atividade será realizado em cada ambiente. É necessária ainda a elaboração de um desenho instrucional que não apenas inclua um ambiente como um adendo do outro, mas, de fato, integre-os de forma a maximizar as potencialidades de cada um (MARTINS, 2008, p. 146).

Diante desses resultados, Martins (2008) destaca que não existem diferenças significativas entre os resultados alcançados pela sala de aula presencial ou na modalidade on-line. Deve-se, portanto, deixar de lado o foco da tensão entre os ambientes de aprendizagem e buscar alternativas de integração e complementaridade entre eles. Isso reforça que, para se compreender a sala de aula como um sistema complexo, deve-se “considerar as relações entre as partes do sistema, uma vez que a análise isolada dos elementos implica o desmantelamento deste sistema. Nesta perspectiva, a análise das interações ocorridas no interior do sistema é um fator crucial” (MARTINS, 2008, p. 149).

A perspectiva ecológica, sob a ótica da Teoria da Complexidade, reforça o fato de que as relações estabelecidas em sala de aula fazem parte do sistema e não devem ser consideradas isoladamente. Estes elementos interagem entre si buscando se adaptar, se acomodar e otimizar seus resultados assegurando sua sobrevivência.

Ao relacionar a teoria da complexidade e a sala de aula, a existência de componentes garantem que a sala de aula seja um SAC: existência de uma rede de conexões e sistemas influenciadores ou que se constituem como barreira para a aprendizagem; o processo linguístico em sala de aula é dinâmico; a coadaptação é necessária considerando que mudanças em um sistema são refletidas nos demais (se um sistema produz uma mudança, os outros também serão afetados); e ensinar significa gerenciar o dinâmico processo de aprendizagem.

Outra característica da sala de aula complexa é a sensibilidade às condições iniciais. Como explicado previamente, esta característica faz com que pequenas

perturbações nas condições iniciais do sistema provoquem reações diversas, ou seja, pequenas diferenças nas condições iniciais levam a comportamentos diversos. Isto decorre da influência das condições iniciais nas condições finais visando à adaptação e otimização dos resultados (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Essa influência pode ser compreendida ao se considerar o plano de curso ou cronograma de aulas desenvolvido pelo professor no início do curso. Estes documentos são formulados, em geral, antes que o professor conheça seus alunos. Para a otimização dos resultados, o plano de curso inicial (condições iniciais) pode ser adaptado de acordo com as necessidades percebidas pelo professor, o que influenciará nos resultados alcançados (condições finais).

Compreendendo a sala de aula como um SAC, temos agentes (aprendizes) e elementos (contexto, material didático, relacionamentos interpessoais, entre outros) que compõem um sistema que se auto-organiza para se adaptar aos novos padrões e comportamentos que podem emergir durante as interações e dinâmicas que acontecem durante o processo de aprendizagem. Após apresentar um panorama geral do Paradigma da Complexidade e de tecer considerações salientando que a sala de aula é um SAC, discorro no próximo subcapítulo (1.3) sobre o investimento do aprendiz na aprendizagem de língua adicional.

1.3 Investimento e aprendizagem de Línguas

Norton e Toohey (2011) afirmam que, nos últimos 15 anos, ocorreram avanços em pesquisas que relacionam identidade e aprendizagem de língua adicional, o que demanda a renovação da perspectiva do aprendiz. Esta renovação se deve à natureza complexa do aprendiz e à necessidade de se estabelecer uma relação entre a noção de identidade e de aprendizagem de língua adicional.

A noção de investimento de Norton pressupõe o esclarecimento dos conceitos de língua/linguagem e identidade social. Utilizar a linguagem implica em agir sobre o mundo social, o que remete a uma visão performativa de língua. Isto significa que o ato de falar não sugere simplesmente expressar realidades, mas implica em uma ação sobre o mundo, por meio da realização de ações e não simplesmente expressa realidades (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

Segundo Weedon (1987 *apud* MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011), a língua é o local onde ocorrem formas possíveis e reais de organização social e suas

prováveis consequências políticas e sociais são deliberadas e contestadas. A língua é o lugar onde ocorre nossa compreensão de nós mesmos e a construção de nossa subjetividade. Esta é a razão pela qual língua/linguagem e identidade estão intimamente relacionadas. Utilizando a linguagem, construímos nossa identidade (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

Ao se considerar a língua como instrumento de expressão da essência de uma pessoa, suas categorias fixas (por exemplo: mulher, homem, aprendiz, professora) “suprimem a realidade de construção social e histórica que operam e dão uma aparência de totalidade encerrada e jamais aberta a contestações” (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011, p. 100).

No entanto, segundo Norton Peirce (1995 *apud* MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011), o aprendiz de línguas possui uma identidade social complexa, construída por meio de estruturas sociais desiguais, reproduzidas nas interações sociais cotidianas. A língua proporciona ao indivíduo uma compreensão de si mesmo, possibilitando a este acesso ou não acesso a redes sociais que dão aos aprendizes a oportunidade de falar.

Considerando esses conceitos sobre língua/linguagem e identidade, a noção de investimento ganha destaque. Teoricamente, a noção de investimento é inspirada em Bourdieu (1977) e considera a relação social e historicamente construída dos aprendizes com a língua alvo e seus desejos ambivalentes de aprender e praticá-la. O investimento do aprendiz em uma língua significa reunir recursos materiais e simbólicos que irão aumentar seu capital cultural. Assim, nas palavras de Mastrella-de-Andrade e Norton (2011),

contrariamente às noções de motivação instrumental ou integrativa ou teorias do eu que envolvem aspectos internos e externos ao aprendiz e que geralmente concebem o aprendiz como tendo uma unidade fixa e unitária, o construto investimento estabelece que o aprendiz de línguas possui uma identidade complexa, que muda ao longo do tempo e do espaço, e que é construída na interação social a partir das relações desiguais de poder que constituem as interações (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011, p. 101).

Nesta seara, Norton Peirce¹⁴ (1995) busca por teorias que integrem aprendiz e contexto de aprendizagem, o que reflete na relação entre aprendiz de idiomas e mundo

¹⁴ Os textos citados neste estudo como de autoria de Norton Peirce e os de Norton são referências a publicações da mesma pesquisadora, Bonny Norton, da Universidade de British Columbia, Canadá.

social. Segundo a autora, existe uma lacuna teórica, pois as concepções dominantes nos estudos sobre aquisição de segunda língua não captam a complexa relação entre as relações de poder, identidade e aprendizagem de línguas. Norton (1995), à época desta publicação, critica o uso da noção de “motivação” em pesquisas relacionadas à aquisição de segunda língua, pois o processo de aprendizagem envolve diversos fatores e a motivação é apenas mais um fator; as relações de poder, dentre outros, também desempenham papel fundamental no processo de aprendizagem. Considerando que o processo de ensinar e aprender uma língua é complexo e que a identidade social do aprendiz é múltipla e suscetível a mudanças, a noção de investimento mostra-se mais abrangente que a de “motivação” por abordar de modo mais adequado a relação existente entre os aprendizes e o desejo dos mesmos em adquirir uma segunda língua.

Ao se considerar o aprendiz como possuidor de uma identidade complexa e dinâmica, Mastrella-de-Andrade e Norton (2011) indagam quais mudanças o construto do investimento pode provocar na compreensão da motivação na aprendizagem de uma língua adicional. A motivação se insere no campo de aquisição de língua adicional como uma concepção em grande parte psicológica, como ocorre com as teorias de Dörnyei (2011).

Dörnyei (2011) afirma que os conceitos sobre motivação no campo da psicologia apresentam variáveis em relação ao seu escopo e níveis de análise, mas, em geral, pesquisadores concordam que teorias da motivação visam explicar três aspectos do comportamento humano: “a escolha de determinada ação, a persistência no desempenho desta ação, e o esforço nela despendido” (DÖRNYEI, 2011, p. 199). Ressalto que estes fatores estão inter-relacionados. Segundo o autor,

a motivação é responsável pelo *por que* as pessoas decidem fazer algo, *por quanto tempo* elas estão dispostas a permanecer executando essa atividade, e o *quão dedicadas* a elas serão. Há muito menos concordância a respeito dos reais fatores mediadores e a respeito dos processos por meio dos quais a motivação exerce seu impacto no comportamento humano, sendo o campo da psicologia motivacional caracterizado por um grande número de teorias que competem entre si ou que parcialmente se sobrepõem. Isso ocorre porque as teorias motivacionais tentam explicar nada menos do que por que as pessoas pensam e agem de determinada maneira e, uma vez que a natureza humana é complexa, não há respostas diretas e simples para essa questão (DÖRNYEI, 2011, p. 199, 200).

Neste sentido, “no campo da aprendizagem de uma língua adicional, o conceito de motivação é elaborado principalmente a partir de pressupostos da psicologia social, onde foram feitas tentativas para quantificar o comprometimento do aluno em aprender a língua alvo”¹⁵ (NORTON PEIRCE, 1995, p. 16). Um exemplo de como quantificar a motivação seria a utilização de questionários com escalas aplicados aos aprendizes. Por meio destes questionários, por exemplo, o aprendiz atribui valores em escalas numéricas, correspondendo às suas crenças e sentimentos com relação ao que está escrito na questão ou item proposto. A aplicação de questionários quantificando numericamente o interesse e a motivação para estudar determinado assunto em sala de aula, seria outro exemplo de quantificar a motivação. “De 1 a 10 qual o seu nível de interesse em ler textos sobre tecnologia?” é um exemplo de pergunta que poderia compor estes questionários. Estas concepções dominantes nos estudos sobre aquisição de segunda língua não captam a complexa relação entre as relações de poder, identidade, e aprendizagem de línguas.

Segundo Norton (2000), a motivação deve ser compreendida de uma perspectiva sociológica que visa estabelecer relações entre o desejo do aprendiz, seu comprometimento em aprender uma língua e sua identidade móvel e flutuante construída na e pela linguagem (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

Nesse sentido, estudos realizados por Norton Peirce (1995) possuem caráter seminal sobre este assunto. A pesquisa da autora parte de seus estudos sobre a teoria social e aborda discussões sobre o *status* do indivíduo no processo de aquisição de uma língua adicional. O aprendiz, sob a ótica da concepção pós-estruturalista, possui identidade múltipla e dinâmica, demonstrando sua natureza complexa.

O conceito de investimento está baseado na noção de identidade constituída na e pela linguagem, nas práticas sociais de uso da língua. Vale ressaltar que o termo identidade refere-se ao modo como as pessoas compreendem sua relação com o mundo e como é construída ao se considerar o tempo, o espaço e a visão que o indivíduo tem de suas possibilidades futuras. Em uma perspectiva complexa, Resende (2009) demonstra que as questões relativas à identidade social são fatores determinantes para o processo de aprendizagem. A identidade social do aprendiz na contemporaneidade pode ser considerada um sistema caótico e complexo, pois esta apresenta as características e propriedades desses sistemas. Segundo a autora “o olhar da Complexidade e do Caos

¹⁵ “In the field of second language learning, the concept of motivation is drawn primarily from the field of social psychology, where attempts have been made to quantify a learner's commitment to learning the target language” (NORTON PEIRCE, 1995, p. 16).

sobre as questões de identidade permitiu que o processo de reconstrução e emergência identitária fosse compreendido como algo dinâmico e em interação¹⁶ com o contexto sócio histórico dos indivíduos” (RESENDE, 2009, p. 251)

A noção de identidade, de acordo com a teoria de Norton, permite compreender o sujeito aprendiz integrado a seu contexto social, uma vez que este é considerado como parte integrante desse contexto e que as interações sociais são regidas por relações desiguais de poder entre os falantes. Na pesquisa de Resende (2009), a (re)construção de identidades foi também influenciada pelas relações de poder e lutas ideológicas, muitas vezes conflituosas. A aprendizagem de uma língua fez emergir nos aprendizes novas identidades. Esta emergência e reconstrução de identidades estão associadas a micro e macroestruturas sociais, nas quais relações de poder e ideologias são negociadas, naturalizadas e performatizadas. As relações de poder são negociadas pelos fractais identitários envolvidos nas interações sociais e essa negociação faz com que a (re)construção identitária emergja. Essa perspectiva se relaciona com a abordagem ecológica de Van Lier (2004). A relação entre as duas teorias se deve ao fato de que ambas investigam o aprendiz de língua adicional inserido em um contexto, no e com o qual ocorrem interações entre diversos agentes. Ao se considerar a inter-relação e complexidade dos elementos que se auto-organizam para formar um ambiente, temos que as interações que ocorrem internamente no sistema reproduzem padrões de interações ou dinâmicas globais e são esses padrões e interações que, provavelmente, estarão relacionados ao investimento dos alunos em sala de aula. Seguindo essa abordagem, os sistemas complexos são passíveis da influência dos seus contextos e do papel dos elementos que compõem o SAC.

O autor afirma que, partindo de uma abordagem ecológica, a aprendizagem é a capacidade de se adaptar ao ambiente, considerando o desenvolvimento de perspectivas ideológicas e políticas no processo de aprendizagem de língua. Em sala de aula, a abordagem ecológica “pode despertar em alunos (e professores) um espírito de

¹⁶ Resende (2009) considera que a identidade é fragmentada, o que significa que as partes possuem as propriedades do todo e o todo possui todas as propriedades das partes. Esta característica forma a ‘inteireza’ do ser humano. As múltiplas identidades do indivíduo não constituem “pedaços” do todo que é a identidade social do ser humano. Elas contêm em si todas as características do “eu” inteiro e, ao mesmo tempo, de cada uma das outras partes. O “eu” social surge da interação das múltiplas identidades que o compõem e possui todas as propriedades e características de cada uma delas. Ressalto que, cada fractal de identidade ao emergir, não desconstrói os outros, mas é influenciado por eles e possui em si, as características deles. Esse processo faz com que os processos de (re)construção identitária e aprendizagem de línguas guardem entre si uma ‘inteiração’, muito mais que uma interação.

investigação e reflexão, bem como pode fazer surgir uma filosofia de ver e ouvir por si mesmo, pensar por si mesmo, falar com sua própria voz, e agir em conjunto dentro de sua comunidade” (VAN LIER, 2004, p. 99)¹⁷.

Assim, a noção de investimento busca compreender o engajamento social do aluno para aprender uma determinada língua. Com essa teoria, perguntas como “até que ponto esse aluno está motivado para aprender uma língua estrangeira?” é substituída por perguntas como “qual o investimento desse aluno nas práticas da língua-alvo dessa sala de aula ou comunidade?” (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011, p. 102).

As questões propostas por Mastrella-de-Andrade e Norton (2011) demonstram que um aprendiz pode estar motivado e ainda assim ter um investimento baixo nas práticas de interação na língua adicional de sua sala de aula ou na comunidade em que está inserido. Isto significa que, mesmo que os aprendizes se interessem em desenvolver sua competência linguístico-comunicativa, eles podem se recusar a participar de práticas interativas na língua adicional.

Norton (2001), ao tratar da não participação dos aprendizes, se baseia em Wenger (1998). Lave e Wenger (1991), propuseram a expressão “comunidade de prática” visando destacar a importância do “fazer” para que o indivíduo se integre em uma comunidade. Wenger (1998) afirma que as comunidades de prática estão presentes em todos os ambientes e esta participação diretamente relacionada ao desenvolvimento de identidades, como exposto na citação que segue:

Nós não apenas produzimos nossas identidades por meio das práticas nas quais nos engajamos, mas também definimos nós mesmos por meio das práticas nas quais não nos engajamos. Nossas identidades são constituídas não pelos que somos, mas também, pelo que não somos. Nesse sentido, podemos ter contato com diversos meios de ser, o que não somos pode constiurir uma fração considerável de como definimos a nós mesmos (Wenger, 1998, p. 164)¹⁸

¹⁷ “ [...] can awaken in the students (and teachers) a spirit of inquiry and reflection, and a philosophy of seeing and hearing for yourself, thinking for yourself, speaking with your own voice, and acting jointly within your community” (VAN LIER, 2004, p. 99).

¹⁸ We not only produce our identities through the practices we engage in, but we also define ourselves through the practices we do not engage in. Our identities are constituted not only by what we are but also by what we are not. To the extent that we can come in contact with other ways of being, what we are not can even become a large part of how we define ourselves (WENGER, 1998, p. 164).

Segundo o autor, os membros da comunidade de prática a definem por meio das características homogêneas e heterogêneas de seus membros, deste modo, as particularidades e papéis de seus membros coexistem em um grupo com características específicas. Wenger (1998) afirma que as comunidades são constituídas por meio de três modos de pertencimento que se combinam: a) engajamento; b) imaginação; e c) alinhamento. Engajamento é o envolvimento ativo dos participantes no processo de negociação mútua; Imaginação trata-se da criação de imagens do mundo, percebendo conexões no tempo e no espaço extrapolando suas próprias experiências, o que é possível com a observação das atividades desenvolvidas por membros externos. Alinhamento refere-se à organização de energias, ações e práticas para pertencer e contribuir para a comunidade em geral.

Diante deste contexto, partindo da perspectiva de investimento de Norton, os próprios aprendizes podem resistir às práticas que marcam suas identidades de modo negativo. Um exemplo desta resistência seria o aprendiz se recusar a falar na língua adicional para evitar ser corrigido diante de outros colegas. Assim, aprendizes podem ou não investir em momentos e contextos diferentes do processo de aprendizagem em função das relações de força e de poder que instauram as práticas no contexto de uso da língua (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

O desejo dos alunos em desenvolver sua competência na língua adicional é parte essencial no processo de aprendizagem. Após a análise das autoras, é possível perceber que nem sempre esse anseio de aprender e o aparente empenho dos aprendizes são coerentes. Exemplo disto é que mesmo que um aluno deseje aprender e se tornar fluente na língua adicional, este pode não se empenhar em interagir com outros falantes desta língua e, conseqüentemente, perder a oportunidade de praticar. As relações desiguais de poder que constituem as interações sociais influenciam os aprendizes a investir ou não nas práticas de uso da língua, sendo resistentes às práticas que poderão expô-los e/ou marcá-los como menos competentes ou com identidades negativamente marcadas no grupo social.

O desejo do aprendiz de fazer parte de um grupo social ou comunidade e de conquistar bens utilizando o domínio da língua adicional não pode ser considerado a fonte direta para o desenvolvimento da aprendizagem. É necessário considerar que o desejo e o esforço para a aprendizagem envolvem relações de poder que influenciam o investimento que os aprendizes fazem na aprendizagem e na comunidade em que querem se inserir (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

Investimento e desejo se relacionam com a identidade. Se os aprendizes investem na aprendizagem de uma língua adicional, estes investem, também, em suas identidades; assim o desejo de aprender uma língua pode ser considerado como o desejo pela identidade, de prestígio e de poder, que o domínio de uma língua adicional pode constituir (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011). Contudo, a relação entre investimento e identidade nesse contexto não pode ser vista de maneira simplista, como discorro nos parágrafos que se seguem.

Os processos que envolvem a aprendizagem de uma língua adicional são complexos, como defende Paiva (2005). Segundo a autora, a autonomia, por exemplo, trata-se de um sistema sócio-cognitivo complexo, no qual o aprendiz é responsável por sua própria aprendizagem e que envolve capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão e escolhas. Os sistemas adaptativos complexos apresentam um alto grau de dependência e imprevisibilidade entre seus elementos, assim, não é possível descrever todas as partes do sistema e prever como será seu comportamento. Considerando estas propriedades, Paiva (2005) advoga que existem evidências que permitem postular a autonomia na aprendizagem de LE como um SAC. Este postulado se baseia no fato de que a autonomia é um sistema complexo pela dificuldade de formulação de um conceito pacificado e adaptativo pela capacidade de adaptação às diferentes condições que lhe são impostas pelo ambiente. Neste sentido, nunca podemos prever, com segurança, o que vai acontecer durante o processo de aprendizagem, pois os níveis de autonomia variam e o que funciona para um aprendiz pode não ser produtivo para outro. Da mesma forma, nesta dissertação tomo o investimento como um sistema complexo.

O investimento dos aprendizes é um sistema complexo porque contextos de aprendizagem de língua adicional são marcados por mudanças e por fenômenos conectados formando um todo de partes que se inter-relacionam. O investimento na aprendizagem de língua adicional possibilita a “inteiração” de diversos elementos (aprendizes, material didáticos, recursos tecnológicos etc.). Segundo a proposta de Davis e Simmt (2003), ao se considerar que o aluno está inserido em um ambiente de aprendizagem marcado pela diversidade interna (indivíduos com características diversas e diferenças individuais), pela redundância (semelhança entre os indivíduos), controle descentralizado (foco na aprendizagem), restrições possibilitadoras (o sistema se auto organiza por meio de regras que estabelecem limites e criam possibilidades) e interação

entre agentes (entre diversos elementos do sistema), as ações e consequências de vidas individuais impactam nas vidas uns dos outros e no ambiente que os circunda.

Investir em uma língua adicional envolve diversos elementos que se adaptam às diferentes condições que surgem no contexto de aprendizagem. Elementos, agentes e o modo por meio do qual esses interagem uns com os outros são propensos a mudar com o tempo. Isto significa que novos fatores são inseridos no sistema de aprendizagem, o que torna o comportamento do aprendiz imprevisível. Essa imprevisibilidade faz com que duas condições semelhantes possam gerar comportamentos totalmente distintos, o que constitui fator positivo à (re)construção da identidade do aprendiz, pois o que é favorável para determinado aluno, não necessariamente o será para outro. Não é porque professores utilizam determinada ferramenta digital durante as aulas que os aprendizes irão referendar esta ferramenta como facilitadora. Portanto, não existe “causa e efeito”. O aprendiz poderá referendar ou não esta ferramenta tecnológica. A não linearidade é responsável pelas próprias mudanças do sistema que está sempre em movimento e são, portanto, dinâmicos.

O investimento na aprendizagem pode se dar de diferentes formas; conforme descrito por Norton (2001) um aprendiz pode estar aberto a investimentos materiais, investir em material didático e cursos que potencializem a aprendizagem, por exemplo, porém não estar disposto ou preparado para investir em recursos simbólicos como desenvolver laços afetivos com os colegas ou se abrir para a prática de atividades orais. O investimento, também, pode acontecer gradativamente, com alterações discretas em etapas ou estágios, ou contínuas, quando nunca cessam. Diante dessas possibilidades, o investimento como um sistema complexo se modifica e influencia na aprendizagem de língua adicional à medida em que agentes e elementos se reorganizam, se adaptam e ganham experiência (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008).

Dessa forma, ao investir ou não na aprendizagem, aprendizes se adaptam a novos padrões e comportamentos, o que faz com que seja possível postular, também, o investimento como um SAC. O uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem de língua adicional é um dos investimentos que pode ser realizado para otimizar a aprendizagem.

Na próxima seção disserto sobre a relação entre aprendizagem de línguas e o uso de recursos tecnológicos.

1.4 O uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem de língua adicional

A presença de tecnologias digitais pode ser constatada em diversas práticas sociais: lazer, profissional e acadêmica. Essa presença marcante tem impactado as formas como vivemos e interagimos. Por isso, nesta pesquisa, destaco a relação entre o uso de ferramentas tecnológicas em contextos de aprendizagem de língua adicional, pois as ferramentas tecnológicas utilizadas em nossos afazeres cotidianos têm sido transpostas para contextos de aprendizagem de idiomas.

Com esta revolução do contexto educacional, laboratórios de línguas adicional já não são tão disputados por professores que preferem levar o *notebook* para a sala de aula; fones e gravadores são substituídos por *smartphones*, *Whatsapp*, *Facebook* ou outra ferramenta on-line de socialização, entre outras mudanças.

Atualmente, é comum nos depararmos com crianças assistindo vídeos escolhidos por elas mesmas em *smartphones* e *tablets*. Meu afilhado de dois anos pega meu *tablet* ou celular e me pede para colocar a “cocó” (Galinha Pintadinha) ou a “Pepe” (Pepa Pig) que são os desenhos animados aos quais tem mais acesso. Quando ele se cansa do que está vendo, me entrega o celular e pede “oto” (outro) vídeo. Essa criança, que ainda não sabe pronunciar palavras completas, sabe que naquele aparelho existe uma fonte de vídeos e desenhos de seu interesse e que esta fonte está totalmente ao seu alcance. Meu afilhado, assim como as demais crianças e jovens de sua geração, são marcados pela familiaridade com o mundo virtual. Considerando esses ‘novos alunos’, Prensky (2001, p. 1) afirma que

os alunos de hoje não apenas evoluíram em relação às gerações passadas, nem simplesmente modificaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu com as gerações anteriores. Aconteceu uma ruptura entre as gerações anteriores e a atual. Esta mudança pode ser considerada uma singularidade, isto é, um evento no qual ocorreram tantas mudanças que não é possível voltar atrás. Tal singularidade é a chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX¹⁹.

¹⁹ Today’s students have not just changed incrementally from those of the past, nor simply changed their slang, clothes, body adornments, or styles, as has happened between generations previously. A really big discontinuity has taken place. One might even call it a “singularity” – an event which changes things so fundamentally that there is absolutely no going back. This so-called “singularity” is the arrival and rapid dissemination of digital technology in the last decades of the 20th century.

A juventude atual é composta por alunos que cresceram cercados por recursos tecnológicos. Sua infância e juventude são marcadas pela presença de computadores, vídeo games, câmeras, *smartphones*, e todos os outros. Atualmente, a maioria dos aprendizes são nativos digitais e, desde crianças, mantém contato com recursos tecnológicos (PRENSKY, 2001).

No entanto, a evolução e disseminação das ferramentas tecnológicas iniciaram-se de modo distinto do que ocorre hoje, visto que enquanto as gerações anteriores demoravam anos para que novos recursos fossem disponibilizados, os nativos digitais de um ano para o outro já consideram seus aparelhos defasados tecnologicamente.

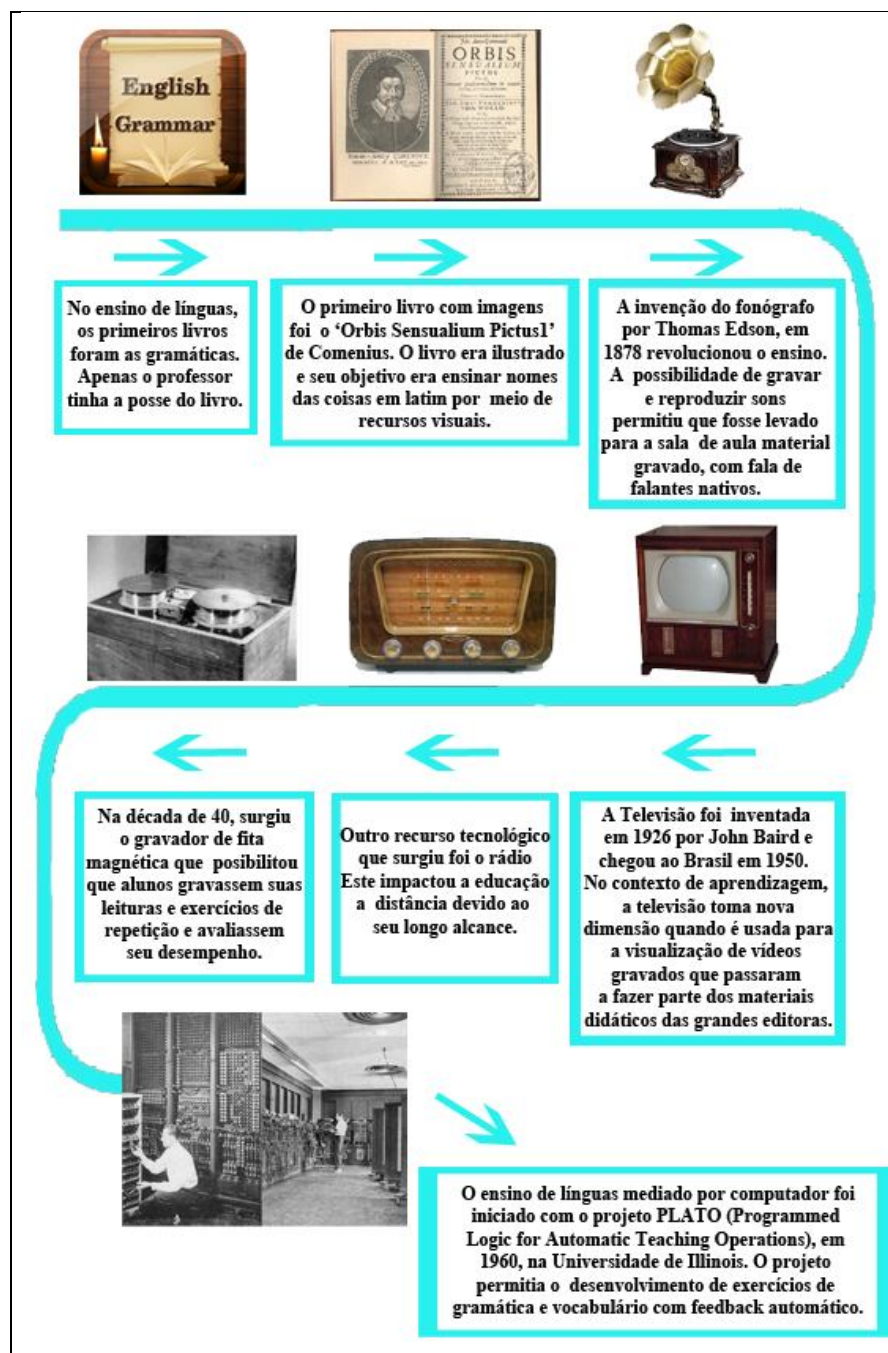
Já no campo do ensino de línguas, esse processo não ocorre tão rapidamente, pois, muitas vezes, determinados recursos tecnológicos são considerados objetos destinados a distração e lazer pelos aprendizes e utilizá-los para fins de aprendizagem causa estranhamento. Apesar da resistência, o uso da tecnologia na educação passou por notáveis mudanças.

Com todas as possibilidades que emergem com a *Web 2.0*²⁰, cabe a professores e aprendizes decidirem quais recursos tecnológicos integrar ao ensino de língua adicional. Paiva (2008) pondera que a cada nova ferramenta tecnológica, a reação de professores e aprendizes é de desconfiança e rejeição. No entanto, aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e novos recursos tecnológicos são inseridos no contexto de aprendizagem numa tentativa de melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua adicional. Após a inserção, inicia-se o estágio da normalização, ou seja, o estágio em que a tecnologia se integra às práticas pedagógicas e deixa de ser considerada como algo inusitado e passa a ser percebida como algo presente no dia a dia.

Paiva (2015) apresenta uma retrospectiva histórica sobre o uso da tecnologia no ensino de línguas. A relação entre tecnologia e aprendizagem de línguas começa com recursos tipográficos e passa a ser melhorada com o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos. Neste sentido, livros didáticos são complementados por outras tecnologias, como gravador, televisão e computador. O infográfico a seguir (Figura 5) demonstra a evolução de recursos tecnológicos utilizados como mediadores em contexto de aprendizagem de idioma.

²⁰ Trata-se de códigos on-line abertos que permitem a interação e contribuição de seus usuários para a construção de *websites* (BOHN, 2010).

FIGURA 5 – Evolução das ferramentas tecnológicas que mediam a aprendizagem de idiomas



Fonte: Adaptado pela autora de PAIVA (2015)

A evolução tecnológica é inserida no contexto de aprendizagem com o fito de melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua estrangeira. Os recursos tecnológicos evoluíram passando por fases que abrangiam material impresso, sonoro e visual. O

desenvolvimento desse material fez emergir novas formas de comunicação, sendo oferecido insumo menos artificial que apenas métodos de repetição (PAIVA, 2015).

Segundo Leffa (2006), a aprendizagem acontece por meio dos instrumentos que criamos. O uso do computador permite a utilização de diversos instrumentos para diversificar as atividades envolvidas no processo de ensino. Após sua invenção, a tecnologia da informática evoluiu de modo veloz e novos equipamentos e meios de comunicação foram disseminados na sociedade: correio, telégrafo, máquina de escrever, imprensa, gravador de áudio e vídeo, projetor de slides, projetor de vídeo, rádio, televisão, telefone e fax. Surgiram novas formas de comunicação possibilitadas pela Internet, fazendo com que o usuário deixasse de ser mero consumidor de conteúdo e passasse também a produzir.

A primeira geração da Internet é aquela com recursos e linguagens tecnológicas limitadoras, pois estas só eram acessíveis àqueles que entendiam o código da linguagem. Nesta primeira geração, os programas da *Web*²¹ “eram *softwares* proprietários; ou seja, as empresas criavam os aplicativos, programas para fazermos *download* ou comprados, mas não era disponibilizado o código do projeto” (BOHN, 2010, p. 18). Nessa versão da Web, seu conteúdo e atualizações eram feitas por um *Webmaster*; o internauta conseguia somente visualizar os resultados e não podia contribuir ou adicionar informações ou conteúdo.

A próxima etapa de evolução da Internet foi a *Web 2.0*, o termo surgiu num congresso organizado pelas empresas O'REILLY Media e MediaLive International nos Estados Unidos, em 2004. Na *Web 2.0*, “os códigos são abertos, para que os usuários possam alterá-los ou até mesmo construir novas versões em cima dos projetos antigos” (BOHN, 2010, p. 18).

Bohn (2010) afirma que uma peculiaridade desse fazer é que não é necessário instalar programas para trabalhar; basta acessar um *site* que permita editar textos e trabalhar diretamente na *Web*, sendo o requisito apenas possuir um navegador e um *login* de acesso. Uma das principais características dessa nova geração é a colaboração prestada pelos usuários na construção e editoração das publicações, resultando numa rede virtual

²¹ *Web* é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. Com o surgimento da Internet, o significado de *web* ganhou outro sentido. Esta passou a conceituar uma rede que conecta computadores por todo mundo, a *World Wide Web* (WWW). Com a *Web* é possível acessar uma infinidade de conteúdos através da internet. Para tal é necessário ligação à internet e um navegador (*browser*) onde são visualizados os conteúdos disponíveis (SIGNIFICADOS. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/web/>>. Acesso em: 19 jun. 2015).

de inteligência coletiva. Nesta rede, se destaca a capacidade de interação, integração, conectividade, comunicação, participação e sociabilidade entre seus usuários.

A colaboração faz parte do processo de aprendizagem de uma língua adicional. Com a *Web 2.0*, os aprendizes passaram a ter acesso às páginas da Internet e interagir com falantes das línguas alvo por meio de e-mail, listas de discussão, fóruns, etc. Bohn (2010, p. 27) afirma que

os avanços tecnológicos, principalmente os resultantes do desenvolvimento das ferramentas da *Web 2.0* (...) permitiram que o ensino pudesse chegar ao mundo virtual, envolvendo muito mais alunos e facilitando o processo de inclusão digital de jovens e adultos. Interessante salientar que as ferramentas da *Web 2.0*, tais como *blogs*, *wikis*, *podcasts* e redes sociais, entre outros recursos, não foram criados para fins educacionais. O que chamou a atenção de pesquisadores e professores para o uso dessas ferramentas no ensino de língua estrangeira é a possibilidade de se criarem atividades que promovam a interação e a colaboração entre alunos.

Novos espaços e formas de convivência vêm se consolidando graças ao meio virtual. Essa realidade transposta para ambientes de aprendizagem abre perspectivas inovadoras que influenciam positivamente a interação aluno/informação (conhecimento), contribuindo para a criação de múltiplos caminhos de significação no percurso da aprendizagem. Uma das contribuições do espaço cibernético é a possibilidade de criação de comunidades virtuais que facilitam a comunicação entre os participantes e promovem a aprendizagem colaborativa on-line²². Estas comunidades podem servir como ferramenta para cursos presenciais ou à distância e podem utilizar recursos disponíveis gratuitamente na Internet. Alguns recursos gratuitos on-line estão representados na Fig. 6:

²² Aprendizagem colaborativa é um modo gestão de pessoas, no qual se destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo (PANITZ, 1996). Desse modo, em contextos de aprendizagem, todos participam ativamente e compartilham responsabilidades visando alcançar um objetivo compartilhado

FIGURA 6 – Recursos da Web 2.0



Fonte: Autora

As reais possibilidades de utilização de recursos tecnológicos vêm sendo exploradas por diversos estudiosos tanto na esfera internacional (BAX, 2003; LEVY; STOCKWELL, 2006), quanto nacionalmente (LEFFA, 2006; PAIVA, 2008). Suas pesquisas estão direcionadas a relacionar o uso do computador ao processo de aprendizagem de língua adicional.

A Aprendizagem de Línguas Mediada por computador (CALL) é um campo de pesquisa que visa investigar o impacto do computador na aprendizagem de língua, tanto materna quanto estrangeiras. CALL trata-se de uma sigla, já consolidada em língua inglesa, correspondente à *Computer-Assisted Language Learning*. Leffa (2006) substituiu o termo “Assisted” (“assistida”) por “Mediada”, na tradução para o português. Tal

substituição reflete uma tendência da área, mesmo em inglês, de considerar o computador como um instrumento de mediação e não como um assistente de ensino.

Segundo o autor, a importância do computador, ao ser considerado como um instrumento, não é diminuída, pois a aprendizagem é sempre mediada por um instrumento, seja ele cultural, como o livro ou a lousa, ou um fenômeno psicológico, como a língua ou uma estratégia de aprendizagem.

Esta visão de Leffa (2006) sobre os instrumentos de aprendizagem está de acordo com as propriedades da sala de aula como um sistema complexo. Os elementos do sistema complexo que é aprender uma língua são considerados em conjunto. Deste modo, os recursos tecnológicos não são mais ou menos importantes que o aluno, o professor, o ambiente, ou qualquer outro elemento ou agente incluso no sistema. Isto é demonstrado pelas palavras de Leffa (2006, p.13):

O computador não substitui nem o professor nem o livro. Tem características próprias, com grande potencialidade e muitas limitações, que o professor precisa conhecer e dominar para usá-lo de modo adequado, como um componente da complexa atividade de ensinar e aprender uma língua.

Bax (2003) afirma que para se compreender o futuro de CALL é necessário traçar seu histórico e identificar os aspectos positivos de sua evolução. Visando compreendê-la, o autor toma a categorização de Warschauer e Healey (1998) como ponto de partida. Segundo os autores, essa passou por três fases: (1) estrutural (*Structural*) (2) Comunicativa (*Communicative*) e (3) Integrativa (*Integrative*). Vale ressaltar que as fases não aconteceram de modo cronológico (uma após a outra). CALL evoluiu a medida que novas ideias e aparatos tecnológicos surgiram.

A primeira fase constituiu o CALL Estrutural, abordagem utilizada durante os anos 60 e 70. Nesta fase, o foco pedagógico era a utilização do computador como tutor que possibilitava a transmissão de conteúdo instrucional do tipo “drill and practice”²³. Isto significa que a língua era ensinada de forma estrutural (WARSCHAUER, 2004).

²³ Exemplo de exercício do tipo “drill and practice”:

Fill in the words in brackets as adjective or adverb:

EXAMPLE:

Peter works_____. (slow)

ANSWER:

Peter works slowly.

Disponível em: <http://www.englisch-hilfen.de/en/exercises/adjectives_adverbs/adjective_adverb.htm>.

Acesso em: 26 out. 2015.

Nesta fase, foram desenvolvidos projetos com foco em pesquisar os estilos cognitivos e o desempenho em sistemas de instrução mediada por computador. Segundo Leffa (2006), um projeto denominado Plato foi iniciado nesta época e utilizado por algumas universidades americanas. O projeto tem importância histórica considerando que, na década de 60 e mesmo na de 70, o acesso às máquinas era extremamente limitado. O projeto faz parte da primeira fase de CALL.

A introdução dos microcomputadores nas universidades e em muitas escolas de ensino médio e fundamental nos Estados Unidos dá início ao que Warschauer e Healey (1998) chamam de “CALL comunicativo”. Nesta nova fase, ocorreu uma mudança na abordagem de ensino dos professores de línguas, sendo a assimilação de elementos estruturais da língua alvo substituídos pelo foco na expressão de significados e na interação autêntica²⁴ (WARSCHAUER, 2004).

O advento do CD-ROM e da Internet propiciou o que Warschauer e Healey (1998) definem como “CALL integrativo”. As quatro habilidades básicas da língua (ouvir, falar, ler e escrever) passaram a ser integradas numa única atividade. Deste modo, o aluno poderia realizar atividades como ouvir um diálogo, gravar sua pronúncia, ler o *feedback* fornecido pelo sistema e escrever um comentário. Com a evolução da Internet, era possível que o aluno utilizasse a língua alvo para se integrar numa comunidade autêntica de usuários, e trocar experiências com falantes nativos (LEFFA, 2006).

O quadro 2, adaptado de Warschauer (2004), apresenta um resumo das fases de CALL segundo esses autores:

Quadro 2 – Fases de CALL²⁵

Etapa	1970-1980: CALL Estrutural	1980-1990: CALL Comunitativo	Século 21: CALL Integrativo
Tecnologia	Computador Central	Micro computadores	Multimídia e Internet
Paradigma de ensino de Inglês	Método da gramática e tradução e audiolingual	Método comunicativo	Métodos baseados em conteúdo (Inglês para Fins Específicos)

²⁴ Exemplo de exercício com foco na expressão de significados e na interação autêntica pode envolver a artuculação e identificação de uma opinião ou preferência pessoal em determinada situação. Na atividade, o aluno utiliza informações reais e formula argumentos para debater e defender seu ponto de vista.

²⁵ Vale ressaltar que, embora existam marcos de quando cada fase iniciou, elas coexistem; isto significa que o fato de uma nova fase iniciar, não significa que a anterior terminou.

			e Inglês para Fins Acadêmicos)
Visão de Língua	Estrutural	Cognitiva	Socio-cognitiva
Principais usos do computador	Exercícios de repetição	Exercícios comunicativos	Discursos Autênticos

Fonte: WARSCHAUER, 2004

Bax (2003) em crítica às fases estanques propostas por Warschauer e Healey (1998), afirma que ainda não é possível falarmos de uma fase de CALL integrativo, pois os recursos tecnológicos ainda não foram integrados de fato nas salas de aula e nos currículos de ensino de línguas estrangeiras. O autor considera que a integração é fruto da normalização das funções dos computadores no cotidiano do ensino. CALL chegará a este estágio quando o computador for utilizado todos os dias por estudantes de língua adicional como parte integrante de todas as lições, assim como o papel e a caneta (BAX, 2003).

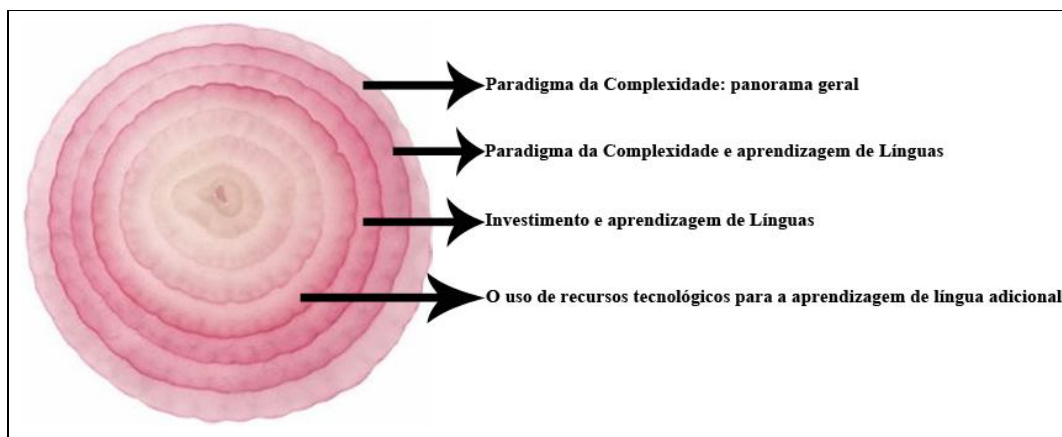
Para que as atividades mediadas pelo computador sejam normalizadas, Bax (2003) propõe sete estágios. No primeiro estágio, surgem os primeiros adeptos, além de surgirem poucos professores e escolas que adotam a tecnologia por curiosidade. O segundo estágio é caracterizado pela ignorância ou ceticismo em relação à tecnologia, isto significa que, a maioria das pessoas ignora a existência da tecnologia ou demonstra ceticismo. No terceiro estágio, as pessoas experimentam a tecnologia, porém a abandonam quando surgem os primeiros obstáculos. No quarto estágio, uma segunda chance é dada à tecnologia por influência de terceiros; nesta fase, começa-se a perceber suas vantagens relativas. No estágio cinco, mais pessoas começam a utilizar os novos recursos tecnológicos, mas ainda existe medo ou expectativas exageradas. No estágio seis, a tecnologia é considerada algo normal e, no sétimo, a tecnologia é integrada às nossas vidas e se torna “invisível”, isto é, normalizada.

Paiva (2006) cita que, no Brasil, o computador está normalizado nos serviços bancários, pois ninguém se atenta para o fato de que os terminais eletrônicos são computadores. A normalização na educação vive vários estágios, ou seja, em alguns lugares a tecnologia já está normalizada, mas na maioria dos contextos ainda existe uma tensão entre a adesão e a rejeição. Esta tensão pode ser resultado das dinâmicas particulares das relações e interações específicas de cada contexto de aprendizagem.

O contexto atual, marcado pela presença de “nativos digitais”, faz com que recursos tecnológicos, como computador, *smartphone* e Internet contribuam para a normalização. A presença do espaço cibernético requer que a sala de aula de inglês se torne “múltipla, ao combinar diferentes vozes, imagens e movimentos, possibilitando ao aluno alternativas de escolha e de representações para construir novos caminhos de significação no percurso da aprendizagem” (DIAS, 2008, p. 10). A ampla possibilidade de acesso às diversas ferramentas estreita “inter-relações da realidade e das práticas escolares em sintonia com a sociedade contemporânea” (DIAS, 2008, p. 10).

Nesse capítulo de fundamentação teórica, abordei, na primeira seção, conceitos acerca do Paradigma da Complexidade em um panorama geral, discorri sobre a origem da teoria da complexidade e da teoria dos sistemas, discuti as propriedades do sistema adaptativo complexo e apresentei ilustrações por meio de um infográfico e de produções cinematográficas. Na segunda seção, tratei da relação entre o Paradigma da Complexidade e a aprendizagem de idiomas, fazendo um esboço sobre seu estado da arte e relacionando a Teoria da Complexidade e o ensino de línguas, utilizando a teoria da abordagem ecológica (VAN LIER, 2004) e as condições propostas por Davis e Simmt (2003) para que a sala de aula seja compreendida como um sistema complexo. Na terceira seção, apresentei o conceito de investimento, relacionei esse conceito à aprendizagem de língua adicional como um sistema complexo e demonstrei como tal conceito faz sentido ao que proponho nesta pesquisa. Na quarta seção, discuti sobre o uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem. Para tal, apresentei uma retrospectiva dos recursos tecnológicos utilizados como ferramentas para a aprendizagem de língua inglesa, discuti sobre a Web 2.0 e as fases de CALL, demonstrando o processo de difusão, integração e normalização de tecnologias digitais.

Nas quatro seções de fundamentação teóricas são apresentadas teorias que coexistem nas análises. A fim de explicar como essas teorias são articuladas utilizo a “metáfora da cebola”. A cebola é formada por camadas que representam as teorias referenciadas nessa dissertação:

FIGURA 7 – Representação do referencial teórico

Fonte: Autora

A teoria da complexidade trata-se da camada externa, pois esta ‘abraça’ a aprendizagem de língua adicional, a teoria do investimento e o uso de recursos tecnológicos para a aprendizagem de língua. A teoria da complexidade é o olhar direcionador das demais teorias, considerando que um sistema é constituído por partes que se relacionam de modo intrincado e que se auto-organizam visando se adaptar a novos padrões e comportamentos. Isto significa que ao direcionar o foco da complexidade nas demais teorias, estas passam a constituir um sistema complexo e passam a se influenciar e se adaptar, enriquecendo as análises dos dados. Ao tratar a aprendizagem como um sistema complexo diversos elementos devem ser levados conta, dentre esses elementos temos o material didático, o contexto e os aprendizes. Considerando os aprendizes como um elemento constituinte do sistema faz-se necessário destacar as relações sociais, a identidade e o investimento que este realiza, o que nos leva à próxima camada da “cebola teórica”. Outro elemento do sistema que destaquei foi o contexto. Essa pesquisa foi realizada em um contexto altamente tecnológico, essa característica teve grande destaque nos dados coletados, o que resultou na inclusão do uso dos recursos tecnológicos como ferramenta de aprendizagem de língua adicional como um dos elementos que constituem o SAC IsF-Inglês UFU.

No próximo capítulo, apresento minha metodologia de pesquisa com a exposição da natureza da pesquisa, contexto, participantes, procedimentos de coleta e de análise de dados.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Moita Lopes (2004) sugere que experienciamos uma série de mudanças no contexto social contemporâneo. Muitas dessas mudanças se devem à presença da tecnoinformação, em função da quebra de barreiras na comunicação. Este contexto fez com que o leque de pesquisas no campo da LA se ampliasse e, conseqüentemente, seu caráter interdisciplinar passou a ser cada vez mais latente.

O autor assevera que a criação de inteligibilidade sobre questões sociais, nas quais a linguagem figura como protagonista e que possuem relevância social, são consideradas suficientes para que respostas teóricas que beneficiem o indivíduo sejam exigidas (MOITA LOPES, 2006). Tal necessidade está relacionada ao papel do linguista aplicado na contemporaneidade. Teóricos deste campo de pesquisa devem buscar respostas para problemas de diversos âmbitos relacionados a esta área, o que sugere a necessidade de diversidade teórica, a qual é necessária para que vários objetos de estudo sejam analisados com diferentes perspectivas de análise. Diante deste contexto, alguns teóricos da LA (MOITA LOPES, 2004; MOITA LOPES, 2006; DÖRNYEI, 2011) acreditam ser, também, necessária a escolha de abordagem metodológica mestiça nos procedimentos de pesquisas.

Seguindo a sugestão do autor, minha opção foi conduzir uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso e embasada nos pressupostos das teorias do investimento e do Paradigma da Complexidade na aquisição de uma língua adicional.

Nas seções seguintes, irei expor a perspectiva metodológica adotada nesta pesquisa. Na primeira seção, discuto questões sobre a abordagem estudo de caso visando investigar fenômenos complexos. Na segunda, descrevo o contexto desta pesquisa. Na terceira, apresento os instrumentos que utilizei para a coleta de dados. Na quarta, descrevo os participantes e, na quinta, apresento os procedimentos de análise e interpretação do *corpus*.

2.1 Natureza da pesquisa: estudo de caso

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, pois visa compreender certos fenômenos de acordo com a perspectiva dos alunos participantes. Segundo Richardson (2009), a pesquisa qualitativa objetiva buscar e compreender, de forma detalhada o

significado de acontecimentos, sendo possível, por meio desta, identificar aspectos subjetivos dos fenômenos e as motivações não explícitas de comportamentos. Ao utilizar a pesquisa qualitativa, objetivo compreender as singularidades e particularidades dos comportamentos, fenômenos e situações alvos desta pesquisa, na qual investigo o contexto do IsF – inglês.

Godoy (1995) afirma que a pesquisa qualitativa representa possibilidades de se estudar fenômenos relacionados aos seres humanos e suas relações sociais em contextos diversos. Os estudos denominados qualitativos podem ser identificados por algumas características básicas. Uma destas características é que um fenômeno pode ser melhor compreendido se inserido em um contexto. Assim, enquanto pesquisadora, fui a campo para compreender a perspectiva dos alunos considerando os fatores que estão relacionados a este contexto.

O estudo qualitativo pode percorrer diversos caminhos; alguns deles são a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Neste trabalho, opto pelo estudo de caso. A seguir, descrevo brevemente esta abordagem e justifico minha escolha.

O estudo de caso é a investigação conduzida acerca de objetos e contextos que permitem seu conhecimento amplo e detalhado. Segundo Yin (2005), o estudo de caso trata-se de um estudo empírico que busca identificar fenômenos em um contexto social. Ao utilizar o estudo de caso como abordagem, busco identificar no sistema um modo de ser e agir no meio. Este modo impacta a forma como conduzimos nossas vidas, como nos relacionamos com os outros e com o meio ambiente e, também, como nós concebemos aprendizagem. Assim, esta perspectiva busca procedimentos investigativos que considerem a complexidade dos processos, os quais, ao serem combinados, produzem o ambiente.

Segundo Gil (2008), o estudo de caso, ao ser utilizado em pesquisas, objetiva: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

O conjunto de variáveis será explicado considerando pressupostos dos SAC. Considero que nesse tipo de sistema, agentes e elementos estão conectados e um conjunto de variáveis dá origem a um evento complexo. Um exemplo deste pressuposto é que um grão de areia pode desencadear uma avalanche, mas isso não acontece de modo independente e por escolha própria. Este evento é resultado de prováveis e múltiplas

causas subjacentes a qualquer mudança ou resultado. O SAC não pode ser previsto de forma linear; assim explicações causais, típicas de esclarecimentos modernistas de fenômenos científicos, não são mais suficientes. Ao contrário, considerando que todos os componentes de um sistema complexo estão em contínua interação, ocorre uma causalidade recíproca. Assim, com esta pesquisa, não busco uma situação de causa e efeito, mas sim verificar como os diversos agentes e elementos envolvidos no processo de aprendizagem de língua adicional interagem entre si, se adaptando a cada caso e especificidade do ambiente de ensino (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2012).

Lüdke e André (2013) afirmam que o estudo de caso convém a estudos em que o pesquisador tem interesse em pesquisar uma situação singular e bem delimitada. As autoras apresentam algumas características fundamentais desta abordagem. Para facilitar no entendimento desta abordagem apresento um infográfico sobre estas características utilizando o texto de Lüdke e André (2013).

FIGURA 8²⁶ – Características dos Estudos de Caso²⁷



Fonte: Adaptado de LÜDKE e ANDRÉ (2013)

²⁶ Infográfico realizado por meio das ferramentas do Cacao. Para maiores informações, acesse: <<https://cacao.com/diagrams/>>.

²⁷ Imagens retiradas de pesquisa utilizando o 'Google imagens'.

Ao se utilizar estudos de casos, visa-se interpretar contextos em busca de descobertas que retratem a realidade de forma completa e profunda. Para que esta interpretação ocorra de modo enriquecedor ao estudo e pesquisa, esta abordagem utiliza uma variedade de informações e representam os diferentes pontos de vista presentes numa situação social. Assim, de acordo com Lüdke e André (2013), essas características sinalizam um estudo que abrange a constante reformulação de seus pressupostos, uma vez que o conhecimento é dinâmico. Ressalto, também, que a compreensão do objeto pesquisado considera o contexto em que determinado evento acontece e os fatores externos que ajudam na apreensão e interpretação da problemática estudada.

Um estudo de caso apresenta três fases em seu desenvolvimento. A primeira fase é exploratória; na segunda, ocorre a delimitação do estudo, bem como a coleta de dados; e, na terceira, ocorre a análise sistemática desses dados, culminando na realização do relatório (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

A fase exploratória é o primeiro passo para a pesquisa. Neste momento, define-se o objeto da pesquisa e as questões que deverão ser respondidas com a pesquisa. Num segundo momento, o pesquisador deve identificar instrumentos adequados para coletar os dados sistematicamente. Por fim, numa terceira fase, temos a análise dos dados coletados e a elaboração do relatório. Sublinho que essas três fases não constituem uma sequência linear e se interpõem entre si, sugerindo um movimento constante (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Minha observação do contexto investigado será como *outsider*, isto significa que apresentarei descrição de aspectos comportamentais dos alunos dos cursos do IsF-Inglês. Segundo Rosa e Orei (2012, p. 867),

os termos *êmico* e *ético* também são utilizados como uma analogia entre os observadores de dentro, denominados *insiders*, e os observadores de fora, denominados *outsiders* (CAMPOS, 2002). A abordagem *ética* refere-se a uma interpretação de aspectos de outra cultura a partir das categorias daqueles que a observam, isto é, dos próprios pesquisadores e investigadores. Por outro lado, a abordagem *êmica* procura compreender determinada cultura com base nos referenciais dela própria. Em outras palavras, a abordagem *ética* é a visão externa, dos observadores e investigadores que estão olhando de fora, em uma postura transcultural, comparativa e descritiva, enquanto a abordagem *êmica* é a visão interna, dos observados que estão olhando de dentro, em uma postura particular, única e analítica. Então, a abordagem *ética* corresponde à visão do eu em direção ao outro, ao passo que a abordagem *êmica* corresponde à visão do eu em direção ao nosso (ROSA; OREI, 2012,p. 867).

Em geral, a distinção das abordagens ética e êmica objetiva diferenciar o ponto de vista do observador. Como observadora *outsider* utilizo diversas ferramentas – autobiografias e questionários – para obter dados sobre os comportamentos locais observados de uma posição externa ao sistema.

Ao utilizar estudo de caso como abordagem metodológica, o pesquisador deve utilizar diversas fontes para a coleta de dados colhidos em vários momentos da pesquisa e em situações diversas, com diferentes tipos de sujeito (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Dessa forma, minha pesquisa incluiu observação da implementação dos cursos IsF-inglês UFU e buscas em *sites* e documentos, para que eu cruzasse informações e formulasse questionários e guias de autobiografia dos eventos de aprendizagem no contexto investigado para dar continuidade às pesquisas.

Considerando a natureza desta pesquisa, o contexto de sua realização é extremamente importante sendo, portanto, apresentado e detalhado no subcapítulo 2.2.

2.2 Descrição do contexto

Nesta pesquisa, o contexto macro investigado é o Programa *Idiomas sem Fronteiras* (IsF) de Inglês, que visa incentivar a aprendizagem de língua adicional e propiciar modificações abrangentes e estruturais no ensino de idiomas nas universidades do país. Como apontado previamente, os objetivos do IsF são: 1) contribuir com a formação em língua inglesa de possíveis candidatos ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) e 2) preparar seus alunos para exames de língua inglesa solicitados para admissão em instituições acadêmicas no exterior.

No *site*²⁸ do programa é possível acessar informações sobre a origem, objetivos e alcance do programa, conforme ilustrado pela Figura 9:

²⁸ Para maiores informações, acesse: <<http://isf.mec.gov.br/>>.

FIGURA 9 – Página inicial do site do IsF



Fonte: Site do IsF. Disponível em: < <http://isf.mec.gov.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

É possível observar as opções de acesso ao IsF-Inglês e ao IsF-Francês no canto inferior direito do site. Ao acessar o campo do Inglês, somos direcionados a uma nova página, na qual é possível encontrar informações sobre documentos, notícias, calendário com datas importantes para o programa destacadas, dados sobre inscrições, universidades parceiras, dentre outras.

Segundo informações desse *site*, a parceria entre IsF e universidades abrange 43 (quarenta e três) universidades federais cadastradas no programa IsF como NucLi ou Centros Aplicadores (CA) e 78 (setenta e oito) instituições de ensino superior cadastradas como CAs, totalizando 101 (cento e uma) IES atendidas pelo programa. As universidades

CA são responsáveis por aplicar o teste TOEFL ITP²⁹ (*Institutional Testing Program*) e as universidades NucLi, além de serem aplicadoras de TOEFL ITP, também ofertam cursos presenciais de língua inglesa, incluindo cursos preparatórios para os exames de proficiência. O programa IsF-Inglês conta com a presença e apoio dos ETAs. Os ETAs são professores que fazem parte do Programa *Fulbright*.

O Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América, conhecido como Programa Fulbright, foi fundado em 1946, por meio da lei de autoria do Senador J. William Fulbright. Inicialmente, o programa visava ampliar o entendimento entre a sociedade norte-americana e a de outros países; com o passar do tempo, este passou a permitir uma real integração cultural e educacional entre as nações.

Em 1957, o programa *English Teaching Assistantship* foi iniciado no Brasil por meio de troca de Notas Diplomáticas que instituiu a Comissão Fulbright. O Programa Fulbright oferece bolsas de estudos para estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores. Através do programa, estes podem estudar no exterior, conhecer uma nova cultura e estreitar os laços de amizade entre os dois países³⁰. Assim, estes professores são enviados a escolas ou universidades no exterior, visando melhorar as habilidades da língua inglesa dos estudantes estrangeiros e ampliar o conhecimento desses alunos sobre os Estados Unidos. A figura 10 ilustra o intuito do IsF.

²⁹ O TOEFL ITP é destinado a quem precisa mensurar seu nível de inglês por motivos pessoais ou no contexto escolar. O teste avalia a compreensão oral e de leitura e, ainda, a expressão e estrutura escrita. Disponível em: <<http://www.viva-mundo.com/pt/noticia/post/diferenca-entre-toefl-ibt-e-itp/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

³⁰ Disponível em: <<http://www.fulbright.org.br/content/view/1/30//>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

FIGURA 10 – Banner de divulgação do TOEFL ITP DO Programa IsF – UFU

TOEFL ITP

CERTIFICADO INTERNACIONAL

IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

O Inglês sem Fronteiras UFU é um CENTRO APLICADOR do TOEFL ITP.

O teste é GRÁTUITO para alunos da graduação, pós, servidores e docentes.

Fazendo o TOEFL você pode estudar em um dos CURSOS PRESENCIAIS GRATUITOS do ISF-UFU.

Acesse e marque já seu exame : www.isfaluno.mec.gov.br

  **IsF-Inglês sem Fronteiras-UFU**
Telefone: 34 3291-8331
SALA 1G220



Fonte: Programa IsF - Inglês UFU

O NucLi investigado nesta pesquisa, o IsF- Inglês UFU, e a Fulbright firmaram parceria adotando o programa de assistente de ensino de língua inglesa na UFU. A parceria permite que Assistentes de Ensino, isto é, falantes nativos e conhecedores de culturas e rotinas de um país falante da língua adicional proposta pelo curso, interajam com professores e alunos brasileiros oportunizando trocas de experiências e informações enriquecedoras.

Com o Projeto Assistente de Ensino, torna-se possível para os estudantes do NucLi UFU:

1. Desenvolver habilidades escritas e orais através do contato didático e cultural com o falante nativo de Língua Inglesa;
2. Trocar experiências, conhecer o mundo e a língua inglesa de maneira diferenciada por meio de discussões e acompanhamento didático;
3. Realizar atividades culturais didaticamente pioneiras ministradas e organizadas por falantes nativos.

O NucLi UFU, como os demais, aplica o TOEFL ITP aos estudantes interessados e oferece à comunidade acadêmica apoio nos cursos on-line e, ainda, aulas presenciais. A adesão aos cursos presenciais do IsF - Inglês UFU foi, inicialmente, constituída por dois momentos: um on-line, por meio do MEO, e um presencial.

O MEO é um curso de inglês on-line oferecido pelo programa IsF proposto aos alunos de graduação e pós-graduação, de instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras. Os requisitos para participar do curso on-line de inglês são: 1) cursar graduação em instituição pública de ensino superior ou cursar graduação em instituição privada de ensino superior e ter obtido pelo menos 600 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - nos exames realizados a partir de 2009 - ou ser aluno em Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* recomendado pela CAPES; 2) Realizar, obrigatoriamente, um Teste de Progresso a cada sessenta dias, de modo que, em cada nível o estudante faça dois Testes de Progresso antes da Prova Final, o qual deverá ocorrer no prazo máximo de 180 (cento e oitenta) dias.

O conteúdo do MEO baseia-se na ferramenta para ensino de idiomas MyELT³¹. Esta ferramenta oferece aos usuários um pacote completo de atividades interativas para o estudo da língua inglesa em horário e local flexível. O usuário tem acesso a livros interativos, exercícios de gramática, dicionários, atividades para prática oral, testes de acompanhamento e leituras, como a *National Geographic*. Outro mecanismo

³¹A ferramenta MyELT é um sistema de gerenciamento de aprendizagem baseado na *web* do *National Geographic Learning*. O sistema oferece a professores e alunos atividades que reforçam e consolidam a aprendizagem de idiomas e as habilidades cobertas em cada programa do *National Geographic Learning*. O uso da ferramenta permite que professores acessem exercício, testes práticos e atividades adicionais do caderno de exercícios on-line criados pela *National Geographic Learning*. Os aprendizes ao utilizar a ferramenta tem flexibilidade de horários e local para estudo, acompanham seu desenvolvimento de aprendizagem, obtêm *feedback* instantâneo através de atividades corrigidas automaticamente, entre outros. Disponível em: <<http://ngl.cengage.com/assets/html/myelt/index.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

disponibilizado pela ferramenta é que os materiais podem ser impressos para prática posterior do conteúdo aprendido, sem necessidade de consulta ao computador.

O curso é composto por cinco níveis de aprendizagem. Cada nível contém três partes que abrangem atividades com *e-book*, vídeo, gramática e leituras. Ao final de cada nível, o aluno realiza um Teste de Progresso como preparação para a Prova Final do nível. Os níveis de aprendizagem são:

- 1) Nível 1 - Iniciante (com instruções em português e componentes bilíngues);
- 2) Nível 2 - Básico;
- 3) Nível 3 - Pré-Intermediário;
- 4) Nível 4 - Intermediário;
- 5) Nível 5 - Avançado (Preparatório para Exames: TOEFL, FCE³² ou CAE³³).

O curso MEO é autoinstrucional, o que significa que não há a mediação de professores ou tutores. Este contexto exige que os alunos sejam disciplinados e tenham compromisso a partir do momento que se inscrevem no curso. Para evitar que alunos ajam de maneira descomprometida, a falta de acesso ao sistema por mais de 15 (quinze) dias implica perda de acesso ao ambiente.

Para ingressar no curso, o aluno deve fazer um teste de nivelamento para saber em qual nível será classificado. O teste dura em torno de uma hora e não pode ser salvo para ser finalizado posteriormente. Sem o teste, o curso não é aberto para o estudante.

Nas primeiras edições de ofertas de cursos IsF - Inglês UFU, após estar inserido no curso on-line (MEO), ou após a realização do teste TOEFL ITP, eram ofertados pelos NucLi cursos presenciais complementares aos níveis 2, 3, 4 ou 5 do MEO. Mesmo que tenham sido implementadas alterações no processo de entrada dos estudantes, algumas características se mantinham. Conforme o perfil específico de cada universidade, são ofertados cursos para desenvolver habilidades linguísticas e preparatórios para os exames

³²FCE (*First Certificate in English*) trata-se de uma qualificação de nível intermediário superior, o qual comprova que o aprendiz é capaz de utilizar o inglês, escrito e falado, para trabalhar ou estudar. Disponível em: <<http://www.cambridgeenglish.org/br/exams-and-qualifications/first/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

³³O CAE (*Cambridge English: Advanced*) demonstra se o desempenho linguístico do aprendiz. Disponível em: <<http://www.cambridgeenglish.org/br/exams-and-qualifications/advanced/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

TOEFL IBT³⁴ e/ou IELTS³⁵. Os cursos presenciais possuem carga horária de 4 (quatro) aulas de 60 (sessenta) minutos em locais e horários definidos pelas próprias instituições.

Quando caracterizado por esta estrutura, no curso on-line os alunos eram provenientes de graduação e pós-graduação, matriculados em instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras, independentemente do seu perfil atender ou não os requisitos para ingressar no programa CsF.

Seguindo esta estrutura inicial, para se matricular nos cursos presenciais, os alunos deveriam atender cumulativamente aos seguintes critérios:

- 1) Alunos de graduação, de mestrado ou de doutorado, com matrículas ativas nas universidades federais credenciadas como NucLi;
- 2) Alunos participantes e ativos no Curso MEO;
- 3) Alunos que tenham concluído até 90% do total de créditos da carga horária de seu curso.

Posteriormente, o Edital nº 36³⁶, de 05 de dezembro de 2014, extinguiu a obrigatoriedade da etapa on-line, que se constitui agora uma opção. Segundo este último edital do processo seletivo para ocupação das vagas nos cursos presenciais, os alunos estarão aptos para matrícula se participarem ativamente do curso MEO ou tenham realizado o teste TOEFL ITP. Assim, a etapa on-line pode ser substituída pela realização do teste de proficiência.

Assim, neste período, para se inscrever para o processo seletivo para o curso presencial do IsF-Inglês, o aprendiz deveria preencher os seguintes requisitos:

- 1) Alunos de graduação, de mestrado ou de doutorado, com matrículas ativas nas universidades federais credenciadas como NucLi e que atendam cumulativamente os seguintes critérios:
 - a. Tenham participação ativa no curso MEO;
 - b. Tenham realizado o teste TOEFL ITP.
- 2) Alunos que tenham concluído até 90% do total de créditos da carga horária de seu curso.

³⁴ O teste TOEFL IBT (*Test Of English as a Foreign Language Internet-based*) avalia a capacidade de usar e compreender o inglês no nível universitário, além de avaliar a capacidade do aprendiz de combinar as habilidades de *Listening*, *Reading*, *Speaking* e *Writing* para realizar tarefas acadêmicas. Disponível em: <<https://www.ets.org/pt/toefl/ibt/about/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

³⁵ O IELTS (*International English Language Testing System*) é um exame de língua inglesa que testa *listening* (compreensão auditiva), *reading* (leitura), *writing* (escrita) e *speaking* (oral). O exame foi criado pela Universidade de Cambridge e é administrado pelo British Council.

³⁶ As modificações trazidas por este e pelos demais editais citados acontecem a nível nacional.

Novas mudanças no contexto de pesquisa ocorreram e o núcleo gestor do IsF, a Secretaria Executiva e a CAPES decidiram reativar a ideia inicial do Programa IsF-Inglês: tornar o teste TOEFL ITP a porta de entrada para o Programa. Esta nova mudança resulta nos seguintes cenários:

1) Alunos ativos do MEO – serão convidados a realizar o teste como forma de registro e avaliação de seu nível; 2) Alunos bloqueados do MEO terão que realizar o teste para o desbloqueio de sua senha; 3) Candidatos aos cursos presenciais deverão se submeter ao teste para ingressar nos cursos presenciais; 4) Alunos que já participaram dos cursos ou estão participando dos cursos presenciais serão convocados para realizar o teste. Essas mudanças possibilitavam o ingresso no programa de forma mista, pelo MEO e pelo TOEFL.

Atualmente, novas mudanças foram implementadas e o ingresso aos cursos presenciais somente é possível via TOEFL. Tais mudanças visam aprimorar o programa de acordo com necessidades e problemas identificados por seus gestores e colaboradores.

Apresento na seção 2.4 informações mais específicas dos participantes desta pesquisa coletadas por meio de questionários.

2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta

A coleta de dados ocorreu por meio de aplicação de questionário e coleta de autobiografias, bem como pela análise dos documentos do IsF. Ressalto que o foco principal de coleta está nos dois instrumentos principais: questionário e autobiografias.

Inicialmente, minha intenção era coletar todos os dados por meio de formulários do *Google Drive*; porém, esta expectativa foi frustrada e não obtive quantidade satisfatória de respostas para concretizar esta pesquisa. Diante desta dificuldade, busquei o apoio dos professores do IsF-Inglês UFU³⁷ que se prontificaram em me ajudar e cederam espaço em suas aulas para a coleta dos dados. A partir deste momento, passei a visitar todas as turmas do programa para aplicar o questionário e solicitar a redação da autobiografia.

Em função dos obstáculos, esta pesquisa teve seus dados coletados presencialmente e por meio de recursos on-line. Essa mudança de modo de coleta de dados fez com que a pesquisa passasse por duas fases: uma no segundo semestre de 2014

³⁷ Agradeço aos professores e coordenadores do programa que abriram as portas de suas salas e se prontificaram a me auxiliar no que fosse necessário.

e outra no primeiro semestre de 2015. Ressalto que apenas a forma de coleta mudou, o questionário é o mesmo.

Na primeira etapa de coleta o *link* do formulário³⁸ foi repassado aos alunos por e-mail. Nesta fase, a opção pela coleta on-line se deve ao fato de que o programa inclui uma grande quantidade de alunos e de diversas turmas. Para que a pesquisadora não interrompesse os professores e alunos quando estes estivessem em aula, o questionário foi a melhor opção de coleta de dados. Além disso, a coleta de dados on-line otimiza a sistematização dos dados. Na segunda fase, os questionários on-line foram impressos e aplicados presencialmente a cada aluno, durante o horário de aula.

Nos dois momentos de coleta, as perguntas elaboradas tiveram como foco principal traçar o perfil dos participantes, investigando seu histórico em língua inglesa. Os questionários requisitaram dos alunos informações sobre idade, nível de conhecimento do idioma, idade de início de estudo da língua e relação do aluno com recursos tecnológicos (por exemplo, computador, Internet). Além do questionário, foi repassado aos alunos um formulário para a redação de uma autobiografia³⁹ guiada por perguntas que auxiliavam a coleta dos dados necessários a esta pesquisa (APÊNDICE B).

Ressalto que pedi para que cada participante, ao responder o questionário, escolhesse um pseudônimo para garantir seu anonimato e para que, posteriormente, o próprio aprendiz se reconhecesse em meu texto por meio do código criado por ele. Deste modo, durante a análise, os excertos serão identificados por esses codinomes. Nas subseções a seguir, fundamento a escolha dos dois instrumentos principais de coleta de dados desta pesquisa.

2.3.1 Questionário

Questionário trata-se da técnica de investigação que inclui um conjunto de questões submetidas aos participantes a fim de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores,

³⁸ Além da versão impressa, o questionário enviado aos alunos foi disponibilizado pelo seguinte link: <https://docs.google.com/forms/d/1k4590XLMwnBm2wvmBhEYa0q6bJggTp1NqyhORhp9Yjs/viewform?edit_requested=true>.

³⁹ Questionário e roteiro para autobiografia foram repassados aos alunos em um único formulário para viabilizar a aplicação e coleta.

comportamento presente ou passado, dentre outros. Formular um questionário consiste em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas (GIL, 2008).

O questionário apresenta vantagens como o alcance de um grande número de pessoas independentemente da localização geográfica, anonimato nas respostas, conveniência para os participantes, não exposição dos pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 2008).

Algumas limitações também podem ser destacadas. Dentre elas, tem-se: a exclusão de pessoas que não sabem ler e escrever; o impedimento do auxílio ao informante quando este não entende corretamente as instruções ou perguntas; o não conhecimento das circunstâncias em que foi respondido; não garantia que a maioria das pessoas o devolvam devidamente preenchido, o que pode significar a diminuição da representatividade da amostra; além disso, envolve, geralmente, pequeno número de perguntas, porque, em geral, questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos (GIL, 2008).

2.3.2 Autobiografia

A abordagem autobiográfica permite desenvolver estudos de caso sobre experiências individuais dos alunos. Trata-se de histórias individuais que relatam a experiência dos aprendizes, as quais podem ser coletadas, analisadas e representadas de diversos modos. Tendo em vista essas informações, esta pesquisa utilizou a autobiografia como instrumento de pesquisa analisando as histórias dos aprendizes.

A abordagem autobiográfica apareceu pela primeira vez em textos sobre o processo de aprendizagem de uma língua adicional na forma de relatos diários introspectivos⁴⁰. De acordo com Benson e Nunan (2005), esta modalidade de pesquisa foi concebida, inicialmente, como um meio de acumular percepções⁴¹ sobre os processos mentais subjacentes ao comportamento observável. Atualmente, esta modalidade é reconhecida como o registro diário de estudos, o que permite a pesquisadores observar fatores afetivos, estratégias de aprendizagem e a própria percepção dos alunos.

Os autores diferenciam os textos autobiográficos de outros textos, ressaltando que nesses, os autores se preocupam com relatos em primeira pessoa de processos de

⁴⁰ Diários Introspectivos é um modo de pesquisa em que os diários ou periódicos registrados por um período de tempo são analisados partindo de diversas perspectivas.

⁴¹ Utilizo a expressão percepções para tratar de “*insights*”, sendo este o termo utilizado no texto original.

aprendizagem relativamente em longo prazo, relatos com foco nos alunos e suas experiências ao invés de atividades de aprendizagem ou situações em que participam. A pesquisa autobiográfica apresenta vantagens claras em investigações da diversidade dos alunos, o que nos permite ver como contextos psicológicos e sociais da aprendizagem podem se desenvolver ao longo do tempo. Na verdade, é apenas por meio do acesso às histórias das experiências dos alunos que é possível verificar o progresso individual de cada aluno.

Além disso, a adesão a esta abordagem, geralmente, significa que os pesquisadores devem coletar os dados com antecedência e dentro de um período relativamente curto de tempo. Assim, é necessário que os dados sejam coletados concomitantemente com o momento da aprendizagem. Neste sentido, estudos que utilizam este método tendem a cobrir períodos de um ano ou menos. O curto período de tempo para coleta de dados constitui uma limitação ao utilizar este método. À luz desta limitação, a coleta de dados por meio da lembrança dos pesquisados tem sido priorizada, visando explorar as experiências de longo prazo da aprendizagem de língua em contextos autênticos. A principal consequência do interesse de pesquisadores nas memórias sobre a aprendizagem de língua adicional emerge da lembrança autobiográfica sobre a aprendizagem de uma língua adicional.

A recordação autobiográfica tem sido utilizada em pesquisas que envolvem o estudo de uma língua adicional, motivação, alfabetização, autonomia e autoaprendizagem, parentalidade bilíngue, experiências de falantes não nativos - como alunos e professores -, entre outras.

O termo autobiografia explora a contribuição desta abordagem para a investigação de questões de diferença e diversidade do aluno. Assim, faz-se necessário distinguir o significado dos termos 'diferença' e 'diversidade'. De acordo com Benson e Nunan (2005), o termo 'diversidade' refere-se ao sentido holístico em que os aprendizes se diferem uns dos outros e o termo 'diferença' concentra-se nos resultados linguísticos variáveis da aprendizagem de língua adicional.

A autobiografia como instrumento contribui para esta pesquisa ao se jogar o olhar da complexidade nos dados coletados. Sob a ótica do investimento como um SAC, o aprendiz de línguas possui uma identidade social complexa, construída por meio de estruturas sociais desiguais, reproduzidas nas interações sociais cotidianas. As autobiografias serão analisadas considerando-se a interação entre aprendiz, contexto e qualquer outro elemento envolvido na aprendizagem de língua adicional. (NORTON

PEIRCE 1995 *apud* MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011). Considerando que o processo de ensinar e aprender uma língua é complexo, e que a identidade social do aprendiz é múltipla e suscetível a mudanças, a coleta de autobiografias possibilitará a investigação de questões referentes aos aspectos ‘diferença’ e ‘diversidade’ de alunos.

A diversidade se destaca em sala de aula, onde alunos são provenientes de origens socioculturais e linguísticas variadas. Os alunos são reconhecidos como indivíduos e esta individualidade pode resultar em consequências para a aprendizagem. Assim, o interesse na diversidade dos aprendizes pressupõe um interesse nos próprios aprendizes.

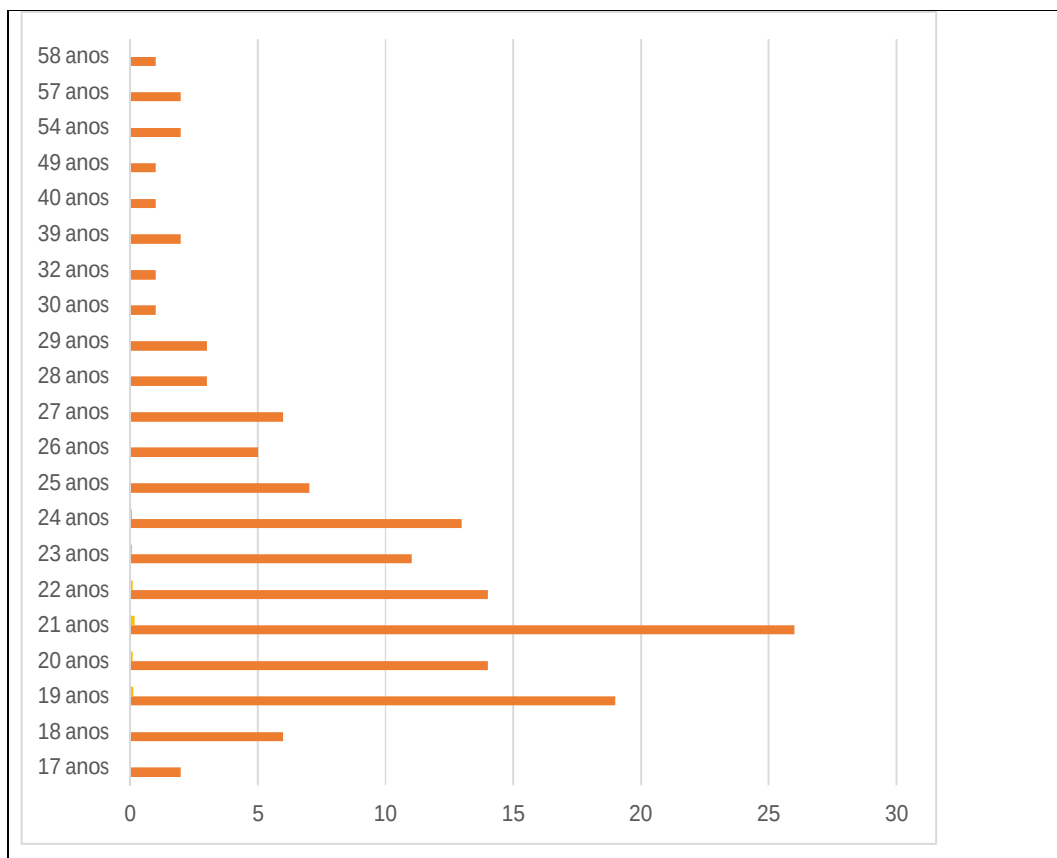
As pesquisas recentes passaram a perceber o aprendiz como complexo. A resposta intelectual indireta para as mudanças na aprendizagem de uma língua adicional são movidas, principalmente, pela diversidade e dinamicidade entre os alunos e o ensino de línguas. Embora as pesquisas que abrangem a diversidade do aluno tenham se expandido, questões relativas ao contexto ainda apresentam lacunas.

Segundo Norton e Toohey (2011, *apud* BENSON; NUNAN, 2005), as pesquisas, no campo da aprendizagem de língua adicional, tendem a observar o contexto apenas como um modificador da atividade interna da aprendizagem de língua. Como crítica a esta visão, Norton e Toohey (2011) defendem que não se deve apenas observar indivíduos atuando no uso da língua adicional; deve-se, também, estudar como aprendizes de língua adicional estão situados em um contexto social, histórico e cultural específicos, além de como aprendizes resistem ou aceitam as posições que estes contextos oferecem a eles.

A opção por autobiografia permite que os aprendizes se situem, no caso de estudo desta pesquisa, simultaneamente como autor e como ator de sua história, expressando pensamentos, opiniões, sentimentos e experiências que marcaram seu processo formativo. Neste contexto, pesquisar o investimento realizado por aprendizes do programa IsF com autobiografias pode ser produtivo, considerando que, com este instrumento de pesquisa, poderemos analisar conhecimentos implícitos e próprios do aprendiz e do contexto em que ele está inserido.

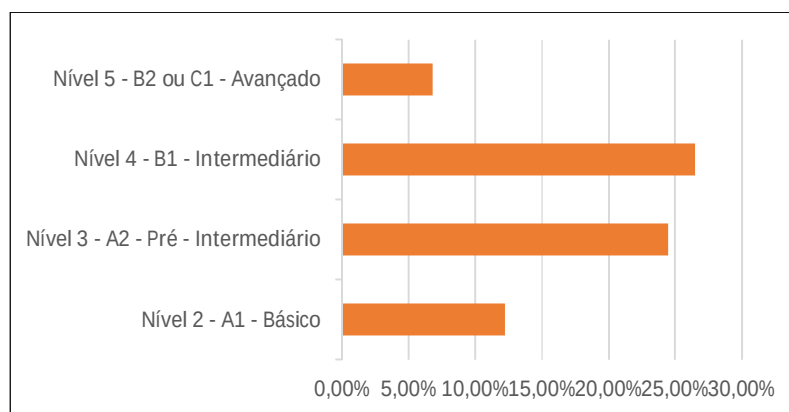
2.4 Características dos participantes

Os participantes desta pesquisa compõem um grupo de 140 (cento e quarenta) alunos dos cursos do IsF-Inglês UFU. Os participantes possuem faixa etária entre 17 (dezessete) e 58 (cinquenta e oito) anos. A maioria, com 18,57%, tem 21 anos, como demonstrado na Figura 11.

FIGURA 11 – Faixa etária dos participantes

Fonte: Autora

Na Figura 12, a seguir, é possível observar que a maior parte dos alunos que responderam ao questionário se enquadra no nível intermediário, totalizando 26,5% dos participantes. Do total de participantes, 12,2% se enquadram no nível básico, 24,5% no nível pré-intermediário e 6,8% no avançado.

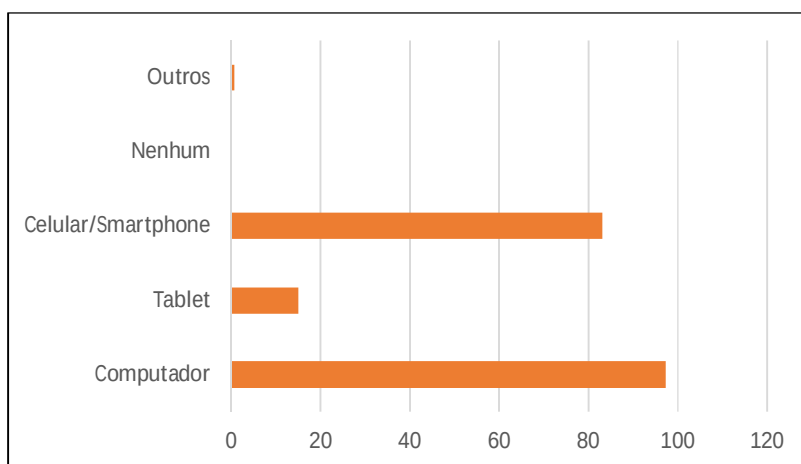
FIGURA 12 - Em qual nível do MEO você se enquadra?

Fonte: Autora

A maioria dos participantes começou a estudar inglês ainda na adolescência. Destacou-se uma minoria de participantes que começaram a estudar ainda crianças, com 5 (cinco) e 6 (seis) anos. O participante que iniciou seus estudos com idade mais avançada o fez com 45 (quarenta e cinco) anos.

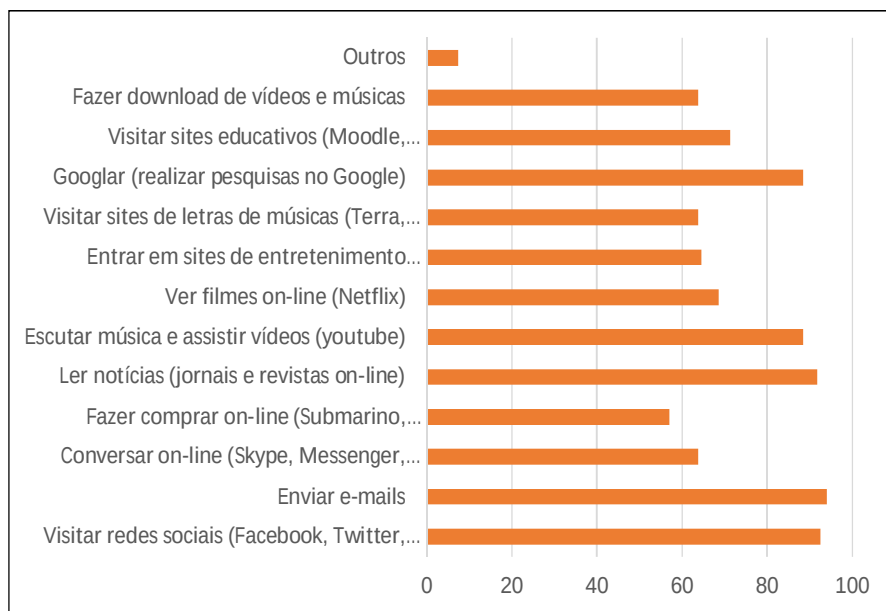
A relação dos participantes com recursos tecnológicos é próxima e frequente. Ao serem questionados sobre a frequência média de acesso à Internet, mais de 95% (noventa e cinco por cento) dos participantes acessa todos os dias e a maior parte deles afirma estar sempre conectada via celular/smartphone. O acesso à Internet acontece com maior frequência dentro da própria universidade e da casa dos participantes. Os aparelhos eletrônicos utilizados para o acesso são computador, celular ou smartphone e *tablet*, como demonstro na figura 13.

FIGURA 13 – Aparelhos eletrônicos mais utilizados para acesso à Internet



Fonte: Autora

Ao serem questionados sobre o que costumam fazer ao acessarem a Internet, a atividade mais frequente realizada pelos participantes é o envio de e-mail. A atividade menos frequente é fazer compras on-line em *sites* como Submarino, Americanas, Peixe Urbano, *Ebay*, dentre outros. Ressalto que a maioria dos participantes afirmou fazer duas ou mais dessas tarefas concomitantemente, sendo as mais recorrentes ler e ouvir música. Os percentuais e respostas sobre as atividades realizadas com mais frequência foram os seguintes:

FIGURA 14 - O que você costuma fazer na Internet?

Fonte: Autora

Em resumo, as respostas dos participantes demonstraram que seus perfis abrangem alunos que iniciaram seus estudos sobre a língua adicional quando mais jovens e que mantêm contato constante com recursos tecnológicos. Essas características apresentam a maioria dos alunos do programa como nativos digitais, em conformidade com o já referenciado conceito proposto por Prensky (2001) no referencial teórico desta pesquisa.

Ao longo de toda esta discussão, busquei descrever o percurso metodológico que orienta a minha proposta de investigação. Conhecendo o perfil dos participantes, passo, agora, a descrever os procedimentos de análise de dados desta pesquisa.

2.5 Descrição e sistematização da análise do *corpus*

Nesta seção, descrevo os dados coletados, buscando interpretar e questionar os dados. Com essa busca e sistematização dos dados, identifiquei categorias, questões e padrões de comportamento que auxiliaram no alcance dos objetivos desta pesquisa.

Ressalto que os dados do questionário foram contabilizados pelo próprio *Google Drive*, o qual oferece a opção de visualizar um resumo das respostas, incluindo gráficos comparativos.

Neste ponto da pesquisa, para a análise das autobiografias, ferramentas utilizadas pela linguística de *corpus* se fazem necessárias. Segundo Sardinha (2009), ela busca investigar a linguagem disponibilizando ao analista quantidade de dados antes inacessíveis. Para acessar tais dados, tecnologias digitais são indispensáveis. Dentre vários softwares e programas que apoiam as pesquisas no campo da linguística de *corpus*, o *WordSmith Tools*⁴², doravante WST, se destaca e foi utilizado nesta pesquisa.

Primeiramente, a análise ocorreu por meio do programa WST. Sua utilização permite a ampliação de resultados, bem como alcança maior confiabilidade destes nesta investigação. O WST⁴³ é um conjunto de ferramentas, utilitários, instrumentos e funções destinados à análise linguística. O programa foi criado em 1996 por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, Reino Unido. Ao utilizar o programa, é possível observar como as palavras se comportam em textos, permitindo que sejam realizadas análises com base nas frequências e (co)ocorrências de palavras no *corpus*.

O programa possui três ferramentas principais: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*. A ferramenta *WordList* produz uma lista de todas as palavras de um texto ou conjunto de textos. Esta lista pode ser elencada em ordem alfabética ou pela ordem de frequência. O *Concord* permite que qualquer palavra ou frase seja vista em seu contexto; deste modo, são criadas listas de um termo específico juntamente com a parte do texto onde o termo apareceu. *KeyWords*, ou palavras chave, é a ferramenta que apresenta lista com frequências estatisticamente diferentes em comparação à frequência das mesmas palavras em um outro *corpus* (SARDINHA, 2009). Nesta pesquisa, utilizei apenas as ferramentas principais do programa buscando identificar padrões recorrentes na autobiografia redigida pelos aprendizes.

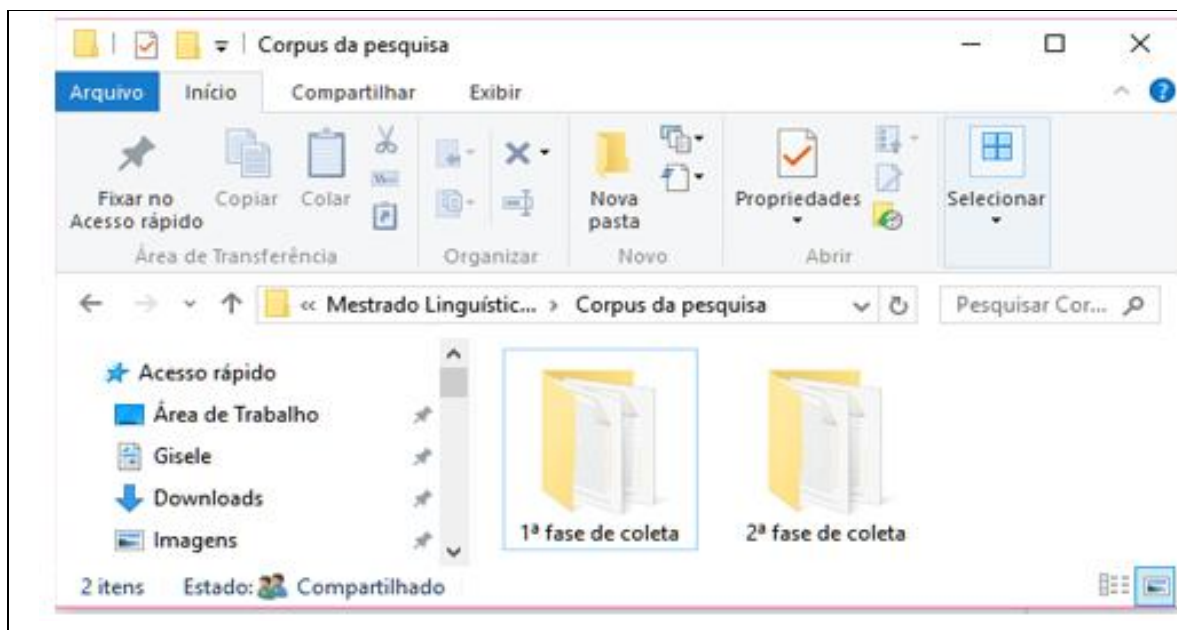
Após a coleta das autobiografias, iniciei a organização da compilação do *corpus*. Os dados coletados on-line foram salvos em arquivos individuais no formato .txt (*textfile*) e os coletados em cópia impressa foram digitados e salvos no mesmo formato. Em seguida, salvei as autobiografias a serem analisadas em duas pastas distintas correspondentes às duas fases de coleta de dados⁴⁴, conforme demonstrado pela figura 15:

⁴²Para maiores informações, acesse: < <http://www.lexically.net/wordsmith/>>.

⁴³ Informações retiradas da página oficial do *WordSmith Tools*, disponível em: <<http://www.lexically.net/wordsmith/>>.

⁴⁴ Ressalto que fiz essa divisão para me organizar quanto à data de coleta dos dados e, conseqüentemente, quanto ao momento em que o programa estava, não havendo diferenças de método, abordagem ou conteúdo nas duas etapas de coleta.

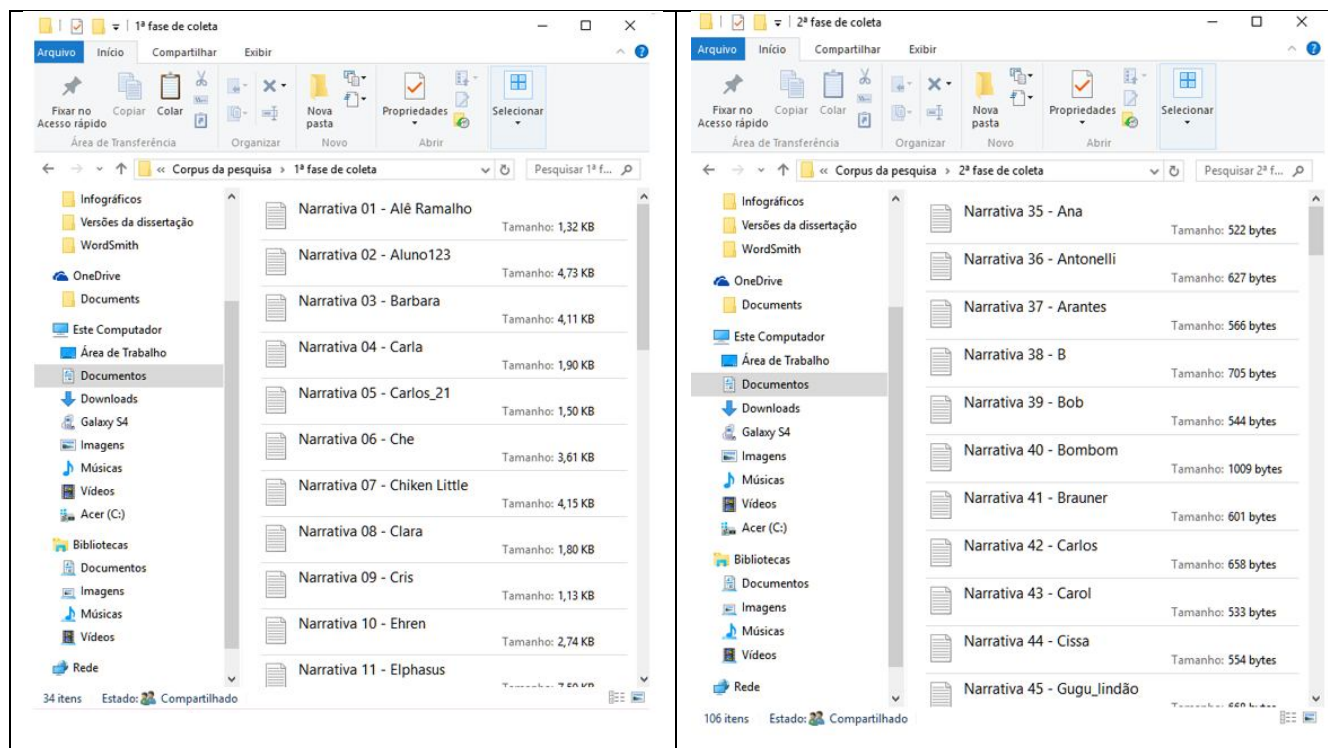
FIGURA 15 – Organização do corpus de análise



Fonte: Autora

Nestas pastas estão os arquivos em .txt, nomeados de acordo com o pseudônimo escolhido por cada participante no questionário, conforme demonstrado na Figura 16:

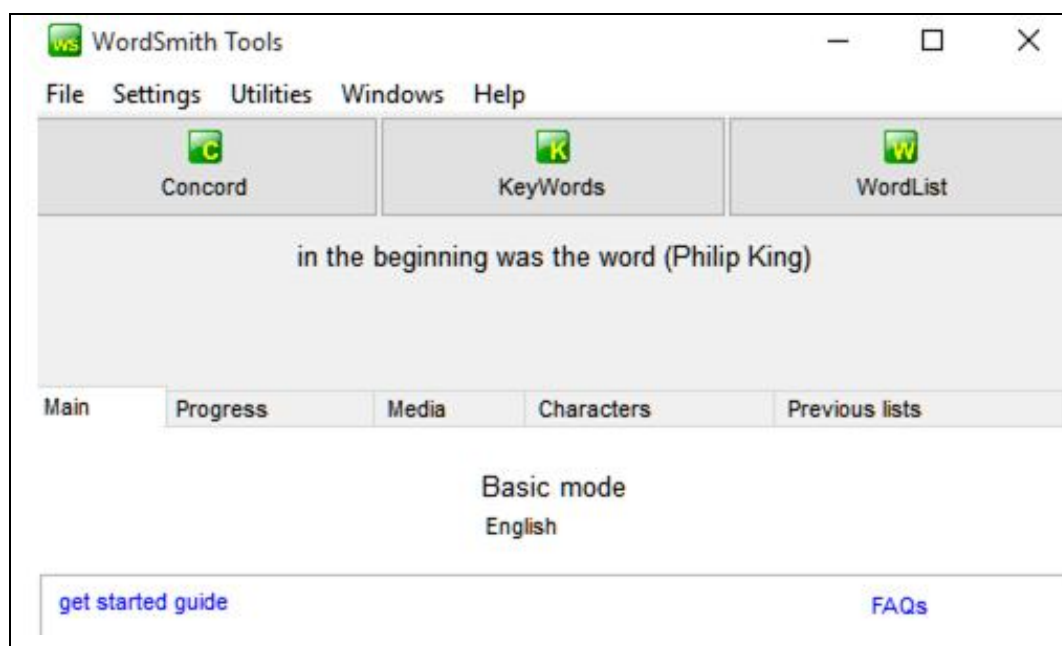
FIGURA 16 – Corpus arquivado em formato .txt



Fonte: Autora

Após organizar o *corpus*, optei por utilizar as ferramentas principais do WST para sistematizar os dados de modo consistente e eficiente, com a possibilidade de análise de maior quantidade de dados. Realizar a sistematização dos dados manualmente seria uma tarefa cansativa, suscetível a falhas e que permitiria o uso de pequena quantidade de dados. Deste modo, utilizo o *WordList*, a *KeyWords* e o *Concord* para iniciar as análises dos dados.

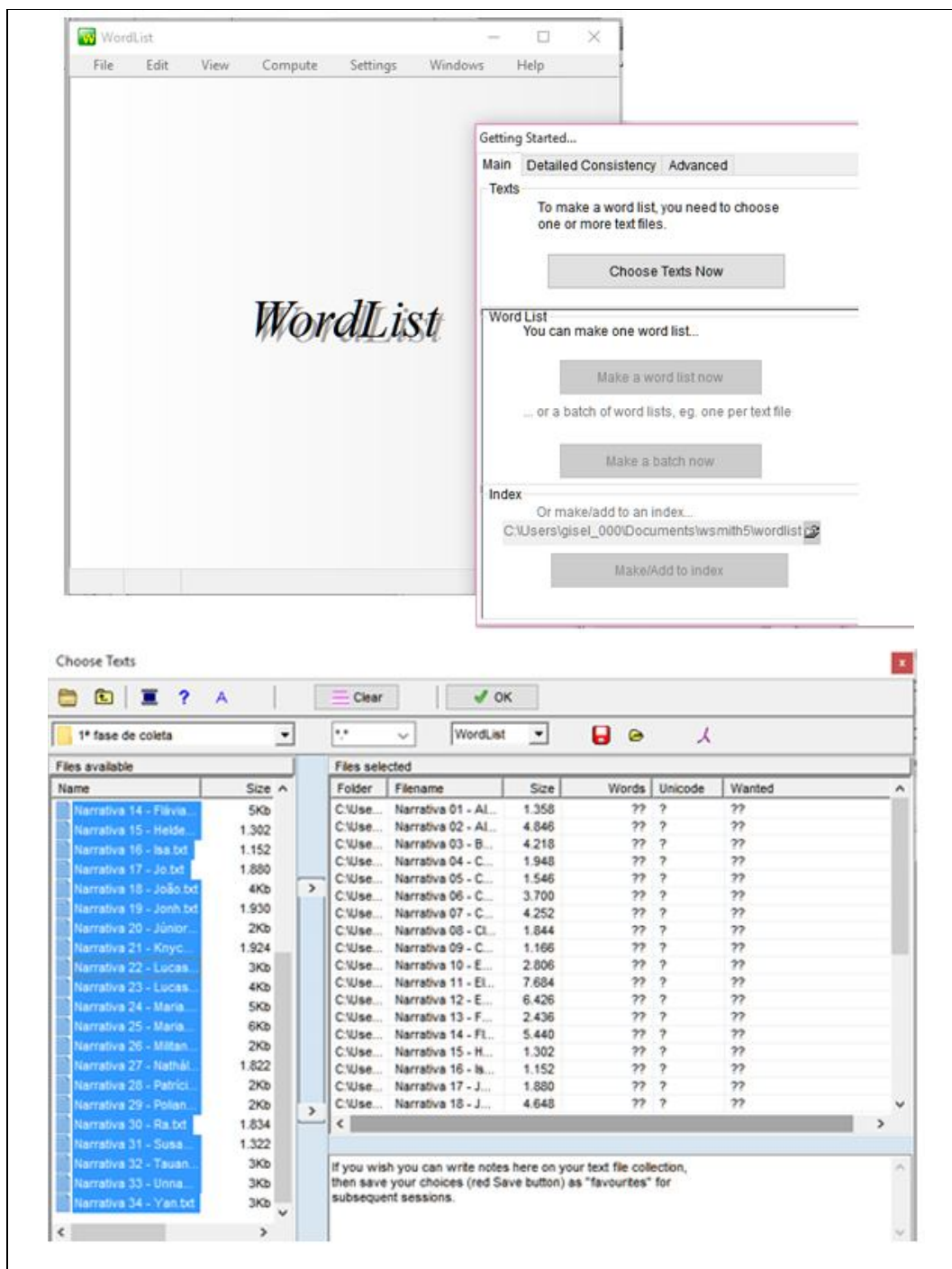
FIGURA 17 – Página Inicial do WST



Fonte: Autora

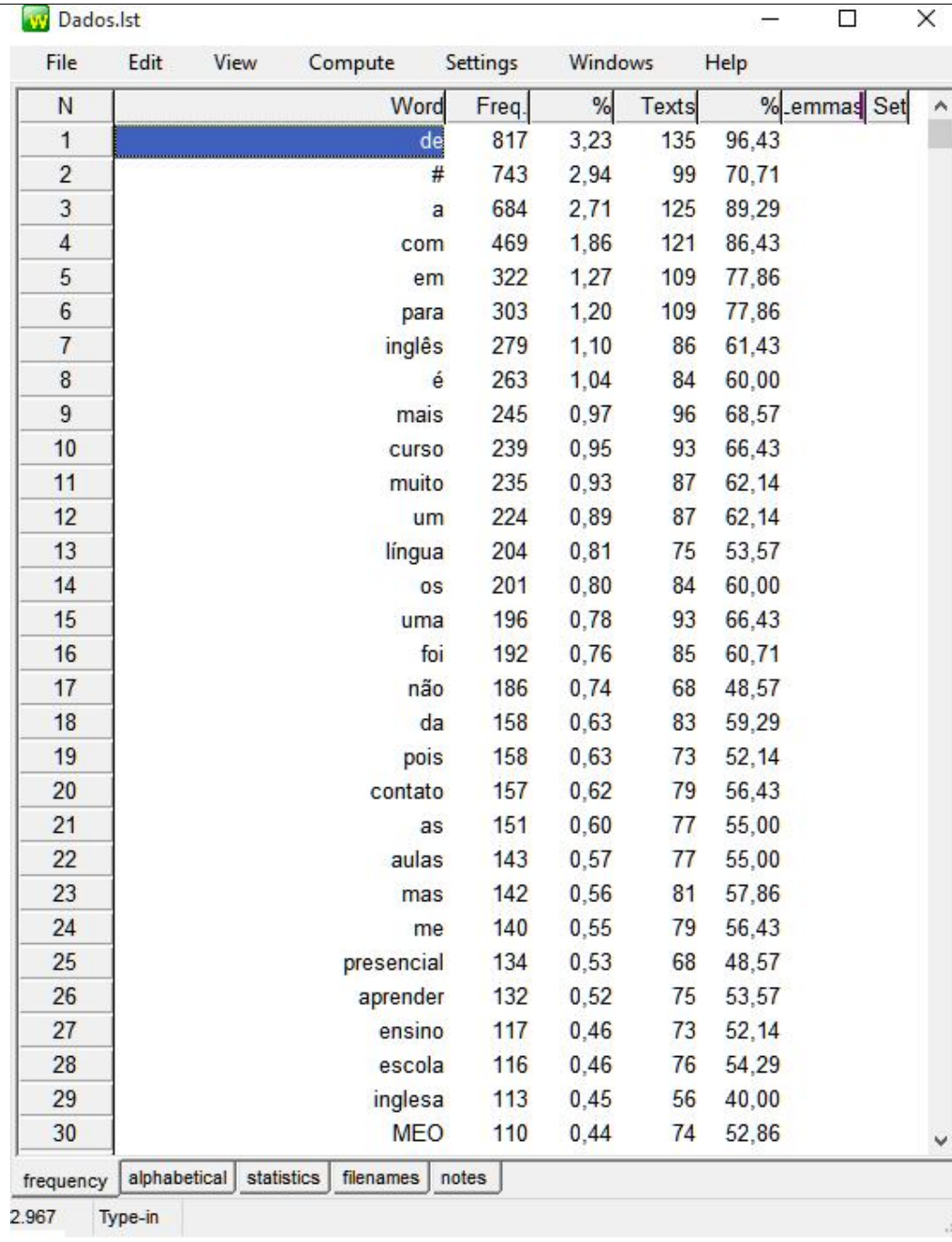
Nesta etapa da análise de dados, utilizei a ferramenta *WordList* visando produzir uma lista de frequência de palavras. Para produzir a *WordList*, cliquei em 'Tools/WordList', no *controller* (figura 18). Na tela que surge, chega-se à ferramenta que permite selecionar os arquivos em .txt:

FIGURA 18 – Como produzir uma WordList



Fonte: Autora

Após seguir este passo a passo, foi possível produzir uma lista de todas as palavras das autobiografias elencadas por ordem decrescente de frequência, como mostra a Figura 19:

FIGURA 19 – Recorte da lista de palavras por ordem de frequência⁴⁵


N	Word	Freq.	%	Texts	%_lemmas	Set
1	de	817	3,23	135	96,43	
2	#	743	2,94	99	70,71	
3	a	684	2,71	125	89,29	
4	com	469	1,86	121	86,43	
5	em	322	1,27	109	77,86	
6	para	303	1,20	109	77,86	
7	inglês	279	1,10	86	61,43	
8	é	263	1,04	84	60,00	
9	mais	245	0,97	96	68,57	
10	curso	239	0,95	93	66,43	
11	muito	235	0,93	87	62,14	
12	um	224	0,89	87	62,14	
13	língua	204	0,81	75	53,57	
14	os	201	0,80	84	60,00	
15	uma	196	0,78	93	66,43	
16	foi	192	0,76	85	60,71	
17	não	186	0,74	68	48,57	
18	da	158	0,63	83	59,29	
19	pois	158	0,63	73	52,14	
20	contato	157	0,62	79	56,43	
21	as	151	0,60	77	55,00	
22	aulas	143	0,57	77	55,00	
23	mas	142	0,56	81	57,86	
24	me	140	0,55	79	56,43	
25	presencial	134	0,53	68	48,57	
26	aprender	132	0,52	75	53,57	
27	ensino	117	0,46	73	52,14	
28	escola	116	0,46	76	54,29	
29	inglesa	113	0,45	56	40,00	
30	MEO	110	0,44	74	52,86	

frequency alphabetical statistics filenames notes

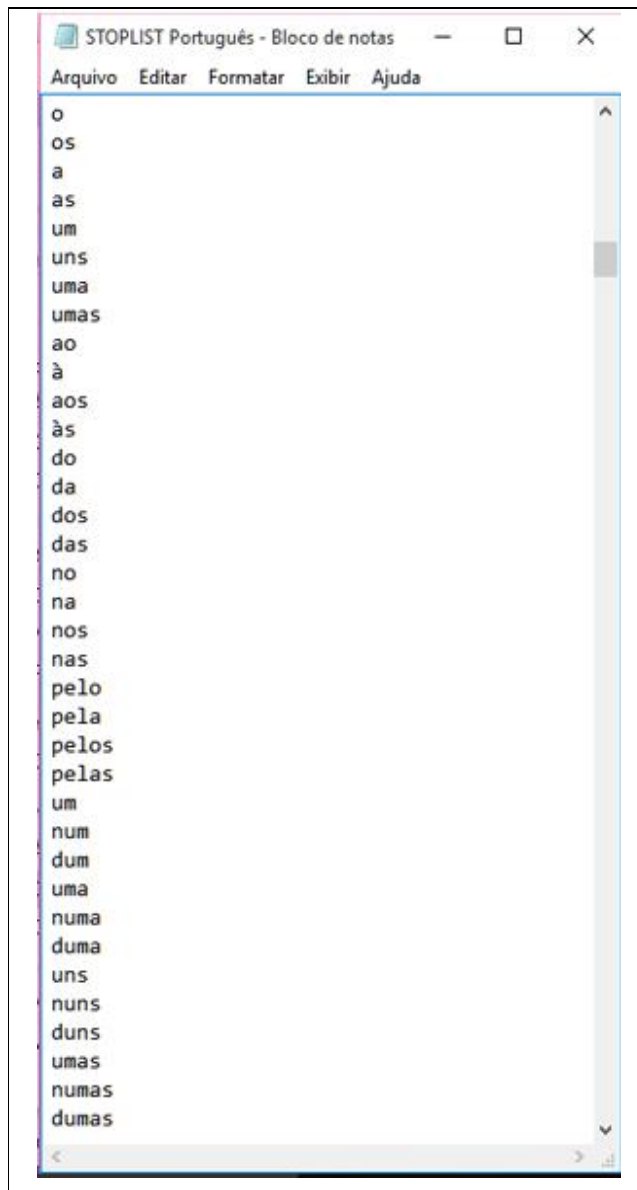
2.967 Type-in

Fonte: Autora

⁴⁵ Para maiores informações, visualizar o APÊNDICE C, o qual apresenta a lista de palavras por ordem de frequência completa.

No processo de produção da lista, visando filtrar as palavras que não são relevantes para esta pesquisa, utilizo uma *Stop List*. A que utilizei está representada na figura 20:

FIGURA 20 – *Stop List*

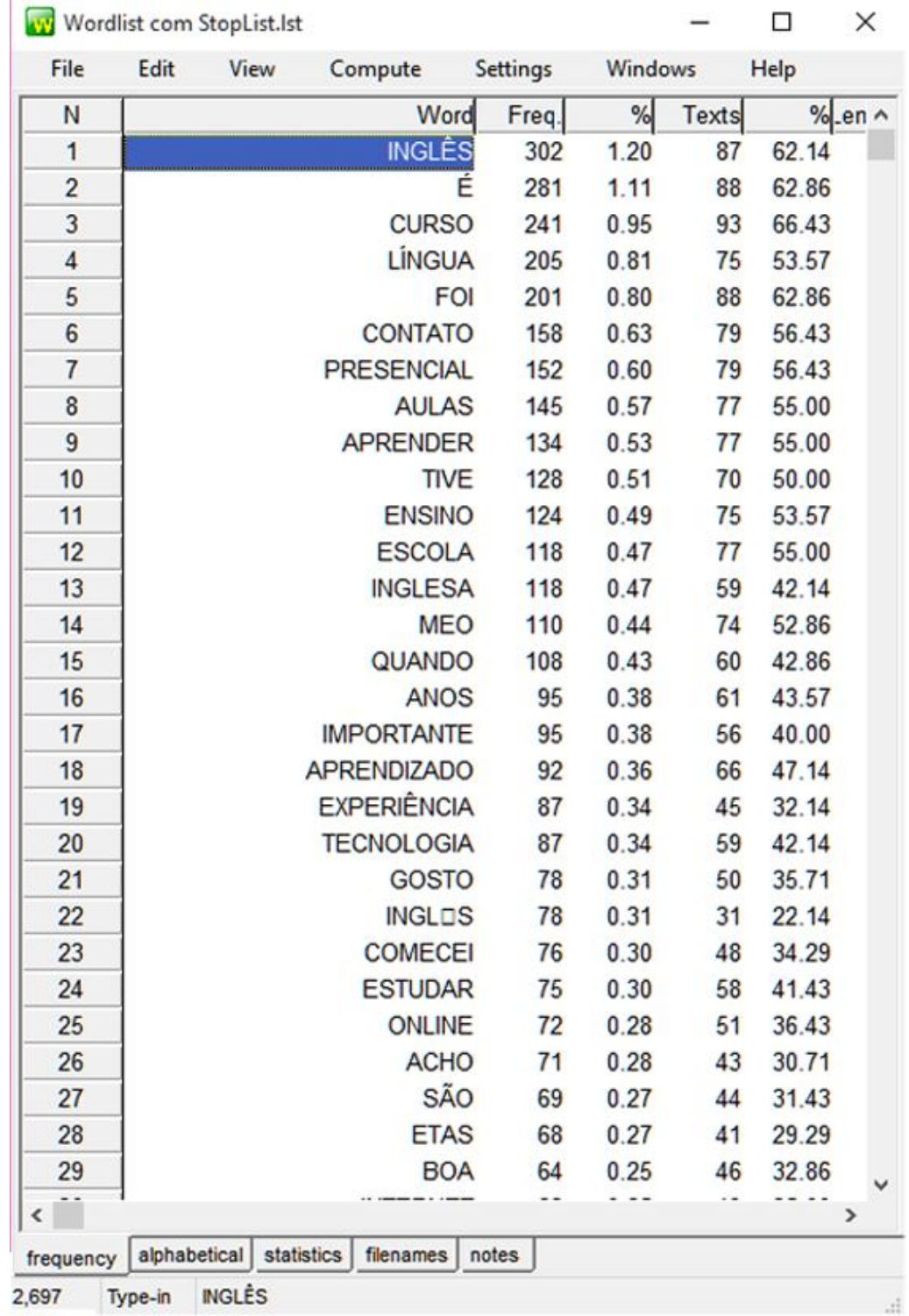


Fonte: (SILVA, 2010)⁴⁶

Para utilizar uma *Stop List* é necessário preparar um arquivo, como o da figura 21, especificando todas as palavras que devem ser ignoradas. Com a *Stop List* optei por ignorar pronomes, artigos, preposições, números, letras isoladas ('a', 'e'), entre outros. Após passar pela *Stop List*, o resultado é a produção desta *WordList*:

⁴⁶ Agradeço à colega Flávia Santos da Silva que prontamente disponibilizou a *Stop List*, com palavras em português, utilizada nesta dissertação.

FIGURA 21 – Lista de palavras por ordem de frequência com *StopList*⁴⁷



N	Word	Freq.	%	Texts	%_en
1	INGLÊS	302	1.20	87	62.14
2	É	281	1.11	88	62.86
3	CURSO	241	0.95	93	66.43
4	LÍNGUA	205	0.81	75	53.57
5	FOI	201	0.80	88	62.86
6	CONTATO	158	0.63	79	56.43
7	PRESENCIAL	152	0.60	79	56.43
8	AULAS	145	0.57	77	55.00
9	APRENDER	134	0.53	77	55.00
10	TIVE	128	0.51	70	50.00
11	ENSINO	124	0.49	75	53.57
12	ESCOLA	118	0.47	77	55.00
13	INGLESA	118	0.47	59	42.14
14	MEO	110	0.44	74	52.86
15	QUANDO	108	0.43	60	42.86
16	ANOS	95	0.38	61	43.57
17	IMPORTANTE	95	0.38	56	40.00
18	APRENDIZADO	92	0.36	66	47.14
19	EXPERIÊNCIA	87	0.34	45	32.14
20	TECNOLOGIA	87	0.34	59	42.14
21	GOSTO	78	0.31	50	35.71
22	INGLÊS	78	0.31	31	22.14
23	COMECEI	76	0.30	48	34.29
24	ESTUDAR	75	0.30	58	41.43
25	ONLINE	72	0.28	51	36.43
26	ACHO	71	0.28	43	30.71
27	SÃO	69	0.27	44	31.43
28	ETAS	68	0.27	41	29.29
29	BOA	64	0.25	46	32.86

frequency alphabetical statistics filenames notes

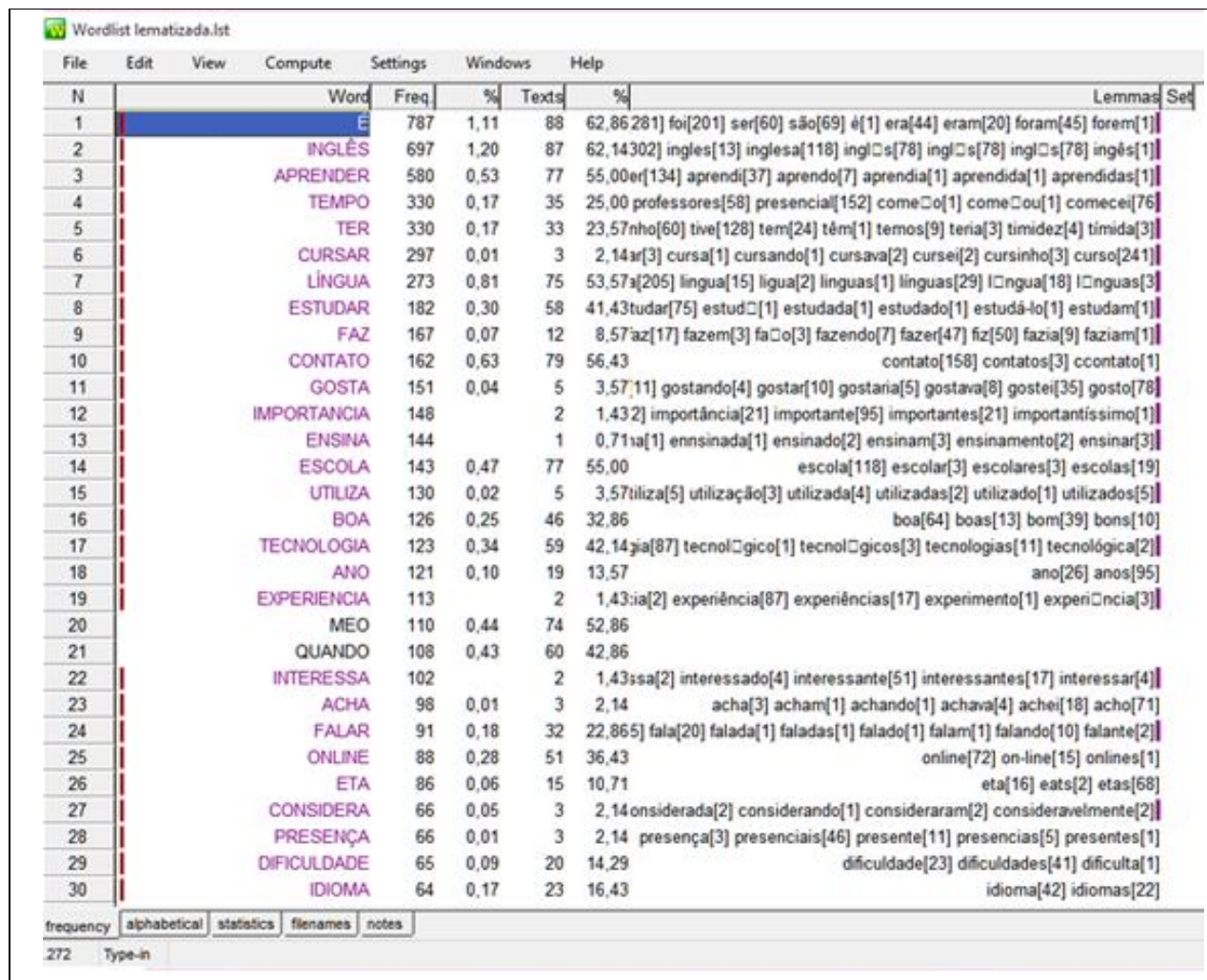
2,697 Type-in INGLÊS

Fonte: Autora

⁴⁷ Para maiores informações, visualizar o APÊNDICE C.

A etapa seguinte da sistematização dos dados é a lematização. Lematizar a *Wordlist* significa agrupar duas ou mais formas diferentes em um mesmo item. Por exemplo, as formas ‘aprendi’ e ‘aprendo’ podem ser agrupadas sob o lema ‘aprender’. A lista, após este trabalho está exposta na Figura 22:

FIGURA 22 – Lista de palavras por ordem de frequência lematizada



The image shows a screenshot of a software window titled "Wordlist lematizada.lst". It displays a table with columns: N, Word, Freq, %, Texts, %, Lemmas, and Set. The table lists 30 words in Portuguese, sorted by frequency. The words are: E, INGLÊS, APRENDER, TEMPO, TER, CURSAR, LÍNGUA, ESTUDAR, FAZ, CONTATO, GOSTA, IMPORTANCIA, ENSINA, ESCOLA, UTILIZA, BOA, TECNOLOGIA, ANO, EXPERIENCIA, MEO, QUANDO, INTERESSA, ACHA, FALAR, ONLINE, ETA, CONSIDERA, PRESENÇA, DIFICULDADE, and IDIOMA. Each word is followed by its frequency and percentage. The bottom of the window shows a status bar with "frequency" selected and ".272 Type-in".

N	Word	Freq	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	E	787	1,11	88	62,86	281	foi[20] ser[60] são[69] é[1] era[44] eram[20] foram[45] forem[1]
2	INGLÊS	697	1,20	87	62,14	302	ingles[13] inglesa[118] ingl[1]s[78] ingl[1]s[78] inglês[1]
3	APRENDER	580	0,53	77	55,00	er[134]	aprendi[37] aprendo[7] aprendia[1] aprendida[1] aprendidas[1]
4	TEMPO	330	0,17	35	25,00	professores[58]	presencia[152] come[1] come[1] ou[1] comecei[76]
5	TER	330	0,17	33	23,57	nho[60]	tive[128] tem[24] têm[1] temos[9] teria[3] timidez[4] tímida[3]
6	CURSAR	297	0,01	3	2,14	ar[3]	cursa[1] cursando[1] cursava[2] cursei[2] cursinho[3] curso[24]
7	LÍNGUA	273	0,81	75	53,57	a[205]	lingua[15] lingua[2] linguas[1] linguas[29] l[1]ngua[18] l[1]nguas[3]
8	ESTUDAR	182	0,30	58	41,43	tudar[75]	estud[1] estudada[1] estudado[1] estudá-lo[1] estudam[1]
9	FAZ	167	0,07	12	8,57	az[17]	fazem[3] fa[1]o[3] fazendo[7] fazer[47] fiz[50] fazia[9] faziam[1]
10	CONTATO	162	0,63	79	56,43		contato[158] contatos[3] ccontato[1]
11	GOSTA	151	0,04	5	3,57	11	gostando[4] gostar[10] gostaria[5] gostava[8] gostei[35] gosto[78]
12	IMPORTANCIA	148		2	1,43	2	importância[21] importante[95] importantes[21] importantíssimo[1]
13	ENSINA	144		1	0,71	a[1]	ensinada[1] ensinado[2] ensinam[3] ensinamento[2] ensinar[3]
14	ESCOLA	143	0,47	77	55,00		escola[118] escolar[3] escolares[3] escolas[19]
15	UTILIZA	130	0,02	5	3,57	tiliza[5]	utilização[3] utilizada[4] utilizadas[2] utilizado[1] utilizados[5]
16	BOA	126	0,25	46	32,86		boa[64] boas[13] bom[39] bons[10]
17	TECNOLOGIA	123	0,34	59	42,14	gia[87]	tecnol[1]gico[1] tecnol[1]gicos[3] tecnologias[11] tecnológica[2]
18	ANO	121	0,10	19	13,57		ano[26] anos[95]
19	EXPERIENCIA	113		2	1,43	ia[2]	experiência[87] experiências[17] experimento[1] experi[1]ncia[3]
20	MEO	110	0,44	74	52,86		
21	QUANDO	108	0,43	60	42,86		
22	INTERESSA	102		2	1,43	ssa[2]	interessado[4] interessante[51] interessantes[17] interessar[4]
23	ACHA	98	0,01	3	2,14		acha[3] acham[1] achando[1] achava[4] achei[18] acho[71]
24	FALAR	91	0,18	32	22,86	5	fala[20] falada[1] faladas[1] falado[1] falam[1] falando[10] falante[2]
25	ONLINE	88	0,28	51	36,43		online[72] on-line[15] onlines[1]
26	ETA	86	0,06	15	10,71		eta[16] eats[2] etas[58]
27	CONSIDERA	66	0,05	3	2,14	onsiderada[2]	considerando[1] consideraram[2] consideravelmente[2]
28	PRESENÇA	66	0,01	3	2,14	presença[3]	presenciais[46] presente[11] presencias[5] presentes[1]
29	DIFICULDADE	65	0,09	20	14,29		dificuldade[23] dificuldades[41] dificulta[1]
30	IDIOMA	64	0,17	23	16,43		idioma[42] idiomas[22]

Fonte: Autora

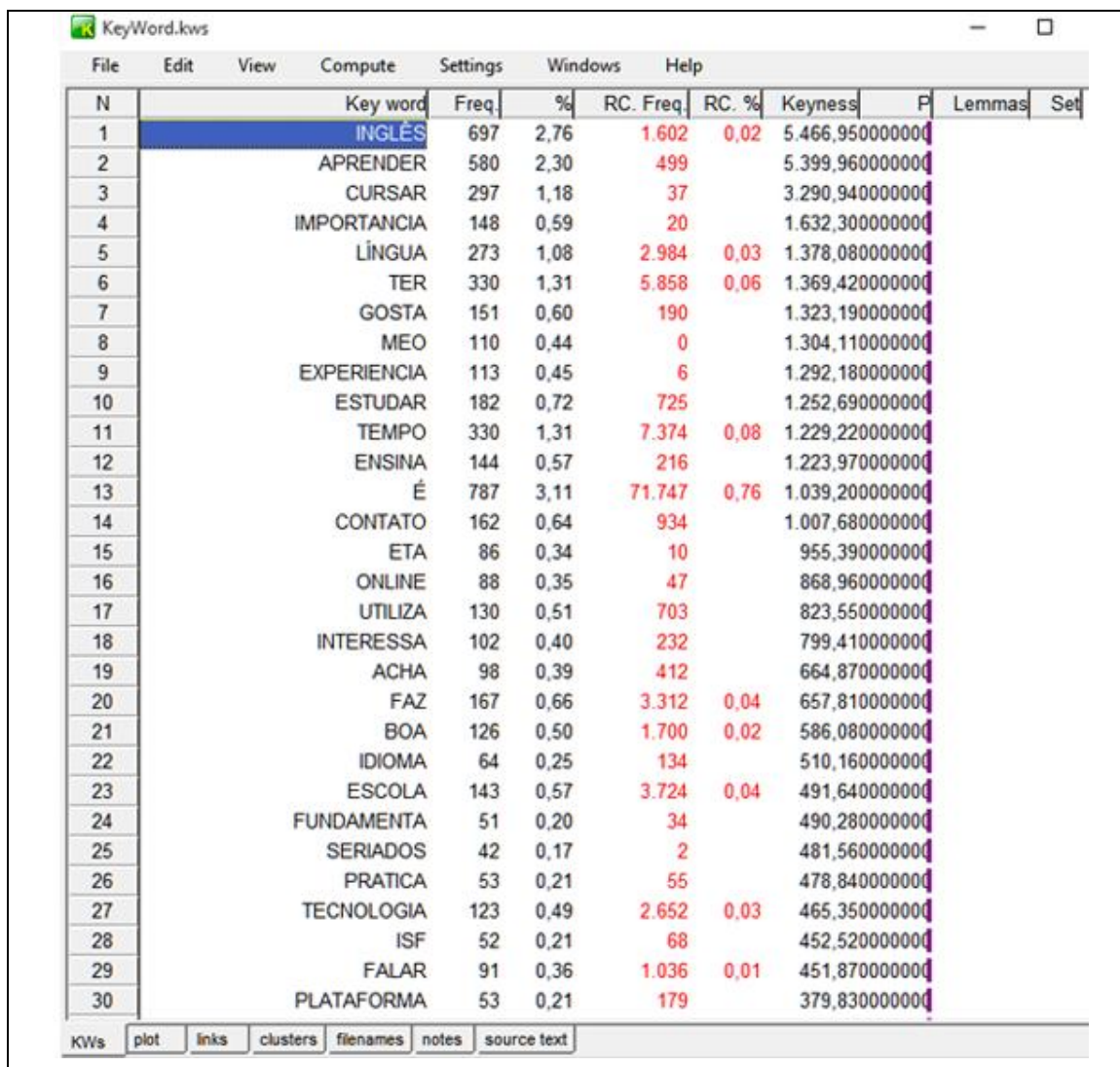
A figura 22 mostra uma tela com as palavras elencadas pela *WordList* após lematizar. Sardinha (2009, p. 143) explica detalhadamente o que aparece na tela do WST após a criação da lista:

As palavras aparecem na coluna ‘Word’, seguidas da sua frequência, na coluna ‘Freq.’ e da porcentagem que essa frequência representa frente ao total de palavras existentes no (s) arquivo (s) selecionado (s) (isto é,

no *corpus*), na coluna %; a coluna ‘Lemas’, reservada para os lemas (formas canônicas de palavras, como por exemplo, ‘casa’, que encampa ‘casa’, ‘casinha’, ‘casas’, ‘casinhas’, ‘casarão’ etc.) permanece vazia porque não foi acionada essa função (SARDINHA, 2009, p. 143)

A partir da *WordList* lematizada, solicitei a criação de uma lista de palavras-chave, através da ferramenta *KeyWord*. A ferramenta produz listas de palavras chave, ou seja, listas de palavras com frequências diferentes das encontradas em um *corpus* de referência. Com esta ferramenta básica, é possível verificar o contraste entre duas listas e perceber, por meio de uma lista de palavras chave, quais são as palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no corpus de estudo e no corpus de referência.

FIGURA 23 – KeyWords do Corpus



N	Key word	Freq	%	RC. Freq	RC. %	Keyness	P	Lemmas	Set
1	INGLÊS	697	2,76	1.602	0,02	5.466,950000000			
2	APRENDER	580	2,30	499		5.399,960000000			
3	CURSAR	297	1,18	37		3.290,940000000			
4	IMPORTANCIA	148	0,59	20		1.632,300000000			
5	LÍNGUA	273	1,08	2.984	0,03	1.378,080000000			
6	TER	330	1,31	5.858	0,06	1.369,420000000			
7	GOSTA	151	0,60	190		1.323,190000000			
8	MEO	110	0,44	0		1.304,110000000			
9	EXPERIENCIA	113	0,45	6		1.292,180000000			
10	ESTUDAR	182	0,72	725		1.252,690000000			
11	TEMPO	330	1,31	7.374	0,08	1.229,220000000			
12	ENSINA	144	0,57	216		1.223,970000000			
13	É	787	3,11	71.747	0,76	1.039,200000000			
14	CONTATO	162	0,64	934		1.007,680000000			
15	ETA	86	0,34	10		955,390000000			
16	ONLINE	88	0,35	47		868,960000000			
17	UTILIZA	130	0,51	703		823,550000000			
18	INTERESSA	102	0,40	232		799,410000000			
19	ACHA	98	0,39	412		664,870000000			
20	FAZ	167	0,66	3.312	0,04	657,810000000			
21	BOA	126	0,50	1.700	0,02	586,080000000			
22	IDIOMA	64	0,25	134		510,160000000			
23	ESCOLA	143	0,57	3.724	0,04	491,640000000			
24	FUNDAMENTA	51	0,20	34		490,280000000			
25	SERIADOS	42	0,17	2		481,560000000			
26	PRATICA	53	0,21	55		478,840000000			
27	TECNOLOGIA	123	0,49	2.652	0,03	465,350000000			
28	ISF	52	0,21	68		452,520000000			
29	FALAR	91	0,36	1.036	0,01	451,870000000			
30	PLATAFORMA	53	0,21	179		379,830000000			

KWs plot links clusters filenames notes source text

Fonte: Autora

Como já ressaltado, uma das ferramentas do WST é a *KeyWords*, a qual se destina à comparação de listas de palavras. Essa possibilita a comparação de listas de palavras de um *corpus* de estudo com uma lista de palavras de um *corpus* de referência. O contraste entre as listas resulta em outra lista de palavras chave, ou palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência. Para que as *KeyWords* desta pesquisa fossem produzidas, utilizei como *corpus* de referência a *WordList* o projeto Lácio-Web⁴⁸, um projeto que disponibiliza *corpus* em português brasileiro contemporâneo, catalogados e codificados, para linguistas e cientistas da computação. O contraste entre a *WordList* do projeto Lácio-Web e a *WordList* produzida a partir das autobiografias resultou na formação da *KeyWords* desta pesquisa, figura 23.

Após a produção da *KeyWords*, foi possível identificar as palavras cujas frequências são significativas e contrastar com as palavras-chave (palavras de maior frequência no *corpus*), verificando as especificidades dos textos. Deste modo, busquei pistas sobre os temas que circulavam nas autobiografias. A partir das palavras chave pude realizar buscas na lista como um todo ou buscar palavras específicas para facilitar a localização destas nas autobiografias. Com esta ferramenta é possível, por exemplo, buscar a palavra ‘tecnologia’, gerar seu *concordance* e verificar onde e em quais contextos ela aparece nas autobiografias.

⁴⁸ Lácio-Web é um projeto iniciado em janeiro de 2002 pelo NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional). O objetivo do projeto é divulgar e disponibilizar livremente na *web* o *corpus* de português brasileiro, representando bancos de textos compilados, catalogados e codificados em um padrão que possibilite fácil intercâmbio, navegação e análise; além de disponibilizar ferramentas linguístico-computacionais, tais como contadores de frequência, concordanciadores e etiquetadores morfossintáticos. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/linguacorporus/lacioweb>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

FIGURA 24 – Concordance: busca de palavra específica na KeyWords do corpus

Concord											
File Edit View Compute Settings Windows Help											
N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Par	Par	read	read	Sec
1	, pois demanda de um longo tempo. 6 - Tecnologia pode ajudar nos estudos	GLA		119	525%	030%			030%	iva 97 - Matheus	61%
2	é o meu primeiro. Acho que o uso de tecnologia hoje em dia é de suma	GLA		65	321%	029%			029%	arrativa 96 - Luk	26%
3	não usar tecnologia... 7 Eu sou muito "tecnológica" 8 Eu uso Internet para	ICA		86	419%	077%			077%	arrativa 94 - Ana	54%
4	é interessante, mas apesar de ser "tecnológica" não consegui realizar o	ICA		111	430%	030%			030%	arrativa 94 - Ana	69%
5	inglês. 6 Não tem como não usar tecnologia... 7 Eu sou muito	GLA		81	330%	051%			051%	arrativa 94 - Ana	51%
6	, nem acabei nenhum. Com a ajuda da tecnologia tenho desenvolvido mais	GLA		54	335%	051%			051%	arrativa 93 - Alund	38%
7	um curso de inglês. Acho que a tecnologia usada de forma criativa é	GLA		140	633%	050%			050%	ativa 91 - Letícia	49%
8	vida, mas entendo muitas coisas sobre tecnologia e computação,	GLA		181	774%	054%			054%	ativa 91 - Letícia	62%
9	tornar o estudo mais produtivo. Adoro tecnologias, me acho boa e aprendo	IAS		167	1123%	049%			049%	arrativa 90 - Bia	50%
10	e produtivas, aprendi muito. Acho a tecnologia importante no ensino de	GLA		151	1022%	044%			044%	arrativa 90 - Bia	45%
11	em aprender quando há recursos tecnológicos. Sim, utilizo a internet	IOS		148	630%	030%			030%	arrativa 88 - Flo	68%
12	língua e acabava desistindo. Utilizar a tecnologia é essencial para o o ensino	GLA		131	533%	051%			051%	arrativa 88 - Flo	60%
13	bom quando trabalha com recursos tecnológicos? 8. Você utiliza Internet	IOS		90	1230%	037%			037%	rativa 87 - Joana	36%
14	6. O que você acha de utilizar tecnologia no ensino de línguas? Você	GLA		67	959%	027%			027%	rativa 87 - Joana	26%
15	importante? 7. Qual a sua relação com tecnologia? Você se considera bom	GLA		81	1130%	033%			033%	rativa 87 - Joana	32%
16	personas. Sim, entendo bem as tecnologias. 8- Sim. 9- Sim, comeci a	IAS		92	730%	040%			040%	ativa 84 - Kamilla	42%
17	, e sim sozinho. Creio que o uso da tecnologia no ensino de língua é	GLA		69	327%	041%			041%	ativa 80 - Erisson	41%
18	o que aprende nas aulas particulares. Tecnologia como jogos, Filmes, Musica	GLA		83	6 9%	076%			076%	Narrativa 79 - M	76%
19	do MEO e agora o ISF e acredito que a tecnologia é importante para melhorar a	GLA		118	358%	041%			041%	arrativa 78 - Mar	39%
20	. Acredito que minha relação com a tecnologia é fundamental para a vida	GLA		157	521%	055%			055%	arrativa 78 - Mar	53%
21	, mas acho que em excesso a tecnologia atrapalha as relações	GLA		172	551%	050%			050%	arrativa 78 - Mar	57%
22	com inglês foi justamente no mundo tecnológico através de jogos. A	ICQ		10	077%	023%			023%	arrativa 76 - ACC	23%
23	atrasasse o aprendizado. Os recursos tecnológicos ajudaram no ensinamento	IOS		34	317%	049%			049%	ativa 75 - Vinny	49%
24	/estudando com o auxílio de recursos tecnológicos e considero que tenho	IOS		169	639%	056%			056%	rativa 74 - MGSF	55%
25	aprender a se utilizar novos recursos tecnológicos para a diversão e	IOS		92	176%	037%			037%	Narrativa 73 - La	34%
26	peessoa 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é	GLA		77	145%	031%			031%	Narrativa 73 - La	29%
27	na minha forma de. Os recursos tecnológicos ajudam no aprendizado	IOS		88	312%	075%			075%	Narrativa 68 - RF	145%
28	recursos disponíveis em detrimento da tecnologia, muitos meios inclusive	GLA		124	650%	047%			047%	63 - Paçoquinha	93%
29	nessa área. O uso de recursos tecnológicos, assim, um grande	IOS		122	546%	034%			034%	tiva 57 - Maguia	184%
30	diversificado. A concilia entre tecnologia e aprendizado por ser	GLA		61	331%	052%			052%	tiva 55 - luizher	106%

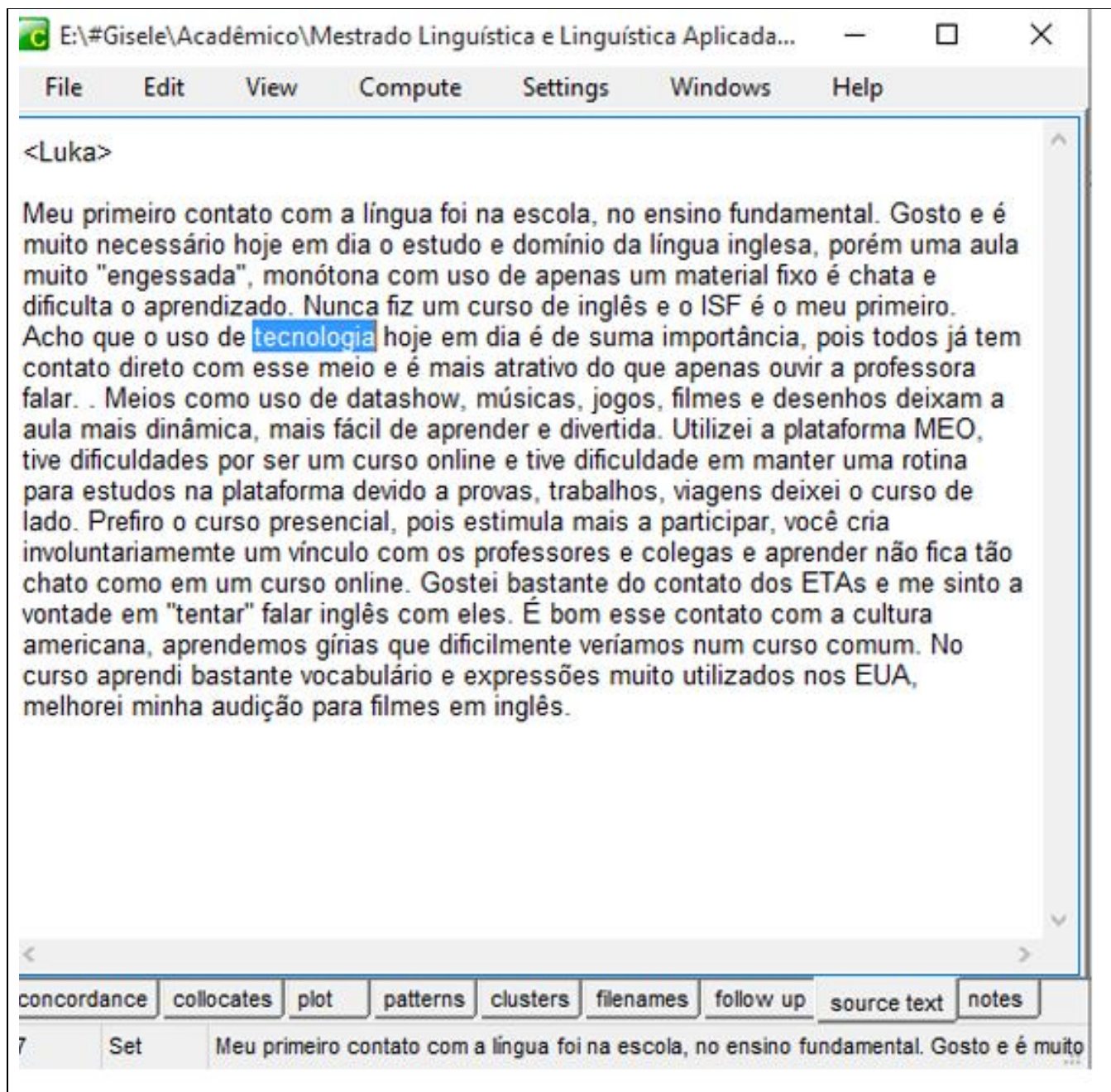
Fonte: Autora

A ferramenta utilizada para produzir a lista da Figura 24 é o *Concordance*, a qual permite, a partir da *KeyWords*, que um termo seja escolhido e que sua linha de concordância (frase em que o termo aparece) e autobiografia de origem sejam localizados. SARDINHA (2009, p. 83) descreve como produzir as concordâncias:

o Concord é acionado de duas maneiras: (1) clicando em 'Tools/Concord' no Controller, (2) clicando numa palavra de uma lista de palavras (produzida pelo WordList), ou numa palavra de uma lista de palavras chave (produzida pelo KeyWords) (SARDINHA, 2009, p. 83).

Para acessar o texto como um todo, utilizei o *Source Texts*, o qual possibilitou meu acesso à autobiografia integral de onde o termo se originou, como exposto na Figura 25.

FIGURA 25 – Source Text do termo ‘tecnologia’



Fonte: Autora

Outra forma de buscar termos são os *Clusters*: listas de palavras em conjuntos, em vez de palavras individuais. Isto significa que é possível formar conjuntos de palavras como “a tecnologia ajuda” e encontrar trechos específicos no *corpus*, como é demonstrado na figura 26:

FIGURA 26 – Clusters com o termo ‘tecnologia’

Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	, pois demanda de um longo tempo. 6 - Tecnologia pode ajudar nos estudos
2	para aprender e nos faz interagir com a tecnologia. 7 Utilizo todos os dias. Não
3	Você considera importante? Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e
4	Você considera importante? Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e
5	aproveitar ao máximo das aulas. A tecnologia além de fácil acesso para
6	, mas acho que em excesso a tecnologia atrapalha as relações
7	assistência à língua. Acredito que a tecnologia atualizada para é de ótimo
8	e que me agregou bastante. Quanto a tecnologia, depende do modo como é
9	aulas presenciais são essenciais e a tecnologia deve ser usada como
10	pessoa 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é
11	à distância. Minha relação com a tecnologia é boa, mas preciso melhorar
12	médico, nas áreas em que trabalho. A tecnologia é uma ferramenta muito
13	língua e acabava desistindo. Utilizar a tecnologia é essencial para o o ensino
14	a frequentar uma escola de idiomas. A tecnologia é bem vinda a tecnologia é
15	de idiomas. A tecnologia é bem vinda a tecnologia é bem presente em meu
16	fala e palavras soltas, sem contexto. A tecnologia é uma boa saída para
17	necessário. Minha relação com a tecnologia é razoável, não me
18	alunos na aula. A minha relação com a tecnologia é bem básica, sei o
19	, algumas boas outras mais chatas. A tecnologia é importante em todo lugar,
20	do MEO e agora o ISF e acredito que a tecnologia é importante para melhorar a
21	pessoa 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é
22	. Acredito que minha relação com a tecnologia é fundamental para a vida
23	quando escrevem à mão o conteúdo. A tecnologia está em cada coisa do
24	. Devido a esse contato direto com a tecnologia, eu me considero uma
25	virar" bem caso necessário. Acho que a tecnologia facilita muito o processo de
26	meu interesse pela língua. A tecnologia facilita e muito a
27	Eu realmente acho que a tecnologia foi parceira do meu
28	Sempre gostei muito de inglês. Como a tecnologia hoje está em quase todos os
29	e produtivas, aprendi muito. Acho a tecnologia importante no ensino de
30	todo o assunto. Outra situação que a tecnologia mostra sua utilidade e
31	o inglês. 6 Sim, é importante utilizar a tecnologia não só na aprendizagem do
concordance collocates plot patterns clusters filenames follow up source text notes	
87	Set

Fonte: Autora

Tendo demonstrado os usos das ferramentas do WST e alguns dos resultados, ressalto que estas foram apenas auxiliares para a realização da análise que aconteceu em dois níveis: 1) das palavras em seu contexto e 2) do texto em seu contexto.

Para a análise, utilizo ‘nós’⁴⁹ direcionadores do foco da complexidade. Esses nós serão um ponto de intersecção que conecta uma ‘rede’ de elementos. Isto significa que as *KeyWords*, demonstradas parcialmente na Figura 23, constituem uma lista das palavras com maior frequência de recorrência nas autobiografias dos participantes. Ao jogar o foco da complexidade nestas palavras, encontro diversas inter-relações que demonstram, a complexidade daquele nó.

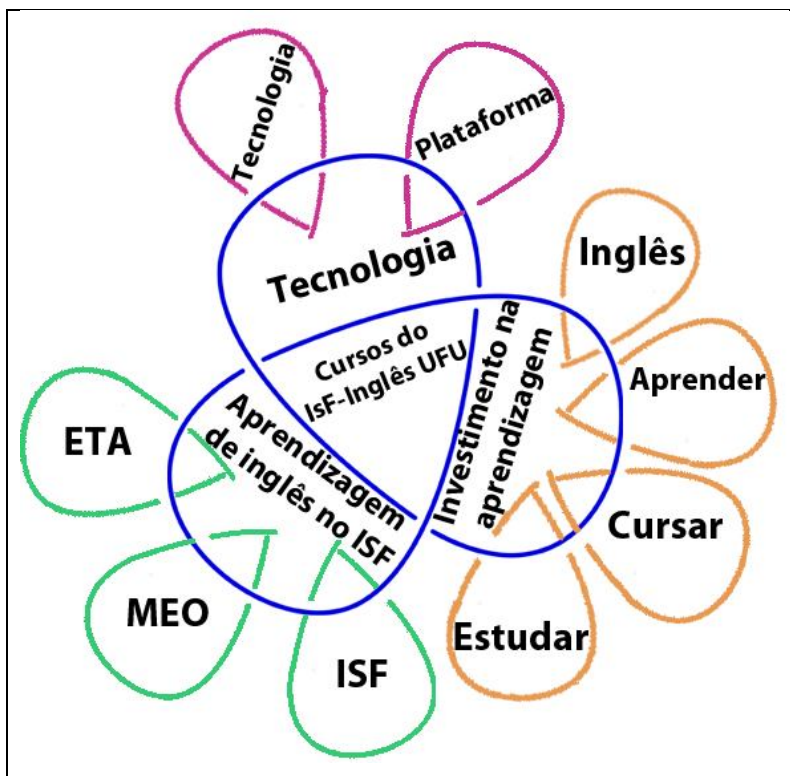
Na Figura 23, é possível observar as trinta (30) primeiras palavras chave do *corpus* desta pesquisa em ordem de chavicidade. Partindo dessas palavras, selecionei os nós direcionadores desta análise. Tal seleção foi feita de acordo com os objetivos da pesquisa. Deste modo, busquei ‘nós’ que remetessem aos temas tecnologias digitais e investimento.

A seleção dos ‘nós’ teve como critério identificar nas autobiografias informações que atendessem aos objetivos específicos dessa pesquisa. Assim, para compreender a perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado pelos participantes ao longo do percurso da aprendizagem de inglês, selecionei ‘nós’ relacionados às palavras-chave “Inglês”, “aprender”, “cursar e “estudar”. Mantendo o foco em identificar padrões recorrentes (ou não) nas opiniões dos alunos sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional analiso os ‘nós’ “Tecnologia” e “plataforma”. Por fim, para mapear quais investimentos emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU, analiso os ‘nós’ “ETA”, “MEO” e “IsF”, siglas especificamente utilizadas no programa.

Considerando que a aprendizagem de uma língua constitui um sistema complexo e que apresenta uma rede de elementos indissociavelmente ligados, ressalto que esses ‘nós’ são apenas pontos de partida que remetem a outros ‘nós’ que emergiram durante as análises, alguns desses representados pela Figura 27:

⁴⁹ O termo “Nós” tem origem no texto de Larsen-Freeman (1991) e faz referência à conectividade, ou seja, associações entre os elementos do sistema. Nesta pesquisa, utilizo a conectividade dos ‘nós’ para associar os termos mais recorrentes aos objetivos desta dissertação.

FIGURA 27 – Nós de análise



Fonte: Autora

Com esta sistematização de dados, no próximo capítulo, busco responder às questões motivadoras desta pesquisa. Nas seções anteriores, caracterizei o presente estudo, apresentei sua natureza, descrevi seu contexto, tracei o perfil dos participantes, bem como caracterizei os instrumentos de coleta de dados, juntamente com a justificativa para emprego dos mesmos. Após percorrer esta trajetória, agora apresento a análise de dados.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresento a análise dos dados que coletei durante a pesquisa com base nos fundamentos teóricos anteriormente explicitados, bem como na metodologia previamente descrita. O capítulo foi dividido em três seções, com a finalidade de atender aos objetivos específicos deste trabalho.

Na primeira seção, busco compreender e explicitar a perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado ao longo do percurso da aprendizagem de inglês. Na segunda seção, identifico padrões recorrentes (ou não) nas opiniões dos alunos sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional. Na terceira e última seção, mapeio os investimentos que emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU. Vale destacar que para as análises dos dados coletados foram utilizadas as autobiografias dos aprendizes e as informações oriundas dos questionários e que estarão presentes ao longo das três seções com vistas a melhor esclarecer a experiência relatada.

3.1 Perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado na aprendizagem de língua adicional

Esta primeira seção tem como escopo compreender a perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado na aprendizagem de língua adicional. Para atender a esse objetivo, solicitei aos alunos do programa IsF-Inglês UFU que elaborassem autobiografias descrevendo seu processo de aprendizagem de língua, descritas mais detalhadamente na metodologia. Após reunir as autobiografias e produzir as *KeyWords*, identifiquei os “nós” que remetiam ao objetivo desta seção: “Inglês”, “aprender”. “cursar” e “estudar”.

O primeiro “nó” que analisei foi o termo “Inglês”. Para a análise desse “nó”, produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 28.

FIGURA 28 – Concordance do “nó” Inglês

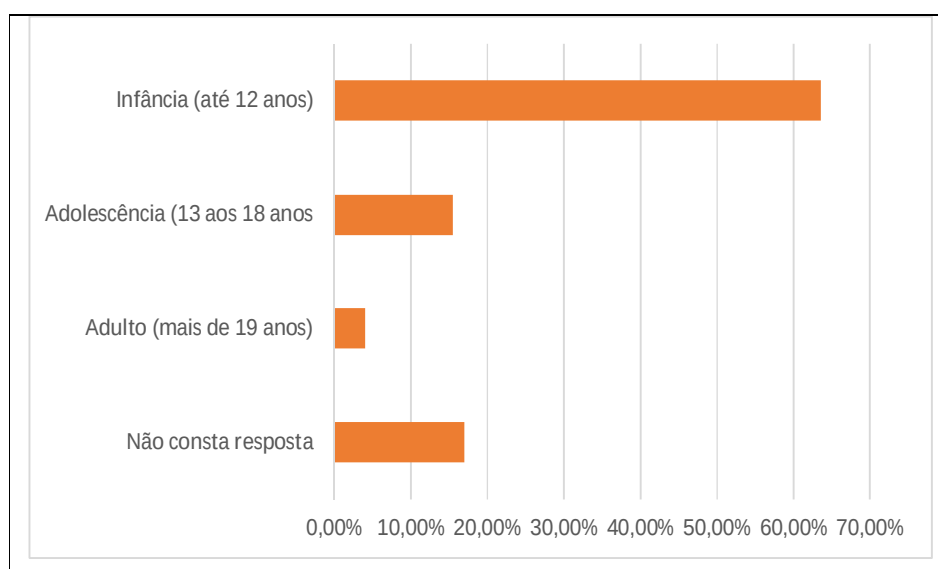
Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	para treinar e evoluir meu nível de inglês.
2	sobre a cultura de países falante do inglês.
3	melhorei minha audição para filmes em inglês.
4	nosso parceiro estava descrevendo em inglês.
5	com eles sobre vários temas em inglês.
6	e pude Alesonar o quanto melhorei meu inglês
7	me deu mais confiança ao tentar falar o inglês.
8	com a língua e hoje em dia adoro inglês porque ele esta presente em
9	também, mas nada se compara ao inglês. Gosto do my english on line
10	7 Boa, sim 8 Não 9 Sim, aprender inglês 10 Ruim, sim 11 12 Presencial
11	8.As vezes 9.Sim, esperava aprender inglês 10.Não, tive dificuldades com a
12	em um ponto satisfatório de aprender inglês. 6 Não tem como não usar
13	. 8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. O que você esperava
14	. 8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. O que você esperava
15	8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. Você teve contato com o My
16	. E sim utilizo para aprender inglês. A principal mudança do curso
17	professora de Inglês e de aprender Inglês. A forma como ela ensinava era
18	que tive forte incentivo para aprender inglês. Adoro estudar inglês, pois é
19	também utilizo a internet para aprender inglês. Afinal, eu esperava uma ótima
20	é uma ótima aliada para aprender Inglês. Com o curso MEO esperava
21	trabalho. Utilizo a internet para aprender inglês com músicas filmes e trabalhos
22	áudios Eu utiliza internet para aprender inglês com avaliação do significado das
23	Utilizo a internet para aprender inglês, como observado em pergunta
24	se trata de um talento.3.Sim, aprender inglês é muito importante,
25	. Só utilizo internet para aprender inglês. Esperava um jeito de aprender
26	e utilizo internet para aprender Inglês. Esperava um curso dinâmico,
27	. Sim, eu utilizo a internet pra aprender inglês. Eu assisto a seriados, faço as
28	.Utilizo sim a internet para aprender inglês. Já tive contato com o my
29	inglês. Esperava um jeito de aprender inglês mais fácil e sem pagar nada.
30	a internet diretamente para aprender inglês, mas ouço musicas e vejo séries
31	da minha parte em realmente aprender inglês, não me dedicava. Após isso ano
concordance collocates plot patterns clusters filenames follow up source text notes	

Os dados demonstram que a *KeyWord* “Inglês” ocupa a primeira posição em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura

23. Ao analisar esse nó, alguns padrões recorrentes emergiram. Dentre esses padrões, depreendo que o primeiro contato da maioria dos participantes com aulas de língua inglesa foi na infância e adolescência; a maioria desses participantes iniciou seus estudos em língua adicional durante o ensino regular em escolas públicas; fatores como professores, maturidade, recursos limitados, material didático e infraestrutura são citados pelos participantes como influenciadores no processo de aprendizagem; e os aprendizes investiram em cursos de idiomas particulares. Essas e as demais recorrências serão explicadas com mais detalhes ao longo da seção.

Ao analisar os “nós” previamente citados, identifiquei que o investimento inicial (primeiro contato) de 63,5% dos participantes com aulas de língua inglesa foi na infância e adolescência, como demonstrado na figura que segue.

FIGURA 29 – Primeiro contato dos participantes com o ensino de Língua



Como pode ser observado nos excertos que seguem, Kaka teve seu primeiro contato com o ensino de língua adicional aos 11 anos, Zaruz e Unnamed tiveram seu primeiro contato no sexto ano do ensino fundamental.

Excerto #1⁵⁰ – Kaka

Meu primeiro contato com o inglês foi na escola regular aos 11 anos (5ª série atual 6º ano) na escola pública (...) (KAKA, Autobiografia 109,

⁵⁰ Retomando o que disse no capítulo 2.3.2, pedi para que cada participante, ao responder o questionário, escolhesse um apelido para garantir seu anonimato e para que, posteriormente, o próprio aprendiz se reconhecesse em meu texto por meio do código criado por ele mesmo.

Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #2 – Unnamed

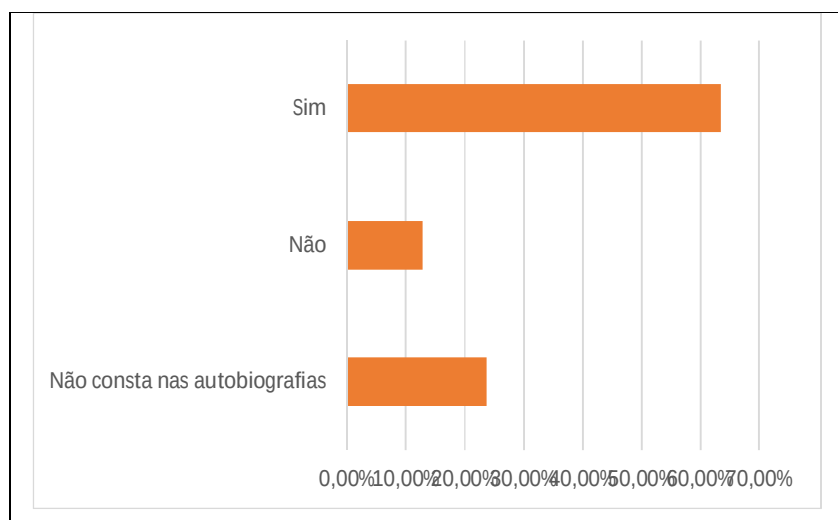
O primeiro contato com a língua que eu tive foi no ensino fundamental, a partir da 5ª série (6º ano) (...) (UNNAMED, Autobiografia 33, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #3 – Zaruz

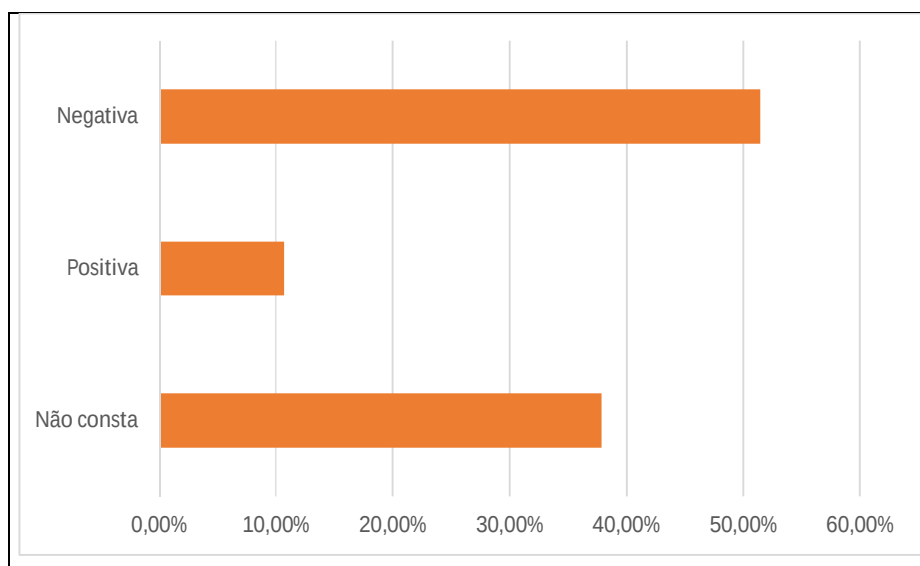
Comecei a estudar a língua inglesa no ensino regular, no 6º ano. Um ano depois entrei em uma escola particular em Uberlândia e lá estudei por 6 anos (...) (ZARUZ, Autobiografia 69, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Os excertos expõem a idade em que aconteceu o primeiro contato dos aprendizes com a língua adicional. Esse contato propiciou modificações no sistema (sala de aula), ou seja, as condições iniciais do sistema provocaram mudanças no comportamento global dos elementos (contexto, material didático etc.) do sistema. Ao falar em condições iniciais, refiro-me a um recorte inicial que marca os caminhos que o sistema irá percorrer. O fato de o primeiro contato da maioria dos participantes com aulas de língua inglesa ter acontecido na infância e adolescência pode ser um exemplo da sensibilidade às condições iniciais. Conforme ressaltado no referencial teórico, essa sensibilidade significa que pequenas alterações nas condições iniciais podem causar grandes efeitos, ou seja, os aprendizes iniciaram sua aprendizagem de língua adicional na infância e na juventude e agora fazem parte de um mesmo contexto de ensino e aprendizagem, o IsF – Inglês UFU. As autobiografias retratam que mesmo compartilhando condições iniciais, os sistemas em questão seguiram trajetórias independentes e divergentes, visto que alguns aprendizes seguiram estudos autônomos enquanto outros buscaram escolas de idiomas.

Outra informação recorrente é que para a maioria 63,5%, desses participantes que iniciou seus estudos em língua adicional durante o ensino regular em escolas públicas, como pode ser observado na figura que segue:

FIGURA 30 – Participantes que iniciaram seus estudos na escola regular

Esse contato inicial foi negativo para grande parte dos aprendizes, conforme representado na figura 31:

FIGURA 31 – Experiência de estudar inglês na escola regular

Observando o gráfico, é possível perceber que a maioria dos participantes não considera sua experiência de aprendizagem de inglês na escola regular positiva. Os relatos que seguem exemplificam esse dado. LBM afirma que o processo de aprendizagem era lento e maçante, BAG relata que não conseguiu aprender em função da falta de profissionais qualificados, falta de maturidade e de recursos e Poliana afirma que sua

experiência ‘não foi legal’ e atribui isso à falta de capacitação da professora que ministrava as aulas.

Excerto #4 – LBM

(...) na escola regular, a impressão foi de aprender de forma muito lenta, básica e repetitiva, sempre as mesmas coisas, mesmo os verbos somente escritas em desenvolver a fala e palavras soltas, sem contexto (...) (LBM, Autobiografia 103, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #5 – BAG

(...) eu acho muito importante aprender este idioma o que não tive oportunidade de aprender no ensino regular, talvez por falta de profissionais capacitados, falta de maturidade e de recursos (...) (BAG, Autobiografia 119, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #6 – Poliana

(...) a minha experiência em inglês na escola regular não foi legal, pois faltava didática e destreza por parte da professora que ministrou tal disciplina no ensino médio (...) (POLIANA, Autobiografia 29, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Analisando os dados, percebo ainda que emergiu ocorrências demonstrando que a experiência de alguns participantes com a aprendizagem de língua adicional, na escola regular, foi positiva. Esta constatação pode ser observada nos excertos, nos quais Solange descreve a experiência como ‘muito boa’ e Mari afirma que teve uma professora que ‘soube explorar bastante músicas atuais na disciplina’.

Excerto #7 – Solange

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 12 anos na escola fundamental, regular, foi uma experiência muito boa (SOLANGE, Autobiografia 124, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #8 – Mari

Durante as aulas de inglês na escola regular, aprendi o básico dessa nova língua, com uma boa professora que soube explorar bastante músicas atuais na disciplina, na maioria das vezes, com faço para a prova de vestibular da UFU (MARI, Autobiografia 78, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como pode ser percebido nas autobiografias, alguns participantes apresentam os motivos para a experiência negativa nesse período escolar. É interessante notar que eles

culpam professores, falta de maturidade, recursos limitados e a infraestrutura pelos resultados negativos de aprendizagem, como no excerto #9.

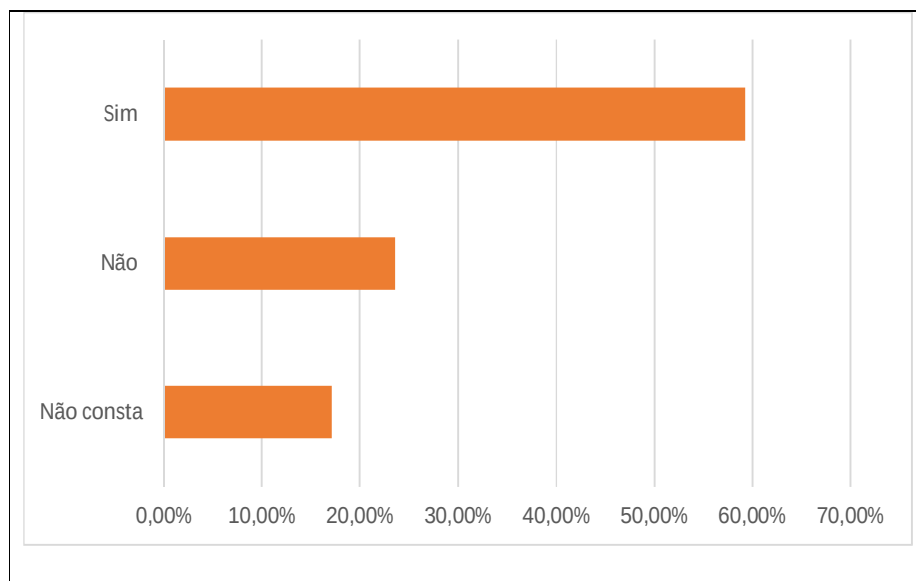
Excerto #9 – Chicken Little

(...) as aulas de inglês na minha escola regular eram terríveis. Infra estrutura péssima, material péssimo (...) (CHICKENLITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O processo de aprender uma língua é complexo e envolve diversos fatores. Conforme já demonstrado na fundamentação teórica, tais fatores são interconectados. Observando os relatos, percebo que professores, maturidade, recursos limitados, material didático e infraestrutura são os fatores mais recorrentemente citados pelos participantes no que se refere ao processo de aprendizagem e, desse modo, eles poderão provocar ou não alterações no sistema. No caso dos participantes, esses fatores resultaram em mudanças, desencadeando resultados negativos e desestabilizando o sistema.

A busca por estabilização do sistema, para alguns participantes, se deu pelo investimento em cursos de idiomas particulares, como demonstrado na figura 32:

FIGURA 32 – Busca por escolas particulares de idiomas



O fato de buscar cursos particulares de idiomas fez com que os participantes aumentassem sua confiança, como é o caso de MGS que afirma que estudar em um curso

de inglês paralelo fez com que ele sentisse que ‘sabia mais do que os professores’. T. demonstra a busca por cursos de idiomas com o intuito de suprir as deficiências das aulas da escola regular que eram consideradas por ele como ‘chatas e entediantes’.

Excerto #10 – MGS

(...) como eu fazia um curso de inglês paralelo a escola regular as vezes eu sentia que sabia mais do que os professores(...) (MGS, Autobiografia 137, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #11 – T.

Na escola regular as aulas de inglês eram chatas e entediantes, daí comecei a fazer inglês em uma escola particular mas por falta de tempo tive que parar (T., Autobiografia 116, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A dinamicidade do sistema, como referenciado, provoca constantes modificações (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). A dinamicidade do sistema é revelada no contexto narrado nos excertos #10 e #11, pois a falta de investimento na formação dos professores provocou alterações e instabilidade, fazendo com que os aprendizes buscassem outros meios de aprendizagem e investissem em cursos particulares.

Como ressaltado, o investimento em cursos particulares de idiomas visava a estabilização do sistema; porém, essa busca por estabilidade foi inviabilizada pela falta de recursos para o investimento, como ressaltado por Tata.

Excerto #12 – Tata

(...) na escola o inglês é muito fraco, apenas aprendemos o verbo ""to be"", mas para quem não conhece nada, dá para se ter uma noção, porém nunca estudei em instituições próprias com curso de inglês pela falta de oportunidade e por ser caro (...) (TATA, Autobiografia 113, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Os relatos demonstram que a necessidade de aprender faz com que os participantes busquem alcançar resultados positivos dentro e fora da sala de aula. As adaptações e interações dos elementos do sistema, a busca por cursos particulares de língua inglesa para o alcance desse objetivo fez com fosse criado um novo padrão de comportamento tornando os participantes aprendizes de língua estrangeira. Deste modo, a dinamicidade do sistema faz com que este seja sensível a *feedback* e procure se acomodar e otimizar os benefícios que garantem a fluidez de seu funcionamento.

Apesar de o primeiro contato com a língua em sala de aula, da maioria dos participantes, ter acontecido na infância, alguns deles reconhecem que o inglês já estava presente em suas vidas anteriormente, como é o caso de Elphasus e Tata:

Excerto #13 – Elphasus

Meu primeiro contato com o ensino formal de língua inglesa ocorreu quando cursava a então 5ª série do ensino fundamental, aos meus 10 anos de idade. No entanto, já travara contatos anteriores com o idioma, como durante a exibição de filmes e desenhos animados, e com livros com que tinha contato durante a infância, e mesmo com explicações acerca da língua inglesa em situações informais, como, por exemplo, explicações de minha mãe e de familiares (...) (ELPHASUS,,Autobiografia 69, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #14 – Tata

O primeiro contato com a língua inglesa foi através de um livro do meu pai de inglês, onde aos 7 anos comecei a lê-lo mesmo sem saber as pronúncias. Comecei a aprender os mais simples conteúdos como números, palavras mais utilizadas. Com isso comecei a gostar e todos os dias estudava e ouvia músicas em inglês para entender o mundo ""lá fora"", aquele deslumbrante que via na TV(...) (TATA, Autobiografia 113, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como pode ser observado, há padrões recorrentes tanto nessas como nas demais narrativas. Esses padrões nos leva ao segundo “nó” que analisei, o termo “aprender”. Para a análise desse “nó” produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 33.

FIGURA 33 – Concordance do “nó” aprender

Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
58	Por quê? Sim considero importante aprender a língua inglesa para
59	Por quê? Sim considero importante aprender a língua inglesa para
60	, escrever em inglês. 3 - É importante aprender inglês, pois o inglês é uma
61	. Por isso, considero muito importante aprender a língua inglesa. A minha
62	universidade, eu acho muito importante aprender este idioma o que não tive
63	por 1 anos mas notei que é impossível aprender um idioma novo de fato
64	, aos 11 anos. 2) Sim. Porque é legal aprender algo novo. 3) Sim, porque é a
65	ferramenta boa para se estudar matéria , aprender um pouco mais da gramática
66	base, sempre foi um desafio para mim , aprender a língua inglesa. 4. Você já
67	base, sempre foi um desafio para mim , aprender a língua inglesa. 4. Você já
68	sotaques e visando o maior objetivo : aprender a se comunicar com essa
69	e a internet é uma ótima aliada para aprender Inglês. Com o curso MEO
70	internet. Sempre busquei auxílio para aprender inglês, principalmente na
71	que estudo e leio muitas coisas para aprender inglês. Quando comecei meu
72	. Não utilizo a internet diretamente para aprender inglês, mas ouço musicas e
73	6 Acho interessante. É importante para aprender e nos faz interagir com a
74	4) Acredito que foram importantes para aprender o básico, mas nada além
75	4) Acredito que foram importantes para aprender o básico, mas nada além
76	no colegial que tive forte incentivo para aprender inglês. Adoro estudar inglês,
77	Por isso, também utilizo a internet para aprender inglês. Afinal, eu esperava
78	e/o trabalho. Utilizo a internet para aprender inglês com músicas filmes e
79	, apenas boa. Sim, utilizo internet para aprender inglês no Moodle do inglês
80	com tecnologia. Só utilizo internet para aprender inglês. Esperava um jeito de
81	e data show). Utilizo a internet para aprender , normalmente, ingles através
82	. Sim, utilizo a internet para aprender inglês. Sim, tive contato com
83	razoável. 8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. O que você
84	com tecnologia Utilizo a internet para aprender inglês, como observado em
85	tipo de recurso. Utilizo internet para aprender pois assisto material em
86	ótimo recurso.Utilizo sim a internet para aprender inglês. Já tive contato com o

Os dados revelam que a *KeyWord* “aprender” ocupa a segunda posição em ordem, como demonstrado na Figura 23. Em geral, percebo que o interesse por aprender uma língua, para muitos participantes, surgiu de contextos de lazer como assistir a um filme ou ouvir música e foi desse interesse inicial que o investimento na aprendizagem emergiu. Essa informação é corroborada pelo fato dos ‘clusters’ filme, música, seriados e vídeo serem contabilizados pelo WsT com frequência respectiva de 41, 44, 42 e 32 ocorrências, o que representa, de modo geral, uma quantidade significativa de ocorrências nas autobiografias. Essas são exemplificadas pelos excertos que seguem, nos quais Alê Ramalho afirma que estuda Inglês desde a adolescência “porque amava música

inglesa/americana” e seu desejo era “saber a tradução e cantar com uma boa pronúncia”; e Aluno 123 que sempre gostou de estudar a língua “por causa das músicas (em inglês) que ouvia”.

Excerto #15 – Alê Ramalho

Estudo Inglês desde 14 anos porque amava música inglesa/americana e queria saber a tradução e cantar com uma boa pronúncia (...) (**ALÊ RAMALHO**, Autobiografia 01, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #16 – Aluno 123

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 5 anos de idade. Desde pequeno sempre gostei de estudar tal língua, principalmente por causa das músicas (em inglês) que ouvia (...) (**ALUNO 123**, Autobiografia 02, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Por meio dos relatos é possível perceber que o objetivo inicial para aprender uma língua adicional era voltado para lazer e conhecimentos gerais. No desenvolvimento das autobiografias, ao tratar dos motivos atuais para o investimento na aprendizagem de língua inglesa, percebo que os interesses e objetivos dos aprendizes mudaram e, atualmente, os motivos para a aprendizagem estão relacionados ao âmbito profissional. Analisando os dados, depreendo a recorrência dos termos “emprego” e “mercado de trabalho” no *source text*, o que ilustro com os excertos abaixo:

Excerto #17 – Aluno 123

(...) atualmente continuo estudando este idioma devido a vários motivos, como, por exemplo, sua importância para conquistar um emprego melhor, para “me virar” em viagens internacionais, para entender seriados, filmes e músicas em inglês e também por ser uma língua de fácil aprendizado se comparado com outras(...) (**ALUNO 123**, Autobiografia 02, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #18 – Lucas 1

(...) considero fundamental aprender sobre a língua inglesa pois é requisito para atuar na área que pretendo trabalhar(...) (**LUCAS**, Autobiografia 22, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

De acordo com os relatos, inicialmente, o interesse por aprender inglês, para muitos participantes, surgiu de contextos de lazer como assistir a um filme ou ouvir música. Posteriormente, como o sistema é aberto e sensível a *feedback*, o motivo para esse investimento mudou e o foco passou a ser a aprendizagem voltada para contextos

profissionais. A relação e a identidade em construção dos aprendizes se adaptou à medida que o sistema foi influenciado por fatores como contexto, idade e relações interpessoais dos aprendizes. Dessa forma, os objetivos almejados pelos participantes são influenciados pela dinamicidade e adaptabilidade do sistema complexo que inclui o processo de ensino e aprendizagem.

O fato do interesse dos aprendizes em aprender a língua adicional ter mudado, não significa que os objetivos para fins de lazer foram abandonados. Os dados revelam que, o que antes era um objetivo final (tradução e pronúncia correta de música, bem como a compreensão de filmes e vídeos na língua adicional), passou a ser um meio para se alcançar um novo objetivo. Isso significa que, atualmente, os participantes utilizam músicas e séries como ferramentas de aprendizagem para aprimorar seus conhecimentos e se tornarem fluentes na língua adicional e, como é o caso de Maria.

Excerto #19 – Maria

Aprendo muito sobre a língua assistindo séries e ouvindo música na internet (MARIA, Autobiografia 24, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A aprendizagem de língua adicional dos participantes envolve diversos fatores que contribuem para que o sistema funcione como um todo indivisível, em que cada parte só é produtiva se estiver em constante interação com as outras e não funcionando como entidade autônoma. A inclusão de uma preferência dos aprendizes – música – no processo de aprendizagem para se alcançar um objetivo – inglês para fins comerciais e acadêmico – demonstra uma das infinitas possibilidades de adaptação do sistema. Essas adaptações são incluídas no processo de aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

O processo de aprender uma língua é complexo e envolve diversos fatores, dentre os quais podemos considerar a identidade como algo em construção, se relaciona com discursos e negociações de alunos de língua adicional. Entendo a identidade como o modo de se compreender a relação entre o indivíduo e o mundo é construída ao se considerar o tempo, o espaço e a visão que o indivíduo tem de suas possibilidades futuras. Ela permeia todo o processo de ensino e aprendizagem e pode exercer grande influência sobre ele. Desta forma, mudanças no contexto de ensino e aprendizagem influenciam a identidade do aprendiz. Essa reconstrução identitária pode ser percebida nos relatos de Chicken Little, Letícia e Mari, nos quais os aprendizes demonstram sentir a necessidade de se profissionalizar para o futuro e garantir um bom currículo com o conhecimento de uma língua adicional.

Excerto #20 - Chicken Little

Aos 13 anos de idade comecei a fazer curso de inglês, comecei no nível básico pois não sabia nada. Acho importante por ser a língua mais difundida do mundo e um pré-requisito para o ingresso no mercado de trabalho hoje(...) (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #21 – Letícia

(...) adoro estudar inglês, pois é algo diferente, interessante e que te diferencia. Considero muito importante o aprendizado da língua inglesa, pois abre novos caminhos no mercado de trabalho de novas oportunidades pelo mundo (...) (LETÍCIA, Autobiografia 91, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #22 – Mari

(...) hoje, mais do que uma opção, vejo a língua estrangeira como uma necessidade profissional diária (...) (MARI, Autobiografia 78, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Em geral, ingressar ou se manter no mercado de trabalho é fator determinante para que os alunos invistam em sua aprendizagem, porém, vale ressaltar que, nos relatos, surgiram outros motivos recorrentes para investir no processo de aprendizagem, que permeiam o sistema, alguns desses podem ser observados nos excertos que seguem.

Excerto #23 – Eng

(...) gosto de estudar a língua inglesa para compreender melhor e corrigir os textos que preciso ler e os de publicação, entender e pronunciar corretamente as palavras técnicas e de música (...) (ENG12, Autobiografia 12, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #24 – Unnamed

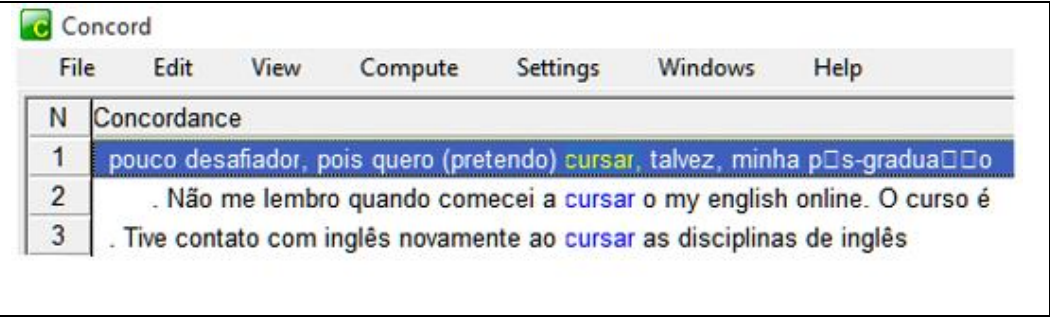
Gosto muito de estudar inglês, pois acho de importância extrema nos dias atuais ter a capacidade de se comunicar com todos. E o inglês é o idioma estrangeiro mais falado no mundo (UNNAMED, Autobiografia 33, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #25 – Lucas

Sempre tive interesse em estudar inglês, pois grande parte das coisas pelas quais me interessam estão em inglês, como filmes, músicas, séries etc. Além disso por ser a língua mais importante hoje em dia, principalmente na área em que eu estava interessado em graduar (Ciência da computação) me motivei a continuar no curso de inglês (LUCAS, Autobiografia 131, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O terceiro “nó” que analisei foi o termo “cursar”. Para análise desse “nó” produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 34.

FIGURA 34 – Concordance do “nó” cursar



Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	pouco desafiador, pois quero (pretendo) cursar, talvez, minha pós-graduação
2	. Não me lembro quando comecei a cursar o my english online. O curso é
3	. Tive contato com inglês novamente ao cursar as disciplinas de inglês

A *KeyWord* “cursar” ocupa a terceira posição em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. Por meio desse “nó” foi possível perceber as influências que acontecem no interior do sistema – programa IsF – Inglês UFU - e as interações desse com fatores externos. Foi, também, revelado que o destaque da língua inglesa no campo dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais constitui motivos para que alunos se dediquem à aprendizagem.

Conforme já argumentado, o Universo é complexo e seus elementos interagem e se auto-organizam para formar um ambiente (MARTINS, 2008). Interações locais entre os agentes do sistema originam padrões de interações ou dinâmicas globais. Isto significa que as interações que ocorrem em sala de aula incidem em um nível local e eclodem em um nível global. Prova desta eclosão é a necessidade de Quito de aprender inglês com a intenção fazer pós graduação no exterior, como demonstrado no excerto #26:

Excerto #26 – Quito

(...) para mim o inglês é um pouco desafiador, pois quero (pretendo) cursar, talvez, minha pós-graduação no exterior, e sei bem que tenho que falar inglês fluentemente(...) (QUITO, Autobiografia 64, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A língua inglesa se destaca no campo dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais, o que constitui motivos para que alunos invistam em sua aprendizagem. Esta visão é demonstrada no excerto #26, no qual Quito expressa seu desejo de estudar no exterior. Em suas palavras é possível perceber que ‘falar inglês

fluentemente' é condição determinante para que seu objetivo seja alcançado. Esta opinião é reforçada no Excerto #27, por Patrícia:

Excerto #27 – Patrícia

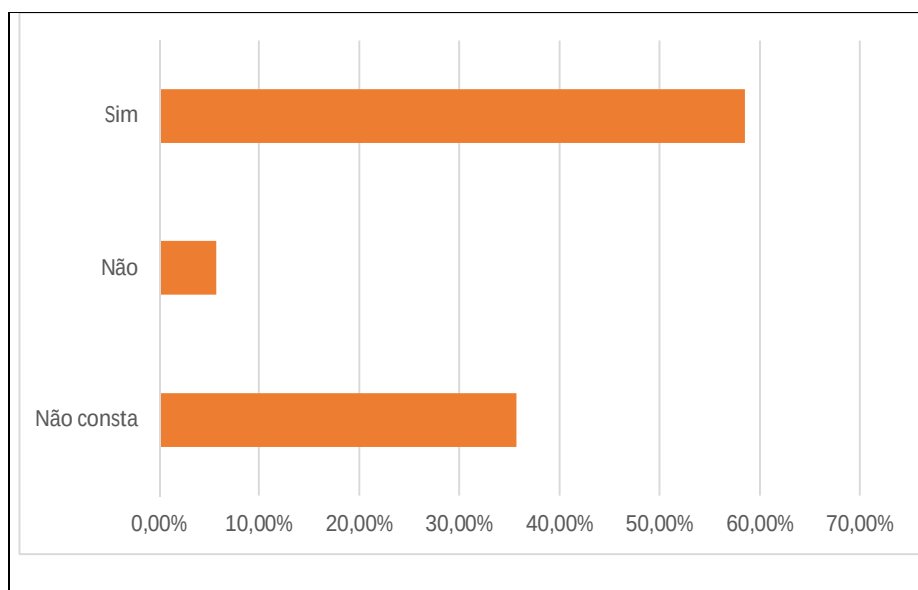
(...) considero de extrema importância o ensino da língua inglesa (e de outras línguas) para a melhor capacitação do aluno (para provas futuras como de mestrado) bem como para viabilizar os discentes para poder realizar seu curso no exterior(...) (PATRÍCIA, Autobiografia 28, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como pode ser observado nos excertos, fatores como estudar no exterior, fazer pós graduação e se comunicar no exterior são fatores que influenciam o processo de aprendizagem. Essas análises me chamou a atenção para a recorrência de um outro “nó” “estudar. Para análise desse “nó”, produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 35.

FIGURA 35 – Concordance do “nó” estudar

Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	familiares. Tive sempre dificuldades em estudar a língua inglesa e não gostava
2	o quão importante é um incentivo a estudar a língua, já que no mesmo
3	língua inglesa? Por que? Sim gosto de estudar a língua inglesa para
4	particular de línguas. Nunca gostei de estudar a língua, mas gosto de saber,
5	língua inglesa? Por que? Sim gosto de estudar a língua inglesa para
6	durante o colégio, sempre gostei de estudar a língua e geralmente tinha
7	não fiz mais nenhum curso. Retornei a estudar a língua inglesa em 2011, na
8	Comecei a estudar a língua inglesa no ensino
9	estudar língua inglesa, acho melhor que estudar a portuguesa. Considero
10	pouco tempo depois, voltando a estudar aos 16 anos no 2º ano de
11	me ajuda muito nisso pois se eu fosse estudar apenas pelo MEO,
12	presente na minha vida, comecei a estudar criança e sempre foi um hobby
13	. Achei mais interativo e atraente para estudar. É muito importante, tenho
14	Depende do professor. Assim eu prefiro estudar em casa por conta 3
15	eram levadas tão a sério; só comecei a estudar em escola de idioma mas não
16	ferramenta importante; uso internet para estudar escrever dúvidas de inglês. O
17	foi quando eu fiz 7ª série. Eu adoro estudar Inglês, além de necessário para
18	foi aos 22 anos. Eu gosto muito de estudar inglês, apesar de no começo
19	Comecei a estudar inglês com 10 anos por
20	Comecei a estudar inglês com 10 anos. O uso da
21	Comecei a estudar inglês com 10 anos. O uso da
22	experiência muito boa. Eu gosto de estudar inglês, considero interessante e
23	diferente, por isso eu gosto muito de estudar inglês e pretendo aprender
24	anos com videogame. Gosto muito de estudar inglês e admiro bastante a
25	diferente, por isso eu gosto muito de estudar inglês e pretendo aprender
26	em casa. Uma das alternativas para estudar inglês em casa foi o contato
27	meu colégio regular. Gostaria muito de estudar inglês já que considero muito
28	é professora de inglês. Eu gosto de estudar inglês, mas isso só se deu
29	“tecnológica” 8 Eu uso Internet para estudar inglês, mas me sinto perdida
30	inglesa foi na escola regular. Gosto de estudar inglês mas tenho muita

Os dados revelam que a *KeyWord* “estudar” ocupa a nona posição em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. A análise desse “nó” demonstra que os aprendizes consideram importante aprender inglês. A figura a seguir demonstra que 58,5% dos aprendizes que gostam de estudar a língua:

FIGURA 36 – *Percentual de participantes que gostam de aprender Inglês*

Compreender o ambiente (assim como o percurso) de aprendizagem como um SAC implica no atendimento de algumas condições propostas por Davis e Simmt (2003): 1) diversidade interna, 2) redundância, 3) controle descentralizado, 4) restrições possibilitadoras e 5) interações entre aprendizes.

Contextos de aprendizagem de língua adicional ao apresentar diversidade interna são compostos por aprendizes com características diversas e diferenças individuais. Neste sentido, os gostos e preferências individuais de cada aprendiz propiciam as dinâmicas de interação que acontecem no processo de aprendizagem. Um exemplo dessa diversidade é que, apesar de todos os participantes estarem inscritos em um curso de inglês, nem todos gostam de estudar essa língua. Ao observar o “nó” “estudar”, percebo que o *cluster* “gostar” acompanha grande parte das recorrências, como pode ser observado na figura 35. Nos dados, são encontradas opiniões contraditórias no que diz respeito a estudar a língua adicional. Os excertos #28 e #29 demonstram essa oposição de gostos.

Excerto #28 – Letícia

Adoro praticar inglês com meus colegas e com o professor. (LETÍCIA, Autobiografia 91, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #29 – NLS 102

Faz bastante tempo, aos 13 anos por aí; porém não continuei o curso por não gostar muito da língua e hoje a necessidade exigências do mercado e também os estudos. Não gosto muito (NLS, Autobiografia

102, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A diversidade interna existente no contexto de aprendizagem dos participantes faz com que os aprendizes se adaptem, assim, os alunos que amam e aqueles que não gostam da língua inglesa precisam conviver e se esforçar para alcançar um objetivo em comum – a aprendizagem. Para isso ambos colaboram e cedem para que o sistema (o Programa IsF) se adapte e ofereça o *feedback* desejável.

Nesse ponto, a redundância se faz necessária. Ao se contrapor e complementar a diversidade, ela promove o equilíbrio do sistema. Apesar de haver alunos com gostos opostos, a redundância faz emergir as similaridades, ou seja, os objetivos e propósitos comuns dos alunos possibilitando, a interação entre os agentes e a compensação de falhas dos outros. Assim, surge uma consciência coletiva a fim de que o grupo alcance propósitos comuns. Nesse caso, os participantes se unem (em um mesmo contexto) visando garantir benefícios mútuos e alcançar um objetivo comum, bem como otimizar os resultados.

Além da diversidade interna e da redundância, percebo nos dados a presença do controle descentralizado. Essa característica significa que o foco da aula está centralizado na aprendizagem. Deste modo, não importa se o aluno gosta ou não de estudar a língua adicional, o que importa é sua dedicação e contribuição individual e coletiva para que os resultados sejam otimizados. O controle descentralizado faz com que os eventos emergentes no sistema surjam com a interação entre os agentes e os elementos, como pode ser percebido no relato de Elphasus que, apesar de não gostar das aulas, reconhece a importância dessa língua adicional como uma língua franca e demonstra que seu foco é centrado na aprendizagem.

Excerto #30 – Elphasus

Tive sempre dificuldades em estudar a língua inglesa e não gostava muito das aulas, que eram extremamente entediantes, pouco dinâmicas e distante da minha realidade. Contudo considero extremamente importante a aprendizagem do idioma, código universal de comunicação na contemporaneidade (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A interação entre agentes é percebida nos dados. Essa abrange as interações entre os indivíduos uns com os outros e com o seu ambiente. A busca por objetivos comuns faz

com que os participantes interajam e se auxiliem mutuamente. Como pode ser percebido no relato de Anônimo.

Excerto #31 –Anônimo

Eu sou um pouco tímida, mas gosto e sei da importância de praticar meu inglês para que ele melhore, então eu procuro praticar com meus colegas, professores família e amigos (ANÔNIMO, Autobiografia 125, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Ao observar as condições propostas por Davis e Simmt (2003), percebo que as relações estabelecidas pelos participantes fazem parte do sistema e não devem ser consideradas isoladamente. Os dados corroboram com o fato de que a sala de aula é um SAC. Ao longo dessa dissertação, defendo que a sala de aula é um SAC: um todo indivisível, no qual cada parte só é produtiva se estiver em constante interação com as outras e não funcionando como entidade independente. Ao analisar o conjunto de cursos do IsF- inglês UFU, recorro ao conceito de fractalidade, que prevê a autossimilaridade entre escalas diferentes de um sistema. O programa, que acontece em nível nacional, os cursos do NucLi UFU, que são oferecidos localmente, e cada sala de aula desses cursos possuem uma relação fractal: apresentam padrões recorrentes similares. Assim, parto do pressuposto de que o conjunto de cursos do IsF- inglês UFU seja um SAC, assim como outros pesquisadores tomam a sala de aula como tal.

Tomando o curso IsF- inglês UFU como um SAC, na seção seguinte apresento a o investimento dos alunos do ISF-Ingês UFU na aprendizagem de língua adicional.

3.2 Investimento dos alunos do IsF-Inglês UFU na aprendizagem

Esta seção de análise irá expor e analisar os investimentos que emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU. Visando atender a esse objetivo, busquei no *corpus* da pesquisa – questionários e autobiografias - dados que partissem dos seguintes “nós”: “IsF”, “MEO” e “ETA”.

O primeiro “nó” que analisei foi o termo “IsF”. Para análise desse “nó”, produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 36.

FIGURA 36 – Concordance do “nó” IsF

Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	meu Inglês está sendo as aulas do ISF.
2	se tivesse oportunidade, continuarei no ISF. 16. Sim, são respeitosos e o nível
3	. Estou gostando muito das aulas do ISF. A turma é pequena e bem
4	a divulgação das aulas presencias do ISF acabei deixando o MEO de lado.
5	e escrita e a falar poucas frases. No ISF agora, estou melhorando,
6	como ferramenta complementar. Com o ISF, além de praticar o inglês, temos
7	e creio que há outros problemas. O ISF com aulas presenciais é excelente!
8	entrar na UFU, comecei a participar do ISF, com o MEO ainda sendo
9	no mestrado no qual estou fazendo o ISF, cujo ganho foi muito alto pois a
10	interessantes e construtivas aulas do ISF da UFU.
11	em curso de inglês foram pelo ISF da Universidade, sendo este
12	Universidade conheci o MEO e depois o ISF, desde então busco aprender. Tudo
13	não compensou o preço. Acho que o ISF deveria ter outros meios para
14	de inglês, além do MEO e agora o ISF e acredito que a tecnologia é
15	de dois cursos de verão oferecidos pelo ISF e fiz o TOEFL. Considero o inglês
16	do MEO e em seguida iniciei no ISF e já estou no segundo semestre.
17	quanto as aulas presenciais do ISF, e na minha opinião, não o nível
18	. Nunca fiz um curso de inglês e o ISF é o meu primeiro. Acho que o uso
19	papel e caneta. Iniciei meu curso de ISF em 2015, para evoluir minhas
20	é correr atrás do tempo perdido e o ISF está contribuindo e muito, são
21	grupo de pesquisa em que trabalho). O ISF está sendo uma ótima oportunidade
22	, postar alguma coisa relacionada ao ISF. Estou bem contente com o que
23	ao conversarmos com eles. Com o ISF eu sinto que realmente tenho
24	utilização da tecnologia associado ao ISF facilita algum entendimento não
25	interessantes. Minha experiência no ISF foi a melhor possível e acredito que
26	há mais sites neste idioma. O curso do ISF gerou um desafio pois eu só sabia
27	ministradas pelo professor Marco do ISF. Gostei muito das atividades do MEO
28	Fiz MEO durante um tempo e comecei ISF há um ano e senti grande
29	outra língua é muito importante e o ISF me ajuda muito nisso pois se eu
30	praticar a língua. desde que iniciei o ISF, melhorei consideravelmente meu

A KeyWord “IsF” ocupa a posição vinte e três em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. Ao analisar esse “nó” direcionada pelo *Concordance* e acessando o texto na íntegra pelo *source text*, alguns padrões recorrentes emergiram; dentre esses padrões, temos que a maioria dos participantes consideram o IsF – Inglês UFU uma excelente oportunidade de aprendizagem; para os aprendizes do programa, a tecnologia representa um atrativo para as aulas; os aprendizes têm uma gama vasta de possibilidades de interagir com tecnologias digitais; durante o processo de aprendizagem, alguns ‘choques’ podem emergir; a aprendizagem influencia na (re)construção da identidade dos aprendizes.

O segundo “nó” que analisei foi o termo “MEO”. Para a análise desse “nó” produzi uma lista de concordância, exposta na Figura 37.

FIGURA 37 – Concordance do “nó” MEO

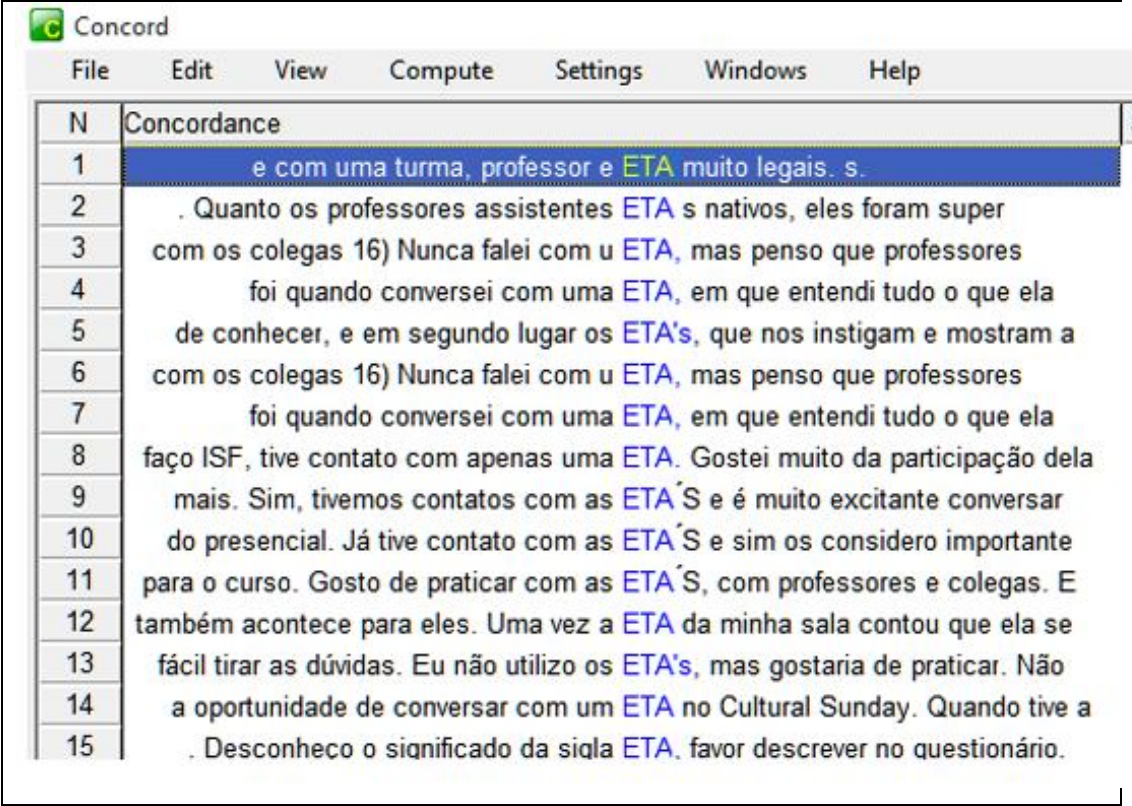
Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	e divertida. Utilizei a plataforma MEO, tive dificuldades por ser um curso
2	perdida sem um roteiro de estudo 9 MEO é interessante, mas apesar de
3	através dele. Não fiz o curso do MEO e sou novo no ISF. Questionário
4	inglês. Sim, tive contato com o MEO, achava muito bom, porém nunca
5	como foi sua experiência na plataforma MEO? Você teve dificuldades ao
6	fiz nenhum curso de inglês, além do MEO e agora o ISF e acredito que a
7	são bem mais aproveitadas do que a MEO. Acredito que minha relação com
8	trabalhos acadêmicos. Em Relação ao MEO, acredito que o fato de ser
9	necessidade. Minha experiência com o MEO foi relativamente boa para o
10	. Em 2015 fiz minha inscrição no MEO e em uma turma do Inglês Sem
11	suficiente para participar ativamente do MEO, porém já fiz algumas atividades
12	em escola de idiomas. Me matriculei no MEO pela oportunidade de aprender
13	importância alguma, comecei a fazer o MEO para ter aulas presenciais,
14	nunca tive apego por atividades do MEO preferindo as aulas presenciais.
15	então se tornar minha profissão. O MEO foi um programa que me
16	finais da minha graduação comecei o MEO, ferramenta útil, porém acho que
17	ao ingressar na Universidade conheci o MEO e depois o Isl, desde então
18	, estudo por conta própria, através do MEO, Inglês sem fronteiras na
19	. As aulas presenciais são boas, as do MEO não sei pois nunca me interessei
20	legenda. Comecei a fazer as aulas do MEO, porém não tem um peso muito
21	conversação. Eu fazia as atividades do MEO, mas preferia muito mais as aulas
22	acordo com a nota que você tirasse no MEO, e como eu, honestamente, acho
23	, e como eu, honestamente, acho o MEO muito entediante, não realizei os
24	, comecei a participar do ISF, com o MEO ainda sendo obrigatório. O MEO
25	com o MEO ainda sendo obrigatório. O MEO não foi uma plataforma muito boa
26	escrita quanto na leitura e pronúncia. O MEO não é tão proveitoso quanto as
27	UFU, fiz a inscrição para participar do MEO. Não me adaptei ao programa
28	presenciais do ISF acabei deixando o MEO de lado. Estou gostando muito
29	Celin. Após isso, eu comecei a usar o MEO. Eu gostei da forma como era
30	inglesa em 2011, na faculdade. Fiz MEO e concluí o nível 3, só parei
concordance collocates plot patterns clusters filenames follow up source text notes	

Os dados mostram que a *KeyWord* “MEO” ocupa a sétima posição em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. Por meio desse “nó” foi possível perceber: que a obrigatoriedade do MEO resultou na predominância de reações negativas ao sistema; que os aprendizes, em geral, não

gostavam da etapa on-line; que a plataforma⁵¹ apresentava problemas técnicos; e que os aprendizes preferem investir em aulas presenciais.

O terceiro “nó” que analisei foi o termo “ETA”. Para análise desse “nó”, produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 38.

FIGURA 38 – Concordance do “nó” ETA



N	Concordance
1	e com uma turma, professor e ETA muito legais. s.
2	. Quanto os professores assistentes ETA s nativos, eles foram super
3	com os colegas 16) Nunca falei com u ETA, mas penso que professores
4	foi quando conversei com uma ETA, em que entendi tudo o que ela
5	de conhecer, e em segundo lugar os ETA's, que nos instigam e mostram a
6	com os colegas 16) Nunca falei com u ETA, mas penso que professores
7	foi quando conversei com uma ETA, em que entendi tudo o que ela
8	faço ISF, tive contato com apenas uma ETA. Gostei muito da participação dela
9	mais. Sim, tivemos contatos com as ETA S e é muito excitante conversar
10	do presencial. Já tive contato com as ETA S e sim os considero importante
11	para o curso. Gosto de praticar com as ETA S, com professores e colegas. E
12	também acontece para eles. Uma vez a ETA da minha sala contou que ela se
13	fácil tirar as dúvidas. Eu não utilizo os ETA's, mas gostaria de praticar. Não
14	a oportunidade de conversar com um ETA no Cultural Sunday. Quando tive a
15	. Desconheço o significado da sigla ETA, favor descrever no questionário.

A KeyWord “ETA” ocupa a posição treze em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. A análise desse “nó” demonstra que alguns padrões recorrentes emergiram, dentre esses temos que a presença dos ETAs desencadeia modificações no sistema decorrentes de relações de poder; que os participantes consideram o contato com os ETAs uma oportunidade; e que a importância da prática oral com os ETAs é reconhecida pelos aprendizes.

O desejo dos participantes em desenvolver sua competência na língua adicional é parte essencial no processo de aprendizagem. Ao investir em uma língua, o aprendiz do IsF-Inglês UFU reúne recursos materiais e simbólicos. Tais recursos compõem o sistema (ISF) constituído pelo programa e influenciam em suas mudanças e adaptações.

⁵¹ Vários participantes utilizam o termo plataforma para se referir ao *Moodle* ou ao MEO, sendo possível diferenciar pelo contexto da autobiografia.

O investimento na aprendizagem envolve recursos como empatia, recursos tecnológicos, prática oral, entre outros. Os aprendizes do IsF–Inglês UFU investem nesses recursos, visando alcançar um retorno que envolve a aprendizagem de língua inglesa para fins acadêmicos e profissionais. Conforme exposto na figura 39, o mapeamento feito a partir da pesquisa dos “nós” “IsF”, “MEO” e “ETA” possibilitou a análise dos investimentos realizados pelos aprendizes, que foram os seguintes:

FIGURA 39 – Mapeamento dos investimentos realizados pelos aprendizes no IsF



Tendo mapeado esses investimentos passo agora a discutí-los.

Investimento no currículo

Observando os relatos, foi possível perceber que os aprendizes consideram aprender a língua alvo essencial. Esta essencialidade se deve à necessidade de alcançar um objetivo. O “gostar” de aprender ou estudar a língua alvo abre espaço para o fazer algo com um fim específico e, predominantemente, o objetivo dos aprendizes é se

destacar no mercado de trabalho. Esta constatação demonstra que o investimento dos participantes em seus currículos aparece nos dados e esse pode não ter relação apenas com o que eles querem, mas com o que a sociedade cobra deles.

Excerto #32– RCO

Considero o inglês um caminho facilitador para conseguir um bom emprego, viajar, integrar ao mundo que hoje é muito globalizado (RCO, Autobiografia 111, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #33– Nathália

Eu adoro estudar Inglês, além de necessário para garantia de um futuro em um bom emprego (NATHÁLIA, Autobiografia 27, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #34– Helder

O inglês é uma língua interessante e muito importante, pois para conseguir um bom emprego o inglês é o necessário (HELDER, Autobiografia 15, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Buscando investir nos currículos, os participantes se inscreveram e passaram a estudar no IsF – Inglês UFU, o que nos leva ao investimento no próprio programa.

Investimento no programa

Um outro investimento evidenciado nos dados foi o investimento no programa ISF. Os dados mostram que a maioria dos participantes consideram os cursos do programa uma excelente oportunidade de aprendizagem, como demonstrado no excerto #35. Rafael afirma que o IsF possibilita a aprendizagem de alguns aspectos linguísticos, graças à dedicação e empenho da equipe IsF.

Excerto #35 – Rafael

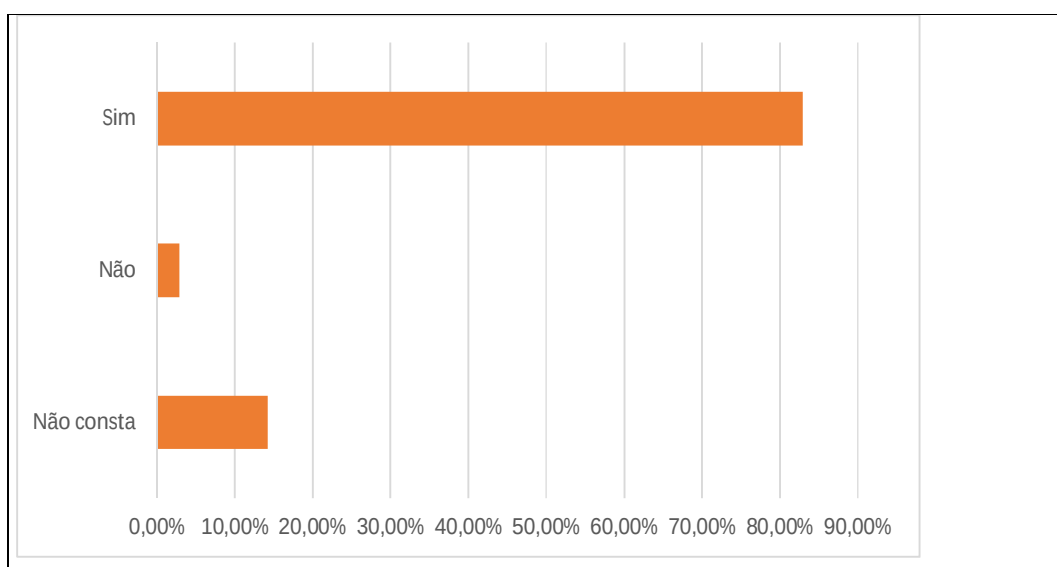
O IsF está sendo uma ótima oportunidade para exercitar o meu inglês e aprender mais sobre vocabulário, pronúncia, gramática e cultura. Agradeço ao grupo que oferece essas práticas pela dedicação e pelo empenho (RAFAEL, Autobiografia 85, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Investir no programa significa se inscrever em suas modalidades de curso.

Investimento em aulas presenciais e on-line

Uma especificidade do programa é que, como ressaltado no capítulo de metodologia, o contexto inicial do programa ISF–Inglês era caracterizado por ser misto. As aulas eram divididas entre presenciais nos NUCLIs e on-line por meio da plataforma MEO, que é o segundo “nó” que pesquisei, juntamente com o “nó” plataforma nessa etapa de análise. Quando iniciei a coleta de dados, o programa ainda tinha essa configuração. Na segunda etapa de coleta, cursar o MEO já não era obrigatório. Os dados me mostraram que 82,9% dos participantes passou pela fase obrigatória da plataforma, mesmo nos dados coletados na segunda etapa.

FIGURA 40 – Participantes que estudaram na plataforma MEO



Apenas uma minoria demonstra estar iniciando seus estudos com a nova configuração do programa e exclusão da etapa on-line, como é o caso do Bruno:

Excerto #36 –Bruno

Não conheço a plataforma MEO (BRUNO, Autobiografia 120, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como a maior parte dos aprendizes estão continuando seus cursos já iniciados na fase em que a etapa on-line era obrigatória, os dados não tiveram grandes mudanças nas duas fases de pesquisa.

A obrigatoriedade do MEO exigia que os alunos se adaptassem a uma comunidade mista de aprendizagem e, conseqüentemente, exigia tanto o investimento em aulas presenciais quanto em aulas on-line. O excerto #37 demonstra as expectativas de Ra ao investir no curso on-line. A expectativa era não ter investimento financeiro e aprender a língua alvo com mais facilidade.

Excerto #37 – Ra

Esperava um jeito de aprender inglês mais fácil e sem pagar nada RA, Autobiografia 30, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A obrigatoriedade do investimento na etapa on-line resultou na predominância de reações negativas ao sistema. Os excertos das autobiografias demonstram que os aprendizes, em geral, não gostavam da parte on-line do curso (MEO). Segundo Chicken Little e Lucas a ‘plataforma’ (exercícios desenvolvidos no MEO) é entediante. No excerto #39 é destacado pelo participante que os exercícios se restringem a itens gramaticais. Unnamed ressalta ainda que os exercícios não eram dinâmicos e que as atividades o faziam ter um ‘bloqueio’ em relação ao curso.

Excerto #38 – Chicken Little

Não tinha expectativas definidas ao começar a utilizar o MEO, tive um pouco de dificuldades em utilizar a plataforma e acho muito chato o MEO, terrível de chato (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

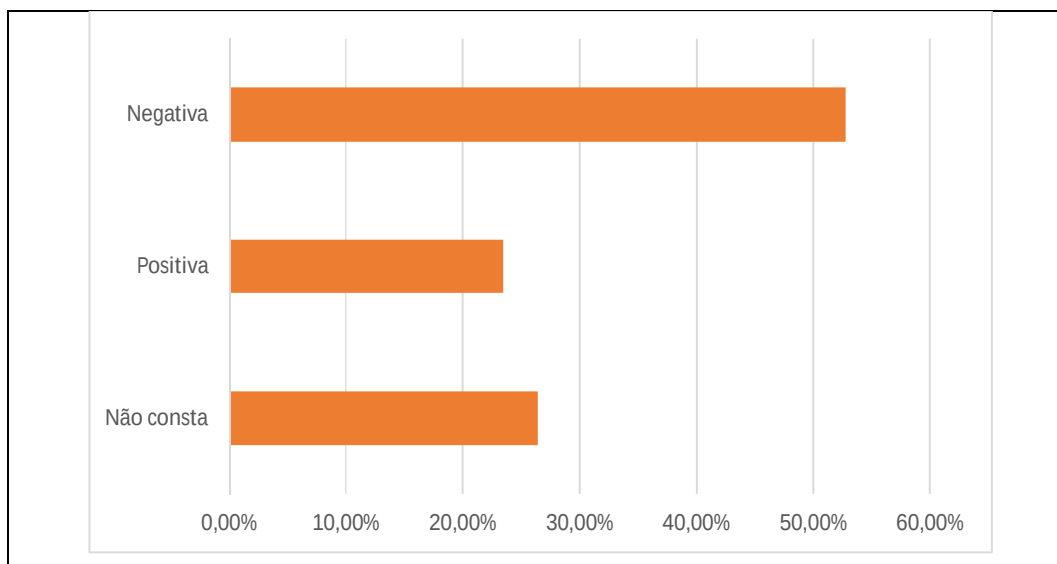
Excerto #39 – Lucas

O curso online consegue entediar e irritar até os mais pacientes, como eu. Não é de se estranhar que muitas pessoas que conheço dizem o mesmo. Quem inventou o MEO provavelmente deve ter aprendido inglês em uma escola gramatiquera (LUCAS, Autobiografia 23, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #40 – Unnamed

Ao iniciar o curso do MEO, tive um certo bloqueio. Não pelo motivo do sistema ser ruim, mas por ser exaustivo e sem algum tipo de incentivo maior (como por exemplo, dinâmicas e exercícios diferenciados, fora do comum) (UNNAMED, Autobiografia 33, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A opinião de 52,80% dos aprendizes em relação ao MEO é negativa, como pode ser observado na Figura 41:

FIGURA 41 – Opinião dos participantes sobre o MEO

Muitas críticas à plataforma emergiram, nos dados. Dentre esses pontos negativo é recorrente nos dados reclamações referentes ao foco na gramática, falta de atividades mais dinâmicas, dificuldade em manusear a plataforma como exposto nos excertos #38 a #40. Na segunda etapa de coleta, os aprendizes também expõem suas opiniões negativas e, alguns, como no excerto #41, afirmam não ter acessado a plataforma novamente:

Excerto #41 – KIKINHA

Também tive que, com uma certa regularidade, entrar no MEO para não perder minha inscrição, uma coisa que era muito chata (KIKINHA, Autobiografia 110, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #42– Carol

Primeiro optei pelo MEO, porém como nunca tive muito tempo para acessar toda semana me bloquearam. Então fiz novamente o TOEFL-ITP para desbloquear minha conta, mas optei pelas aulas presenciais, já que não tinha mais ligação com MEO e até hoje nunca mais voltei para o MEO (CAROL, Autobiografia 101, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Outras críticas à plataforma MEO emergiram nos dados. Elas dizem respeito às atividades de compreensão oral (*speaking*). Muitos participantes, como nos excertos que seguem, afirmam que as atividades e provas orais não ficavam registradas no sistema ou que não conseguiam compreender o áudio de certas atividades, o que reduzia o percentual de aproveitamento do curso on-line. Ao criticar a modalidade on-line, os aprendizes se

referem especificamente ao fato de a plataforma apresentar problemas técnicos, os quais influenciam negativamente a adaptação dos aprendizes ao sistema e fazem com que estes refutem esta modalidade de aprendizagem.

Excerto #43– Kaka

A tecnologia quando bem usada favorece muito o aprendizado em algumas ocasiões creio que o áudio poderia ser melhor para facilitar o entendimento do que se ouve, mas com relação às mídias creio que é sempre importante (KAKA, Autobiografia 109, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #44– Flávia

A plataforma é fácil de ser utilizada, no entanto, as atividades com áudio sempre apresentam problemas (FLÁVIA, Autobiografia 14, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #45 – Elphasus

Considero o curso bastante completo e dinâmico, contemplando as habilidades de leitura, escrita e compreensão auditiva. Entretanto, a parte de pronúncia ainda apresenta persistentes falhas, prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da habilidade de pronúncia e expressão oral. As dificuldades que tive no MEO foram justamente nesse ponto, de speaking, com problemas técnicos na gravação de áudio que acompanham o curso desde seu início (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como dinamicidade e heterogeneidade são constitutivas dos sistemas complexos, apesar de muitos participantes refutarem o MEO, há nos dados evidências de adaptação e investimento na aprendizagem on-line, como no relatos de Clara e Elphasus que afirmam gostar da etapa on-line e buscaram se adaptar a essa modalidade de ensino:

Excerto #46 – Clara

Quando comecei a usar o MEO achei que seria menos puxado, e não tão difícil, mas as aulas são bem claras, o que facilita o entendimento, e o próprio site é bem simples de mexer (CLARA, Autobiografia 08, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #47 – Elphasus

De fato o MEO se assemelha aos demais cursos EaD que já realizei, mas me surpreendi positivamente com a plataforma do MEO, sobretudo após a atualização por que passou neste ano. Considero o curso bastante completo e dinâmico, contemplando as habilidades de leitura, escrita e compreensão auditiva (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

No entanto, em geral, foi possível perceber nas autobiografias que 58,5% dos aprendizes afirmam preferir investir em aulas presenciais, como demonstrado nos excertos que seguem.

Excerto #48 – Tauana

A parte presencial do curso se mostrou muito mais interessante, com dinâmicas, a presença dos ETAs, vocabulário e uma revisão de conceitos básicos e práticos (TAUANA, Autobiografia 32, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #49 – Helder

Já o curso presencial é bem melhor, mais dinâmico. Prefiro o curso presencial (HELDER, Autobiografia 15, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Um dos motivos alegados pelos participantes para a preferência pelas aulas presenciais se deve à possibilidade de interação, outro investimento recorrente nos dados. O fato é que a plataforma era utilizada de modo integrado às aulas presenciais, ou seja, ocorrem momentos interativos. Um exemplo desse uso é que todos os professores do programa IsF devem obrigatoriamente dar plantões semanais de atendimento aos alunos. Nestes plantões, poderiam ser sanadas dúvidas e questões levantadas durante a realização do curso no MEO. Diante dessas análises, os dados revelam que nesse ponto do curso (etapa on-line) não houve investimentos por parte dos participantes.

Investir nas aulas on-line e presencial significa investir no uso de recursos tecnológicos para aprender uma língua adicional.

Investimento em recursos tecnológicos

Apesar do não investimento no MEO prevalecer nos dados, o programa como um SAC é marcado por parâmetros que se modificam constantemente à medida que o sistema ganha experiência. As mudanças e imprevisibilidades fazem emergir o investimento em recursos tecnológicos como uma busca por adaptação. O excerto #50 demonstra esta adaptação. ‘Gugu_lindão’ resume em poucas palavras sua trajetória de aprendizagem de inglês:

Excerto #50 – Gugu_lindão

Resumindo: ensino médio me ensinaram porcamente, e depois, na faculdade tive que correr atrás e escutar sozinho, com livros e internet. Agora inglês sem fronteiras e em casa sozinho com auxílio de vídeos, internet e livros e apostilas online (**GUGU_LINDÃO**, Autobiografia

45, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

‘Gugu_lindão’ utiliza recursos tecnológicos para complementar seus estudos durante sua participação no IsF. A busca por estes recursos se deve ao fato de ele se sentir frustrado com os cursos de idiomas anteriores ao IsF-Inglês; logo, foi necessária sua adaptação como um elemento do sistema, para ele se estabilizasse e o aprendiz alcance seus objetivos. É possível perceber, no excerto de ‘Gugu_lindão’, que sua busca autônoma teve resultados mais positivos que os das aulas do Ensino Médio. Esse mesmo contexto poderia ter um resultado diferente para outro aprendiz e o estudo autônomo poderia não render e ser negativo. O excerto demonstra a adaptabilidade do sistema; isto significa que é possível perceber a interação dos elementos (aprendiz, contexto, ferramentas de aprendizagem, entre outros) do sistema ao longo do tempo e, esta interação, não alcança resultados previsíveis ou proporcionais.

De acordo com os dados, nem sempre o desejo de aprender e o empenho dos aprendizes em aprender são coerentes. Os dados revelam que, para os aprendizes, a tecnologia representa um atrativo para as aulas, como no excerto #51 ou um meio extraclasse de sanar pequenas dúvidas, como no excerto #52.

Excerto #51 – Chicken Little

Acho interessante o uso da tecnologia em qualquer tipo de aprendizado, desde que seja aplicado de forma que agregue valor ao ensino de forma dinâmica, e não apenas como um recurso chato (CHICKENLITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #52 – Anônimo

A internet também no auxilia quando queremos praticar nossa pronúncia assistindo vídeos ou mesmo consultando o dicionário online (ANÔNIMO, 125, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Conforme já ressaltado, o Nucli investigado nesta pesquisa é fortemente marcado pelo uso de recursos tecnológicos. No decorrer do curso, professores e alunos utilizam ferramentas tecnológicas como aliados para otimizar o processo de ensino e aprendizagem de língua adicional - o programa tem uma página no *Facebook*, cada professor montou um grupo nesta rede social com seu grupo de alunos, os alunos acessam informações sobre o programa no *Twitter*, todas as aulas são postadas no *Moodle*, entre outros. Deste modo, os aprendizes têm uma gama vasta de possibilidades de interagir com

tecnologias digitais. Mas, de acordo com os dados e análises, os aprendizes não aproveitam essas possibilidades porque eles validam o curso presencial. Ao pesquisar o “nó” “IsF”, não encontrei nos *clusters* menções diretas aos recursos tecnológicos utilizados durante as aulas.

Ao falar do IsF, os alunos não mencionam nenhum dos recursos tecnológicos que eles têm acesso durante o curso, apesar de considerar o uso de recursos tecnológicos importantes para a aprendizagem de língua adicional. Exemplo disso é que não encontrei nos dados menções a recursos como o *Voki*, *TED Talks* ou *Podcasts*, os quais foram apresentados aos alunos pelos professores e amplamente utilizados, como demonstrado na introdução.

A oportunidade de prática de produção oral surge, também, no contexto on-line do curso e é possível identificar relações de poder que permeiam a relação dos aprendizes neste contexto. Ao contrastar o desejo de aprender e o aparente empenho dos aprendizes em aprender, percebo que o MEO exercia grande influência no empenho dos aprendizes.

Alguns aprendizes consideram o MEO entediante. A relação de poder, neste caso, reside em obrigar o aprendiz a fazer algo que não tem vontade. Os dados demonstram a complexidade da sala de aula e evidenciam que as mesmas experiências de sala de aula podem afetar cada pessoa de diferentes formas (alguns se sentem confortáveis, outros criam bloqueios, outros superam a timidez...). Todos esses fatores se refletem no investimento realizado pelo aprendiz e, conseqüentemente, na (re)construção de sua identidade. A possibilidade de bloqueio da plataforma exemplifica esta relação de poder, segundo João se preocupar com o bloqueio é cansativo.

Excerto #53 – João

O MEO é uma ferramenta boa para se estudar matéria, aprender um pouco mais da gramática inglesa ou até mesmo revisá-la, que na maioria das vezes me preocupo em um momento de conversação, mas nós estudantes estamos sempre achando que vamos ficar bloqueados no curso e esta obrigação acaba se tornando cansativa. Acredito que não esperava encontrar no MEO páginas digitalizadas de livros de inglês e exercícios tipo "complete a frase", pensei que fosse uma forma mais interativa. Não é excelente, mas aceitável, e por ser sem graça acabo me esquecendo de entrar (JOÃO, Autobiografia 18, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Esta relação negativa de poder é também citada por Barbara que em, seu relato, considera chata a forma que é ‘obrigada’ a acessar a plataforma:

Excerto #54 – Barbara

se eu fosse estudar apenas pelo MEO, provavelmente já teria desistido porque sinceramente acho um jeito um pouco chato de aprender e que nos obriga de um jeito ruim a entrar na plataforma (BARBARA, Autobiografia 03, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Investimento na identidade

Ao estudar uma língua adicional, o participante faz emergir o investimento em sua identidade. Investir na aprendizagem de uma língua significa investir também na identidade, conforme referendado Aprender uma língua possibilita ao aprendiz a construção e reconstrução de sua identidade. Isso significa que ao investir na aprendizagem de língua diversos elementos se adaptam às diferentes condições que emergem durante o processo e tais mudanças e adaptações são imprevisíveis. A imprevisibilidade faz com que duas condições semelhantes possam gerar comportamentos semelhantes ou distintos, influenciando a (re)construção da identidade do aprendiz (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2011).

Ao aprender sobre aspectos culturais e linguísticos, a identidade do aprendiz é influenciada e são desenvolvidas novas práticas sociais. Essas mudanças não são padronizadas e acontecem individualmente, o que pode ser evidenciado por meio do Programa IsF-Inglês Ufu promove o *Cultural Sunday* ('DOMINGO CULTURAL'). Este é um evento com palestras sobre a cultura e vivência acadêmica em universidades dos Estados Unidos, jogos e danças promovido pelos professores, ETAs, coordenadores e demais envolvidos no projeto ISF – Inglês UFU.

Os dados demonstram que o evento é aprovado e elogiado pelos aprendizes que o descrevem como 'sensacional', 'muito bom', 'marcante', uma experiência legal', entre outros. O Militante Celeste é um dos participantes que elogiou o evento:

Excerto #55 – Militante Celeste

O Cultural Sunday que ocorreu na UFU. Foi um evento muito bom, já que consegui colocar em prática, muito do que aprendi no curso, convivi com um pouco da realidade estadunidense e pude compreender melhor como é a sua cultura (EUA) (MILITANTE CELESTE, Autobiografia 26, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O evento é amplamente divulgado entre os alunos do IsF. Os alunos que o citaram em seus relatos teceram elogios positivos. Porém, de um total de 140 autobiografias, apenas 11 referências foram feitas ao evento, o que corresponde a 6,08% do total de participantes. Por se tratar de um evento isento de críticas negativas nos dados, o percentual de alunos que o citaram foi pequena. Este fato demonstra que condições semelhantes podem gerar comportamentos diversos, ou seja, um mesmo evento tem adeptos e não adeptos.

As interações entre os elementos e agentes do programa fazem com que o aprendiz construa sua subjetividade e atue em sociedade, influenciando a coletividade e sendo influenciada por ela. Como exemplo, cito que mais alunos podem passar a frequentar o *Cultural Sunday* em função do *feedback* positivo dos demais alunos. Essas relações provocam consequências políticas e sociais no sistema, fazendo com que o aprendiz tenha o desejo de fazer parte de um contexto ou grupo. Tais relações são influenciadas pelas relações de poder presente no sistema.

Investimento nas pessoas

A (re)construção de identidades no programa acontece por meio do investimento nas pessoas, ou seja, nas relações interpessoais, que se estabelecem no sistema. Estas relações de poder, no decorrer do curso, são colocadas em prova pela presença dos ETAs. Ao serem desafiados a interagir com nativos, alguns participantes se sentiram confortáveis e outros não.

Norton e Gao (2008) afirmam que os alunos são mais susceptíveis a falar quando a comunidade é segura e solidária. A comunidade com essas características é descrita por Chicken Little ao falar que se sente a vontade para se comunicar com os ETAs; por Unnamed ao falar que os ETAs são descontraídos e amigáveis; e por Barbara que afirmou que os ETAs a deixa tranquila ao conversar com eles. Esta informação foi identificada nos relatos das autobiografias. Ao narrar sua experiência com os intercambistas, Chicken Little afirma que:

Excerto #56 – Chicken Little

a experiência foi muito boa, adorei falar com eles, as atividades que eles propunham nas aulas, suas histórias, a cultura, muito legal, e me sentia a vontade ao falar com eles CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Outros participantes se posicionam de igual modo:

Excerto #57 – Unnamed

Os ETAs são essenciais para o curso, já que trazem a realidade vivida no exterior pra dentro da sala de aula, tornando nosso aprendizado mais dinâmico e com um contato maior com o idioma através de sotaques e experiências únicas. É sempre bom conversar com eles quando possível, pois são descontraídos e amigáveis (UNNAMED, Autobiografia 33, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #58 – Barbara

Com o ISF, além de praticar o inglês, temos contato com estrangeiros que nos ajudam nessa jornada de aprendizado, são os ETAs, eles são maravilhosos e promovem atividades que todos participam, além de estarem presentes no nosso dia-a-dia universitário nos deixando tranquilos ao conversarmos com eles (BARBARA, Autobiografia 03, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #59– Lucas

Acho extremamente importante a participação dos ETAs e poderiam até participar mais, pois eles agregam muito na pronuncia e também nas questões culturais. Eu gosto e me sinto extremamente a vontade para falar com os ETAs (LUCAS, Autobiografia 22, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Ao se relacionar com nativos para a prática da língua alvo, podem emergir, também, relações desiguais nas interações sociais. Segundo Mastrella-de-Andrade e Norton (2011), estas relações são de extrema importância para influenciar os aprendizes a investir ou não nas práticas de uso da língua. Ao se relacionar com os ETAs, muitos participantes não se sentiam à vontade durante a interação, o que pode ser percebido no relato de Flávia que afirma não ter tido oportunidade de convivência com os assistentes e que sentiu que alguns deles não dão abertura para tal contato:

Excerto #60 – Flávia

Eu não acho os ETAs importantes para o curso. Desde o primeiro dia, da aula da primeira turma que eu participei, eu só os vi participando das aulas no máximo 5 vezes. A prática de inglês com os ETAs é muito boa, mas como eu falei, tivemos pouquíssimo contato com eles. Alguns parecem que estão dispostos a conversar, a trocar conhecimentos. Já alguns parecem que estão fechados a isso (FLÁVIA, Autobiografia 14, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A resistência de prática com nativo pode ser considerada como não investir em uma oportunidade que emerge no processo de aprendizagem. O não investimento pode ser resultado da resistência dos aprendizes em práticas que poderão expô-los e ou marcá-

los como menos competentes ou com identidades negativamente marcadas no grupo social. Os relatos a seguir demonstram este receio de exposição:

Excerto #61 – Elphasus

Considero a presença dos ETAs importante, sobretudo para se ter contato com falantes nativos da língua inglesa, algo que possibilita experiência de se notar o inglês como língua materna. Ademais aspectos culturais dos países anglófonos também foram apresentados aos alunos, ampliando nossa compreensão acerca da história, cultura e civilização dos povos de língua inglesa. Gostaria de ter praticado mais o idioma com os ETAs, mas não me sentia à vontade para isso; creio que minha insegurança em relação ao idioma tenha sido o principal motivo para tal fato (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #62 – Júnior

Os ETAs me deixaram mais motivado, pois quando converso com um nativo americano que me entende, sinto que sei falar (um pouco de) inglês. Em geral, as experiências mais embaraçosas estão relacionadas àquelas situações em que há mal-entendidos na comunicação, o que é comum quando se está aprendendo uma língua. Com medo disso, é difícil se sentir a vontade ao falar com os ETAs (JUNIOR, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #63 – Yan

Os ETAs são importantes por fornecer uma oportunidade que nem todos tem acesso na vida que é a prática com nativos da língua estudada. Tive poucas oportunidades com eles, mas é uma oportunidade bastante interessante. Me sinto um pouco retraído mas já venho evoluindo (YAN, Autobiografia 34, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Observando os relatos, foi possível perceber que alguns aprendizes romperam barreiras e desenvolveram mais segurança para se comunicar; outros reforçaram estas barreiras e preferiram não interagir com os ETAs; esta interação tem relação com o investimento nas práticas orais da língua alvo.

Investimento nas práticas orais da língua alvo

A presença dos ETAs no decorrer do curso oportuniza aos alunos investir na prática da língua alvo. Para verificar se os aprendizes compreendem a importância da prática em contextos reais de uso da língua adicional e se eles consideram como uma oportunidade o contato com os ETAs, busquei nas autobiografias ocorrências que confirmassem ou refutassem esse fato. Algumas ocorrências foram identificadas e alguns dos relatos que descrevem esta oportunidade são expostos a seguir:

Excerto #64 – Yan

Os ETAs são importantes por fornecer uma oportunidade que nem todos tem acesso na vida que é a prática com nativos da língua estudada. Tive poucas oportunidades com eles, mas é uma oportunidade bastante interessante. Me sinto um pouco retraído mas já venho evoluindo (YAN, Autobiografia 34, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #65 – Aluno 123

Os ETAs são muito importantes para o curso uma vez que trazem e compartilham sua cultura, costumes e, principalmente, seu idioma com os brasileiros, dando oportunidade para estes adquirirem fluência (ALUNO 123, Autobiografia 02, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Segundo Norton e Gao (2008) sem oportunidades para praticar a língua adicional, o progresso na aprendizagem da língua é comprometido. Esta necessidade de prática é reconhecida por Helder:

Excerto #66 – Helder

Os ETAs são importantes, pois mostram além de conversar com pessoas de outros países, é um aprendizado cultural também (HELDER, Autobiografia 15, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A necessidade e importância de práticas orais na língua adicional é reconhecida por alguns participantes. Segundo eles é importante manter contato com a língua, perceber sotaque, expressões, gírias e conhecer aspectos culturais de outros países:

Excerto #67 – Tauana

A parte de conversação presencial também foi muito interessante quando desenvolvida com os ETAs, pois pude ter mais contato com a língua, perceber sotaque, expressões, gírias e saber mais sobre a cultura de outros países (TAUANA, Autobiografia 32, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #68 – Fernanda

Tive contato com os ETAs apenas no Cultural Sunday, mas achei interessante o contato com a língua nativa e a cultura deles (FERNANDA, Autobiografia 13, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Ao observar os relatos, percebo que apesar de considerarem importante a prática da língua adicional com nativos, oportunidades além daquelas oportunidades presenciais

oferecidas pelo IsF–Inglês UFU, como, por exemplo, o evento *Cultural Sunday*, não foram buscadas pelos aprendizes:

Excerto #69 – Aluno 123

(...) não tive nenhum contato com os ETAs, apenas em alguns momentos no Cultural Sunday (ALUNO 123, Autobiografia 02, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #70 – Maria

Não tive muito contato com os ETAs, apenas no Cultural Sunday que foi uma experiência legal. Alguns se mostram muito abertos a mostrar a cultura e a língua do seu país de origem para os estudantes, o que faz com que falar com eles seja mais natural ou interessante (MARIA, Autobiografia 24, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O aprendiz do IsF tem a oportunidade presencial e digital para praticar a língua nos diferentes momentos do curso, podendo o investimento nestes dois momentos ser diverso. Ao afirmar que não tiveram a oportunidade de conviver com os ETAs, eu questiono o porquê deste contato restrito. Em conversas informais com professores e colaboradores do programa percebi, que os ETAs estavam no Brasil e eles eram acessíveis pelo *Moodle*, inclusive estes eram responsáveis por algumas atividades desenvolvidas na plataforma. Diante deste contexto me questiono se os alunos aproveitaram as oportunidades que surgiram.

Em algumas autobiografias, o termo cultura estava associada ao termo ETA e isso nos leva a outro investimento realizado pelos aprendizes.

Investimento em cultura

Ao investir em uma língua, a identidade do aprendiz é influenciada por fatores culturais. Esses fatores nos remetem à dicotomia conjuntos de culturas: "cultura nativa" versus "a cultura de destino", cultura digital e presencial, cultura de ser aluno universitário brasileiro com a cultura de ser aluno universitário em um país estrangeiro.

Ao propor o foco em dicotomias entre culturas, o objetivo de Norton (2000) é buscar o choque que acontece entre a língua portuguesa e a língua que os alunos estão aprendendo para entrar no contexto de mobilidade estudantil. Eu tento buscar nos dados outros tipos de ‘choque’ que podem emergir.

Norton e Gao (2008) afirmam que, convencionalmente, a comunidade da língua alvo está associada com falantes nativos de uma língua. Isto significa que essa

comunidade é frequentemente associada com cidadãos dos EUA, Reino Unido, Austrália, ou do Canadá. Esta associação é percebida no relato de Ehren que relaciona a aprendizagem da língua alvo como um dos passos para se tornar aluno de intercâmbio. Este participante tem como objetivo o aprimoramento de seus conhecimentos sobre a língua alvo. Seu investimento atual na língua é considerado pelo aprendiz apenas como uma parcela da ação que deve ser realizada. O participante investe hoje em sua aprendizagem, ao se inserir no curso do IsF inglês para que, no futuro, possa se inserir na comunidade da língua alvo e, segundo ele, aprimorar ainda mais seus conhecimentos sobre a língua.

Excerto #71 – Ehren

Espero daqui a um ano realizar o TOEFL e providenciar meu intercâmbio para aperfeiçoar ainda mais (EHREN, Autobiografia 10, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O participante demonstra o desejo de desenvolver sua competência na língua adicional e se empenha para alcançar seu objetivo. O participante deseja se inserir em contextos autênticos de aprendizagem da língua alvo objetivando que sua identidade seja a de um bom falante. Para que esta identidade idealizada seja alcançada, o participante se propõe a ser testado por meio do TOEFL, para, quando os resultados forem satisfatórios, “providenciar” seu intercâmbio.

Em pesquisa realizada por Norton e Gao (2008) com alunos chineses, a associação entre língua alvo e falantes nativos de uma língua não se concretizou e os aprendizes aprendiam a língua adicional para se inserir em grupos de pessoas com status elevado ou com riqueza substancial. Nesta pesquisa, apesar de esta relação entre língua alvo e falantes nativos ter sido identificada, prevalece, como na pesquisa das autoras, o desejo dos aprendizes de se inserir em grupos específicos de pessoas. No caso dos participantes, prevalece o desejo de se inserir em comunidades relacionadas ao sucesso de sua carreira profissional. Os relatos que seguem ilustram este desejo:

Excerto #72 – Carla

O estudo da língua inglesa é de extrema importância para minha carreira profissional (CARLA, Autobiografia 04, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #73 – Cris

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 15 anos na escola, no ensino fundamental, com todo prazer participava das aulas, com notas superiores da língua portuguesa, com o passar do tempo verifiquei a importância do aprendizado da mesma pro meu futuro profissional (CRIS, Autobiografia 09, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #74 – Ehren

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na infância com os jogos de videogame, apesar de não conscientemente, isto foi uma base do aprendizado da língua inglesa. Primeiramente eu não me dedicava aos estudos da língua inglesa, apesar de que no ensino fundamental e médios eu tinha matéria de inglês no currículo escolar, mas o ensino de inglês nas escolas brasileiras públicas ainda está longe do ideal. Comecei a me dedicar aos estudos da língua inglesa após conselhos de professores da universidade e sua importância para o mercado de trabalho (EHREN, Autobiografia 10, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Percebo nos relatos um ‘choque’ de opinião sobre os cursos presencial e on-line. A opinião de aprendizes validam o curso presencial e rebaixam *status* do curso on-line. O ‘choque’ entre estas modalidades é latente e provoca um desajuste emocional. Nos dois momentos os aprendizes precisam se adaptar a um novo ambiente de aprendizagem, a uma nova cultura e a novos valores. O curso presencial é enaltecido, conforme ressalta Chicken Little e o on-line é rebaixado conforme relatado por Lucas

Excerto #75 – Chicken Little

Em relação ao curso presencial eu não tinha expectativas muito boa em relação a ele, imaginei que fosse "meia-boca" salas cheias, professores descomprometidos, etc... Porém tive uma surpresa muito grande quando comecei a fazer o curso presencial, fiquei surpreso em ver o quão valioso era o curso presencial e o quão qualificados e motivados os professores são. Sem dúvida nenhuma o curso presencial é muito melhor que o online (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #76 – Lucas

O curso online consegue entediar e irritar até os mais pacientes, como eu. Não é de se estranhar que muitas pessoas que conheço dizem o mesmo. Quem inventou o MEO provavelmente deve ter aprendido inglês em uma escola gramatiquera (LUCAS, Autobiografia 23, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Outro conflito que percebo nos relatos diz respeito à cultura de ser aluno universitário brasileiro com a cultura de ser aluno universitário com aspirações em ir para

o Ciência sem Fronteiras. O aluno que entra no programa se esforça para alcançar as condições finais almeçadas, mas as condições do processo de ensino são consideradas empecilhos – carga de estudo pesada; atividades maçantes e conteúdos repetitivos - e demandam ajustes, como a reformulação das atividades propostas pelo curso on-line. Isso pode ser percebido no relato de Tauana:

Excerto #77 –Tauana

Quando me inscrevi para utilizar a plataforma eu esperava um site dinâmico, de fácil compreensão e que motivasse o aprendizado, mas quando comecei a utilizar na verdade senti que o site é massante e traz conteúdos repetitivos, além de exigir uma carga horária de estudos semanais muito puxada - cerca de 2 horas por dia -, que para uma pessoa que cursa uma faculdade integral é bem difícil (TAUANA, Autobiografia 32, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A questão do tempo para se dedicar aos estudos no curso são recorrentes. No excerto #78 também se destaca esta informação no relato de Lucas:

Excerto #78 – Lucas

(...) com relação aos cursos online são bem interessantes, o problema é a falta de tempo para realização dos mesmos, fazer o curso online aliado a um presencial é de extrema dificuldade pois consomem muito tempo (LUCAS, Autobiografia 22, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

O ‘choque’entre gostar e necessitar da aprendizagem de língua inglesa também aparece nos relatos dos aprendizes. Elphasus afirma não gostar de aulas de língua adicional e de ter dificuldades para a aprendizagem, porém considera importante seu estudo, pois a língua inglesa é um “código universal de comunicação na contemporaneidade”.

Excerto #79 – Elphasus

Tive sempre dificuldades em estudar a língua inglesa e não gostava muito das aulas, que eram extremamente entediantes, pouco dinâmicas e distante da minha realidade. Contudo considero extremamente importante a aprendizagem do idioma, código universal de comunicação na contemporaneidade (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Esta questão dicotômica que surge entre o “gostar” e o “necessitar” é melhor entendida tomando a teoria do investimento como base. A noção de investimento busca compreender o engajamento do aluno, ou seja, de acordo com Wenger (1998), compreender o envolvimento ativo dos participantes no processo de negociação mútuo. Assim, para aprender uma determinada língua, apesar de não haver a motivação do “gostar”, o aluno pode se empenhar e investir em sua aprendizagem para alcançar um objetivo que considera necessário. Isto significa que, mesmo que o aprendiz não goste da língua alvo ou das aulas que levam à sua aprendizagem, ele pode participar de práticas interativas na língua alvo e de atividades que o auxiliem a alcançar seus objetivos.

3.3 Visão dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais para a aprendizagem

Ao considerar o curso IsF- inglês UFU como um SAC, faz-se necessário ressaltar que a integração de tecnologias digitais a esse sistema resulta na reorganização dos elementos e agentes internos para a adaptação e alcance de *feedback* positivo. Ao aliar o uso de recursos tecnológicos às aulas de língua adicional, várias mudanças ocorrem e inicia-se um processo de adaptação e auto-organização. Diante disso, nesta seção, busco identificar padrões recorrentes e os não-padrões nas visões, interesses e postura dos participantes sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional. Para atender a esse objetivo, novamente busquei dados nos questionários e nas autobiografias. Além dos dados dos questionários, para essa seção busquei nas *KeyWords* os seguintes “nós: “tecnologia” e “plataforma” e nas Figuras 41 e 46 exponho, respectivamente, o *concordance* de cada um desses “nós”. Esses serão explicados com mais detalhes ao longo da seção.

O primeiro “nó” que analisei foi o termo “tecnologia”. Para análise desse “nó” produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 42.

FIGURA 42 – Concordance do “nó” tecnologia

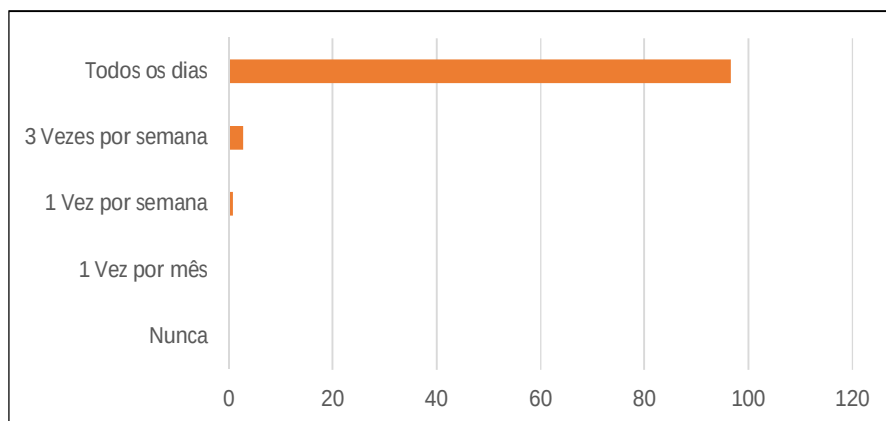
Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	, pois demanda de um longo tempo. 6 - Tecnologia pode ajudar nos estudos
2	para aprender e nos faz interagir com a tecnologia. 7 Utilizo todos os dias. Não
3	Você considera importante? Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e
4	Você considera importante? Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e
5	aproveitar ao máximo das aulas. A tecnologia além de fácil acesso para
6	, mas acho que em excesso a tecnologia atrapalha as relações
7	assistência à língua. Acredito que a tecnologia atualizada para é de ótimo
8	e que me agregou bastante. Quanto a tecnologia, depende do modo como é
9	aulas presenciais são essenciais e a tecnologia deve ser usada como
10	pessoa 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é
11	à distância. Minha relação com a tecnologia é boa, mas preciso melhorar
12	médico, nas áreas em que trabalho. A tecnologia é uma ferramenta muito
13	língua e acabava desistindo. Utilizar a tecnologia é essencial para o o ensino
14	a frequentar uma escola de idiomas. A tecnologia é bem vinda a tecnologia é
15	de idiomas. A tecnologia é bem vinda a tecnologia é bem presente em meu
16	fala e palavras soltas, sem contexto. A tecnologia é uma boa saída para
17	necessário. Minha relação com a tecnologia é razoável, não me
18	alunos na aula. A minha relação com a tecnologia é bem básica, sei o
19	, algumas boas outras mais chatas. A tecnologia é importante em todo lugar,
20	do MEO e agora o ISF e acredito que a tecnologia é importante para melhorar a
21	pessoa 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é
22	. Acredito que minha relação com a tecnologia é fundamental para a vida
23	quando escrevem à mão o conteúdo. A tecnologia está em cada coisa do
24	. Devido a esse contato direto com a tecnologia, eu me considero uma
25	virar” bem caso necessário. Acho que a tecnologia facilita muito o processo de
26	meu interesse pela língua. A tecnologia facilita e muito a
27	Eu realmente acho que a tecnologia foi parceira do meu
28	Sempre gostei muito de inglês. Como a tecnologia hoje está em quase todos os
29	e produtivas, aprendi muito. Acho a tecnologia importante no ensino de
30	todo o assunto. Outra situação que a tecnologia mostra sua utilidade e

A KeyWord “tecnologia” ocupa a posição vinte e dois em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. Ao analisar esse “nó”, alguns padrões recorrentes emergiram e serão discutidos no decorrer desta seção, dentre eles, destaco que o uso da Internet pelos aprendizes é recorrente; os participantes desta pesquisa são identificados pela familiaridade com o mundo virtual e que um grande percentual dos participantes utiliza a Internet para ajudar na aprendizagem de língua inglesa.

Os dados revelam que a tecnologia está presente no cotidiano de todos os aprendizes participantes desta pesquisa. Ao observar os dados coletados por meio dos questionários, é possível perceber coincidências com as informações das autobiografias. Os questionários revelam, por exemplo, que 96,6% dos participantes acessa todos os dias

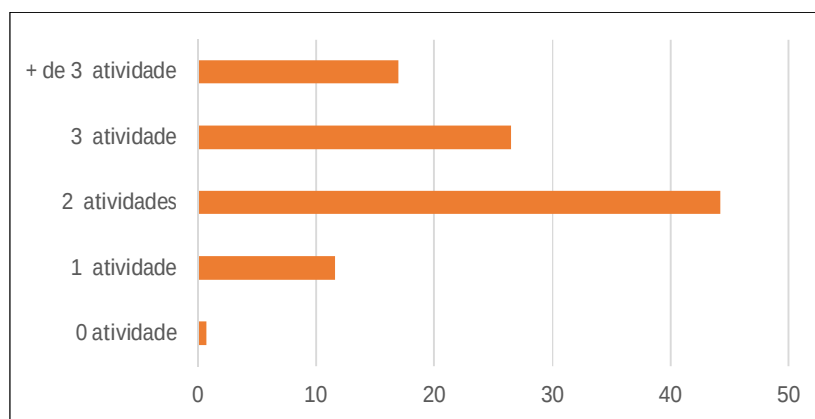
conteúdos on-line, como demonstrado na Figura 43. Outra informação que corrobora essa coincidência é que o uso da Internet pelos aprendizes é recorrente e, pelo menos uma vez na semana, eles a acessam. Essa informação é corroborada pelo fato de os “nós” relacionados a tecnologia – on-line, MEO, plataforma, entre outros, estarem entre os termos mais recorrentes nas autobiografias, como demonstrado na Figura 23.

FIGURA 43 – Frequência de acesso dos participantes à Internet



De acordo com os dados, a rotina dos participantes inclui várias horas em frente ao computador, seja em casa ou na universidade. Ao serem questionados sobre a média de horas que permanecem on-line, frases como “o tempo que estiver acordado, pelo *laptop* ou *smartphone*”, “o dia todo no *Whatsapp*” e “24 horas por dia” são frequentes nos relatos. Nos questionários, os participantes relataram que, quando ‘conectados’, realizam diversas atividades concomitantemente, conforme demonstrado na figura 44:

FIGURA 44 – Atividades realizadas on-line pelos aprendizes concomitantemente



Ao serem questionados sobre quais seriam estas atividades concomitantes, as respostas mais recorrentes foram: ler, escutar música, escrever, conversar on-line, visitar redes sociais, pesquisar, checar e-mail, assistir vídeos, fazer *downloads*, traduzir textos, entre outros.

Os relatos a seguir demonstram como os aprendizes administram seu tempo ao relacionar o uso da *Internet* com o processo de ensino e aprendizagem:

Excerto #80 – Che

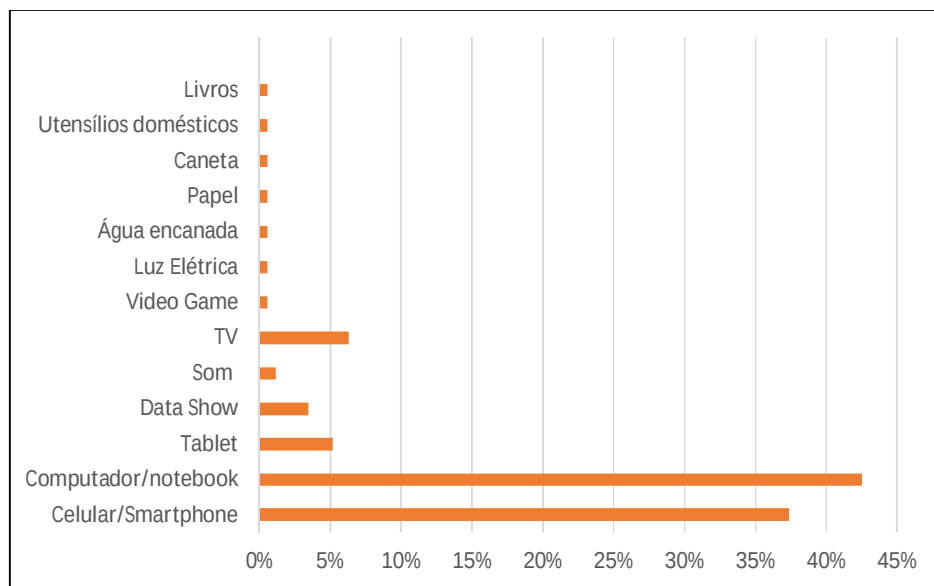
Eu utilizo a internet para aprender inglês quando preciso saber a tradução ou como se escreve alguma palavra em inglês (CHE, Autobiografia 06, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #81 - Chicken Little

Não utilizo a internet diretamente para aprender inglês, mas ouço músicas e vejo séries e filmes em inglês, o que acredito que ajuda no aprendizado da língua (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Os recursos tecnológicos mais presentes no cotidiano dos aprendizes são o computador e o celular, como pode ser percebido na figura 45.

FIGURA 45 – Recursos tecnológicos mais presentes no cotidiano dos aprendizes



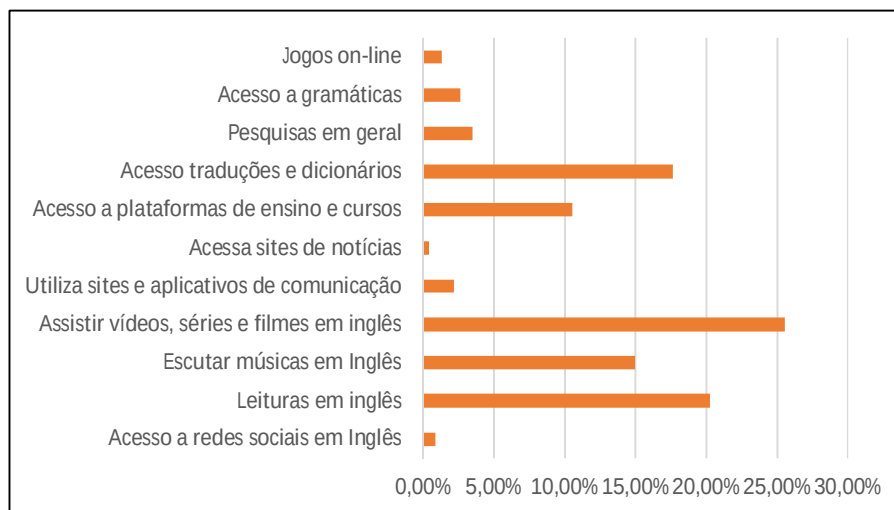
Ressalto que é grande a disseminação de recursos tecnológicos entre os aprendizes. Os dados revelam que 52,1% dos participantes passou a acessar a Internet quando precisou fazer pesquisas para fins acadêmicos. Outros motivos citados foram quando a família conseguiu adquirir um computador, para jogos, para acessar redes sociais, entre outros.

Como a maioria dos participantes (*vide* figura 11) dessa pesquisa, os membros da atual geração são identificados pela familiaridade com o mundo virtual. Os jovens e crianças da contemporaneidade cresceram rodeados por recursos tecnológicos. Os aprendizes que afirmam ter começado seus estudos durante a infância utilizam computadores, *video games*, câmeras, *smartphones*, entre outros. Este contato se deve ao fato de que a maioria desses aprendizes são nativos (PRENSKY, 2001). Esta afirmação é corroborada pelo relato do excerto #82, encontrado nos dados por meio da busca do “nó” “tecnologia”.

Excerto #83 –Marcela

Como a tecnologia hoje está em quase todos os lugares, creio que é válida a relação entre tecnologia e educação, principalmente para as novas gerações, que vivem cercadas por isso (MARCELA, Autobiografia 112, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A evolução e disseminação das ferramentas tecnológicas na geração atual ocorre de modo distinto do modo como ocorria nas gerações anteriores. Nas demais gerações, novos recursos demoravam anos para que fossem disponibilizados. Hoje, os nativos digitais têm acesso a diversos recursos, tais como jogos on-line, filmes e vídeos educativos e aulas on-line. De acordo com os dados que coletei, aproximadamente 98% dos aprendizes utiliza a *Internet* para ajudar na aprendizagem de língua inglesa. Os participantes citam diversas atividades que desenvolvem para aprender a língua adicional, as mais recorrentes são em ordem de frequência: assistir vídeos, séries e filmes em inglês, leituras de textos na língua alvo, acesso a traduções e dicionários etc. A figura 46 expõe quais são essas atividades e a recorrência de citação delas no questionário:

FIGURA 46 – Atividades que desenvolvem a aprendizagem de inglês

Van Lier (2004) observa que o aprendiz ativo estabelece relação com o ambiente. Assim, a sociedade contemporânea, letrada e globalizada faz com que o processo de ensino e aprendizagem seja permeado pelo uso de recursos tecnológicos. Considerando que o contexto desta pesquisa é altamente tecnológico, ao observar as autobiografias redigidas pelos participantes, percebo que eles desejam unir seus conhecimentos tecnológicos e linguísticos, visando o aprimoramento da aprendizagem. Deste modo, o desejo dos alunos em desenvolver sua competência na língua adicional é parte essencial no processo de aprendizagem.

Para aprender uma língua adicional é essencial a criação de elementos possibilitadores (LEFFA, 2005). Desse modo, ao utilizarem recursos tecnológicos como instrumentos de aprendizagem, as atividades envolvidas no processo de ensino são diversificadas. A relação entre aprendizagem, tecnologia e aprendiz sob a ótica da complexidade se manifesta no relato de Helder, que ao relacionar a aprendizagem de língua adicional e o uso de tecnologia, afirma que:

Excerto #84 – Helder

a tecnologia é importante em todo lugar, inclusive na sala de aula (HELDER, Autobiografia 15, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Utilizar recursos tecnológicos possibilita a criação de novos espaços e formas de convivência. Neste sentido, a sala de aula extrapola as barreiras físicas e temporais

corroborar a ideia de que ela é um sistema aberto, o que pode ser percebido no excerto #85.

Excerto #85 – Flávia

Outra situação que a tecnologia mostra sua utilidade e importância é quando eu preciso ter acesso a um trabalho do século passado e de um pesquisador da China (FLÁVIA, Autobiografia 14, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Concordo com a afirmação de Vetromille-Castro e Duarte (2011), que consideram qualquer grupo em situação de aprendizagem como um sistema complexo, independente da modalidade em que este grupo atua (presencial, semipresencial ou a distância). Assim, ao ser considerada importante em todo lugar, a tecnologia faz com que novas dinâmicas (exs. rompimento de barreiras temporais e espaciais, ampliação das possibilidades de acesso e uso de material didático, entre outros) surjam no processo de ensino e aprendizagem de língua adicional. O relato de Carla expõe um exemplo desta dinâmica amparada por recursos tecnológicos ao relatar que recursos tecnológicos são facilitadores e atrativos durante o processo de aprendizagem.

Excerto #86 –Carla

O uso de recursos tecnológicos facilita tanto o aprendizado quanto a didática do professor, além de despertar maior interesse nos alunos (CARLA, Autobiografia 04, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Outros relatos reafirmam a opinião de Carla.

Excerto #87 – MJ

Tecnologia como jogos, Filmes, Musica etc, sempre ajudaram no aprendizado em inglês, pois inglês é uma língua usada em todos eles (MJ, Autobiografia 79, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #88 - Olívia

A tecnologia é bem vinda a tecnologia é bem presente em meu cotidiano e acredito que é útil aplicá-la para praticar e aprender outras línguas. Eu, por exemplo, sempre assisto séries e filmes em inglês para tentar expandir o vocabulário (OLÍVIA, Autobiografia 104, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #89 - Nathália

A tecnologia além de fácil acesso para maioria das pessoas, é de muita ajuda no aprendizado (NATHÁLIA, Autobiografia 27, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Diante da inserção de ferramentas tecnológicas em sala de aula, alguns aprendizes apresentam *feedback* positivo em relação ao seu uso como ferramenta para a aprendizagem em geral, como é o caso de Clara e Luka.

Excerto #90–Clara

Acho que a tecnologia facilita muito o processo de aprendizagem, já que é possível por exemplo escutar várias vezes a mesma aula até que se consiga entender (CLARA, Autobiografia 08, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #91– Luka

Acho que o uso de tecnologia hoje em dia é de suma importância, pois todos já tem contato direto com esse meio e é mais atrativo do que apenas ouvir a professora falar. Meios como uso de datashow, músicas, jogos, filmes e desenhos deixam a aula mais dinâmica, mais fácil de aprender e divertida (LUKA, Autobiografia 96, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Nos dados aparecem, também, *feedback* positivo em relação ao uso de recursos tecnológicos como ferramenta para a aprendizagem de língua adicional, em função da facilidade de acesso e diversidade de material e recursos didático e de pesquisa encontrados on-line, como pode ser observado nos excertos que seguem:

Excerto #92 - Jo

A tecnologia facilita e muito a aprendizagem de uma língua. Na minha época, por exemplo, era muito difícil, não tínhamos quase nada, apenas livros e dicionários e assim a pronúncia ficava um pouco prejudicada (JO, Autobiografia 17, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #93 – Rachel

Utilizar tecnologia no ensino da língua é muito proveitoso, pois o aprendizado se torna mais fácil e dinâmico e eu considero esse recurso importante. Eu utilizo a internet para aprender inglês visitando sites de letras de músicas, pesquisando palavras novas, assistindo filmes online (RACHEL, Autobiografia 96, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Com os relatos é possível perceber que os resultados alcançados pelos participantes são diversos. Ao se depararem com condições iniciais altamente tecnológicas, alguns aprendizes podem se mostrar resistentes e preferir os métodos mais tradicionais. Este é o caso de Maria, que acredita que a utilização de recursos como ‘Internet’ é importante, mas deve ser aliada a recursos como ‘caneta e papel’ e a métodos “convencionais” que abrangem o meio físico.

Excerto #94 – Maria

Acho importante o uso de tecnologias para o aprendizado do inglês. Atualmente a internet faz parte do cotidiano dos jovens de maneira geral muitas vezes relacionado apenas a comunicação e diversão, mas é interessante associar esse ambiente à obtenção de conhecimento mais técnico aproveitando as diversas maneiras oferecidas por essa mídia para fazer isso como vídeos e músicas que podem tornar o aprendizado mais natural e agradável. Aprendo muito sobre a língua assistindo séries e ouvindo música na internet. No entanto, particularmente, acredito que em oposição a opinião de alunos da minha idade, acho que esse aprendizado pela internet ainda deve ser aliado a métodos ""convencionais"" que abrangem o ""meio físico. Às vezes, tenho uma resistência em atividades que utilizam o computador como a realização de textos, preferindo a utilização da ""caneta e papel"" para isso (MARIA, Autobiografia 24, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Segundo Paiva (2008), a inserção de novas ferramentas em contextos de aprendizagem provoca reações de desconfiança e, em alguns casos de rejeição. Com essa mudança no sistema, surgem tensões, pois nem todos os aprendizes percebem tecnologias como algo positivo em todos os contextos, como é o caso do excerto #95.

Excerto #95 - Mari

Acredito que minha relação com a tecnologia é fundamental para a vida pessoal e profissional, mas acho que em excesso a tecnologia atrapalha as relações interpessoais e até mesmo desvia a atenção durante os estudos e/o trabalho (MARI, Autobiografia 78, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Como discutido na fundamentação teórica, Bax (2003) propõe estágios de normalização para as atividades mediadas pelo computador: 1) surgimento dos primeiros adeptos; 2) ceticismo em relação à tecnologia; 3) surgimento de empecilhos desencoraja o uso de recursos tecnológicos; 4) uma nova chance é dada à tecnologia; 5) mais adeptos surgem, porém, com ressalvas; 6) utilizar recursos tecnológicos é normal; e 7) a tecnologia é normalizada. Com o relato, é possível perceber a diversidade existente entre os participantes dos cursos, pois os aprendizes estão em diferentes estágios de rejeição, como é o caso de Maria, ou de aceitação, mesmo com ressalvas, como exposto no excerto #50. Aos poucos a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e novos recursos tecnológicos são inseridos no contexto de aprendizagem visando melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua adicional. O excerto #96 demonstra esta aceitação:

Excerto #96– Luizhen

(...) utilizar plataformas digitais apenas para reforçar um conhecimento já adquirido, pois acredito que a aula presencial é o melhor método para

se aprender uma nova língua em que a interação com o professor ou professora é essencial para o aprendizado (LUUIZHEN, Autobiografia 55, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Outro fator recorrente nos dados, e que coincide com a visão de Luuizhen, é que a tecnologia é vista pelos participantes como complemento. Para Elphasus, por exemplo, tecnologias digitais são facilitadoras ao se considerar que o uso de recursos tecnológicos complementa a aula para otimizar a aprendizagem:

Excerto #97 – Elphasus

Acredito que o uso de tecnologias audiovisuais pode ser um relevante complemento para a consecução da aprendizagem do idioma, como a apresentação de vídeos, músicas, slides e jogos, por exemplo. Considero que tenho um bom desempenho com a utilização de recursos tecnológicos, como os já citados e também com a internet, importante ferramenta complementar no processo de ensino-aprendizagem de idiomas (ELPHASUS, Autobiografia 11, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A inserção de tecnologias digitais em contextos de aprendizagem faz com que seja iniciado um processo de integração desses recursos às práticas pedagógicas. Este processo faz com que o uso de recursos digitais seja normalizado, isto é, a tecnologia se integra às práticas pedagógicas, deixa de ser considerada como algo inusitado e passa a ser considerada como algo presente no dia a dia, como demonstrado no relato de Lilica que busca informações on-line em função do fácil e amplo acesso às informações que necessita:

Excerto #98 – Lilica

(...) uso de tecnologia tem me ajudado bastante na aprendizagem da língua inglesa. Faço uso de vários dicionários on-line e a internet é a minha ferramenta predileta, porque é mais rápido e sempre encontro o que procuro (LILICA, Autobiografia 51, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A normalização das atividades mediadas por computador é efetivada por meio de sete estágios propostos por Bax (2003). No primeiro estágio, despontam os primeiros adeptos, além de surgirem poucos professores e escolas que adotam a tecnologia por curiosidade. No contexto desta pesquisa, conforme já demonstrado por alguns excertos, a tecnologia está presente no dia a dia dos aprendizes. Os aprendizes buscam se adaptar a este contexto; porém alguns demonstram ser resistentes a esta realidade, como é o caso de Maria, Mari e Luuizhen. O que nos leva ao segundo estágio da normalização,

caracterizado pela ignorância ou ceticismo em relação à tecnologia. Neste estágio as pessoas ignoram a existência da tecnologia ou demonstram ceticismo. O ceticismo é percebido no excerto #99, com a afirmação de Mari de que a tecnologia não substitui aulas presenciais.

Excerto #99– Mari

acredito que a tecnologia é importante para melhorar a qualidade do ensino, mas não substitui as aulas presenciais (MARI, Autobiografia 78, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Para o terceiro, quarto e quinto estágio não foram encontrados padrões recorrentes nos dados. No estágio seis, a tecnologia é considerada algo normal, como demonstrado pelo excerto #100.

Excerto #100 – Antonelli

Sempre utilizei tecnologia para aprender inglês. Desde o início, quando comecei a estudar inglês no CCAA já utilizávamos vídeos, recursos audio-visuais, internet, etc. Estes recursos sempre me ajudaram e muitas vezes foram melhores do que só utilizar papel e caneta (ANTONELLI, Autobiografia 36, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

No último estágio, a tecnologia é integrada às nossas vidas e se torna “invisível”, isto é, normalizada. No excerto #101, a qualidade da experiência de João é dependente da realização de diversas atividades em sala. Algumas dessas atividades dependem do uso de recursos tecnológicos; porém, a normalização faz com que esses aparatos fiquem em segundo plano e que seu uso não seja lembrado, o que oferece posição de destaque para as atividades, desenvolvidas durante as aulas do IsF, e seus objetivos.

Excerto #101 – João

Minha experiência no IsF foi a melhor possível e acredito que não paro neste semestre. São aulas com debates, muita conversa, música, filmes, exercícios mais específicos e ótimos jogos, como o Pictionary (JOÃO, Autobiografia 18, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

No programa IsF–Inglês UFU, os aprendizes passam por algumas das fases da normalização, ou seja, para alguns a tecnologia já está normalizada e para outros ainda existe uma tensão entre a adesão e a rejeição.

O segundo “nó” que analisei foi o termo “plataforma”. Para análise desse “nó” produzi uma lista de concordância, como exposto na Figura 47.

FIGURA 47 – Concordance do “nó” plataforma

Concord	
File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	, mas não dei continuidade porque a plataforma ainda estava desorganizada,
2	como era oferecido o conteúdo, mas a plataforma apresentava muitos
3	me surpreendi positivamente com a plataforma do MEO, sobretudo após a
4	um pouco de dificuldades em utilizar a plataforma e acho muito chato o MEO,
5	pois consomem muito tempo. a plataforma é tranquila para se trabalhar.
6	tempo mas não me dediquei mais. A plataforma é de fácil compreensão mas
7	tão repetitivas algumas atividades. A plataforma é fácil de ser utilizada, no
8	e iniciar o doutorado sanduíche. A plataforma é um pouco confusa, mas
9	reduzida (realista) de exercícios 10) A plataforma era boa, porém tive
10	reduzida (realista) de exercícios 10) A plataforma era boa, porém tive
11	. Quando me inscrevi para utilizar a plataforma eu esperava um site
12	ajuda demais. Minha experiência com a plataforma foi um pouco assustadora,
13	tive nenhuma dificuldade em utiliza a plataforma. Gostei mais do curso online,
14	inglês 10. Não, tive dificuldades com a plataforma, mas tive em manter um
15	atividades online, e não uso mais a plataforma MEO. Adoro as aulas
16	de 6 anos perdidos) de inglês. A plataforma MEO, acho ele fácil, sem
17	facilitando a construção de frases. A plataforma MEO foi bem útil e me
18	fácil de aprender e divertida. Utilizei a plataforma MEO, tive dificuldades por
19	várias vezes 10 Não conheço a plataforma MEO 11 o curso presencial
20	curso, muito embora tenha adorado a plataforma, muito prática e dinâmica. A
21	. 10 Como foi no começo do MEO a plataforma não estava boa 11 A
22	repetitivo. Não tive dificuldades com a plataforma. O curso presencial
23	do MEO. Achei muito interessante a plataforma, pois tem diversos recursos,
24	muita evolução no meu inglês com a plataforma pois não a usava
25	a minha, então acredito que a plataforma seja um meio termo para
26	o nível 3, só parei porque achei a plataforma um pouco massante e por
27	não tive nenhuma dificuldade no uso da plataforma. Quando comecei a fazer o
28	Você teve dificuldades ao trabalhar na plataforma? 11. Caso tenha feito o
29	, eu tive dificuldades em trabalhar na plataforma, até aprender como fazer. A
30	em manter uma rotina para estudos na plataforma devido a provas, trabalhos,

A KeyWord “plataforma” ocupa a posição vinte e cinco em ordem de frequência nos dados sistematizados pelo WST, como demonstrado na Figura 23. De acordo com a análise dos dados, as plataformas são um recurso digital que visa melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua adicional; elas possibilitam a criação de novos espaços e formas de convivência; e elas têm recursos e materiais didáticos acessíveis.

Os dados revelam que os participantes concebem possibilidades de aprendizagem mediada por recursos digitais. Novos espaços e formas de convivência, como as salas de bate papo citadas por Paçoquinha, são possibilitados pelo meio virtual. Essa realidade

transposta para o programa IsF-Inglês UFU permite que a aprendizagem como um SAC, isto é, a aprendizagem abrange agentes e elementos que se auto-organizam para alcançar um objetivo, tenha influências positivas no que diz respeito à interação aluno/informação (conhecimento), contribuindo para a criação de múltiplos caminhos de significação no percurso da aprendizagem. Algumas contribuições do uso de recursos tecnológicos são citadas no excerto #102.

Excerto #102 – Paçoquinha

Atualmente, vê-se muitos recursos disponíveis em detrimento da tecnologia, muitos meios inclusive gratuitos para o aprendizado de outras línguas. Plataformas de bate-papo com pessoas do mundo inteiro, onde há o contato com pessoas de outros países que também estão em aprendizado da língua inglesa, exercitando diferentes sotaques e visando o maior objetivo: aprender a se comunicar com essa língua (PAÇOQUINHA, Autobiografia 63, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A possibilidade de criação de comunidades virtuais que facilitam a comunicação entre os participantes e promovem a aprendizagem colaborativa on-line é citada por Paçoquinha. Isso demonstra que comunidades on-line podem ser utilizadas como ferramenta para cursos presenciais ou à distância. Os dados evidenciam que o ambiente on-line é um espaço de produção de novos sentidos, os quais influenciam em investimentos na identidade, na cultura, entre outros (discutidos na seção 3.3). Além das produções, ao se considerar a aprendizagem como um SAC, barreiras físicas são rompidas e a tela do computador passa a ser um território de interação que resulta em relações sociais, culturais e de aprendizagem.

Outra possibilidade recorrente demonstrada pelos dados é que o computador é um instrumento que media a aprendizagem. No excertos #103 e #104, é possível verificar que o uso de recursos tecnológicos propicia aulas dinâmicas e, conseqüentemente, as torna mais interessantes e chamativas.

Excerto #103 –Che

A tecnologia no ensino de línguas assim como em todas as outras matérias são bem úteis e importantes para deixar a aula mais dinâmica e prender a atenção dos alunos na aula (CHE, Autobiografia 06, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #104 – Chicken Little

Acho interessante o uso da tecnologia em qualquer tipo de aprendizado, desde que seja aplicado de forma que agregue valor ao ensino de forma

dinâmica, e não apenas como um recurso chato. (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

A riqueza e diversidade de materiais didáticos acessíveis é citada por Ehren e Bob, que utilizam tecnologias digitais em seus estudos

Excerto #105 – Ehren

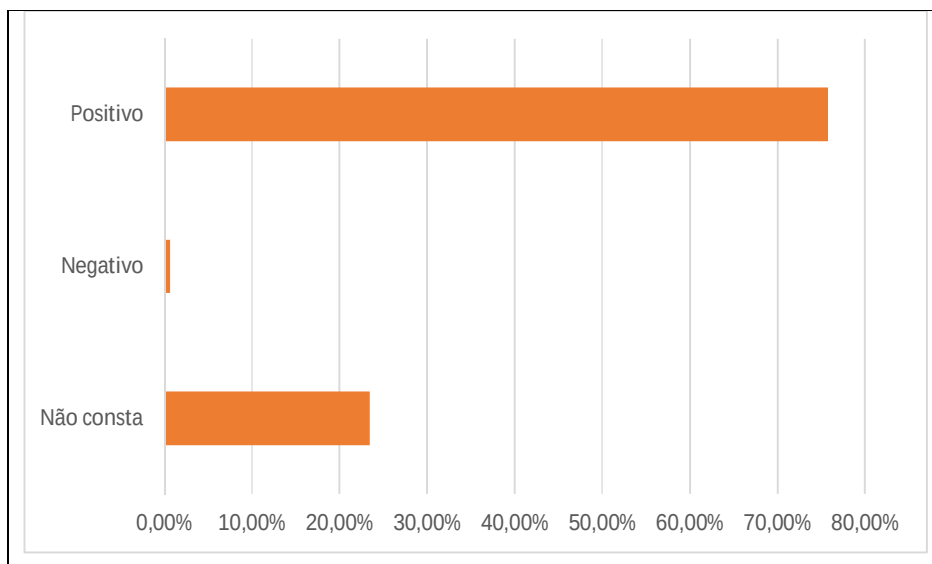
Atualmente a internet se tornou um aliado importantíssimo para o aprendizado de línguas e demais assuntos, pois possibilita contato com estrangeiros e materiais riquíssimos sem sair de casa (EHREN, Autobiografia 10, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #106 – Bob

Eu realmente acho que a tecnologia foi parceira do meu aprendizado do inglês, nas minhas primeiras classes de inglês, um quadro touchscreen multiuso me chamava muito a atenção e me fazia gostar ainda mais da minha antiga escola de línguas (BOB, Autobiografia 39, Uberlândia, 2015. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Os dados revelam que a lide com tecnologia é um fator recorrente nas autobiografias. Os participantes, em geral, têm uma visão positiva sobre seu uso não só para a aprendizagem em geral, mas também para a aprendizagem de língua adicional. Tal fato pode ser evidenciado pelo fato de que 75,7% dos participantes consideram positiva a relação entre tecnologia e aprendizagem, como demonstrado na figura 48:

FIGURA 48 – Feedback sobre a relação entre tecnologia e aprendizagem



Além dos dados quantitativos, o uso de expressões como “aliado importantíssimo”, e “parceira do meu aprendizado” demonstram a visão dos aprendizes sobre o uso da tecnologia. Eles afirmam, também, conseguir lidar com recursos tecnológicos de maneira satisfatória. Contudo, o sentimento destes aprendizes é que devem aprimorar seus conhecimentos sobre recursos tecnológicos, os relatos de Carla, Che e Chicken Little exemplificam esta informação:

Excerto #107 – Carla

Me considero razoável no uso das tecnologias, ainda posso aprender mais. Comecei a usar a internet para estudar inglês recentemente e estou gostando muito (CARLA, Autobiografia 04, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #108 – Che

A minha relação com a tecnologia é bem básica, sei o funcionamento de programas e uso quando estou mais "atoa". Eu me considero razoável, aprendo facilmente e trabalho bem com os recursos (CHE, Autobiografia 06, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

Excerto #109 - Chicken Little

Não me considero muito bom no uso de tecnologia, só no básico mesmo (CHICKEN LITTLE, Autobiografia 07, Uberlândia, 2014. Estudante do programa Idiomas sem Fronteiras – Inglês).

As análises e reflexões demonstram que os eventos ocorridos no processo complexo de investimento na aprendizagem de língua adicional não podem ser entendidos como causas únicas e determinísticas. Isto significa que a aprendizagem não é linear e os diversos agentes e elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas interagem entre si, se adaptando a cada caso e especificidade do ambiente de ensino. No caso dos participantes, o ambiente é o programa IsF-inglês UFU.

Considerando os dados analisados e a visão dos participantes sobre o uso de tecnologias digitais para a aprendizagem, vejamos os investimentos que emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU a seguir.

Conclusão do capítulo de análise

Neste capítulo de análise de dados, eu apresentei 3 seções com a finalidade de alcançar os objetivos desta pesquisa. Na primeira seção trouxe excertos e fatos para compreender a perspectiva dos alunos em relação ao investimento realizado ao longo do percurso da aprendizagem de inglês. Na segunda seção, identifiquei padrões recorrentes

(ou não) nas opiniões dos alunos sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional. Na terceira seção, mapeei quais investimentos emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU.

A seguir, exponho minhas considerações finais, retomando minhas perguntas de pesquisa e apresentando as respostas encontradas, bem como aponto encaminhamentos para futuros estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo de considerações finais, retomo brevemente os objetivos e as perguntas de pesquisa que motivaram e nortearam a realização deste estudo. Ao final dessas considerações, faço a representação dos resultados alcançados, discorro sobre as limitações da pesquisa e apresento encaminhamentos para investigações futuras.

Com o presente estudo, busco compreender o papel das tecnologias digitais para os aprendizes de inglês como língua adicional, bem como pretendo investigar o investimento no processo de aprendizagem realizado pelos aprendizes do IsF. Dessa forma, procurei perceber o investimento realizado pelos participantes em seu percurso de aprendizagem. Para que este objetivo fosse alcançado, eu contemplei a investigação sobre o investimento dos participantes em sua aprendizagem de língua adicional e a análise da opinião do aprendiz frente ao uso de tecnologias como ferramentas de aprendizagem.

Os objetivos específicos de minha pesquisa foram, portanto: perceber os investimentos realizados pelos alunos ao longo de seu percurso na aprendizagem de língua adicional; mapear quais investimentos emergem a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU; e identificar padrões recorrentes (ou não) nas opiniões dos alunos sobre o uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional;

Ao compreender a perspectiva dos participantes sobre seus investimentos no processo de aprendizagem de língua adicional, percebo que o investimento inicial dos aprendizes em contextos formais de aprendizagem aconteceu ainda na infância e na adolescência e, para a maioria dos participantes, esse contato aconteceu no ensino regular em escolas públicas. Nas autobiografias, é recorrente o relato de que essa experiência de aprendizagem foi negativa em função do despreparo de professores, de recursos limitados, da infraestrutura precária, entre outros. Uma alternativa para suprir essa deficiência foi a busca, por alguns aprendizes, de cursos particulares de idiomas. Alguns não puderam buscar esses cursos e tentaram suprir a necessidade de aprendizagem com estudos autodidatas ou com o auxílio de recursos tecnológicos. O interesse por aprender uma língua, para muitos deles, surgiu de contextos de lazer como assistir a um filme ou ouvir música. Porém, atualmente, esses motivos mudaram e a necessidade de se profissionalizar para o futuro e garantir um bom currículo com o conhecimento de uma língua adicional passou a prevalecer. Ressalto que com essa mudança, os objetivos para

fins de lazer não foram abandonados, eles apenas foram adaptados como ferramentas para otimizar o processo de aprendizagem.

O uso de ferramentas tecnológicas para fins de aprendizagem de língua adicional é considerado pela maioria dos aprendizes como um meio de otimizar, diversificar e aprimorar a aprendizagem. Analisando os relatos, percebi que no IsF existem alunos que apresentam reação positiva em relação ao uso de recursos tecnológicos como ferramenta para a aprendizagem e alunos que se mostram resistentes e preferem recursos como ‘caneta e papel’. É, também, recorrente nos dados que a maioria dos participantes valida o uso de recursos digitais como mediadores e não como ferramenta única para a aprendizagem; isto significa que os aprendizes não dispensam o contexto presencial de ensino, sendo esse, na opinião deles, o mais efetivo.

Durante as análises, diversos investimentos emergiram a partir da inserção dos participantes da pesquisa nos cursos IsF-inglês UFU. Os principais investimentos identificados nos relatos foram: no currículo, no programa, em aulas presenciais e on-line, em recursos tecnológicos, na identidade do aprendiz, nas relações de poder, nas práticas orais da língua alvo e em cultura.

Tendo em vista os dados coletados e as análises, procuro responder, às perguntas de pesquisa postas no início deste estudo.

Tentando responder à primeira pergunta ‘1) Qual a visão dos alunos do IsF-inglês UFU, participantes dessa pesquisa, sobre seus investimentos para a aprendizagem de inglês?’. De acordo com as autobiografias, é possível perceber que os aprendizes consideram importante aliar o uso de tecnologias digitais à aprendizagem. Ressalta-se que os aprendizes, em sua maioria, consideram os recursos tecnológicos como complemento e não como meio para a aprendizagem, prova disto é o fato do aprendiz acreditar que o curso presencial é mais efetivo para a aprendizagem e o preferir em detrimento ao on-line.

Na tentativa de responder à segunda questão ‘2) Qual é o papel das tecnologias digitais no investimento desses alunos para a aprendizagem da língua adicional?’. Percebe-se que a maior parte dos participantes considera a tecnologia como uma ferramenta que incrementa e facilita a aprendizagem. Para eles, ela não pode ser o meio principal e deve ser utilizada de forma secundária. Prova disso, é que os aprendizes preferem o momento presencial e não investiram tanto nos momentos on-line, deixando-o de lado e se restringindo a cumprir suas obrigações com o curso on-line para se manter no presencial. Desta forma, o curso on-line passou a ser mais um investimento para que

o curso presencial fosse viabilizado. Em suma, os participantes investem para aprimorar seus conhecimentos tecnológicos, visando complementar sua aprendizagem e não substituir o curso presencial por um on-line.

Durante o processo de aprendizagem, o aluno se depara com uma diversidade de momentos que demandam seu investimento. Este investimento pode ocorrer ou não. Os aprendizes podem escolher se superar e investir em seu processo de aprendizagem ou se retrair e não evoluir como o desejado para alcançar seus objetivos. Isto provoca influência direta na identidade do aprendiz, pois, ao estar fazendo parte do IsF, ele passa a fazer parte de uma comunidade na qual participa passiva e ativamente. Desse modo, sua identidade que é (re)construída na interação entre indivíduo, ambiente e elementos culturais. Esta (re)construção influencia no investimento que o aprendiz faz em sua aprendizagem.

Com as análises, foi possível perceber que os participantes apresentam comportamentos diversos diante dos diferentes momentos de aprendizagem e prática. Alguns participantes demonstram ter necessidade e investem para aprender, apesar de não existir o desejo de estudar a língua alvo; outros demonstram desejar aprender, mas não investem na prática para o aprimoramento. Assim, o entendimento do processo de aprendizagem de línguas deve ser pautado na diversidade e não em modelos padronizados e homogeneizados de práticas pedagógicas, pois o investimento na aprendizagem de uma língua adicional, conforme demonstrado pelos dados, acontece de diversas formas.

Diante dessas reflexões e análises, creio que consegui responder às questões motivadoras desta pesquisa. As autobiografias coletadas, as análises e as considerações finais foram importantes para oferecer respostas significativas para estas questões.

Acredito que esta pesquisa pode contribuir para aprendizes, professores e linguistas aplicados cuja área de interesse seja Linguagem e Tecnologia, em alguns aspectos. Primeiramente, porque traz informações relevantes sobre o contexto contemporâneo marcado pela presença de recursos tecnológicos. Os dados revelam que os aprendizes do programa IsF – Inglês Ufu são, em sua maioria, nativos digitais que reconhecem a importância e as vantagens de aliar a aprendizagem a recursos digitais. Porém, esta presença não foi normalizada, considerando que, dependendo do contexto, os métodos e ferramentas tradicionais são privilegiados.

Adicionalmente, esta pesquisa comprova que os aprendizes do IsF estão inseridos em sistema dinâmico e aberto, no qual as interações entre agentes e elementos resultam em mudanças e na necessidade de adaptação frente a essas modificações. A adaptação dos aprendizes a novas realidades – como novas ferramentas de aprendizagem e material

didático-, contextos e interações contribuem para a evolução do sistema e para que esse, consequentemente, alcance seus objetivos. A tensão entre os ambientes on-line e presencial deve ser deixada de lado e ambos devem ser encarados como integrados e complementares, pois, no contexto contemporâneo a presença de recursos digitais na aprendizagem é ampliada a cada dia. Para que esta integração aconteça, os momentos de caos do sistema devem ser estabilizados e as imprevisibilidades devem ser encaradas como possibilidades de crescimento. O processo de aprendizagem é complexo e as partes do sistema que o compõem devem ser consideradas em conjunto.

Ao realizar esta pesquisa me deparei com algumas limitações. A primeira delas diz respeito ao uso de recursos tecnológicos para a coleta de dados. A intenção era que meu questionário alcançasse o maior número possível de alunos inseridos nos cursos do IsF-Inglês. Para isso, foi-me disponibilizada a lista com o *e-mail* de todos os alunos. Como se tratava de um grande número de aprendizes, não consegui enviar todos os e-mails de uma vez só, vários e-mails voltavam e existia um limitador de quantidade de e-mail que poderia ser enviado. A quantidade de *e-mails* que voltavam e exceder o limite desses que poderiam ser enviados fazia com que a conta fosse bloqueada. Esta limitação foi contornada com o apoio dos professores do projeto que se prontificaram a repassar o *link* do questionário aos seus alunos e incentivá-los a responder.

A segunda limitação que encontrei foi o retorno dos questionários respondidos. Meu interesse era alcançar a maior quantidade de respostas possível, sendo o desejável em torno de 100 autobiografias. Porém, o retorno dos questionários não foi de acordo com o esperado. Isso fez com que minha intenção original, obter todos os dados por meio de formulários do *Google Drive*, fosse abandonada. Diante desta dificuldade, busquei novamente o apoio e o auxílio dos professores do IsF-Inglês UFU, que se prontificaram em me ajudar e cederam espaço em suas aulas para a coleta presencial dos dados. A partir deste momento passei a visitar todas as turmas do programa e a aplicar o questionário e a solicitar a redação da autobiografia. O resultado dessas limitações é que esta pesquisa teve seus dados coletados presencialmente e por meio de recursos on-line.

Uma terceira limitação diz respeito ao conteúdo das respostas. Muitos participantes retornaram as respostas de modo incompleto e com informações diretas, como se estivessem respondendo a um questionário. Na primeira fase de coleta, coloquei um roteiro para orientar escrita da autobiografia e, ao perceber que este roteiro foi encarado pelos participantes como perguntas a serem respondidas, muitas vezes forçosamente como ‘sim’ e ‘não’, excluí o roteiro e tentei coletar informações de uma

forma não tão direcionada. No entanto, as respostas vieram ainda mais incompletas, assim, na tentativa de contornar o problema, retornei o roteiro e busquei uma quantidade maior de autobiografias para suprir possíveis informações que faltassem.

Sobre os encaminhamentos para pesquisas futuras, em um estudo mais amplo, seria interessante pesquisar outros NucLi do programa para comparar as visões dos aprendizes sobre a tecnologia e os investimentos que os aprendizes realizam. Outro encaminhamento que vislumbro é envolver os professores na pesquisa. Como o sistema é complexo, as ações dos professores produzem reflexos nos investimentos dos aprendizes. Poderia ser interessante contrapor ações e identidades dos dois agentes mais atuantes do sistema – professores e alunos – para verificar até que ponto essas ações se influenciam e contribuem para o equilíbrio ou desequilíbrio do sistema.

No período de realização desta pesquisa, acompanhei o desenvolvimento do IsF e percebi que algumas ações foram articuladas visando preencher lacunas e corrigir falhas. Um exemplo, são as modificações realizadas no MEO para seu aperfeiçoamento. Assim, no sentido de dar continuidade a esse aprimoramento da configuração e desenvolvimento do programa, considero que os dados e análises apresentados podem contribuir para que gestores, professores e colaboradores do IsF reformulem ações e corrijam possíveis erros.

Com essa pesquisa é possível identificar o perfil dos alunos do IsF, o que permitirá, por exemplo, melhor direcionamento na formulação de aulas e atividades extra-classe. O mapeamento do investimento dos aprendizes é um indicativo do porquê os alunos estão entrando no programa, o que permite a articulação de ações que previna e reduza a quantidade de evasão de alunos no decorrer do curso. Outra contribuição se refere ao preparo dos alunos para o contexto tecnológico que permeia o IsF. Os dados demonstram que a plataforma MEO é rejeitada e negligenciada pelos aprendizes, o que é justificado pelos próprios participantes nos relatos. Diante disso, com a identificação das falhas, sob a ótica dos aprendizes, é possível reformular o curso disponibilizado na plataforma, fazendo com que esse recurso seja melhor utilizado pelos integrantes do programa.

Entendo que a utilidade do MEO não seja minimizada pelo fato de este não ser a porta de entrada para o programa, pelo contrário, a plataforma pode ser mais um diferencial do programa, basta convencer os alunos a aproveitá-la. Esse convencimento virá de sua reformulação e do incentivo de seu uso no decorrer das aulas presenciais, isto significa que, ao ser atrativo para os aprendizes, o MEO pode fazer parte do planejamento

de ensino dos professores como uma ferramenta on-line que pode otimizar, diversificar e aprimorar a aprendizagem.

Ainda tratando do contexto tecnológico, cursos preparatórios ou *workshops* apresentando os recursos tecnológicos presentes no decorrer das aulas e explicando sua dinâmica aos alunos, antes do início efetivo das aulas, pode ser produtivo no sentido de nivelar o conhecimentos dos aprendizes sobre os recursos que serão utilizados durante o curso e, com isso, possíveis tensões serão eliminadas e os aprendizes tratarão tais ferramentas como normalizada; o que elimina distrações e permite que o aluno mantenha seu foco na aprendizagem da língua adicional

Por mais que tenha pesquisado como *outsider*, e isso possa ser visto como uma limitação, espero que esse processo de entender o IsF-Inglês UFU seja apenas uma das investigações conduzidas no Brasil para documentar esse projeto robusto e interventivo, que nas palavras parafraseadas do participante João, proporciona a melhor experiência possível, que não dá vontade de parar. Almejo que mais pesquisadores, *insiders* e *outsiders*, voltem seus olhos para um programa que concebe o ensino e aprendizagem de inglês de maneira abrangente e holística, e se mostra aberto para que haja sempre melhoria em seus procedimentos.

Concluo, afirmando que esta pesquisa contribuiu para que eu percebesse a complexidade envolvida no processo de aprendizagem e me atentasse, principalmente, para o fato de que minhas ações como professora causam perturbações no sistema e, por isso, devo aguçar minha sensibilidade em relação às histórias e necessidades do aprendiz. Encerro este trabalho com a voz de Morin (2001, p. 8) que considera importante “compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se auto-examinar, de analisar a auto-justificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão, que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos”.

REFERÊNCIAS

BABEL. Direção: Alejandro González Iñárritu. Estados Unidos / França / México: nonymous Content / Central Films / Media Rights Capital / Paramount Pictures / Paramount Vantage / Zeta Film, 2006. 1 filme (142 min.), son.. color.

BAX, S. CALL: past, present and future. v.31(1). **System: An International Journal of Educational Technology and Applied Linguistics**, 2003, p. 13-28.

BENSON, P.; NUNAN, D. **Learners' stories: difference and diversity in language learning**. Nova York: Cambridge University Press, 2005.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. 2. ed. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOHN, V. C. R. **Comunidade de prática na formação docente: aprendendo a usar ferramentas da web 2.0**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BOURDIEU, P. The economics of linguistic exchange. **Social Science Information**, v. 16, n. 6, p. 645-668, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino do ensino fundamental: língua estrangeira**/Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2015.

BRAGA, J. C. F. **Comunidades autônomas de aprendizagem on-line na perspectiva da complexidade**. 2007. 207f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – FALE, UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____; MARTINS, A. C. S. Caos, complexidade e Linguística Aplicada: diálogos transdisciplinares. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v.7, n. 2, p. 215-235, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982007000200010>. Acesso em: 26 set. 2014.

_____; PAIVA, V. L. M. O.,. Reconfigurando a sala de aula em ambientes virtuais de aprendizagem. In: BARCELOS, A. M. F. (Org.). **Linguística Aplicada: reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 2011, v. , p. 119-139. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/verajunia.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2015.

CAMBRIDGE ENGLISH. **Cambridge English: First (FCE)**. Disponível em: <<http://www.cambridgeenglish.org/br/exams-and-qualifications/first/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAMBRIDGE ENGLISH. **Cambridge English: Advanced (CAE)**. Disponível em: <<http://www.cambridgeenglish.org/br/exams-and-qualifications/first/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAMPOS, M. O. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROZO, M C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Orgs.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 47-92.

CANAGARAJAH, S. Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. **The Modern Language Journal**, 2007. Disponível em: <<http://www.personal.psu.edu/asc16/MLJ91.5LinguaFranca.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

CAPES; CNPQ. **Ciência sem fronteiras**: um programa especial de mobilidade internacional em ciência, tecnologia e inovação. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Ciencia-sem-Fronteiras_DocumentoCompleto_julho2011.pdf>. Acesso em: 01 out. 2014.

CARTER, R.; NUNAN, D. (Eds.) **The Cambridge guide to teaching English to speakers of other languages**. Cambridge: CUP, 2005

COMISSÃO FULBRIGHT. **English teaching assistantship program**. Disponível em: <<http://www.fulbright.org.br/content/view/65/94/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

CORRA Lola Corra. Direção: Tom Tykwer. Alemanha: X-Filme Creative Pool / Westdeutscher Rundfunk/ German Independents / Arte / Bavaria Film, 1998. 1 filme (81 minutos), son.. color.

DAVIS, B.; SIMMT, E. Understanding Learning Systems: Mathematics Education and Complexity Science. **Journal for Research in Mathematics Education**. v.34, 2003, p. 137-177.

DIAS, R. Integração das TIC ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira e o aprender colaborativo online. **Revista Moara**. n.30 Belém: UFPA- Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários, 2008.

DIAGRAMAS. Disponível em: <<https://cacao.com/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

DÖRNYEI, Z. Researching complex dynamic systems: ‘retrodictive qualitative modelling’ in the language classroom. **Language Teaching Online**, Cambridge University Press, 2011. Disponível em: <<http://www.zoltandornyei.co.uk/uploads/2014-dornyei-lt.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

ESTUDAR FORA. **TOEFL x IELTS**. Disponível em: <<http://www.estudarfora.org.br/toefl-x-ielts/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ETS. **Sobre o teste TOEFL Ibt**. Disponível em: <<https://www.ets.org/pt/toefl/ibt/about/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FULBRIGHT BRASIL. **English teaching assistantship program**. Disponível em: <<http://www.fulbright.org.br/content/view/65/94/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

FULBRIGHT BRASIL. **A Fulbright promove o entendimento e a cooperação**. Disponível em: <<http://www.fulbright.org.br/content/view/1/30/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A.S. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas**. (1995). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n4/a08v35n4.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

JOHNSON, S. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KRAMSCH, C. **Why is everyone so excited about complexity theory in applied linguistics?**(2012). Disponível em: <<http://www.atilf.fr/IMG/pdf/02.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

LACOSTE, Y. (Org.) **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0602/09.htm>>. Acesso em: 11 out. 2013.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Annual Review of Applied Linguistics**, n.15, p.141-165, June 1997.

_____; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEFFA, V. J. . A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V. J.. (Org.). **Pesquisa em lingüística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B_Leffa_CALL_HP.pdf>. Acesso em: 14/09/2013.

LEVY, M.; STOCKWELL, G. **CALL Dimensions: Options and Issues in Computer-Assisted Language Learning**. . Routledge : New York/ London, 2006, 310 p.

LINGUA CORPUS. **Projeto LacioWeb**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/linguacorporus/lacioweb>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em ação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARTINS, A. C. S. **A emergência de eventos complexos em Aulas on-line e face-a-face: uma Abordagem ecológica**. 2008. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) -

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.R.; NORTON, B. Querer é poder? Motivação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M.R. (Org.) **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: múltiplos olhares**. Campinas: Pontes, 2011, p. 89-113.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Idiomas sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Inglês sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/ingles/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria Nº 1.466(2012)**. Disponível em: <<http://www.cmconsultoria.com.br/imagens/diretorios/diretorio16/arquivo4359.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria Nº 973(2014)**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/fce17e07-48b5-4b96-88e3-d9ca6dbb8186>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001

MOODLE LIVRE. **O que é Moodle**. Disponível em: <<http://www.moodlivelivre.com.br/tutoriais-e-dicas-moodle/o-que-e-moodle>>. Acesso em: 14 out. 2015.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **MyELT provides easy access for learners and educators anytime, anywhere!** Disponível em: <<http://ngl.cengage.com/assets/html/myelt/index.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

NORTON PEIRCE, B. **Social identity, investment, and language learning**. **TESOL Quarterly**, v. 29, n. 1, 1995, p. 9-31. Disponível em: <<http://faculty.educ.ubc.ca/norton/Norton%201995%20p.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

NORTON, B. **Investment, acculturation, and language loss**. (2000). Disponível em: <[http://faculty.educ.ubc.ca/norton/McKay%20&%20Wong%20\(2000\)%20](http://faculty.educ.ubc.ca/norton/McKay%20&%20Wong%20(2000)%20)>

%20Investment,% 20acculturation,%20and%20language%20loss.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____. **Non-participation, imagined communities, and language classroom.** (2001). Disponível em: <<http://faculty.educ.ubc.ca/norton/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____. **Identity, language learning, and critical pedagogies.** (2008). Disponível em: <<http://faculty.educ.ubc.ca/norton/Norton%202008%20in%20Cenoz.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____. **Identity, literacy, and English-language teaching.** (2010). Disponível em: <<http://faculty.educ.ubc.ca/norton/Norton%20in%20TESL%20Can%202010.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____; GAO, Y. **Identity, investment, and Chinese learners of English.** (2008). Disponível em: <<http://faculty.educ.ubc.ca/norton/Norton%20&%20Gao%202008.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____; TOOHEY, K. **Identity, language learning, and social change.** 2011. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=8361285&jid=LTA&volumeId=44&issueId=04&aid=8361283&bodyId=&membershipNumber=&soctyETOCSession=>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

OLIVEIRA, R. A. Complexidade: conceito, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos.** Belo Horizonte: Pontes, 2011.

PAIVA, V. L. M. O. A. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, F.C. (Org.) **Reflexão e Prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira.** São Paulo: Editora Clara Luz, p. 23-36, 2005. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/modelo.htm>>. Acesso em: 07 de out. 2013.

_____. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino**, vol.9, n.1, pp. 77-127, 2006.

_____. Aquisição e complexidade em narrativas multimídia de aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada.** V.8, n.2. p. 321-339, 2008.

_____. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem.** Campinas: Pontes Editores, 2011.

_____. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos . In: BURGO, V.H.; FERREIRA, E.F.; STORTO, L.J. **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias.** Curitiba: Editora CRV, 2011b. p.71-86.

_____; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

_____; O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.) **Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 44. Campinas, SP : Pontes Editores, 2015, p.21-34.

PANITZ, T. A definition of collaborative vs cooperating learning. Disponível em: <<http://lgu.ac.uk.deliberations/collab.learning/panitz2.html>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

PARREIRAS, V. A. **A sala de aula digital sob a perspectiva dos sistemas complexos: uma abordagem qualitativa**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

PRENSKY, M. Digital Natives, digital immigrants. **On the Orizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, 2001.

RESENDE, L.A. S. **Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do Caos e dos sistemas complexos**. 2009. 305f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROSA, G. C.; VALE, D. R. **Relação entre leitura, abordagem de ensino, livro didático e as necessidades dos aprendizes**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/diversapratica/article/view/19508>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

ROSA, M.; OREI, D. C. **O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagensêmica, ética e dialética**. (2012). Disponível em: Acesso em: 17 dez. 2014.

SARDINHA, T. B. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. . DIRECT Papers 40. São Paulo, LAEL PUC/SP / United Kingdom, AELSU University of Liverpool, 1999, ISSN 1413-442x. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.

_____. **Pesquisa em linguística de corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SCHLATTER, M; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Org.). **Referências curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagem, códigos e suas tecnologias**. v. 1. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009, p.127-172.

SCHUTZ, R. **O inglês como língua internacional**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://d.yimg.com/kq/groups/2194194/231157438/name/APENAS%2BPARA%2BTUTORES%2B-%2BO%2BINGL%C3%8AS%2BCOMO%2BL%C3%8DNGUA%2BINTERNACIONAL%2B%2BPOELI%2BI_C9.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2013.

SIGNIFICADOS. **Web**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/web/>>. Acesso em: 19 jun. 2015

SILVA, V. A **dinâmica caleidoscópica do processo de aprendizagem colaborativa no contexto virtual**: Um estudo na perspectiva da complexidade/caos. 2008. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVEIRA, L. S. **O limite do caos na sala de aula**: um estudo sobre o uso de netbooks em aulas de inglês à luz da complexidade. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SOUZA, V. V. S. **Dinamicidade e adaptabilidade em comunidades virtuais de aprendizagem**: Uma textografia à luz do paradigma da Complexidade. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TEIXEIRA, A. **Diferença entre TOEFL iBT e ITP**: tire suas dúvidas! Disponível em: <<http://www.viva-mundo.com/pt/noticia/post/diferenca-entre-toefl-ibt-e-ity>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

UNITED STATES DEPARTMENTS OF STATES. **Bureau of educational and cultural affairs**: exchange programs. Disponível em: <<http://exchanges.state.gov/us/program/fulbright-english-teaching-assistant-program>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Idiomas sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/isf/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **My English Online**. Disponível em: <<http://www.myenglishonline.com.br/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

VAN LIER, L. **Interaction in the language curriculum**: awareness, autonomy and authenticity. London: Longman, 1996.

_____. **The semiotics and ecology of language learning**: perception, voice, identity and democracy. (2004). Disponível em: <http://www.ub.oru.se/Extern/Forskning/Forskningsmiljoer/HumUS/Utbildning_och_Demokrati/Tidskriften/2004/Nr_3/vanLier.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2014

VETROMILLE-CASTRO, R. A entropia sócio-interativa e a sala de aula de (formação de professores de) língua estrangeira: reflexões sobre um sistema complexo. In: PAIVA,

V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

_____; DUARTE, G. B. **Interação e a sala de aula de língua estrangeira em contextos digitais: uma perspectiva complexa**. (2011) Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/26>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

VOKI. Disponível em: <<http://www.voki.com/create.php>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

WALDROP, M. **Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos**. New York: Simon and Schuster, 1992.

WARSCHAUER, M. Of digital divides and social multipliers: Combining language and technology for human development. Moscow: UNESCO Institute for Information Technologies in Education, 2004, p. 46-52

_____; HESLEY, D. Computers and Language Learning: An Overview. **Language Teaching** Vol. 31. n. 2. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998, p. 57-71.

WEEDON, C. **Feminist practice and poststructuralist theory**. London: Blackwell, 1987.

WENGER, E. **Communities of practice: Learning, Meaning, and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WORDSMITH TOOLS. Disponível em: <<http://www.lexically.net/wordsmith/>>. Acesso em: 18 dez. 2014

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO A –Autobiografias dos alunos do ISF Inglês – UFU⁵²

Autobiografia 1

<Alê Ramalho>

Estudo Inglês desde 14 anos porque amava música inglesa/americana e queria saber a tradução e canta com uma boa pronúncia. Eu gosto demais de Inglês e estudo quase todos os dias... agora mais incentivada pelo Inglês sem Fronteiras e particularmente pela profa. Danila. Estou e ministro aulas de espanhol e estudo francês também, mas nada se compara ao inglês. Gosto do my english on line porque me ensinou a ter uma rotina de estudo e fico feliz com o treino, a única coisa que ainda é ruim é o listening que não funciona de jeito nenhum. Gosto muito do M.E.O, porque estive em vários cursos e nunca gostei de nenhum... Enfim... me ajuda a melhorar muito mais.

Autobiografia 2

<Aluno123>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 5 anos de idade. Desde pequeno sempre gostei de estudar tal língua, principalmente por causa das músicas (em inglês) que ouvia. Atualmente continuo estudando este idioma devido a vários motivos, como, por exemplo, sua importância para conquistar um emprego melhor, para "me virar" em viagens internacionais, para entender seriados, filmes e músicas em inglês e também por ser uma língua de fácil aprendizado se comparado com outras. Cursei o ensino regular em escolas públicas e posso dizer que o ensino de inglês nessas escolas é deficitário, não possuindo um corpo docente qualificado e material didático escasso, e quando o possuía, não era de boa qualidade. Desta maneira, estudei alguns anos em escolas particulares de inglês e considero satisfatório o resultado que consegui através desses cursos. Já em relação à tecnologia, acho que ela facilita muitas questões do dia a dia e a uso moderadamente, não tendo paciência para dispende muitas horas nela. Porém, é através dela que estudo e leio muitas coisas para aprender inglês. Quando comecei meu curso no MEO esperava um curso mais dinâmico e, devido à esta característica, me desmotivou a fazer regularmente as atividades do curso online; contudo não encontrei dificuldades para trabalhar nele. Gostei muito mais do curso presencial, pois foi permitido tirar dúvidas instantaneamente com professor, não havia o problema de erros de internet, servidor ou do próprio site do MEO. Além disso, com horários semanais fixos, você se sente mais motivado e cobrado a comparecer às aulas (o que é diferente de quando você faz um curso online, no qual você não é pressionado a fazer a aula em determinado dia e horário, o que faz você procrastinar suas atividades do curso). Os ETAs são muito importantes para o curso uma vez que trazem e compartilham sua cultura, costumes e, principalmente, seu idioma com os brasileiros, dando oportunidade para estes adquirirem fluência. Porém, não tive nenhum contato com os ETAs, apenas em alguns momentos no Cultural Sunday. No decorrer do curso minha experiência mais marcante foram as atividades interativas e dinâmicas em sala

⁵² Nas narrativas aparecem trechos nos quais os alunos digitam pontos, a expressão “500 caracteres”, entre outros. Essa peculiaridade se deve ao fato de a quantidade mínima de caracteres para enviar a autobiografia ser 500 e, ao não ao cumprirem o mínimo de caracteres, os participantes buscaram meios de finalizar a tarefa com essas expressões e sinais.

de aula, pois aprendi um pouco mais da língua inglesa de maneira divertida e não-monótona (que posso usar tanto para conseguir melhores notas em exames internacionais como também para as diversas situações que o inglês é necessário).

Autobiografia 3

<Barbara>

Na escola, tive meu primeiro contato com inglês na 1ª série, aos 7 anos de idade. Desde o princípio adorei aprender um novo idioma, mas só passei a estudá-lo em escola de idiomas aos 11 anos, onde perdi um pouco de interesse pela língua já que os métodos pedagógicos não eram tão bons e os professores eram obrigados a passar os alunos de ano. Assim aos 16 anos me "formei" em inglês, mas na verdade não sabia tanto como deveria. Mais tarde, aos 18 anos entrei no programa ISF no nível 3 e pegava aulas segunda noite e sábado à tarde, gostava tanto do curso que nem sentia vontade de faltar. Hoje em dia, estou no nível 4 e adoro minha professora, ela tem gosto de ensinar os alunos e as aulas são produtivas, são aulas noturnas em um período que estou esgotada e mesmo assim, vou nas aulas com gosto. Dessa maneira estou aprofundando meu conhecimento nesse idioma, que até hoje, foi o único que aprendi além do português. Acho que aprender outra língua é muito importante e o ISF me ajuda muito nisso pois se eu fosse estudar apenas pelo MEO, provavelmente já teria desistido porque sinceramente acho um jeito um pouco chato de aprender e que nos obriga de um jeito ruim a entrar na plataforma. Essa questão dos problemas do MEO são complicados, pois eu adoro tecnologia e acho um ótimo jeito de alastrar e adquirir conhecimento, porém não do jeito que é o MEO. Além disso, o MOODLE também é uma ferramenta que não me chama muita atenção, apesar de que acho bem mais interessante do que o MEO, mas acho que se tratando de aprender outro idioma as aulas presenciais são essenciais e a tecnologia deve ser usada como ferramenta complementar. Com o ISF, além de praticar o inglês, temos contato com estrangeiros que nos ajudam nessa jornada de aprendizado, são os ETAs, eles são maravilhosos e promovem atividades que todos participam, além de estarem presentes no nosso dia-a-dia universitário nos deixando tranquilos ao conversarmos com eles. Com o ISF eu sinto que realmente tenho chances de conseguir ir para outro país pelo CSF e isso é gratificante, pois é algo que espero fazer muito tempo.

Autobiografia 4

<Carla>

"Entre no curso de inglês aos 10 anos de idade.

Gosto, pois o estudo da língua inglesa é de extrema importância para minha carreira profissional. Na escola tive facilidade no inglês pois já frequentava aulas particulares. Fiz inglês em 2 escolas de línguas diferentes e gostei de ambas, apesar das metodologias serem diferentes.

O uso de recursos tecnológicos facilita tanto o aprendizado quanto a didática do professor, além de despertar maior interesse nos alunos.

Me considero razoável no uso das tecnologias, ainda posso aprender mais. Comecei a usar a internet para estudar inglês recentemente e estou gostando muito. Não tive dificuldades no MEO, o curso superou minhas expectativas, mas ainda prefiro o

presencial. Desconheço o significado da sigla ETA, favor descrever no questionário. Ainda não tive nenhuma experiência marcante durante o curso, mas estou gostando muito do entrosamento entre professor e os alunos, nossas aulas são muito divertidas."

Autobiografia 5

<Carlos_21>

1. Músicas e filmes em inglês; Em 2006 fiz meu primeiro curso. 2. Gosto muito, quero que seja uma segunda língua. 3. Sim, no mundo de hoje, globalizado, é extremamente importante. 4. Ruins, matéria quando era dada, era de qualquer jeito. 5. Sim por dois anos em escola particular. Foi muito boa, os professores eram muito capacitados, e as aulas muito dinâmicas. 6. Sim, ajuda muito e facilita a aprendizagem, e aumenta o conteúdo. 7. Sim. uso todo dia: notebook. celular, internet, etc. 8. Sim, cursos de inglês on-line. 9. Informações e táticas novas sobre a língua, como gramática. 10. Foi boa 11. Não. 12. Ficou muito melhor, mais fácil a aprendizagem. 13. Presencial. 14. Sim. 16. Sim. 17. Não vejo diferença. 18. Apresentação de slid para toda turma.

Autobiografia 6

<Che>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na escola regular. Gosto de estudar inglês mas tenho muita dificuldade porque acho a parte da gramática difícil de colocar em prática pois esqueço. O inglês da escola regular era razoavelmente fácil mas era apenas a parte de gramática e não havia muita dinâmica. Eu estudei em um instituto de idioma por 1 ano e a experiência foi boa, porém não fiquei por muito tempo para aproveitar tudo que o instituto oferecia pois entrei no básico. A tecnologia no ensino de línguas assim como em todas as outras matérias são bem úteis e importantes para deixar a aula mais dinâmica e prender a atenção dos alunos na aula. A minha relação com a tecnologia é bem básica, sei o funcionamento de programas e uso quando estou mais "atoa". Eu me considero razoável, aprendo facilmente e trabalho bem com os recursos. Eu utilizo a internet para aprender inglês quando preciso saber a tradução ou como se escreve alguma palavra em inglês. No curso MEO esperava aprender a parte gramatical que acho complicada, e assim facilitando a construção de frases. A plataforma MEO foi bem útil e me ajudou muito, porém as aulas presenciais já são o bastante e em minha opinião não seria necessário fazer o curso online e presencial, e sim um ou outro. O curso presencial não teve dificuldades, mas no curso online tive dificuldades com a parte que precisava de microfone, achei problemático e desnecessário pois até hoje não consegui utilizar o microfone na plataforma e isso abaixa a média. O curso presencial facilita muito pois a interação com uma pessoa que fala inglês durante a aula exercita o cérebro e você acaba aprendendo bem mais que o online. Eu gosto mais do curso presencial. Eu não sei o que é ETAs. A experiência mais marcante foram as brincadeiras durante as aulas com o inglês, era engraçadas e positivas.

Autobiografia 7

<Chicken Little>

Aos 13 anos de idade comecei a fazer curso de inglês, comecei no nível básico pois não sabia nada. Acho importante por ser a língua mais difundida do mundo e um pré-requisito para o ingresso no mercado de trabalho hoje. As aulas de inglês na minha escola regular eram terríveis. Infra estrutura péssima, material péssimo. Estudei 3,5 anos no Fisk, e 2 anos com professora particular, adorei essas duas experiências, principalmente com a professora particular que era britânica. Acho interessante o uso da tecnologia em qualquer tipo de aprendizado, desde que seja aplicado de forma que agregue valor ao ensino de forma dinâmica, e não apenas como um recurso chato. Não me considero muito bom no uso de tecnologia, só no básico mesmo. Não utilizo a internet diretamente para aprender inglês, mas ouço músicas e vejo séries e filmes em inglês, o que acredito que ajuda no aprendizado da língua. Não tinha expectativas definidas ao começar a utilizar o MEO, tive um pouco de dificuldades em utilizar a plataforma e acho muito chato o MEO, terrível de chato. em relação ao curso presencial eu não tinha expectativas muito boa em relação a ele, imaginei que fosse "meia-boca" salas cheias, professores descomprometidos, etc... Porém tive uma surpresa muito grande quando comecei a fazer o curso presencial, fiquei surpreso em ver o quão valioso era o curso presencial e o quão qualificados e motivados os professores são. Sem dúvida nenhuma o curso presencial é muito melhor que o online. o que são ETAs? (extraterrestes tenebrosos anônimos?) (Estudantes de Teologia amadores?) (Espíritos da terrestres de Askaban?). Essa parte de ETAs ficou um pouco mal explicada pra mim, vou assumir que sejam os intercambistas, porque acho que faz mais sentido que as outras alternativas que eu pensei, se forem os intercambistas a experiência foi muito boa, adorei falar com eles, as atividades que eles propunham nas aulas, suas histórias, a cultura, muito legal, e me sentia a vontade ao falar com eles. Acredito que o mais marcante foi ver o quão motivado a professora é, e isso faz uma diferença enorme na aprendizagem.

Autobiografia 8

<Clara>

Tive o primeiro contato com a língua inglesa logo no ensino fundamental. Desde lá os professores sempre foram muito bons, e olha que estudei toda a vida na rede pública. O ensino não era tão aprofundado devido a falta de tempo para as aulas, porém, muito do que sei sobre a língua inglesa aprendi nesta época. Gosto de estudar outra língua porque quando se conhece outra língua também conhecemos um pouco de outra cultura, e isto é muito importante. Apesar de nunca ter feito outros cursos de inglês em outros institutos acredito que consigo "me virar" bem caso necessário. Acho que a tecnologia facilita muito o processo de aprendizagem, já que é possível por exemplo escutar várias vezes a mesma aula até que se consiga entender. Quando comecei a usar o MEO achei que seria menos puxado, e não tão difícil, mas as aulas são bem claras, o que facilita o entendimento, e o próprio site é bem simples de mexer.

Autobiografia 9

<Cris>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 15 anos na escola, no ensino fundamental, com todo prazer participava das aulas, com notas superiores da língua portuguesa, com o passar do tempo verifiquei a importância do aprendizado da mesma pro meu futuro profissional. Minha expectativa com o curso on-line foi superada, pois identifiquei a mesma abordagem e didática ensinada no curso particular de minha cidade. Minha satisfação foi total devido o MEO ser on-line, pois me permitiu maior flexibilização com o tempo, e parei de fazer o inglês na escola particular.

Autobiografia 10

<Ehren>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na infância com os jogos de videogame, apesar de não conscientemente, isto foi uma base do aprendizado da língua inglesa. Primeiramente eu não me dedicava aos estudos da língua inglesa, apesar de que no ensino fundamental e médios eu tinha matéria de inglês no currículo escolar, mas o ensino de inglês nas escolas brasileiras públicas ainda está longe do ideal. Comecei a me dedicar aos estudos da língua inglesa após conselhos de professores da universidade e sua importância para o mercado de trabalho. Iniciei meus estudos pela plataforma do MyEnglishOnline (MEO), era entediante mas persisti. Após dois meses de estudo eu passei a conseguir entender uma quantidade razoável de palavras e colocações, foi nessa etapa em que o estudo de inglês deixou de ser chato e passei a estudar não pela importância e sim como hobby. Atualmente a internet se tornou um aliado importantíssimo para o aprendizado de línguas e demais assuntos, pois possibilita contato com estrangeiros e materiais riquíssimos sem sair de casa. Não tenho aulas presenciais pois não há vagas para meu nível, mas me sinto a vontade falando com falantes nativos da língua inglesa. Neste mês faz um ano que eu estudo inglês e nesse pouco tempo consegui dar um "improve" enorme. Espero daqui a um ano realizar o TOEFL e providenciar meu intercâmbio para aperfeiçoar ainda mais.

Autobiografia 11

<Elphasus>

eu primeiro contato com o ensino formal de língua inglesa ocorreu quando cursava a então 5ª série do ensino fundamental, aos meus 10 anos de idade. No entanto, já travara contatos anteriores com o idioma, como durante a exibição de filmes e desenhos animados, e com livros com que tinha contato durante a infância, e mesmo com explicações acerca da língua inglesa em situações informais, como, por exemplo, explicações de minha mãe e de familiares. Tive sempre dificuldades em estudar a língua inglesa e não gostava muito das aulas, que eram extremamente entediantes, pouco dinâmicas e distante da minha realidade. Contudo considero extremamente importante a aprendizagem do idioma, código universal de comunicação na contemporaneidade. Nunca estudei em institutos de idiomas, apenas na escola regular (pública, da 5ª à 7ª séries, e privada da 8ª série ao 3º ano do ensino médio). O contraste no ensino de língua inglesa nas duas escolas diferentes é bem claro, desde a qualidade do material utilizado até o tempo de duração das aulas e a qualidade do ensino. Acredito que o uso de tecnologias audiovisuais pode ser um relevante complemento para a consecução da aprendizagem do idioma, como a apresentação de vídeos, músicas,

slides e jogos, por exemplo. Considero que tenho um bom desempenho com a utilização de recursos tecnológicos, como os já citados e também com a internet, importante ferramenta complementar no processo de ensino-aprendizagem de idiomas. Eu não tinha expectativas bem claras a respeito do MEO antes de realizar minha inscrição no curso. Já havia tido contato com ensino a distância anteriormente, como os ofertados pelo ILB/Senado Federal, e esperava que se tratasse de algo semelhante. De fato o MEO se assemelha aos demais cursos EaD que já realizei, mas me surpreendi positivamente com a plataforma do MEO, sobretudo após a atualização por que passou neste ano. Considero o curso bastante completo e dinâmico, contemplando as habilidades de leitura, escrita e compreensão auditiva. Entretanto, a parte de pronúncia ainda apresenta persistentes falhas, prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da habilidade de pronúncia e expressão oral. As dificuldades que tive no MEO foram justamente nesse ponto, de speaking, com problemas técnicos na gravação de áudio que acompanham o curso desde seu início. As principais mudanças quando o curso passou a ser presencial foram na minha capacidade de compreensão auditiva. Com o contato mais recorrente com a expressão oral da língua inglesa, percebi melhoria na minha capacidade de entender os áudios do MEO, seja nos textos seja nos exercícios. Prefiro o curso presencial por acreditar que aprendo mais eficazmente em um ambiente de sala de aula, de interatividade real com professor e alunos. Concebo o ambiente on line como um complemento às atividades presenciais, um reforço do processo de ensino-aprendizagem presencial. Considero a presença dos ETAs importante, sobretudo para se ter contato com falantes nativos da língua inglesa, algo que possibilita experiência de se notar o inglês como língua materna. Ademais aspectos culturais dos países anglófonos também foram apresentados aos alunos, ampliando nossa compreensão acerca da história, cultura e civilização dos povos de língua inglesa. Gostaria de ter praticado mais o idioma com os ETAs, mas não me sentia à vontade para isso; creio que minha insegurança em relação ao idioma tenha sido o principal motivo para tal fato. Não me recordo de uma experiência mais marcante no decorrer do curso; enxergo o desenrolar das aulas como um processo, no qual, a cada dia, conseguia ampliar meus conhecimentos sobre a língua inglesa. Talvez o que tenha sido mais marcante foi ter sido capaz de realizar a prova do TOEFL iTP com relativa tranquilidade e obtido uma nota acima da que eu esperava (530).

Autobiografia 12

<Eng12>

"Pesquisa on line sobre estudos da língua inglesa

1. Quando foi seu primeiro contato com a língua inglesa?

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5.a série do ginásio (ensino fundamental) aos 12 anos.

2. Você gosta de estudar língua inglesa? Por que?

Sim gosto de estudar a língua inglesa para compreender melhor e corrigir os textos que preciso ler e os de publicação, entender e pronunciar corretamente as palavras técnicas e de música.

3. Você considera importante aprender a língua inglesa? Por quê? Sim considero importante aprender a língua inglesa para compreender melhor e corrigir os textos que

preciso ler e os de publicação, entender e pronunciar corretamente as palavras técnicas e de música.

3. Como foi sua experiência com as aulas de inglês da escola regular?
Foram interessantes e eu aprendi a base, sempre foi um desafio para mim, aprender a língua inglesa.

4. Você já estudou em outros institutos de idioma? Como foi sua experiência?
Sim, já estudei em outros institutos de idioma, em escolas particulares. Como foi sua experiência?
Minha experiência foi boa mas, a atual no Inglês sem Fronteiras e MEO My English On line estão sendo muito interessantes com bons resultados.

5. O que você acha de utilizar tecnologia no ensino de línguas? Você considera importante?
Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e possibilita a repetição da gramática e da fala, pronúncia, facilitando o processo de aprendizagem e gravação na memória e aprimoramento da pronúncia.

7. Qual a sua relação com tecnologia? Você se considera bom quando trabalha com recursos tecnológicos?
Quanto a minha relação com a tecnologia, tenho que aprender, procurar ajuda para gravações, como colocar no Moodle as respostas. Não me considero boa, apenas razoável.

8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. O que você esperava encontrar quando começou seu curso no MEO?
Sim, utilizo a Internet, no início do MEO tive mais dificuldades, permaneceram as que tenho que gravar a voz, os speaking. Principalmente para mudar de nível.

10. Como foi sua experiência na plataforma MEO? 11. Você teve dificuldades ao trabalhar na plataforma?
Sim, utilizo a Internet, no início do MEO tive mais dificuldades, permaneceram as que tenho que gravar a voz, os speaking. Principalmente para mudar de nível.
Mas, está sendo proveitosa a experiência.

12. Quais foram as principais mudanças quando o curso passou a ser presencial?
O curso presencial permite o esclarecimento de dúvidas e sedimenta mais o conhecimento, facilita o speaking e o listening.

13. Você gosta mais do curso on-line ou presencial?
Gosto mais do presencial porém o curso on-line também é muito importante para exercitar, repetir.

14. Você considera os ETAs importantes para o curso?
O que são os ETAs?

16. Você gosta de praticar falar em Inglês com os ETAs? 17. Você se sente a vontade quando fala com os ETAs?

18. Qual foi sua experiência mais marcante (positiva, negativa, engraçada e/ou embaraçosa) no decorrer do curso?

Gostei muito da experiência com Nicole, professora nativa, das aulas com professora Danila e Olívia são muito competentes, expert no que fazem, tornam as aulas e o aprendizado mais interessante"

Autobiografia 13

<Fernanda>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na antiga 5ª série e eu gostava da minha professora de Inglês e de aprender Inglês. A forma como ela ensinava era interessante. Considero importante, pois a língua inglesa está presente em músicas, filmes, séries e nos principais artigos científicos. Tive boas experiências com a língua inglesa na escola regular e somente estudei em outra instituição no ano passado, com 26 anos. Os professores falavam bem a língua mas não eram bons professores. A tecnologia no ensino de línguas é bem promissora e importante. Domino os recursos tecnológicos e a internet é uma ótima aliada para aprender Inglês. Com o curso MEO esperava estar apta para os exames de proficiência e iniciar o doutorado sanduíche. A plataforma é um pouco confusa, mas os materiais são interessantes. Tive dificuldades com o microfone e com as atividades que realmente seriam avaliativas. Gosto mais do curso presencial. Tive contato com os ETAs apenas em no Cultural Sunday, mas achei interessante o contato com a língua nativa e a cultura deles. Minha experiência mais marcante foi conhecer novos alunos, mais jovens do que eu, e ter a oportunidade de fazer um curso gratuito de qualidade.

Autobiografia 14

<Flávia>

"Meu primeiro real contato com a língua inglesa foi quando eu estava no ensino médio, ao iniciar um curso de inglês aos sábados pela manhã. Eu sempre achei interessante essa língua e gostei de estudá-la. Ao meu ver, a língua inglesa permite a qualquer pessoa ir a qualquer lugar e ser entendido. No entanto, percebo que algumas pessoas nunca irão realmente utilizar essa língua. Assim, a importância em aprender a língua inglesa depende de cada pessoa.

Quando eu fazia aulas de inglês em escola regular, eu ficava em partes perdida. Não entendia muita coisa. O material me parecia superficial demais. Também já estudei em outras escolas. Algumas eu gostei bastante, as aulas eram bastante dinâmicas e parecia que o professor montava a aula pensando nos alunos daquela aula.

Eu sou totalmente a favor do uso da tecnologia no ensino de línguas. Torna a aula menos monótona e mais atualizada, no entanto, de acordo com algumas pesquisas, as pessoas fixam melhor o que estudam quando escrevem à mão o conteúdo.

A tecnologia está em cada coisa do nosso dia-a-dia. Sendo mais específica e analisando o uso de computadores, tablets e smartphones, eu sou totalmente dependente. Eu trabalho com pesquisa. Quando surge alguma dúvida sobre algum termo que eu não

conheço e, então, utilizo da tecnologia pra aprender, fica mais fácil entender todo o assunto. Outra situação que a tecnologia mostra sua utilidade e importância é quando eu preciso ter acesso a um trabalho do século passado e de um pesquisador da China. Devido a esse contato direto com a tecnologia, eu me considero uma pessoa com bons conhecimentos nesse assunto e que tem facilidade pra aprender mais sempre que necessário.

Sim, eu utilizo a internet pra aprender inglês. Eu assisto a seriados, faço as atividades do My English Online.

Ao começar o MEO, eu esperava atividades mais difíceis e que não fosse tão repetitivas algumas atividades. A plataforma é fácil de ser utilizada, no entanto, as atividades com áudio sempre apresentam problemas. Com o curso presencial, foi possível trabalhar mais a parte de conversação, de assuntos mais próximos ao nosso cotidiano.

Eu gosto mais do curso presencial.

Eu não acho os ETAs importantes para o curso. Desde o primeiro dia, da aula da primeira turma que eu participei, eu só os vi participando das aulas no máximo 5 vezes. A prática de inglês com os ETAs é muito boa, mas como eu falei, tivemos pouquíssimo contato com eles.

Com alguns ETAs sim, com outros não. Alguns parecem que estão dispostos a conversar, a trocar conhecimentos. Já alguns parecem que estão fechados a isso.

A minha experiência mais marcante foi quando a minha professora me indicou como aluna mais dedicada ao superiores dela."

Autobiografia 15

<Helder>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na escola. O inglês é uma língua interessante e muito importante, pois para conseguir um bom emprego o inglês é o necessário. Já estudei em diversas escolas de inglês, algumas boas outras mais chatas. A tecnologia é importante em todo lugar, inclusive na sala de aula. Achei que seria mais complicado aprender inglês por aulas on-line, mas o MEO é até fácil de aprender, porém não muito legal. Já o curso presencial é bem melhor, mais dinâmico. Prefiro o curso presencial. Os ETAs são importantes, pois mostram além de conversar com pessoas de outros países, é um aprendizado cultural também.

Autobiografia 16

<Isa>

Comecei o inglês devido a carência de aprendizado de outras línguas, no entanto os cursos em sua maioria possuem um alto custo de manutenção. Desta forma a partir do ingresso na universidade e surgimento desses cursos de idiomas gratuitos, voltei a fazer o inglês. Acho interessante as modalidades online, no entanto requer muita disciplina e muito complicado quando se tem dúvidas sobre o conteúdo. Já a modalidade presencial é muito melhor pois da oportunidade de sanar as dúvidas e facilita o processo de ensino e aprendizagem, com a interação entre os alunos.

Autobiografia 17

<Jo>

Estudo Inglês desde que era criança. Meu primeiro contato com a língua foi no 6º ano. Gosto muito de falar essa língua, acho até que deveríamos falar inglês no Brasil. Seria muito bom se o Brasil tivesse sido descoberto pelos ingleses. As aulas no ensino regular foram importantes porque despertaram meu interesse pela língua. A tecnologia facilita e muito a aprendizagem de uma língua. Na minha época, por exemplo, era muito difícil, não tínhamos quase nada, apenas livros e dicionários e assim a pronúncia ficava um pouco prejudicada. Não tenho muita habilidade com o computador mas mesmo assim percebo que ajuda demais. Minha experiência com a plataforma foi um pouco assustadora, mas aos poucos fui me acostumando. No presencial temos a oportunidade de interagir e praticar com os colegas, por isso, gosto mais do presencial. Enfim, todas as ferramentas são importantes e minha experiência foi positiva e bastante produtiva.

Autobiografia 18

<João>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi, com certeza, através de músicas. É uma língua que hoje eu tenho um certo domínio, mas não me considero um bom falante. Não acredito que aprendo mais estudando a língua, mas sim utilizando-a todos os dias, seja por conversas, leituras, músicas, filmes ou seriados. Aulas de inglês normalmente são muito uniformes, sempre moldadas com livros, apostilas e exercícios obrigatórios. Em toda minha vida eu só estudei inglês durante um semestre em uma escola especializada, e todo meu aprendizado foi verdadeiramente construído pelo meu interesse, ao assistir um filme inglês sem legenda, por exemplo. A tecnologia sempre foi um ponto positivo ao se aprender uma língua, entretanto, acredito que a maioria dos alunos IsF não acham o Moodle um bom suporte para isso, apesar de valorizarmos o esforço de todos os professores ao tentar melhorá-lo para criar maior interesse. Acessamos facilmente qualquer página na internet hoje em dia, mas não o Moodle. O MEO é uma ferramenta boa para se estudar matéria, aprender um pouco mais da gramática inglesa ou até mesmo revisá-la, que na maioria das vezes me preocupa em um momento de conversação, mas nós estudantes estamos sempre achando que vamos ficar bloqueados no curso e esta obrigação acaba se tornando cansativa. Acredito que não esperava encontrar no MEO páginas digitalizadas de livros de inglês e exercícios tipo "complete a frase", pensei que fosse uma forma mais interativa. Não é excelente, mas aceitável, e por ser sem graça acabo me esquecendo de entrar. Cursos presenciais são, para mim, mais interessantes. Minha experiência no IsF foi a melhor possível e acredito que não paro neste semestre. São aulas com debates, muita conversa, música, filmes, exercícios mais específicos e ótimos jogos, como o Pictionary. Os ETAs são excelentes para aperfeiçoarmos nosso inglês, mas infelizmente parece que só os professores têm mais contato com eles. Só tive a oportunidade de conversar com um ETA no Cultural Sunday. Quando tive a oportunidade de viajar para fora uns dias, percebi que voltei sabendo um pouco mais do inglês. Seja nas ruas, ou na televisão, ou no carro com o rádio ligado, ouvir uma conversa ou tentar iniciar uma lá fora, por mais que necessário seja, já me deu mais confiança ao tentar falar o inglês.

Autobiografia 19

<Jonh>

- "1. no ensino fundamental na quinta série
2. sim
3. sim, é uma língua que auxilia na comunicação entre várias culturas e auxilia no mercado de trabalho.
4. foi muito boa e despertou o interesse por fazer cursos.
5. sim, foi uma experiência muito boa que proporcionou boa base para interagir com os cursos atuais.
6. sim, quanto mais dinâmica mais fácil fica a assimilação de conteúdos.
7. sim, com adaptação as sistemas temos maior agilidade na realização de tarefas.
8. sim
9. esperava prática e de fato houve.
10. boa.
11. apenas na parte que pede para gravar a voz.
12. foi interessante que no presencial é mais fácil esclarecer dúvidas.
13. presencial
14. ainda não tive contato mas acho que é muito importante pois será uma prática como se estivessemos no local de comunicação real.
- 16.
- 17.
18. sempre são ótimas as aulas, pois nós nos descontraímos com as perguntas e respostas de acordo com nossa contemporaneidade e conhecimentos particulares"

Autobiografia 20

<JÚNIOR>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5.^a série. Desde essa época, em que eu tinha uns 12 anos, gostava de estudar inglês, mas sabemos que o ensino de inglês na escola regular não é bom. Aprendi a ouvir frases simples em inglês somente quando entrei na escola de idiomas [REDACTED], foi quando eu tinha 18 anos. Fiquei uns 2 anos nessa escola. Aos 20 anos cursei ciência da computação na UFU e formei com 25 em 2013. Hoje estou no 4.^o período Letras-Francês. Tive contato com inglês novamente ao cursar as disciplinas de inglês obrigatórias do 1.^o e 2.^o semestre. Gosto de tecnologias digitais e me adaptei bem ao MEO. Esperava desde o início do curso dominar a língua inglesa, pois é uma língua franca e sem dúvida abre-se muitas portas no mercado de trabalho para aquele que domina essa língua. Acredito que depois das aulas presenciais do MEO alcancei o nível B1. Acho o curso presencial melhor que o online. Os ETAs me deixaram mais motivado, pois quando converso com um nativo americano que me entende, sinto que sei falar (um pouco de) inglês. Em geral, as experiências mais embaraçosas estão relacionadas àquelas situações em que há mal-entendidos na comunicação, o que é comum quando se está aprendendo uma língua. Com medo disso, é difícil se sentir a vontade ao falar com os ETAs.

Autobiografia 21

<Knychala>

No estudo fundamental em escola regular com experiência mediana, razoável. Já estudei francês e espanhol na escola regular também mas, dei continuidade apenas na língua inglesa. Gosto de estudar língua inglesa para melhor entendimento dos artigos profissionais e conversar com profissionais e amigos na língua inglesa quando necessário. Minha relação com a tecnologia é razoável, não me considero muito boa, apenas boa. Sim, utilizo internet para aprender inglês no Moodle do inglês sem Fronteiras, no My English on Line (MEO) e no Youtube. Acredito que consigo aprender mais nos cursos presenciais mas, consigo aprender, estudar online. Sim, eu tive dificuldades em trabalhar na plataforma, até aprender como fazer. A dificuldade maior com o MEO foi em gravar os speaking e principalmente ao realizar os testes para mudar de nível em que ele não reconhece a minha pronúncia e não grava o que estou falando. O que são as experiências com os ETAS?

Autobiografia 22

<Lucas>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na quinta série do ensino fundamental. Eu gosto de estudar língua inglesa, acho melhor que estudar a portuguesa. Considero fundamental aprender sobre a língua inglesa pois é requisito para atuar na área que pretendo trabalhar. Foi boa, apesar de ser um pouco limitada devido ao nivelamento da turma. Tive sim, foi muito enriquecedora a experiência. Acho que utilizar tecnologia cabe em qualquer atividade no momento global atual, desde que seja utilizada de forma correta. A relação é próxima pois faço curso nesta área, logo gosto de trabalhar com este tipo de recurso. Utilizo internet para aprender pois assisto material em inglês na internet e também utilizo como dicionário para conhecimento das palavras que aparecem durante o dia-a-dia. Espera encontrar uma plataforma mais dinâmica e que fosse de fácil uso, porém a prova de nivelamento já me desanimou um pouco, esta é muito extensa e cansativa, com relação aos cursos online são bem interessantes, o problema é a falta de tempo para realização dos mesmos, fazer o curso online aliado a um presencial é de extrema dificuldade pois consomem muito tempo. a plataforma é tranquila para se trabalhar. O curso presencial tem uma dinâmica melhor pois as dúvidas podem ser sanadas no momento e também este proporciona uma interatividade maior entre os próprios alunos e a professora, outro ponto positivo do presencial são a possibilidade de *feedback* pontuais com relação a pronúncia de palavras. Eu prefiro o curso presencial. Acho extremamente importante a participação dos ETAs e poderiam até participar mais, pois eles agregam muito na pronúncia e também nas questões culturais. Eu gosto e me sinto extremamente a vontade para falar com os ETAs. Acho que a experiência mais marcante foram as próprias aulas, nelas pude aprender sobre a língua e também sobre a cultura de países falantes do inglês.

Autobiografia 23

<Lucas>

1. Aos meus 18 anos, quando eu tive vontade de aprender esse idioma e comecei a acessar sites relacionados. 2. Sim, não só inglês mas outros idiomas como mandarim e coreano. Digamos que se trata de um talento. 3. Sim, aprender inglês é muito importante, principalmente em um mundo onde empresas estão procurando por profissionais

bilíngues. Mas inglês não é mais um diferencial, mas sim um pré-requisito.4.Péssima, a única coisa que aprendi foi... na verdade eu não aprendi nada, apenas como falar "verbo to be".5.Sim, estudei na Wizard por 1 anos mas notei que é impossível aprender um idioma novo de fato apenas frequentando essas instituições que visam mais o dinheiro do que a aprendizagem.6.Depende de que tipo de tecnologia estamos falando. É claro que o ensino do inglês através da internet é uma "mão na roda" para o ensino da língua, porém devemos ter cuidado em não acreditar que apenas isso seja suficiente para aprender um idioma.7.Estou cursando engenharia elétrica, logo trabalho com tecnologia "diuturnamente", tendo assim um grande conhecimento sobre tal.8.Claro, a internet é o único meio de se aprender um idioma novo sem sair de seu país de origem.9.Esperava encontrar um dispositivo online que ajudasse seus usuários a obterem fluência em inglês através de um método de imersão em conversação.10.Péssima! O curso online consegue entediar e irritar até os mais pacientes, como eu. Não é de se estranhar que muitas pessoas que conheço dizem o mesmo. Quem inventou o MEO provavelmente deve ter aprendido inglês em uma escola gramatiquera.11.Sem se tratando da tecnologia a resposta é não, mas em se tratando do tédio que é ficar lendo aquele livro cheio de gramática a resposta é sim, tenho muita dificuldade em me manter concentrado naquele "livro" online.12.Quando o curso passou a ser presencial, finalmente eu consegui testar o que eu estava aprendendo. Os professores são excelentes e a dinâmica na sala induz vocês a aprender mais e mais sobre o idioma.13.Sem dúvida nem incerteza nenhuma o curso presencial é indispensável, já o curso online é inútil. Desculpe-me a maneira de falar, mas é a verdade.14.Eles são o diferencial no curso, pois uma coisa é falar com alguém que saiba inglês, outra coisa é falar com um nativo.16.Sim, claro.17.Claro, o problema é que as vezes não dá pra entender o inglês deles pelo ato de eles puxarem muito sotaque de suas regiões.18.Pela primeira vez na vida eu consegui fazer uma apresentação em inglês na frente de algumas pessoas, isso graças ao curso presencial.

Autobiografia 24

<Maria>

" Olá!

Logo nas primeiras séries do ensino infantil tive a oportunidade de ter aulas de língua inglesa que eram oferecidas na escola onde realizei o ensino infantil e fundamental. As aulas de inglês sempre foram umas das minhas prediletas durante o colégio, sempre gostei de estudar a língua e geralmente tinha mais afinidade com a área de linguagens e humanidades em que o inglês se enquadra, em oposição à área de exatas e biológicas.

O inglês como uma das línguas mais faladas do mundo parece de extrema relevância para o aprendizado. Isso porque, com o conhecimento desse idioma, parece ser facilitada as relações sociais e a obtenção de conhecimento e cultura no mundo marcado pela globalização, tornando nos de certa forma mais cidadãos.

Já estudei em um outro instituto de língua inglesa e a experiência foi muito boa. Nesse curso, tive a oportunidade de ter um contato mais profundo com a língua e, principalmente, adquirir um maior vocabulário.

Acho importante o uso de tecnologias para o aprendizado do inglês. Atualmente a internet faz parte do cotidiano dos jovens de maneira geral muitas vezes relacionado apenas a comunicação e diversão, mas é interessante associar esse ambiente à obtenção de conhecimento mais técnico aproveitando as diversas maneiras oferecidas por essa mídia para fazer isso como vídeos e músicas que podem tornar o aprendizado mais

natural e agradável. Aprendo muito sobre a língua assistindo séries e ouvindo música na internet. No entanto, particularmente, acredito que em oposição a opinião de alunos da minha idade, acho que esse aprendizado pela internet ainda deve ser aliado a métodos ""convencionais"" que abrangem o ""meio físico"". As vezes, tenho uma resistência em atividades que utilizam o computador como a realização de textos, preferindo a utilização da ""caneta e papel"" para isso.

O MEO é interessante porque apresenta o conteúdo de inglês e tem atividades diversificadas, ao contrario do que pensei que seria antes do início do curso. Não é difícil trabalhar na plataforma, o que mais impede a realização das atividades é realmente conciliar com as atividades do curso da faculdade que, infelizmente, desabafando aqui, são muitas. Prefiro as aulas presenciais pois, por serem mais dinâmicas com conversas com outras pessoas e troca direta de informação, são mais prazerosas.

Não tive muito contato com os ETAs, apenas no Cultural Sunday que foi uma experiência legal. Alguns se mostram muito abertos a mostrar a cultura e a língua do seu país de origem para os estudantes, o que faz com que falar com eles seja mais natural ou interessante. Acho que não sei delimitar um momento específico como marcante, mas foi positivo de maneira geral conhecer pessoas novas e legais como as que conheci durante o curso.

"

Autobiografia 25

<Mariah>

"Pesquisa on line sobre estudos da língua inglesa

1. Quando foi seu primeiro contato com a língua inglesa?

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5.a série do ginásio (ensino fundamental) aos 12 anos.

2. Você gosta de estudar língua inglesa? Por que?

Sim gosto de estudar a língua inglesa para compreender melhor e corrigir os textos que preciso ler e os de publicação, entender e pronunciar corretamente as palavras técnicas e de música.

3. Você considera importante aprender a língua inglesa? Por quê? Sim considero importante aprender a língua inglesa para compreender melhor e corrigir os textos que preciso ler e os de publicação, entender e pronunciar corretamente as palavras técnicas e de música.

3. Como foi sua experiência com as aulas de inglês da escola regular?

Foram interessantes e eu aprendi a base, sempre foi um desafio para mim, aprender a língua inglesa.

4. Você já estudou em outros institutos de idioma? Como foi sua experiência?

Sim, já estudei em outros institutos de idioma, em escolas particulares. Como foi sua experiência?

Minha experiência foi boa mas, a atual no Inglês sem Fronteiras e MEO My English On line estão sendo muito interessantes com bons resultados.

5. O que você acha de utilizar tecnologia no ensino de línguas? Você considera importante?

Sim, a tecnologia ajuda muito, facilita e possibilita a repetição da gramática e da fala, pronúncia, facilitando o processo de aprendizagem e gravação na memória e aprimoramento da pronúncia.

7. Qual a sua relação com tecnologia? Você se considera bom quando trabalha com recursos tecnológicos?

Quanto a minha relação com a tecnologia, tenho que aprender, procurar ajuda para gravações, como colocar no Moodle as respostas. Não me considero boa, apenas razoável.

8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. O que você esperava encontrar quando começou seu curso no MEO?

Sim, utilizo a Internet, no início do MEO tive mais dificuldades, permaneceram as que tenho que gravar a voz, os speaking. Principalmente para mudar de nível.

10. Como foi sua experiência na plataforma MEO? 11. Você teve dificuldades ao trabalhar na plataforma?

Sim, utilizo a Internet, no início do MEO tive mais dificuldades, permaneceram as que tenho que gravar a voz, os speaking. Principalmente para mudar de nível.

Mas, está sendo proveitosa a experiência.

12. Quais foram as principais mudanças quando o curso passou a ser presencial?

O curso presencial permite o esclarecimento de dúvidas e sedimenta mais o conhecimento, facilita o speaking e o listening.

13. Você gosta mais do curso on-line ou presencial?

Gosto mais do presencial porém o curso on-line também é muito importante para exercitar, repetir.

14. Você considera os ETAs importantes para o curso?

O que são os ETAs?

16. Você gosta de praticar falar em Inglês com os ETAs? 17. Você se sente a vontade quando fala com os ETAs?

18. Qual foi sua experiência mais marcante (positiva, negativa, engraçada e/ou embaraçosa) no decorrer do curso?

Gostei muito da experiência com Nicole, professora nativa, das aulas com professora Danila e Olívia são muito competentes, expert no que fazem, tornam as aulas e o aprendizado mais interessante."

Autobiografia 26

<Militante Celeste>

"1. Na primeira série do ensino fundamental, mas de forma muitíssimo vaga.

2. Sim.
3. Sim. Porque expande as possibilidades dos estudantes no mercado de trabalho ou mesmo no meio acadêmico (pesquisa).
4. Não muito boas no Ensino Fundamental. Medianas no Ensino Médio. Boas no Ensino Superior.
5. Não.
6. Uma ótima alternativa.
7. Uma relação hoje bem intrínseca.
8. Na medida do possível, sim.
9. Um curso como quaisquer outros.
10. Melhor que as minhas expectativas.
11. Um pouco.
12. Professor disponível para tirar dúvidas de conversação, maior possibilidade de prática do idioma, conhecimentos adicionais bastante úteis.
13. Presencial com toda a certeza.
14. Muito importantes.
16. Sim, bastante.
17. No começo, me senti um pouco retraído, mas hoje me sinto com um pouco mais de abertura.
18. O Cultural Sunday que ocorreu na UFU. Foi um evento muito bom, já que consegui colocar em prática, muito do aprendi no curso, convivi com um pouco da realidade estadunidense e pude compreender melhor como é a sua cultura (EUA)."

Autobiografia 27

<Nathália>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi quando eu fiz 7ª série. Eu adoro estudar Inglês, além de necessário para garantia de um futuro em um bom emprego, é prazeroso. Na escola as aulas de inglês não rendiam muito, pois a falta de interesse dos alunos era significativa. Já estudei na Cultura Inglesa e atualmente estou na Wizard. Quando fui na Cultura, era mais nova e não levava muito a sério. Hoje tento aproveitar ao máximo das aulas. A tecnologia além de fácil acesso para maioria das pessoas, é de muita ajuda no aprendizado. Me considero boa com recursos tecnológicos e utilizo internet para aprender Inglês. Esperava um curso dinâmico, como é. Não é difícil o manuseio do MEO. As mudanças para o curso presencial foram positivas, pois com o contato pessoal é mais fácil tirar as dúvidas. Eu não utilizo os ETA's, mas gostaria de praticar. Não me recordo de uma experiência marcante.

Autobiografia 28

<Patrícia>

"Estudei inglês antes durante dois anos enquanto estava no ensino fundamental. Fiz curso no CCBEU (centro de cultura Brasil Estados Unidos) em Goiânia. Outro contato que tive foi através das músicas e autoaprendizado possível pela internet. Considero de extrema importância o ensino da língua inglesa (e de outras línguas) para a melhor capacitação do aluno (para provas futuras como de mestrado) bem como para viabilizar os discentes para poder realizar seu curso no exterior.

As aulas que tive no CCBEU foram de muita ajuda, assim como o inglês sem fronteiras. Apesar das aulas aqui no Campus Pontal ainda estarem no começo (houve falta de professores durante um período), achei as aulas agradáveis, conversação em inglês, material didático e tecnológico adequado (uso de computadores e data show). Utilizo a internet para aprender, normalmente, inglês através de músicas e jogos. O MEO também é de grande ajuda apesar de possuir algumas dificuldades e em alguns momentos não submeter os exercícios resolvidos. Particularmente prefiro o presencial, há uma melhor relação com a língua e trabalha melhor as conversas e interações. "

Autobiografia 29

<Poliana>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 22 anos. Eu gosto muito de estudar inglês, apesar de no começo não gostar tanto. O motivo é que a língua inglesa me permite interagir com o mundo todo, ao contrário das demais línguas existentes. Por isso, considero muito importante aprender a língua inglesa. A minha experiência em inglês na escola regular não foi legal, pois faltava didática e destreza por parte da professora que ministrou tal disciplina no ensino médio. Depois que saí do ensino médio, eu estudei inglês em três escolas diferentes de inglês e, no momento, no Inglês sem Fronteiras. Em todas estas escolas a experiência de ensino foi boa, o único problema foi a falta de tempo para estudos extraclasse. Eu considero ótimo usar a tecnologia para aprender inglês, pois eu passo a ter flexibilidade para controlar os meus estudos. Por isso, também utilizo a internet para aprender inglês. Afinal, eu esperava uma ótima experiência por meio do MEO, pois não tive nenhuma dificuldade no uso da plataforma. Quando comecei a fazer o curso presencial, o principal problema foi a falta de tempo para deslocamento e o horário da aula (horário do almoço). Considerando isso, eu prefiro o curso online. Considero as ETAs muito importantes para o curso, mas gostaria que fossem mais interativas.

Autobiografia 30

<Ra>

Na escola. Não gosto de estudar inglês, pq tenho dificuldade. Minha experiência foi péssima, talvez por isso que tenho dificuldades e não gosto. Já fiz cursinho fora por isso aprendi o básico. Este era gratuito e gostei do ensino. Achei mais interativo e atraente para estudar. É muito importante, tenho facilidade com tecnologia. Só utilizo internet para aprender inglês. Esperava um jeito de aprender inglês mais fácil e sem pagar nada. Gostei da experiência e não tive dificuldades. No curso presencial vc tem que estar ali sempre naquele horário, e muitas das vezes vc não pode firmar esse compromisso. Gostei mais do online. É interessante conversar com pessoas que vem de fora, mas tenho dificuldades. A experiência foi de saber q eu estava na turma errada, as pessoas lá sabiam muito de inglês e faziam ou já fizeram cursinho desses caros. Eu não tenho condições de pagar e sempre tive dificuldades.

Autobiografia 31

<Susana>

Comecei a estudar inglês no CCAA aos 15 anos de idade, por interesse próprio de aprender outra língua. É importante também porque maioria das empresas hoje exigem do funcionário o inglês pelo menos no nível básico, e por causa das séries e filmes que gosto que são todos em inglês. O inglês foi fundamental na minha vida acadêmica, pois fiz intercâmbio para os EUA. Lá fiz um curso intensivo de inglês avançado por 2 meses para aprimorar a língua e adquirir conhecimentos culturais. Ao retornar para o Brasil achei essencial continuar as aulas no MEO, pois assim continuo praticando a língua, ganhando maior conhecimento de gramática e vocabulário.

Autobiografia 32

<Tauana>

"Meu contato didático com a língua inglesa começou aos 10 anos, quando comecei um curso em uma escola particular de línguas. Nunca gostei de estudar a língua, mas gosto de saber, então frequentei a escola por 7 anos e recebi meu diploma de conclusão de curso. Estudar nessa escola foi de extrema importância, pois na minha escola regular (pública) o ensino da língua inglesa era muito defasado. Ter tido esse ensino me possibilitou uma compreensão maior de termos encontrados na internet, livros didáticos e filmes, por exemplo, o que eu acho muito bom.

Vejo que a língua facilita certas coisas em relação à tecnologia, mas pelo menos no meu dia-a-dia, não uma coisa muito significativa, mesmo quando se trata do MEO.

Quando me inscrevi para utilizar a plataforma eu esperava um site dinâmico, de fácil compreensão e que motivasse o aprendizado, mas quando comecei a utilizar na verdade senti que o site é massante e traz conteúdos repetitivos, além de exigir uma carga horária de estudos semanais muito puxada - cerca de 2 horas por dia -, que para uma pessoa que cursa uma faculdade integral é bem difícil. A parte presencial do curso se mostrou muito mais interessante, com dinâmicas, a presença dos ETAs, vocabulário e uma revisão de conceitos básicos e práticos. A parte de conversação presencial também foi muito interessante quando desenvolvida com os ETAs, pois pude ter mais contato com a língua, perceber sotaque, expressões, gírias e saber mais sobre a cultura de outros países. Esse intercâmbio também acontece para eles. Uma vez a ETA da minha sala contou que ela se sentia muito desconfortável com a nossa expressão ""uai"", pois ela sentia que estavam zombado dela ou sendo um pouco cínicos."

Autobiografia 33

<Unnamed>

"O primeiro contato com a língua que eu tive foi no ensino fundamental, a partir da 5ª série (6º ano). Gosto muito de estudar inglês, pois acho de importância extrema nos dias atuais ter a capacidade de se comunicar com todos. E o inglês é o idioma estrangeiro mais falado no mundo. Nunca estudei em algum instituto de idioma, porém tive uma enorme experiência com o idioma no ensino médio, o qual me auxiliou e ajudou nas dificuldades encontradas durante o ensino fundamental.

O uso de tecnologias no ensino de línguas é essencial, pois torna possível o contato com práticas e exemplos de melhor entendimento dos alunos, além de criar um contato maior com todos eles. Utilizo tecnologia diariamente, praticamente em todas as

atividades realizadas. Utilizo muito a internet para aprender inglês, principalmente através de seriados e filmes.

Ao iniciar o curso do MEO, tive um certo bloqueio. Não pelo motivo do sistema ser ruim, mas por ser exaustivo e sem algum tipo de incentivo maior (como por exemplo, dinâmicas e exercícios diferenciados, fora do comum). No curso presencial eu comecei a perceber o quão importante é um incentivo a estudar a língua, já que no mesmo sempre foram utilizados métodos eficazes, divertidos e que realmente nos chamam a atenção. Além disso, os professores sempre foram sensacionais, com atenção extrema aos alunos do IsF. Sem dúvidas, o curso presencial é meu preferido.

Os ETAs são essenciais para o curso, já que trazem a realidade vivida no exterior pra dentro da sala de aula, tornando nosso aprendizado mais dinâmico e com um contato maior com o idioma através de sotaques e experiências únicas. É sempre bom conversar com eles quando possível, pois são descontraídos e amigáveis.

A experiência mais marcante, ao meu ponto de vista, foi o Cultural Sunday, no qual tivemos um ótimo momento para praticar e vivenciar momentos com os ETAs, além de aumentar nosso conhecimento como um todo sobre tudo relacionado ao idioma. Definitivamente, tive um prazer imenso em participar desse projeto."

Autobiografia 34

<Yan>

Não me lembro bem da primeira experiência, mas com certeza foi antes dos 10 anos com videogame. Gosto muito de estudar inglês e admiro bastante a língua principalmente por esta ser mais direta e objetiva do que o português. Tive uma experiência regular com inglês na escola. Já estudei 4 anos no CCAA na cidade onde nasci, foi uma experiência excelente e que me agregou bastante. Quanto a tecnologia, depende do modo como é aplicada para aprendizagem, de qualquer modo considero seu uso importante. Tenho boa relação com recursos tecnológicos. Utilizo a internet no curso de inglês online oferecido pelo governo e para acessar sites de jornais renomados em inglês para treinar meu nível. Esperava agregar maior vocabulário com o MEO mas não me adaptei muito bem ao estilo pois se tornou bastante repetitivo. Não tive dificuldades com a plataforma. O curso presencial complementou o MEO pela interatividade e por tirar da zona de conforto para conversar com pessoas do mesmo nível e perder parte da vergonha que possuo. O curso presencial é bem melhor, sem dúvidas! Os ETAs são importantes por fornecer uma oportunidade que nem todos tem acesso na vida que é a prática com nativos da língua estudada. Tive poucas oportunidades com eles, mas é uma oportunidade bastante interessante. Me sinto um pouco retraído mas já venho evoluindo. Não me lembro de uma mais marcante, mas a professora conseguia envolver bem a classe com temas em que os alunos estavam engajados e não tinham inibição para debater. O curso foi uma excelente experiência para treinar e evoluir meu nível de inglês.

Autobiografia 35

<Ana>

Comecei a estudar inglês na escola, no ensino médio, mas foi quando comecei a fazer um curso em uma escola especializada que realmente peguei gosto pela matéria.

Comecei a estudar inglês devido a sua grande importância nos dias de hoje. Estou gostando muito do curso do inglês sem fronteiras pois sinto minha melhora dia-a-dia. Acredito que a internet me ajuda no processo de aprendizagem por funcionar como uma ferramenta, mas são as aulas presenciais que realmente me motivam e me ajuda a fixar o aprendizado.

Autobiografia 36

<Antonelli>

Sempre utilizei tecnologia para aprender inglês. Desde o início, quando comecei a estudar inglês no CCAA já utilizávamos vídeos, recursos audio-visuais, internet, etc. Estes recursos sempre me ajudaram e muitas vezes foram melhores do que só utilizar papel e caneta. Iniciei meu curso de ISF em 2015, para evoluir minhas habilidades na conversação, que para mim é a habilidade que deve ser mais desenvolvida e sempre utilizamos tecnologia no curso, pois sempre vemos um vídeo em inglês ou escutamos uma música em inglês pela internet. Sempre busquei auxílio para aprender inglês, principalmente na internet.

Autobiografia 37

<Arantes>

Os primeiros contatos com a língua inglesa foram durante o Ensino Médio, porém sem um seguimento regular durante o passar dos anos. Minhas primeiras experiências em curso de inglês foram pelo ISF da Universidade, sendo este semestre o segundo. De fato a utilização da tecnologia associado ao ISF facilita algum entendimento não fixado durante a aula seja ela presencial ou online (consulta a videos e blogs disponíveis na internet). Além desta ferramenta, ser objeto de complemento dos professores do ISF o que auxilia nos estudos extra sala de aula.

Autobiografia 38

O curso de Inglês sem Fronteiras tem sido, para mim, uma fonte de inesgotáveis experiências, a começar pela capacidade incrível de todos os professores que já tive a oportunidade de conhecer, e em segundo lugar os ETA's, que nos instigam e mostram a realidade do que estudamos. Dentre as inúmeras escolas de inglês que já passei, nenhuma se igualou ao nível de aprendizado que tenho tido com o Isf, pois me deparei com um método de ensino único e uma valorização ao aluno inigualável. A integração das diferentes skills, as diferentes formas de apresentação de matérias, eventos como o Cultural Sunday que nos colocam frente a frente com o que há lá fora, dentre tantos outros excelentes métodos.

Autobiografia 39

<Bob>

Eu realmente acho que a tecnologia foi parceira do meu aprendizado do inglês, nas minhas primeira classes de inglês, um quadro touchscreen multiuso me chamava muito a atenção e me fazia gostar ainda mais da minha antiga escola de linguas. Minha experiência com o IsF por dois semestres seguidos tem sido muito boa, o curso realmente me acrescentou, principalmente na parte da pronúncia. Minha experiência com o MEO não foi muito boa, achei uma atividade muito pesada que acabava não condizendo com o meu tempo e minha vida acadêmica.

Autobiografia 40

<Bombom>

O primeiro contato veio no ensino médio, mas o ensino era muito precário. Quando ingressei na faculdade iniciei o curso em uma escola particular, na qual estudei durante quatro anos. Mas nesse período foram poucas as oportunidades da inserção da tecnologia no aprendizado. Depois fiquei um ano sem curso regular, só fiz aulas de conversação. Faz mais ou menos um ano que participo de cursos do ISF na Ufu, fiz dois de curta duração e dois mais extensos. As vezes as aulas no MEO são cansativas e alguns exercícios repetitivos, mas no geral utiliza-se temas muito interessantes. O recurso para gravação de áudio durante as provas são sempre um problema, nunca dá certo ou não reconhece a fala. Nas aulas presenciais do Isf os professores sempre que possível fazem uso de recursos tecnológicos (as vezes a infraestrutura da universidade é que atrapalha) para deixar as aulas mais dinâmicas e interessantes. Além disso, usam redes sociais para interagirmos e praticarmos lições aprendidas em aula.

Autobiografia 41

<Brauner>

Comecei a estudar inglês na escola, como parte das disciplinas ofertadas no ensino médio. Passei a me interessar por filmes e musicas internacionais e comecei a procurar as traduções para o português. Dessa forma, conseguia assimilar uma língua com a outra e os significados de diferentes palavras em inglês passaram a ser absorvidas e compreendidas. Anos depois, já na graduação, a leitura de artigos em inglês e a ajuda do Google tradutor me potencializaram a compreensão desse idioma. O Inglês sem Fronteiras veio como auxílio no desenvolvimento e aperfeiçoamento da fala e escrita.

Autobiografia 42

<Carlos>

Na verdade, eu sempre estudei inglês, mas antigamente nunca levei a sério devido a dificuldade de aprendizado. Após o colegial e logo depois que entrei na UFU descobri a importância da lingua em contextos internacionais, comecei estudá-la pouco a pouco, em paralelo me tornei fluente na língua francesa e posso dizer que nos últimos 5 anos, investi mais na lingua inglesa, morei quase 2 meses em Dublin na Irlanda o que me ajudou um pouco mais, fiz alguns cursos intensivos após meu retorno ao Brasil. Prestei algumas provas do TOEIC e hoje mantenho o meu nível que eu considero avançado com as interessantes e construtivas aulas do IsF da UFU.

Myelt, percebi que, assim como em português, tenho dificuldade em ler rápido e caí em um nível do curso MEO baixo e com conteúdos que já conhecia e então conseguia passar para outros níveis sem grande esforço. Porém, como já dito antes, a disciplina influencia nos cursos online e, quando precisava fazer outras atividades, não fazia minhas aulas no MEO. Acredito que, como desde pequena estudei em aulas presenciais, tenho mais facilidade e ainda prefiro a interação e correções feitas na hora. Além das correções, a prática em conversar faz com que você construa frases mais rapidamente e tente falar mais naturalmente, mas isso é um desafio diário. É por isso gosto de minhas aulas atuais no IsF, que são lecionadas três vezes na semana com foco em conversação.

Autobiografia 47

<John>

Comecei em uma escola de Inglês traducional de Bebedouro-SP, cidade dos meus pais, comecei junto com amigos. Fiz aproximadamente 3 anos de inglês mas não levava tão a sério assim. Após isso vim para Uberlândia pois passei em Ciência da Computação na UFU, e no meu segundo semestre (2011) e fiz aproximadamente 2 anos e meio levando um pouco mais a sério mas parei pelos motivos da greve e nunca mais voltei. Em 2013 um professor meu realizou um experimento para melhorarmos nosso inglês fazendo aulas no MEO e ganhávamos pontos extras ao realizar cada tarefa, comecei no nível 2 e terminei até o nível 4 não sentindo grandes dificuldades. Depois disso realizei uma prova do TOELF que a UFU disponibiliza para uma tentativa de intercâmbio que não deu certo. Esse ano (2015) fiquei sabendo sobre os cursos de inglês gratuitos na UFU e resolvi me inscrever para fazer aulas pois estava fazendo poucas matérias e teria tempo livre. Hoje em dia realizo aulas de inglês toda segunda e quinta na UFU de Speaking e Listening para aprimorar minha fala. Em relação às plataformas Online acho elas válidas para alunos que buscam um conhecimento pela internet mas no meu caso não foi de grande ajuda, achei meio falho o sistema e com absoluta certeza aulas ao vivo seriam mais eficazes.

Autobiografia 48

<José Silva>

Iniciei meus estudos com 25 anos, em uma escola de idiomas, me formei 1 ano e meio depois, mas continuei buscando aperfeiçoamento em programas do governo, venho participando do curso online por 2 anos e do presencial há cerca de 1 ano. Quanto ao curso online tenho como crítica as dificuldades na área de executar as atividades de listening e speaking, e acho uma deficiência na área de speaking visto que não existe uma interação real entre professor e aluno, aluno e aluno. No entanto, creio que essa carência em relação à prática de speaking tem sido perfeitamente suprida com os cursos presenciais. Em relação aos cursos presenciais minha crítica seria em relação ao nivelamento dos alunos que estão participando das mesmas, percebo que a forma como o nivelamento é feita não tem sido eficiente na seleção de alunos para a turma correta.

Autobiografia 49

<Karol>

Comecei a fazer inglês numa escola particular a qual me deu uma grande base de vocabulário. Não tenho interesse quando preciso fazer atividades online, e não uso mais a plataforma MEO. Adoro as aulas presenciais, são uma forma de me estimular a aprender a língua.

.....

.....

.....

Autobiografia 50

<Leel>

A minha trajetória em inglês não começou da melhor maneira, tive o meu primeiro contato com 12 anos e tudo era novo. Mas sempre na turma tem aqueles que antecipam e tem oportunidade de ter aulas particulares. Porém o problema não é ter ou não, mas sim dos professores, que estão sempre a elogiar os que sabem e os que não sabem a critica-los. Durante toda a trajetória do ensino médio uma certa timidez em falar, apenas estudava para aprovar na disciplina e também nunca procurei outras formas de estudo. Mas com contato com o inglês sem fronteiras, tive a oportunidade de aprender em 2 meses, o que tive durante 6 anos (denomino de 6 anos perdidos) de inglês. A plataforma MEO, acho ele fácil, sem estudar os módulos "certinhos" consigo fazer o exame final e ser aprovado. As vezes eu faço uma unidade em aproximadamente 30 min com máximo de acertos, enquanto que em outra plataforma, sem querer estar a fazer propaganda demoro 1h em um modulo. Tive oportunidades em conversar com outros estudantes que tem opinião contrária a minha, então acredito que a plataforma seja um meio termo para todos os níveis.

Autobiografia 51

<Lilica>

Na adolescência fiz inglês em algumas escolas de idiomas, mas depois de adulta não fiz mais nenhum curso. Retornei a estudar a língua inglesa em 2011, na faculdade. Fiz MEO e conclui o nível 3, só parei porque achei a plataforma um pouco massante e por falta de tempo. Esta semana irei começar um novo curso on-line childhood in digital age, e espero gostar deste curso. O uso de tecnologia tem me ajudado bastante na aprendizagem da língua inglesa. Faço uso de vários dicionários on-line e a internet é a minha ferramenta predileta, porque é mais rápido e sempre encontro o que procuro.

Autobiografia 52

<Lucas>

Eu comecei a aprender inglês por conta própria um pouco antes de entrar na UFU. No primeiro semestre eu me matriculei no inglês (básico-1) da Celin.

Após isso, eu comecei a usar o MEO. Eu gostei da forma como era oferecido o conteúdo, mas a plataforma apresentava muitos problemas, quais sejam: muitos exercícios se repetem, as seções de speaking nunca deram certo pra mim, se por acaso a pessoa perder a senha pela segunda vez, perde o acesso ao site. O rol acima é apenas demonstrativo e creio que há outros problemas.

O ISF com aulas presenciais é excelente! Eu aprendi muito com os cursos que eu fiz. Em todas as aulas que tive, as professoras souberam conduzir muito bem as aulas. Creio que em uma classe, o recurso tecnológico básico, seria o projetor, mas na maioria da aulas na UFU este item básico não funciona corretamente. Então em vista disto, o ensino sem a dependência de tecnologia seja o caminho.

Autobiografia 53

<Lucas>

Comecei a me interessar pelo idioma quando ainda era jovem, com os meus 17 a 18 anos. Ao ver alguns filmes legendados, queria entender, sem precisar ler as legendas, o que os personagens diziam. Então comecei a ler os verbos em um dicionário de inglês simples. Poco depois comecei a jogar um jogo de nível global, onde os jogadores podiam se comunicar. Através do chat do jogo aprendi muitas palavras novas, no entanto sem nenhuma regra de gramática. Foi apenas com 21 anos que frequentei aulas de inglês em uma escola específica para ensino. Porém fiz apenas 6 meses de aulas. Sempre gostei de inglês e continuei buscando aprender através de canções e da ajuda da internet. Após ingressar na UFU, fiz a inscrição para participar do MEO. Não me adaptei ao programa devido a não ter um horário fixo para estudar por dia, cada dia tinha que entrar em um horário, pois minhas aulas variam de matutinas até noturnas. Com a divulgação das aulas presenciais do ISF acabei deixando o MEO de lado. Estou gostando muito das aulas do ISF. A turma é pequena e bem entrosada. Usamos o whats app e temos também um grupo no face book para conversar, tirar dúvidas, postar alguma coisa relacionada ao ISF. Estou bem contente com o que tenho aprendido no programa.

Autobiografia 54

<Luma>

não utilizo as aulas online, participo somente do curso presencial. comecei a estudar muito nova mas fiquei longo periodo sem praticar a lingua. desde que iniciei o ISF, melhorei consideravelmente meu vocabulario, listening e speaking. tenho muitas dificuldades com a escrita, sempre recorro ao dicionario para ajudar na grafia e no uso de sinonimos. desculpa, não tenho muito o que escrever. penso que exigir 500 caracteres num questionario de pesquisa desmotiva o participante, sugiro rever esse

critério. mesmo porque, ao responderem um questionário, pode ser que as pessoas não estejam dispostas a dispende de tanto tempo para imprimir suas reflexões e análises.

Autobiografia 55

<luuizhen>

Meu primeiro contato com a Língua Inglesa foi durante o ensino fundamental e posteriormente no ensino médio. Apenas na graduação que iniciei curso de inglês fora de disciplinas escolares, curso esse oferecido pelo Inglês sem Fronteiras. O curso é ótimo e beneficia a todos que participam, em que várias modalidades são abordadas atendendo a um público diversificado. A conciliação entre tecnologia e aprendizado por ser benéfica e de efeito positivo para alguns. Porém, no meu caso costumo utilizar plataformas digitais apenas para reforçar um conhecimento já adquirido, pois acredito que a aula presencial é o melhor método para se aprender uma nova língua em que a interação com o professor ou professora é essencial para o aprendizado.

Autobiografia 56

<Mabs>

Quando criança tive aulas de inglês e espanhol no colégio, as aulas ocorriam de duas a três vezes na semana, e o aprendizado ocorria pelo método da repetição. Algum tempo depois eu me interessei pela língua inglesa e comecei a procurar significados de palavras e vídeo aulas na internet, porém acho o aprendizado de forma presencial mais eficiente, tanto na escrita quanto na leitura e pronúncia. O MEO não é tão proveitoso quanto as aulas presenciais do ISF, e na minha opinião, não nivela adequadamente a proficiência do aluno. O professor é de suma importância em todos os aspectos e o acompanhamento é necessário.

Autobiografia 57

<maguiar>

Comecei a aprender inglês no ensino fundamental, porém o mesmo não era muito efetivo ou de boa qualidade. Ao entrar no ensino médio, a língua estrangeira era um ponto forte a ser tratado com os alunos, e, por isso, tive um contato muito maior com a língua inglesa. Ao entrar na UFU, comecei a participar do ISF, com o MEO ainda sendo obrigatório. O MEO não foi uma plataforma muito boa para minha aprendizagem devido a sua obrigatoriedade periódica e suas atividades não muito interessantes. As aulas presenciais, por sua vez, foram e estão sendo muito boas. É o dinamismo presente nas mesmas que gera o interesse do aluno em cada vez mais adquirir conhecimento nessa área. O uso de recursos tecnológicos, assim, é um grande aliado nessa experiência.

Autobiografia 58

<Mari>

O primeiro contato que eu tive com inglês foi no ensino fundamental nas aulas escolares. Porém os métodos não me ajudaram muito e não foram proveitosos. Tive mais interesse pelo inglês no ensino médio quando ouvia músicas e via seriados e filmes legendados. Após entrar na faculdade, conheci o curso do ISF no sexto período e realizei minha inscrição. O curso me ajudou muito, os métodos eram bem interessantes e interativos. Entretanto o nível do curso era de acordo com a nota que você tirasse no MEO, e como eu, honestamente, acho o MEO muito entediante, não realizei os exercícios de maneira correta, e assim, fiquei no nível 1 do curso de ISF. O nível 2 foi muito mais dinâmico e lucrativo, pois minha capacidade de ouvir e falar melhorou notavelmente, juntamente com meu interesse de estar presente às aulas, assistir aos filmes sem legenda e etc.

Autobiografia 59

<Maria Cecilia>

Comecei a aprender inglês muito cedo, e no começo foi difícil, pois era uma atividade diferente, mas comecei a interessar pela língua e meu aprendizado melhorou muito quando comecei a escutar músicas estrangeiras e assistir filmes em inglês legendados. Depois de vários anos consegui me comunicar bem em inglês e acabei o curso no CCAA. Assim que terminei as aulas na minha cidade, eu entrei na UFU e depois de 6 meses, comecei a fazer inglês no ISF, principalmente pelas aulas de conversação. Eu fazia as atividades do MEO, mas preferia muito mais as aulas presenciais, pois era onde eu aplicava o que tinha aprendido, falando.

Autobiografia 60

<Mariposa apaixonada de Guadalupe>

Durante o período escolar não dava importância para a língua Inglesa. Comecei realmente a ter uma noção do peso de uma segunda língua, apenas já na faculdade. Durante os primeiros semestres de graduação melhorei inconscientemente o listening, aumentando a quantidade de séries e filmes assistidos com legenda. Comecei a fazer as aulas do MEO, porém não tem um peso muito grande, no meu aprendizado, por eu não ter disciplina de aprendizado em casa. O diferencial para a melhora do meu Inglês estão sendo as aulas do ISF.

Autobiografia 61

<Nai>

Comecei estudar inglês no ensino médio, porém era deficitário. Então quando entrei na faculdade comecei a fazer inglês no ILEEL, depois tive que parar pela incompatibilidade de horário. Comecei a fazer no Cultura Inglesa. Depois comecei a fazer no Inglês sem Fronteiras, o nível das aulas são excelentes igual ou melhor do que em cursos pagos

de inglês. Já quanto ao ME O não deu muito certo para mim, fazia as lições aprendia até bem , porém eram muito rigorosos com frequência então muitas vezes não entrava devido a sobrecarga da faculdade ou por esquecer de entrar e eles me bloqueavam. Isto aconteceu várias vezes até que estressei e larguei de fazer.

Autobiografia 62

<Não>

comecei por ser necessário dominar um mínimo de inglês para jogar vídeo game, depois haviam disciplinas obrigatórias na escola.

Para googlar é melhor pesquisar em inglês pois há mais sites neste idioma. O curso do isf gerou um desafio pois eu só sabia LER inglês, nunca me preocupei em escrever, falar e ouvir e o contato com os alunos do intercâmbio dos EUA me fez me interessar mais no ato de falar/ouvir o idioma inglês. As aulas presenciais são boas, as do MEO não sei pois nunca me interessei em estudar sem um professor. Ainda não me foi útil saber falar, ouvir e escrever o inglês, apenas ler, pois agora tenho mais opções de fontes de conhecimento/informação para estudar.

Autobiografia 63

<Paçoquinha>

Iniciei meus estudos na língua inglesa pelo curso regular em uma escola particular (Cultura Inglesa). Os professores eram excelentes, bem como o curso bastante didático. Porém, senti uma lentidão no aprendizado, visto que o curso é estruturado em níveis que levam 5 anos para serem concluídos. Permaneci no colégio por 1 ano e meio e procurei um professor particular. Descobri a partir daí que o aprendizado na língua inglesa depende apenas do meu esforço e dedicação, bem como o tempo em que vou demorar para me tornar fluente. A fluência na língua inglesa, pela minha concepção, se dá através da prática diária, em se tratando da gramática, fala, interpretação e entendimento daquilo que se ouve. Atualmente, vê-se muitos recursos disponíveis em detrimento da tecnologia, muitos meios inclusive gratuitos para o aprendizado de outras línguas. Plataformas de bate-papo com pessoas do mundo inteiro, onde há o contato com pessoas de outros países que também estão em aprendizado da língua inglesa, exercitando diferentes sotaques e visando o maior objetivo: aprender a se comunicar com essa língua. Atualmente, estudo por conta própria, através do MEO, Inglês sem fronteiras na Universidade, que vem me trazendo um grande crescimento visto que posso interagir com outros colegas que estão no mesmo nível que o meu. É um curso bastante enriquecedor, objetivo, e a professora possui ótima qualificação. E o melhor: não pago nada por isso. Busco também materiais online, livros de universidades disponíveis na Web, como os de Oxford e Cambridge, com vários exercícios selecionados, além de outras práticas como assistir filmes e séries com legenda em inglês.

aulas presenciais, particularmente nunca tive apego por atividades do MEO preferindo as aulas presenciais. No segundo semestre de 2014 comecei as primeiras aulas presenciais, e meu conhecimento da língua inglesa subiu substancialmente. No primeiro semestre de 2015 comecei a frequentar as aulas presenciais aos sábados, porem não pude continuar por começar a trabalhar, mesmo assim continuo tentando aprofundar meus conhecimentos em inglês.

Autobiografia 68

<RR>

Meu primeiro contato com inglês foi na escola aos 15 anos e nas canções que gostava de ouvir. Nunca fiz curso de inglês em escola de idiomas. Me matriculei no MEO pela oportunidade de aprender inglês sem custos e de maneira mais flexível; Gostei do material didático, mas não tenho tempo de me dedicar todo dia porque são muitas lições para cumprir. Adoro as aulas presenciais do Inglês sem fronteiras porque complementa o que eu aprendo no My English Online e acrescenta na minha formação. Os recursos tecnológicos ajudam no aprendizado do inglês, porque possibilita o aluno pesquisar informações sobre vocabulário, pronúncia; além de ser uma forma dinâmica de passar o conhecimento para o aluno.

Autobiografia 69

<Zaruz>

Comecei a estudar a língua inglesa no ensino regular, no 6º ano. Um ano depois entrei em uma escola particular em Uberlândia e lá estudei por 6 anos. Nessa escola eram utilizados livros e cds, juntamente com a leitura obrigatória de livros de literatura. O inglês do ensino regular continuou até o 3º ano do Ensino Médio. Em 2015 fiz minha inscrição no MEO e em uma turma do Inglês Sem Fronteiras. Ultimamente não estou conseguindo administrar o meu tempo o suficiente para participar ativamente do MEO, porém já fiz algumas atividades e elas ajudam a relembrar coisas que já esqueci e a manter o conhecimento. Participo também de uma turma B1 oferecida pelo Inglês Sem Fronteiras. É ótimo poder praticar a conversação em inglês e melhor ainda em uma turma, pois cada pessoa traz conhecimentos que são inseridos no grupo. A professora apresenta atividades interessantes e tópicos de conversação de fácil discussão. O Inglês Sem Fronteiras também oferece atividades fora da sala de aula, como filmes e festas, estas organizadas por pessoas cuja língua nativa é o inglês. Em sessões de filmes eles são em inglês com legenda e inglês e logo após há uma discussão, promovendo a interação entre a comunidade.

Autobiografia 70

<Hulle>

1-) Em filmes, seriados e musicas.

- 2-) Sim, pois ajuda na interação com outras pessoas além de poder utilizar como recurso no aprendizado .
- 3-) Sim, é uma língua universal então é um meio de participar da globalização, além do que foi citado no item anterior.
- 4-) Apesar de ser muito básico é um grande incentivo para o aprendizado.
- 5-) Sim, foi bom. Apesar de não serem os cursos completos e sem muitos recursos.
- 6-) Sim, muito importante, como por exemplo, há vários aplicativos que auxiliam em um melhor aprendizado.
- 7-) sim, é uma área ótima de atuação além de ser bem criativa.
- 8-) Sim, tenho matricula em alguns cursos online, não só para o inglês como para outras línguas.
- 9-) sim, porém não frequentei com assiduidade e tive minha matricula cancelada, mas parece ser um recurso muito bom.
- 10) –
- 11) –
- 12) Preferencial é melhor, devido ao poder de interação.
- 13) sim, são ótimos auxiliam muito no curso.
- 14) sim, pois dividem experiência além de incentivar o aprendizado
- 15) sim, é um importante e bom para fixação do idioma
- 16) sim, pois é neste momento que mais se aprende
- 17) O curso como um todo foi ótimo a experiência mais marcante foi quando conversei com uma ETA, em que entendi tudo o que ela falou e o nosso diálogo foi ótimo

Autobiografia 71

<Pedro>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi no ensino fundamental e sempre gostei de inglês. Talvez por influência de amigos e família que sempre me incentivaram a aprender inglês, pois o mercado de trabalho é importante que se tenha o conhecimento de outra língua. A internet é um ótimo meio para o aprendizado do inglês, pois possibilita a pessoa buscar várias informações. No entanto, o contato com professores é importante para o aprendizado. O My English on line é uma ferramenta interessante que reforça o conteúdo já adquirido pela pessoa. Portanto, o curso presencial junto a outras plataformas de aprendizagem é importante e vantajoso para o aluno.

Autobiografia 72

<Ferna>

Comecei a estudar inglês com 10 anos. O uso da internet ampliou o contato com a língua. É algo que eu gosto e sempre que surge dúvidas, faço uso de ferramentas como dicionários on line e blog de gramática.

Tive contato com uma english on line, mas não tenho uso, nem me agrada, como alternativa de se aprender inglês. Prefiro curso presenciais e gosto da forma que as aulas do ISF são estruturadas.

Autobiografia 73

<Lali>

- 1) Acredito que foi no ensino fundamental
- 2) Sim, porque esta muito presente no nosso cotidiano e nas coisas que gosto
- 3) Sim, porque é um lingua global
- 4) Acredito que foram importantes para aprender o básico, mas nada além disso
- 5) Sim, a experiência foi boa e bem mais rica do que na escola regular.
- 6) Sim, considero importante, pois é um veículo de comunicação que interessa muitas pessoa
- 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é sempre bom aprender a se utilizar novos recursos tecnológicos para a diversão e aprendizado
- 8) Sim, assistindo vídeos e acessando sites.
- 9) Sim, Eu esperava aulas mais interativas e uma quantidade mais reduzida (realista) de exercícios
- 10) A plataforma era boa, porém tive dificuldades no programa referente ao “Speaking”. Também, foi difícil para mim conseguir realizar todos os exercícios, ver e ler todos os materiais
- 11) Acredito que a aula presencial proporciona um verdadeiro encontro e interação professo-aluno e do aluno com os seus colegas, sendo possível aprender mais e tirar duvidas
- 12) Gosto mais do presencial
- 13) Não
- 14) Sim
- 15) Sim, Gosto de praticar com professores e principalmente com os colegas
- 16) Nunca falei com u ETA, mas penso que professores podem deixar os alunos mais inibidos e envergonhados pra praticar oralmente o inglês. Eu prefiro falar com os colegas.
- 17) A experiência mais marcante foi, em um curso cuja enfoque era ler e escrever, poder aprimorar também a fala. Além disso relembrar a gramatica.

Autobiografia 74

<MGSF>

- 1) Meu primeiro contato foi aos 10 anos de idade. Meus pais sempre consideraram importante o conhecimento em outras línguas e por isso me matricularam em um curso de inglês, no qual eu permaneci até aos 17 anos de idade.
- 2) Sim, aprender outro idioma não é apenas falar ou escrever em um língua diferente, mas entrar em contato com uma cultura diferente, por isso eu gosto muito de estudar inglês e pretendo aprender outras línguas também.
- 3) Sim, pelo mesmo motivo da questão 02 e também porque no mundo globalizado em que vivemos hoje é uma vantagem conhecer outra língua.
- 4-) Foram ruins. Como eu fazia um curso de inglês paralelo a escola regulas as vezes eu sentia que sabia mais do que os professores.

- 5) Toda minha formação em inglês foi em uma escola particular e foi muito boa, me considero fluente.
- 6) acho para termos uma ideia de como o que aprendemos é usado pelos nativos.
- 7) eu sempre trabalhando/estudando com o auxílio de recursos tecnológicos e considero que tenho bom conhecimento na área
- 8) não, só para continuar em contato com a língua
- 9) sim. Esperava vários exercícios e achava que era possível interagir com outros alunos ou professores.
- 10) Entrei no MEO apenas duas vezes, não entendo muito bem como é feita a avaliação
- 11) no curso presencial temos o feedback do professor e sabemos onde erramos.
- 12) Presencial
- 13) não
- 14) não sei responder
- 15) Não sei, gosto de participar sempre.
- 16) não sei, me sito à vontade, pois acho que tenho um bom nível de conhecimento da língua
- 17) Considero positivo o fato do curso focar na escrita acadêmica, pois antes eu não tinha conhecimento sobre isso e se eu tivesse que conviver em uma universidade estrangeira minha escrita seria considerada muito informal.

Autobiografia 75

<VinnyR>

O meu primeiro contato foi criança através de jogos. A importância do estudo inglês é porque seja a língua universal. A falta de tempo e interesse fez que atrasasse o aprendizado.

Os recursos tecnológicos ajudaram no ensinamento do inglês, porém o recurso do My English online é ainda fraco, precisa melhorar o layout.

O contato com de EATs foram bons para o desenvolvimento e gostei muito das aulas.

Autobiografia 76

<ACD>

Meu Primeiro contato com inglês foi justamente no mundo tecnológico através de jogos. A necessidade de aprender o inglês para concluir as fases me levou ao aprendizado por necessidade. Minha experiência com o MEO foi relativamente boa para o aperfeiçoamento do idioma.

Autobiografia 77

<GSS>

- 1) Na escola, aos 11 anos.
- 2) Sim. Porque é legal aprender algo novo.

- 3) Sim, porque é a língua mais falada.
- 4) Ruim
- 5) Não
- 6) Sim, acho didático
- 7) Me ajuda bastante, acho que sim
- 8) Sim
- 9) Sim, eu esperava encontrar uma maneira de aprender a língua
- 10) Não
- 11) Interação
- 12) Presencial
- 13) Sim
- 14) Sim
- 15) Sim
- 16) Sim
- 17) As conversas.

Autobiografia 78

<Mari>

A minha trajetória de aprendizagem de inglês começou, por volta de 2003, no final do ensino fundamental, desde esse primeiro contato, percebi a importância de se estudar uma segunda língua e com o tempo, aprendi a gostar do inglês.

Hoje, mais do que uma opção, vejo a língua estrangeira como uma necessidade profissional diária, uma vez que trabalho com artigos científicos.

Durante as aulas de inglês na escola regular, aprendi o básico dessa nova língua, com uma boa professora que soube explorar bastante músicas atuais na disciplina, na maioria das vezes, com foco para a prova de vestibular da UFU. Nunca fiz nenhum curso de inglês, além do MEO e agora o ISF e acredito que a tecnologia é importante para melhorar a qualidade do ensino, mas não substitui as aulas presenciais. Na minha opinião, as aulas presenciais do inglês sem fronteiras são bem mais aproveitadas do que o MEO.

Acredito que minha relação com a tecnologia é fundamental para a vida pessoal e profissional, mas acho que em excesso a tecnologia atrapalha as relações interpessoais e até mesmo desvia a atenção durante os estudos e/o trabalho. Utilizo a internet para aprender inglês com músicas, filmes e trabalhos acadêmicos.

Em relação ao MEO, acredito que o fato de ser somente online, prejudicou o meu aprendizado e tive algumas dificuldades, o que não aconteceu quando o curso passou a ser presencial. Quanto aos professores assistentes ETA nativos, eles foram super tranquilos e nos deixaram super à vontade durante as aulas.

E para finalizar acredito que foram várias experiências marcantes que ocorreram durante o curso, superando excitações próprias, momentos de desânimo e vários momentos engraçados com a turma, mas que ajudaram no crescimento pessoal e profissional obtido.

Autobiografia 79

<MJ>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na escola (5ª. Ou 6ª série). Eu preciso estudar inglês, pois é vital para os engenheiros mecânicos, quando fiz inglês na escola regular, aprende a escrever, mas não a falar. Sempre estudei inglês (fora da escola) via aulas particulares. Aprendi a melhorar Leitura e escrita e a falar poucas frases. No ISF agora, estou melhorando, destravando mais na pronuncia das palavras e na montagem das frases, melhorando oque aprende nas aulas particulares. Tecnologia como jogos, Filmes, Musica Stc, sempre ajudaram no aprendizado em inglês, pois inglês é uma língua usados em todos eles.

Eu nunca fiz cursos Online.

Autobiografia 80

<Erisson>

Meu primeiro contato com inglês ocorreu no ensino fundamental escolar. Desde então considero a língua de suma importância no contexto global e interativo de hoje, è por isso que gosto e continuo estudando.

Muitas vezes minhas experiências com as aulas de inglês na escola regular foram embaraçosas e até mesmo sem interatividade, entretanto nunca estudei em uma escola de idiomas, e sim sozinho.

Creio que o uso da tecnologia no ensino de língua é importante, desde que não afete um princípio importante para meu pensamento a interação pessoal. Mesmo assim eu gosto de utilizar esses meios, prova disso é que eu busco estudar toda semana no my english online. A experiência é interessante em sala de aula. Entretanto prefiro curso presencial.

Durante as aulas presenciais eu tenho acesso aos ETAs e acho bastante importante até mesmo porque, conseguimos obter uma maior afinidade com a língua, além de aproximar cada aluno com o professor.

Durante o curso não ocorreu nenhuma situação embaraçosa e sim algumas coisas engraçadas e proveitosa

Autobiografia 81

<TCAA>

- 1) Não me lembro
- 2) Sim, porque acho interessante
- 3) Sim
- 4) Não muito boa
- 5) Não estudei
- 6) Sim, acho que pode facilitar o aprendizado
- 7) Sim
- 8) Sim

- 9) Mais aulas
- 10) Não foi bastante fácil
- 11)
- 12) Presencial
- 13) Sim
- 14) Sim
- 15) Sim
- 16) Nem sempre

Autobiografia 82

<DSB>

- 1) Músicas na Infancia
- 2) Sim, novas culturas
- 3) Sim, mercado exige
- 4) Fraco
- 5) Sim, bom
- 6) Sim, inovador
- 7) Sim, boa relação
- 8) Sim
- 9) Sim, esperava novas coisas mais interessantes, encontrei uma apostila para preencher
- 10) Sim, não gosto do curso online
- 11)
- 12) Presencial
- 13) Sim
- 14) Sim
- 15) Sim
- 16) Sim

Autobiografia 83

<MPC>

- 1) Escola fundamental
- 2) Necessidade, sim
- 3) Sim, necessidade
- 4) Ruim
- 5) Sim, ótimo
- 6) Ótimo, sim
- 7) Trabalho, sim
- 8) Sim
- 9) Sim, o mesmo que recebi
- 10) Muita dificuldades letra minúscula, sem alternativas visuais
- 11) Melhorou

- 12) Ambos
- 13) Sim
- 14) Sim
- 15) Não, sim
- 16) Não, sim
- 17) Positivas e engraçadas

Autobiografia 84

<Kamilla>

- 1- Meu primeiro contato ocorreu quando entrei no ensino fundamental.
- 2- Sim, pois acho que é necessário conhecê-la para fazer viagens, ler artigos atuais e internacionais, ir em congressos.
- 3- Sim, pois é uma língua quase universal.
- 4- Horrível, pois quase não aprendi sobre a língua, apenas o verbo to b e bem mais ou menos.
- 5- Sim, foi uma ótima experiência.
- 6- Sim, porque complementa nosso estudo e o torna mais dinâmico e interessante.
- 7- Minha relação é apenas acadêmica e para conversar com algumas pessoas. Sim, entendo bem as tecnologias.
- 8- Sim.
- 9- Sim, comecei a fazer mais não terminei pois é horrível fazer curso de língua online.
- 10- Não gostei da experiência e tive um pouco de dificuldades.
- 11- O curso presencial é melhor pois tem professor que ensina e tira as duvidas , e usa a criatividade para tornar as aulas mais interessante.
- 12- Presencial.
- 13- Sim.
- 14- Sim, pois é diferente a maneira com que falam e ensinam
- 15- Sim, pois é uma forma de prontuar e memorizar as palavras e regras básicas.
- 16- Não, as vezes tenho vergonha pois não acho que sou boa nisso.
- 17- Minha experiência foi positiva pois aprendi muitas palavras novas, pratiquei o pouco que sabia, perdi um pouco da minha timidez. Esse curso foi bem melhor do que eu imaginava e quero fazer sempre que puder.

Autobiografia 85

<Rafael>

Resumidamente, passei a estudar seriamente o inglês na graduação devido à necessidade de entender artigos científicos (a grande maioria é redigida em inglês). Mas sempre gostei de músicas em inglês, o que facilitou o aprendizado. Depois disso, passei a ler frequentemente periódicos científicos em inglês tanto sozinho quanto em grupo, nas reuniões de laboratório (prática que adoto até hoje com o grupo de pesquisa

em que trabalho). O IsF está sendo uma ótima oportunidade para exercitar o meu inglês e aprender mais sobre vocabulário, pronúncia, gramática e cultura. Agradeço ao grupo que oferece essas práticas pela dedicação e pelo empenho.

Autobiografia 86

<Gustavo>

Tem alguns anos que estudo inglês, porém, fazia curso apenas por fazer não tinha uma preocupação da minha parte em realmente aprender inglês, não me dedicava. Após esse ano, quando iniciei o inglês sem fronteira, resolvi me dedicar mais ao estudo da língua e realmente aprender de forma efetiva. Mas agora não tenho tanto tempo quanto tinha antes, se eu tivesse essa mesma maturidade e esforço que eu tenho hoje lá atrás no início do aprendizado, hoje eu seria fluente. Mas não dá pra voltar atrás é correr atrás do tempo perdido e o isf está contribuindo e muito, são muitas atividades, por exemplo Sunday Cultural, sensacional.. Ambientes estes que proporciona uma boa aprendizagem de forma efetiva e claro, pra quem quer e pra quem aproveita!

Autobiografia 87

<Joana>

"Estudando no ensino médio.

1. Quando foi seu primeiro contato com a língua inglesa? 2. Você gosta de estudar língua inglesa? Por que? 3. Você considera importante aprender a língua inglesa? Por quê? 4. Como foi sua experiência com as aulas de inglês da escola regular? 5. Você já estudou em outros institutos de idioma? Como foi sua experiência? 6. O que você acha de utilizar tecnologia no ensino de línguas? Você considera importante? 7. Qual a sua relação com tecnologia? Você se considera bom quando trabalha com recursos tecnológicos? 8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. Você teve contato com o My English Online? Caso tenha feito o curso on-line, relate o que você esperava encontrar quando começou seu curso. 10. Caso tenha feito o curso on-line, como foi sua experiência na plataforma MEO? Você teve dificuldades ao trabalhar na plataforma? 11. Caso tenha feito o curso on-line, quais foram as principais mudanças quando o curso passou a ser presencial? 12. Você gosta mais do curso on-line ou presencial? 13. Você teve contato com os professores assistentes (ETAs nativos americanos)? 14. Você considera os professores assistentes importantes para o curso? 15. Você gosta de praticar falar em Inglês com os ETAs? E com os professores e outros colegas? 16. Você se sente à vontade quando fala com os ETAs? E com os professores e outros colegas? 17. Qual foi sua experiência mais marcante (positiva, negativa, engraçada e/ou embaraçosa) no decorrer do curso?"

Autobiografia 88

<Flor>

"Meu primeiro contato com a língua inglesa foi no ensino fundamental, no ano de 2007, quando eu cursava a sexta série.

Embora eu tenha muitas dificuldades no aprendizado da língua, eu gosto sim de estudá-la, pois acho interessante ouvir uma música e entender sua letra, dentre outros fatores.

Sim, a Língua inglesa é de grande importância, visto que acredito ser essencial para qualquer pessoa entendê-la, pois essa está presente em todo nosso cotidiano, meio acadêmico, serviço, lazer, dentre outros.

Na escola regular, o ensino do inglês era muito básico, e sempre em todos os anos era ensinado a mesma matéria.

Sim, já estudei em 3 institutos de línguas, eu gostava bastante, mas sempre sentia que eu estava muito abaixo em relação ao conhecimento da língua e acabava desistindo.

Utilizar a tecnologia é essencial para o ensino de línguas. Tenho mais facilidade em aprender quando há recursos tecnológicos. Sim, utilizo a internet para aprender inglês.

Sim, tive contato com o MEO, achava muito bom, porém nunca tinha tempo para realizar todas as atividades.

Não tive dificuldade para trabalhar na plataforma.

O Curso passando a ser presencial proporcionou um melhor auxílio no estudo da língua, pois há um melhor acompanhamento pelos professores. Logo, prefiro o curso presencial.

Ainda não tive contato com os ETAs.

Autobiografia 89

<Bia>

- "1. Na escola, ensino médio
2. Sim, pois gosto de aprender outra língua
3. Sim, pois é muito importante para o mercado de trabalho
4. Não lembro de nada
5. Não. Apenas na UFU
6. É importante, para ter contato com o exterior
7. Sou leiga, sei apenas o básico
8. Sim
9. Sim, esperava entender algo, mas tive bastante dificuldade
10. Não consegui prosseguir na questão de speaking por dificuldades técnicas
11. Presencial é muito melhor e mais fácil, sem comparações. Tenho muita dificuldade em ouvir sem traduções
12. Presencial
13. Sim
14. Sim
15. Não. Sou tímida para falar por não saber bem
16. Não
17. Não tive"

Autobiografia 90

<Bia>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na pré-escola, assim que aprendi a escrever, no meu colégio regular. Gostaria muito de estudar inglês já que considero muito importante para interagir como resto do mundo e ter acesso aos seus escritos acadêmicos ou não. Na escola regular o inglês é péssimo, passei por 8 escolas em minha vida, uma escola pública e sete particulares e nenhuma oferecia aulas de qualidade. Focavam no verbo "to be" e não se preocupavam em realmente ensinar inglês. Já estudei espanhol na escola no ensino médio e o ensino era péssimo. Similar ao ensino do inglês. Ninguém se preocupava em ensinar. Só queriam cumprir horário. Aprendi dois anos também de japonês particular e adorei, só parei de fazer porque a prof. mudou do Brasil. Já estudei dois anos em um instituto de inglês, amei, as aulas eram interessantes, dinâmicas e produtivas, aprendi muito. Acho a tecnologia importante no ensino de inglês e acho que poderia tornar o estudo mais produtivo. Adoro tecnologias, me acho boa e aprendo mais fácil com seus recursos. Já utilizei a Internet para aprender inglês quando utilizei o My English Online, não esperava muita coisa entrei por ser parte do projeto jovens talentos e ser obrigatório e amei o curso, é dinâmico, produzido e interessante. aprendi muito. Não tive nenhuma dificuldade em utiliza a plataforma. Gostei mais do curso online, por ser mais produtivo e interessante, achei que aprendi mais, porém é bom ter alguém falando inglês sem parar e te auxiliando. Tive contato com os ETAs e adorei, acho super importante, pois o sotaque é muito diferente. Adoraria praticar com os ETAs e me sinto a vontade de conversar com eles. Também me sinto a vontade de falar com o professor e com os colegas, mas somente quando os colegas são do mesmo nível de inglês que eu. Minha experiência mais marcante foi o meu contato com os ETAs, perceber o quanto o sotaque influencia no entendimento e perceber que eu entendia tudo o que falavam, sinal que estava progredindo.

Autobiografia 91

<Letícia>

"Meu primeiro contato com a língua inglesa foi em uma escola particular no pré. Fiz o pré e a primeira série nessa escola e depois fui para uma escola estadual, eles não ensinavam inglês, por isso fiquei muitos anos sem contato com a língua até entrar na quinta série, não me lembro muito bem se tive matéria de língua inglesa nessa época, provavelmente tive, mas foi no colegial que tive forte incentivo para aprender inglês. Adoro estudar inglês, pois é algo diferente, interessante e que te diferencia. Considero muito importante o aprendizado da língua inglesa, pois abre novos caminhos no mercado de trabalho e novas oportunidades pelo mundo. Na escola regular eu tinha um pouco de dificuldade, mas sempre tirei boas notas. Não estudei em outros lugares, primeira vez que eu frequento um curso de inglês. Acho que a tecnologia usada de forma criativa é uma ótima forma de ensino. Fiz um curso técnico de informática enquanto fazia o ensino médio, foi um pouco fraco, pois fez parte da primeira turma em minha vida, mas entendo muitas coisas sobre tecnologia e computação, principalmente agora no segundo período de sistema de informação. Sempre quando utilizo o Duolingo, que é uma forma bem interessante de aprender inglês, ouço músicas, pesquiso palavras. Fiz o My English, mas por falta de tempo acabei perdendo, minha maior dificuldade foi a falta de tempo. O curso presencial possui mais interação com

pessoas, mais fácil de tirar dúvidas. Não fiquei muito tempo no curso online para avaliá-lo. Não tive contato com professores assistentes. Adoro praticar inglês com meus colegas e com o professor. Tenho dificuldade com conversação e acabo não falando várias palavras de forma incorreta.
 "

Autobiografia 92

<Cara da Física>

- 1 Na infância
- 2 Não, porque é difícil
- 3 Sim
- 4 Péssima
- 5 Sim, mediano
- 6 Não tenho opinião formada
- 7 Boa, sim
- 8 Não
- 9 Sim, aprender inglês
- 10 Ruim, sim
- 11
- 12 Presencial
- 13 Ñ
- 14 Ñ sei
- 15 Ñ
- 16 Ñ
- 17

Autobiografia 93

<Aluno>

"Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na escola, embora o ensino não foi muito exigente. Acho que o inglês é uma língua muito importante porque está virando ou virou uma língua universal. Fiz vários cursos de escola de idiomas mas nunca foi na frente, nem acabei nenhum. Com a ajuda da tecnologia tenho desenvolvido mais meu inglês, conversando, estudando e aprendendo através dele. Não fiz o curso do MEO e sou novo no ISF.

Autobiografia 94

<Ana Botafogo>

- "1 Não lembro
- 2 Sim, Eu preciso, eu gosto de estudar línguas, gosto de comparar com o português

- 3 É importante e necessário conhecer e falar inglês, tanto como pesquisadora ou para a vida pessoal.
- 4 A escola regular quase não acrescentou conhecimento na língua inglesa, talvez por minha imaturidade.
- 5 Já estudei inglês em duas ou três escolas de idiomas, mas nunca senti que fosse chegar em um ponto satisfatório de aprender inglês.
- 6 Não tem como não usar tecnologia...
- 7 Eu sou muito ""tecnológica""
- 8 Eu uso Internet para estudar inglês, mas me sinto perdida sem um roteiro de estudo
- 9 MEO é interessante, mas apesar de ser ""tecnológica"" não consegui realizar o curso, na época não funcionava no IOS.
- 10 Tive dificuldades pois meus horários estavam lotados de atividades e eu gostaria de usar no Ipad e não funcionava.
- 11 Você precisa ser responsável pelo seu aprendizado
- 12 Gosto do presencial por causa da ""fala""

Autobiografia 95

<Ana Maria>

O primeiro contato no ensino público (fundamental e médio). Quando entrei na universidade tive contato com o inglês através do My English Online. Nesse ano tive a oportunidade de fazer o TOEFL e ter aulas presenciais do Inglês sem fronteiras.

.....

.....

.....

Autobiografia 96

<Luka>

Meu primeiro contato com a língua foi na escola, no ensino fundamental. Gosto e é muito necessário hoje em dia o estudo e domínio da língua inglesa, porém uma aula muito "engessada", monótona com uso de apenas um material fixo é chata e dificulta o aprendizado. Nunca fiz um curso de inglês e o ISF é o meu primeiro. Acho que o uso de tecnologia hoje em dia é de suma importância, pois todos já tem contato direto com esse meio e é mais atrativo do que apenas ouvir a professora falar. . Meios como uso de datashow, músicas, jogos, filmes e desenhos deixam a aula mais dinâmica, mais fácil de aprender e divertida. Utilizei a plataforma MEO, tive dificuldades por ser um curso online e tive dificuldade em manter uma rotina para estudos na plataforma devido a provas, trabalhos, viagens deixei o curso de lado. Prefiro o curso presencial, pois estimula mais a participar, você cria involuntariamente um vínculo com os professores e colegas e aprender não fica tão chato como em um curso online. Gostei bastante do contato dos ETAs e me sinto a vontade em "tentar" falar inglês com eles. É bom esse contato com a cultura americana, aprendemos gírias que dificilmente veríamos num curso comum. No curso aprendi bastante vocabulário e expressões muito utilizados nos EUA, melhorei minha audição para filmes em inglês.

Autobiografia 97

<Matheus>

- "1- O primeiro contato com o inglês foi a partir da escola no ensino fundamental e médio.
- 2 - A língua inglesa é bastante interessante, e no contexto de hoje, no mercado de trabalho é necessário saber falar, escrever em inglês.
- 3 - É importante aprender inglês, pois o inglês é uma língua mundial, para se dar bem no mercado é necessário saber.
- 4 - As experiências foram boas, e até em alguns momentos foi puxado, pois não tinha noções sobre a língua.
- 5 - Já estudei inglês com professor particular e fiz em alguns institutos, porém acho que para quem está na universidade querendo aprender os institutos são inviáveis, pois demanda de um longo tempo.
- 6 - Tecnologia pode ajudar nos estudos complementares, em casa complementar o estudo em sala.
- 7 - Boa relação
- 8 - Utilizo para aprender através de filmes e séries.
- 9 - Tive contato, mas não gostei.
- 10 - Experiência não foi boa, pois não é fácil de mexer.
- 11 - O curso presencial é melhor, tem mais contato.
- 12 - Curso presencial
- 13 - Sim
- 14 - Muito importante o ccontato
- 15 - Sim, sim
- 16 - Sim, sim
- 17- Positiva, aprendi muito."

Autobiografia 98

<Nati>

- 1 Com uma filha de uma amiga da minha mãe que vivia nos EUA
- 2 Sim, pois é fundamental nos dias de hoje
- 3 Sim, para, comunicar-me com todas as nacionalidades
- 4 Boa, em turmas com amigos
- 5 Sim, já fiz aulas particulares, mas não gostei
- 6 Sim é importante para interagir com os jovens e despertar interesse
- 7 Sim, a utilizo todos os dias
- 8 Não
- 9 Sim, mas não dei continuidade porque a plataforma ainda estava desorganizada, só baixei os pdfs para estudar sozinha.
- 10 Como foi no começo do MEO a plataforma não estava boa
- 11 A interação com os colegas e com o prof.
- 12 Presencial
- 13 Sim
- 14 Sim
- 15 Com os ETAs sim e com os profs, porém com os colegas só em classe.

16 Com os ETAs não, porém com os colegas sim
 17 Em uma atividade que tínhamos que desenhar o que o nosso parceiro estava descrevendo em inglês.

Autobiografia 99

<Aninha>

1 Ao entrar na escola
 2 Sim, algo necessário ao meu futuro
 3 Sim, principalmente para minha formação profissional
 4 Não das melhores, nível muito inferior, sala com ""desenvolvimento"" desigual
 5 Em uma Escola de Idiomas da minha cidade natal. Ótima experiência, professora com boa formação acadêmica e com ""conhecimento"" muito aprimorado. Além de utilizar um material excelente.
 6 Muito importante, lhe traz novas oportunidades e métodos para o aprendizado.
 7 Sim, entendo relativamente bastante.
 8 Sim
 9 Sim, não gostei muito da estrutura
 10 Não gosto muito de ensino de inglês online, algo que você deve fazer, mas que, no meu caso, foi ""ignorado"", deixado de lado.
 11 O curso presencial é mais interessante e atrativo (nos motiva a frequentá-lo)
 12 Presencial
 13 Sim
 14 Sim, nos trazem novos conhecimentos/curiosidades
 15 Sim
 16 Sim
 17 O uso foi, no geral, muito interessante e com uma turma, professor e ETA muito legais.

Autobiografia 100

<Regis Maicon>

1 Ensino médio
 2 Não. Acho muito chato
 3 Sim, para trabalhar
 4 Péssima. Não aprendi absolutamente nada.
 5 Sim. CCAA. Foi ótima eu gostava das atividades
 6 Sim, quanto mais melhor
 7 Sim
 8 Sim
 9 Muito chato
 10 Sim. Dificuldades em encontrar atividades. Muitos erros nas atividades. O suporte online foi terrível.
 11 Tive mais vontade de fazer
 12 Presencial
 13 Sim

14	Sim						
16	Sim						
17	Sim						
18	Aprender	a	falar	com	meus	colegas	
.....							
.....							

Autobiografia 101

<Carol> Eu estudava somente na escola, no ensino fundamental e nunca tinha feito um curso de inglês; sempre tive vontade, porém nunca foi possível. Quando entrei na universidade fiquei sabendo por email sobre o teste TOEFL-ITP e resolvi fazer e através de emails fui sendo informada que poderia fazer aulas de inglês online e presenciais. Primeiro optei pelo MEO, porém como nunca tive muito tempo para acessar toda semana me bloquearam. Então fiz novamente o TOEFL-ITP para desbloquear minha conta, mas optei pelas aulas presenciais, já que não tinha mais ligação com MEO e até hoje nunca mais voltei para o MEO. Iniciei nas aulas presenciais em fevereiro de 2015 no nível básico, e estou até hoje no curso presencial, porém no nível pré intermediário. Desde que comecei não fiquei um mês sem fazer, e fiz novamente o teste TOEFL-ITP e pretendo continuar até quando der. Nunca estudei outros idiomas, porém pretendo no próximo semestre.

Autobiografia 102

<NLS> Faz bastante tempo, aos 13 anos por aí; porém não continuei o curso por não gostar muito da língua e hoje a necessidade exigências do mercado e também os estudos. Não gosto muito. É importante, um requisito principalmente para ingressar no mercado de trabalho. Na escola as aulas de inglês não eram levadas tão a sério; só comecei a estudar em escola de idioma mas não prossegui. Tecnologia é uma ferramenta importante; uso internet para estudar escrever dúvidas de inglês. O My English Online é um ótimo curso online, com uma boa didática; bem tranquila. (Faço o curso). Aulas presenciais são necessárias. Durante o curso presencial tive contato com ETAs nativo Americanos; os professores assistentes são de extrema importância; o contato com os ETAs é uma ótima experiência, forçando mais ainda praticar o inglês.

A experiência com o curso é a melhor possível; sempre engraçados porque às vezes é complicado de traduzir palavras que são ""nativas"" para inglês.

Autobiografia 103

<LBM>

Primeiro contato aos 7 anos, tanto na escola regular, como em escola particular de língua inglesa. Gosto de estudar pois é de extrema importância, além de ser a língua mais utilizada no mundo, e eu gosto de aprender coisas novas.

Na escola regular, a impressão foi de aprender de forma muito lenta, básica e repetitiva, sempre as mesmas coisas, mesmo os verbos somente escritas em desenvolver a fala e palavras soltas, sem contexto.

A tecnologia é uma boa saída para aprendizado de novas línguas, porém o meu não foi uma experiência ruim, no entanto eu não conseguia depreender uma ou mais horas todos os dias para realizar atividades no site. No entanto, os tópicos interessantes e gramática e vocabulário também.

Hoje em dia é quase indispensável o uso de tecnologias. E sim utilizo para aprender inglês.

A principal mudança do curso online para o presencial é a convivência com a língua inglesa. Você fala, ouve mais e assim desenvolve mais gramática, escrita, fala e vocabulário. E, com certeza prefiro curso presencial.

Tive contato com os ETAs e achei muito importante e interessante, pois ouvir o inglês nativo é diferente, além de poder tirar várias dúvidas de pronúncia, gramaticais, culturais. Além da conversação, tanto com ETAs, colegas e professores. Essa parte é essencial e sim, eu gosto bastante.

Experiências marcantes, talvez o Cultural Sunday, porém o curso de inglês presencial, pra mim, realmente é ótimo e não tenho nenhuma experiência ruim

Autobiografia 104

<Olívia>

"Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 12 anos, quando minha mãe me matriculou em uma escola de idiomas gosto da língua e de me dedicar a ela, pois, acho muito importante para o meu futuro pessoal e profissional.

Na escola regular as aulas de inglês não eram eficientes, consegui adquirir conhecimento só quando passei a frequentar uma escola de idiomas.

A tecnologia é bem vinda a tecnologia é bem presente em meu cotidiano e acredito que é útil aplicá-la para praticar e aprender outras línguas. Eu, por exemplo, sempre assisto séries e filmes em inglês para tentar expandir o vocabulário.

Quanto ao MEO, fiz por algum tempo mas não me dediquei mais. A plataforma é de fácil compreensão mas o exercício são massantes.

Tenho preferência por cursos presenciais, porque acho que a interação com outras pessoas é bem positiva, é possível aprender com o outro.

Durante as aulas presenciais, tive contato com os ETAs e me senti bem a vontade. Do mesmo jeito com os professores e colegas.

Em geral, minha experiência nuce cursos foi bem positiva sinto que melhorei minha pronúncia e expandi consideravelmente meu vocabulário. Além de ter feito novas amizades."

Autobiografia 105

<Alonso>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5ª série quando tinha 11 anos, na escola. O curso era muito fraco, porque ninguém estava interessado. Isso se prolongou pelo resto dos anos escolares até o ensino médio.

Não me lembro quando comecei a cursar o my english online. O curso é bom, mas eu não tive determinação o suficiente para continuar. Quase nunca entrava, com a desculpa de não ter tempo.

Tive algumas dificuldades em saber a ordem em que devia fazer as coisas.

No curso presencial, o contato com as pessoas ajuda. As conversas são muito úteis, e é mais motivador. Sem dúvidas o curso presencial é melhor.

Os ETAs são importantes porque podem apresentar conteúdos de língua e cultura. Eu não tive longas conversas como os ETAs.

Autobiografia 106

<Mariana>

1 primeiro contato quando iniciei o ensino fundamental

2 sim, acho importante aprender o máximo de idiomas possíveis

3 sim, porque inglês é a língua do mundo, que permite que possamos conversar e interagir com pessoas diferentes lugares

4 muito boa, apesar de uma carga horária curta acredito que adquirir boa base para os estudos futuros

5 sim, excelente

6 considero importante principalmente por ampliar as possibilidades de trabalho e tornar o aprendizado mais dinâmico e interessante
 7 Tenho pouca habilidade com tecnologias
 8 sim
 9 sim. Esperava encontrar aulas com bons recursos visuais e de áudio
 10 tive alguns problemas de caráter técnico, que causaram o meu bloqueio no curso. Minhas atividades de 'speaking' não eram concluídas e ficavam como se eu não tivesse feito
 11 contato com os professores no momento da dúvida e o contato com os outros alunos
 12 presencial
 13 sim
 14 sim
 15 sim sim
 16 sim sim
 17 já participei de vários cursos oferecidos pelo ISF, só tenho experiências boas para relatar. O contato com os ETAs foi a melhor delas, principalmente por conhecer as diferentes culturas e os sotaques diversos. Além de ter contato com excelentes professores.

Autobiografia 107

<Mariana>

1 na escola durante o ensino fundamental
 2 sim, porque hoje em dia a língua está presente em praticamente tudo o que faço livros, da faculdade, música, filme
 3 sim, porque irá me ajudar profissionalmente
 4 o inglês estava presente desde o ensino fundamental
 5 sim, fiz inglês no CCAA durante uns 10 anos ele experiência foi boa
 6 sim pois é uma maneira de reforçar o aprendizado utilizando métodos não tradicionais
 7 consigo me virar bem com Smartphone e computadores
 8 sim
 9 não
 10 ---
 11 ----
 12 presencial
 13 sim
 14 sim, nos faz ter contato com a pronúncia e vocabulário nativos
 15 sim, falando principalmente com os nativos, é o melhor jeito de aprender e melhorar língua a língua
 16 sim, às vezes um pouco tímida por causa dos erros mas eles sempre são simpáticos durante as correções o que me faz sentir à vontade na maioria das vezes
 17 todas as aulas com os ETAs, pois ter contato com inglês nativo é, na minha opinião, a melhor forma de aprender

Autobiografia 108

<Carlos>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi na 5ª série do Ensino Fundamental.

Gosto pois ela possibilita acessar um número maior de informações, que nem sempre estão disponíveis em português.

Para mim é importante pois contribui para minha vida profissional e pessoal.

Foram boas experiências, apesar do nível de inglês ensinado ser pouco baixo.

Já estudei, foi bastante proveitoso. Pois me propiciou uma bagagem maior da língua inglesa.

Considero importante e imprescindível o uso de tecnologia para o ensino de inglês, uma vez que existem muitos recursos disponíveis a partir da tecnologia.

A relação é boa, uma vez que faço um curso relacionado diretamente com tecnologia.

Utilizo a internet para aprender inglês, como observado em pergunta anterior.

Tive contato com o MEO e esperava um pouco mais interatividade e conteúdo mais chamativo.

A maior dificuldade foi da sequência das aulas, uma vez que aparecendo outras coisas para fazer, sempre dava prioridade às demais.

As principais mudanças são que nas aulas presenciais temos uma maior interatividade com outras pessoas, o que torna o aprendizado mais divertido.

Prefiro curso presencial.

Tenho contato com os ETAs, eles são importantes pois também trazem uma bagagem cultural da língua.

Gosto de praticar e falar inglês com todos e sempre que possível.

Me sinto à vontade para me comunicar usando inglês.

Os momentos mais marcantes foram as diversas discussões e debates em inglês realizadas na sala de aula com os outros alunos, professores e ETAs.

Autobiografia 109

<Kaka>

"Meu primeiro contato com o inglês foi na escola regular aos 11 anos (5ª série atual 6º ano) na escola pública. Neste contexto o inglês sempre foi banalizado haja Vista que o processo de ensino aprendizagem sempre foi repetitivo e muito pouco efetivo, significativo, talvez não compreendamos a importância de estudar outra língua até nos depararmos com situações que nos mostre sua necessidade.

Aos 15 anos quando iria participar do processo seletivo seriado da UFU percebi que era necessário estudar outra língua. Neste mesmo ano fui contemplado com uma bolsa de estudos em inglês em uma escola de idiomas específica. Foi quando aprendi a gostar de idioma, pois havia mais ligação entre gramática e prática (conversação).

Depois deste contato mais eficaz, voltei a ter contato em alguns livros relativos ao meu curso de graduação e de forma mais efetiva agora no mestrado no qual estou fazendo o ISF. cujo ganho foi muito alto pois a conversação estimula a organizar e tentar falar de forma efetiva.

O professor com qual tenho aula tem inglês fluente, excelente e sua forma de conduzir a aula estimula muito aprendizado. Além disso, o contato com estrangeiros permitem uma aproximação e afirmação real do quanto estamos falando em inglês, além de propiciar uma aproximação cultural.

Quanto ao MEO, iniciei mas não fui adiante pois priorizei outras atividades do meu curso, muito embora tenha adorado a plataforma, muito prática e dinâmica.

A tecnologia quando bem usada favorece muito o aprendizado em algumas ocasiões creio que o áudio poderia ser melhor para facilitar o entendimento do que se ouve, mas com relação às mídias creio que é sempre importante.

Creio que o curso presencial permite uma relação real o que nós facilita maior aprendizagem dando ao modo de pensar em diversas situações. No entanto creio que se tivesse feito ambos juntos creio que meu aprendizado seria maior."

Autobiografia 110

<Kikinha>

Quando soube que na Ufu teria aulas presenciais gratuitas, procurei saber como seria. Tive que fazer o nivelamento no MEO, depois entrei no curso presencial. Também tive que, com uma certa regularidade, entrar no MEO para não perder minha inscrição, uma coisa que era muito chata.

Nas aulas presenciais tive que comprar o livro muito caro e que utilizei 20% dele. O que não compensou o preço. Acho que o ISF deveria ter outros meios para repassar o conteúdo sem precisar de livros.

Sobre os ETAs são bem amigáveis, mas deveriam vir mais nas aulas presenciais, para ter um contato maior, e eles nos ensinarem mais coisas. Na minha sala são dois ETAs só que eles vieram 4 vezes durante o curso. Eles deveriam vir pelo menos uma vez na semana.

Autobiografia 111

<RCO>

Meu primeiro contato com a língua foi aos 13 anos em escola particular próximo de casa onde estudei 2 anos e meio em seguida iniciei com professor americano que lecionava aulas particulares na minha casa junto com meu pai e irmã. Essas aulas particulares ajudava muito na minha habilidade de conversação porém deixei ao final de 2 anos porque o professor mudou de cidade. Minha próxima experiência com a língua foi em viagens quando fui intercâmbio na graduação pelo CSF por 2 anos onde fiz amigos que me ""obligavam"" a comunicar em inglês.

Quando regressei de intercâmbio participei do MEO e em seguida iniciei no ISF e já estou no segundo semestre. Além disso participei de dois cursos de verão oferecidos pelo ISF e fiz o TOEFL.

Cosidero o inglês um caminho facilitador para conseguir um bom emprego, viajar, integrar ao mundo que hoje é muito globalizado.

Na escola regular sempre optei por língua inglesa e teve aula nesse contexto desde 7 anos.

Autobiografia 112

<Marcela>

Comecei a estudar inglês na escola regular, quando tinha aproximadamente 8 anos. Com o passar do tempo, comecei a fazer aulas de inglês particulares, durante 4 ou 5 anos. Quando entrei na faculdade, soube do Inglês sem Fronteiras e resolvi participar. Para isso, tive que participar do MEO. Achei muito interessante a plataforma, pois tem diversos recursos, como nas provas, que cobram ""listening"" e ""speaking"". Mas prefiro o curso presencial, pois há um professor para ""cobrar"" e no online muitas vezes esquecia de entrar. Em relação aos ETAs, acho muito importante a presença deles nas aulas, pois é quando temos contato com americanos nativos. Isso nos possibilita ver como é o sotaque deles, a rapidez e fluidez nas falas. Mas me sinto mais a vontade falando com os colegas, pois estão todos no mesmo nível e também cometem erros como eu.

Sempre gostei muito de inglês. Como a tecnologia hoje está em quase todos os lugares, creio que é válida a relação entre tecnologia e educação, principalmente para as novas gerações, que vivem cercadas por isso.

Autobiografia 113

<Tata>

O primeiro contato com a língua inglesa foi através de um livro do meu pai de inglês, onde aos 7 anos comecei a lê-lo mesmo sem saber as pronúncias. Comecei a aprender os mais simples conteúdos como números, palavras mais utilizadas. Com isso comecei a gostar e todos os dias estudava e ouvir a músicas em inglês para entender o mundo ""lá fora"", aquele deslumbrante que via na TV.

Na escola o inglês é muito fraco, apenas aprendemos o verbo ""to be"", mas para quem não conhece nada, dá para se ter uma noção, porém nunca estudei em instituições próprias com curso de inglês pela falta de oportunidade e por ser caro.

Todos dizem que música e filmes ajudam no inglês, porém meu tempo não permite ouvir e traduzí-las para melhorar a compreensão.

A tecnologia nos ajuda em todos os momentos, inclusive para a aprendizagem, temos o conhecimento nossas mãos, é só acessá-lá.

O curso online (MEO) é interessante, porém cansativo e o faço apenas para manter a participação nos cursos presenciais que são melhores para aprender principalmente a pronúncia das palavras.

Os ETAs nos trazem formas diversificadas de aprender inglês, suas dinâmicas são as melhores e eles tentam nos ajudar da melhor forma, são muito importantes e nos mostram que aprender inglês não é impossível.

Autobiografia 114

<YYFD>

1 ao decorrer da infância de vida TV e filmes de videogame

2 sim, pois além de ser um requisito qualificatório para o mercado de trabalho também é muito interessante e objetiva

3 sim, pois é essencial para lidar com tecnologias (muitas em linguagem Universal) e também por ser requisito para trabalhos profissionais em vários níveis de educação

4 Razoável. Os cursos extracurriculares contemplam muito mais informações apesar da orientação básica das escolas regulares

5 sim, excelente

6 relação intensa e necessária. Me considero com bom nível

7 Sim

8---

9 sim esperava um curso completo e acessível

10 razoável. tive a conta bloqueada, o que afetou a experiência. Não tive dificuldades

11 muito melhor pela interação

12 presencial

13 sim

14 sim

- 15 sim, em ambos
- 16 um pouco de vergonha mas tudo bem
- 17 Todo ultimo curso pelos debates e pela intensa troca de informações relevantes

Autobiografia 115

<IFC>

- 1 quando estava no ensino fundamental
- 2 Sim gosto de estudar línguas Acho interessante
- 3 sim, é a língua universal onde você vai você pode se comunicar
- 4 não foram boas não aprendi nada
- 5 Sim. Foram boas aprendi muito mais que na escola regular s
- 6 Acho interessante. É importante para aprender e nos faz interagir com a tecnologia.
- 7 Utilizo todos os dias. Não tenho dificuldade com tecnologia , mas gosto
- 8 Sim
- 9 Sim. É uma ferramenta boa, mas muito cansativa e não acho que funciona na maioria dos casos
- 10 não gostei, muito muito cansativo, muito conteúdo e acaba cansando
- 11 é melhor presencial, menos cansativo
- 12 presencial
- 13 pouco conteúdo
- 14 Sim, nos ajudam bastante
- 15 sim é importante e interessante
- 16 Com os ETAs acho que alguns são tímidos, mas é normal. Com os outros é tranquilo
- 17 eu aprendi sobre a cultura americana, essas coisas não aprendemos em escola regular

Autobiografia 116

<T.>

O meu primeiro contato com a língua inglesa foi bem novo, cerca de mais ou menos 7 anos, porque minha mãe é professora de inglês. Eu gosto de estudar inglês, mas isso só se deu com a noção da importância de saber idiomas (19 anos), antes disso eu encarava com desprezo. Na escola regular as aulas de inglês eram chatas e entediantes, daí comecei a fazer inglês em uma escola particular mas por falta de tempo tive que parar.

Utilizar tecnologia para o aprendizado de inglês é interessante e importante, é interessante porque traz novos recursos e formas de abordar os conteúdos, é importante porque traz novas possibilidades de ensino e me dou super bem com a tecnologia. Utilizei a internet para aprender inglês por meio do MEO, contudo minha experiência nesta plataforma não foi das melhores. Esoterava encontrar no MEO mais interatividade e dinamismo, contudo achei o sistema um pouco estático e cheio de ""bugs"", quando passou a ser presencial eu absovi muito mais conteúdo.

O contato com os ETAs foi interessante para o curso, a troca cultural é muito rica e importante para o aprendizado da língua. O diálogo com os participantes nativos se deu de forma um pouco distante (isso em sala de aula), o que foi completamente diferente nos eventos organizados pelo ISF.

O contato com o professor foi muito bom, o mesmo é atencioso, pro-ativo e interessado no que faz. Acredito que durante o curso ocorreram vários tipos de experiências, tanto engraçadas quanto embaraçosas, no qual no geral foram ótimas.

Autobiografia 117

<CGJ>

Comecei fazendo inglês aprendendo coisas básicas como pequenas palavras, logo após comecei a aprender frases e sentenças.

Com o estudo de frases comecei a gostar e ouvir músicas e filmes legendados com esse aprimoramento aprendi a interpretar texto e ver filmes sem legenda

.....

.

Autobiografia 118

<Andressa>

Eu fiz um ano de inglês em uma escola de idiomas, mas tive que parar por motivos pessoais.

Gosto de Aprender o máximo de línguas possível, e acredito que o inglês seja de muita importância. Também acredito que a tecnologia pode ser uma grande aliada ao aprendizado, se usado de maneira correta, com filmes, músicas e videoaulas e reportagens.

Em relação ao MEO, o site poderia ser mais interativo e dinâmico. Além disso, tive dificuldades para enviar os áudios. A principal diferença com o presencial é a interação com outros alunos em inglês.

Adoro trabalhar com os ETAs, pois proporcionam novas experiências, históricas sobre os EUA e ajudam no esclarecimento de regras e expressões linguísticas.

Autobiografia 119

<BAG>

Meu primeiro contato com a língua inglesa no ensino regular normal, porém, para aprender mais eu matriculei em uma escola de idiomas em 2012 e fiz cadastro no My eEnglish Online. Hoje faço aula com professor particular e frequento as aulas do Inglês sem Fronteiras.

Eu gosto de estudar inglês, pois o mesmo idioma será útil em minha vida pessoal quanto profissional.

Desde que eu entrei na universidade, eu acho muito importante aprender este idioma o que não tive oportunidade de aprender no ensino regular, talvez por falta de profissionais capacitados, falta de maturidade e de recursos. Atualmente, como faço cursos presenciais e acho importante o uso de tecnologia no ensino de línguas, pois o utilizo como alternativa de aprendizado em casa.

Uma das alternativas para estudar inglês em casa foi o contato com o My English Online. Este esse curso online é muito importante para o treinamento do listening e do reading, pois contém fontes como National Geographic que é muito importante para o enriquecimento do vocabulário.

Eu gosto dos cursos dos dois cursos, tanto o online quanto o presencial. Na minha opinião Ambos são essenciais para aprendizado.

Durante o curso presencial eu tive contato com ETAs nativos americanos. Eu gosto e acho muito importante falar em inglês com os ETAs, pois fico tão à vontade quanto mais converso com meus professores e colegas.

Eu tive várias experiências marcantes durante o curso mas a principal foi poder conversar com ETAs nativos americanos.

Autobiografia 120

<Bruno>

118 anos cursos de inglês

2 às vezes, pois Depende do professor. Assim eu prefiro estudar em casa por conta

3 extremamente importante, para conectar com o mundo

4 Piores possíveis, pois os professores não tenho didática

5 sim, a maioria positivo

6 é o futuro do aprendizado

7 sim

8 sim

9 sim e fui bloqueado várias vezes

10 Não conheço a plataforma MEO

11 o curso presencial você trabalha melhor a pronúncia

12 não

13 não

14 sim

15 sim, muito importante

16 sim, sem problema

17 por enquanto nenhum

.....
.....

Autobiografia 121

<Mi>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi quando viajei para fora do país, mas especificamente na África do Sul. Nesse contato, aprendi a gostar da língua por ter tido esse contato próximo com a rotina de uma população inglesa. Já estudei em outro instituto, um particular que me promoveu uma melhor assistência à língua. Acredito que a tecnologia atualizada para é de ótimo aproveitamento, pois considero que a utilização dela é um ótimo recurso. Utilizo sim a internet para aprender inglês. Já tive contato com o my english online, espera encontrar material de acesso disponível. A melhor mudança do online para presencial é que tive a possibilidade de tirar dúvida e discutir, por esse motivo gosto mais do presencial. Já tive contato com as ETAs e sim os considero importante para o curso. Gosto de praticar com as ETAs, com professores e colegas. E sim me sinto a vontade com todos eles. Experiência positiva.

Autobiografia 122

<X>

Comecei a estudar inglês com 15 anos de idade, pois contratei um professor particular. Até este momento já tinha noção sobre o verbo to be, pois havia aprendido durante o ensino fundamental e médio. No entanto, eu não conseguia desenvolver a fala em inglês. Em 2002, quando entrei na universidade participei da primeira oferta de cursos do ISF. Desde então, passei a gostar de verdade do aprendizado em língua inglesa, pois com o ISF pude ter contato com bons professores e pessoas norte americanas, através dos quais meu interesse em compreender a língua inglesa só aumentou. Atualmente, aprender outras línguas é fundamental para o desenvolvimento do país, tanto econômico como educacional e faz que nossa mente fique bem mais ativa. Infelizmente nas escolas de ensino regulares, o ensino da língua é bastante fraco e ineficiente e não há incentivo aos alunos, falta de uso recursos tecnológicos disponíveis. Usa computadores e internet moderadamente é uma excelente ferramenta para ensino aprendizado e pesquisa em qualquer campo de estudo. Considero que, nos dias de hoje, não é possível permanecermos sem isso. O Acesso a vídeos, músicas e textos faz com que a criança ou adolescente entenda com rapidez. Sempre utilizo. Com relação ao MEO, é bastante útil, mas bastante básico e repetitivo. O MEO apenas complementa as aulas presenciais, que são excelentes. Possuo somente experiências positivas com a equipe do ISD e a equipe ETA, me sinto à vontade em comunicar em inglês com todos.

Autobiografia 123

<Isadora>

O meu primeiro contato com o inglês, foi no ensino fundamental 1, por volta de 7 ou 8 anos. Eu gosto de estudar inglês, porque considero de fundamentalmente importância para a vida acadêmica e profissional. Minha experiência com as aulas de inglês na escola regular foram muito boas, lembro que minha professora era bem dedicada e interativa. Quando eu tinha 11 anos comecei a estudar em escola de inglês para reforçar e complementar os estudos, o começo senti bastante dificuldade em acompanhar a turma mas com aulas de reforço fui melhorando e nesta escola fiquei até aos 18 anos, quando terminei o livro avançado, após isso mudei de cidade e só retornei a estudar inglês anos depois com o programa inglês sem fronteiras. Eu considero importante o uso de tecnologias, torna mais interativo e dinâmico. Minha relação é boa com recursos tecnológicos, mas sei que preciso aprender muito sozinho isso. Eu tive contato com o My English online, esperava encontrar algo dinâmico, atualizado, interessante voltado para os exames de proficiência (ITB, IBT ...), mas me decepcionei, a plataforma não me agradou muito extenso, monótono e maçante. Achei muito mais interessante, proveitoso o curso em presencial, sendo muito mais enriquecedor do que o online. Tive contato com os professores nativos e gostei bastante da troca de experiências, cultura e aprendizagem.

Este é meu terceiro curso no Inglês sem fronteiras e a experiência tem sido proveitosa até agora.

Autobiografia 124

<Solange>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi aos 12 anos na escola fundamental, regular, foi uma experiência muito boa. Eu gosto de estudar inglês, considero interessante e muito importante para atualizar o conhecimento na área médica, nas áreas em que trabalho. A tecnologia é uma ferramenta muito interessante e auxilia muito ao facilitar a busca das palavras, do significado, sendo muito importante nos meus aprendizados mais polmente à distância. Minha relação com a tecnologia é boa, mas preciso melhorar na gravação de vídeos e áudios. Eu utilizo internet para aprender inglês com avaliação do significado das palavras, assisto vídeos, faço exercícios, leio textos. Estou fazendo o curso My English on line, estou no nível S. My CAE fazendo os exercícios este curso está sendo mais interessante do que minhas expectativas, porque estou conseguindo aprender quando utilizar as palavras de uma forma melhor. Porém eu

tive muita dificuldade ao gravar os exercícios e realizar os textos de gravação para mudar de nível. O curso presencial é mais interessante para gravar, entender a linguagem a pronúncia e treinar a fala. Eu prefiro o curso presencial, mas eles se complementam. Eu tive contato com professores assistentes (estes nativos americanos) sendo que estes professores são importantes no aprendizado da pronúncia e do significado das expressões utilizadas na língua inglesa. Eu prefiro praticar inglês com os professores e outros colegas do que com os ETAS, pois me sinto mais à vontade. Minha experiência mais marcantes foram as aulas presenciais, assistir filmes e Cultvrel Sunday.

Autobiografia 125

<Anônimo>

tive muita dificuldade ao gravar os exercícios e realizar os textos de gravação para mudar de nível. O curso presencial é mais interessante para gravar, entender a linguagem a pronuncia e treinar a fala. Eu prefiro o curso presencial, mas eles se complementam. Eu tive contato co professores assistentes (estes nativos americanos) sendo que estes professores são importantes no aprendizado da pronuncia e do significado das expressões utilizados na língua inglesa. Eu prefiro praticar inglês com os professores e outros colegas do que com os ETAS, pois me sinto mais à vontade. Minha experiência mais marcantes foram as aulas presenciais, assistir filmes e Cultvrel Sunday. Mariana S. Viama 1 Meu primeiro contato com a língua inglesa foi quando minha mãe me colocou em uma escola de inglês quando eu tinha 10 anos. 2 Sim eu gosto, pois tenho facilidade e acho uma linguagem muito bonita. 3 Sim, é importante pois o inglês tornou-se uma linguagem universal na minha área acadêmica e profissional é muito utilizada. 4 Na escola regular a experiência foi boa, no entanto não se aprende muita coisa. 5 Quando eu comecei a aprender, na escola em que me colocaram eles dividiam as turmas por idade os alunos e não pelo nível de aprendizagem como resultado, eu não consegui acompanhar e era um martáio pra mim o dia de ir para o inglês. 6 Sim, é importante utilizar a tecnologia não só na aprendizagem de inglês como também em todos as aprendizados. Durante a uma apresentação de Yorur Yoint pode nos auxiliar além de permitir a interação das aulas de forma rápida e prática. A internet também no auxilia quando queremos praticar nossa pronunciação assistência vídeos ou mesmo consultando o dicionário on line. 7 Minha relação com tecnologia é bem amigável, não sou experct, mas sei fazer o principal. 8 De Certa forma sim, utilizo a internet para assistir videos, filmes, ver artigos e revistas, aplicativos que ensinam, consulta ao dicionário online e etc... 9 Sim eu tive contato com o My English online e o que encontrei foi um curso online como os outros, no entanto não possuo disciplina para entrar na plataforma todos os dias, algumas atividades não eram iscelvas e o método de avaliação ineficiente. 12 É claro que eu prefiro o curso presencial, é um mais divertido, proveitoso e eu aprendo muito mais. Sim, tivemos contatos com as ETA'S e é muito excitante conversar com os nativos. Eu sou um pouco tímida, mas gosto e sei da importância de praticar meu inglês para que ele melhore, então eu procuro praticar com meus colegas, professores família e amigos. É claro que os professores são importantes, são eles que nos ensinam. Acho que minha experiência mais marcante durante o curso foi quando eu fiz a prova do TOFL e pude Alesonar o quanto melhorei meu inglês.

Autobiografia 126

<Raquel>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi o ensino fundamental com 11 anos, já que minha escola tinha essa matéria obrigatória para todos. Eu gostei do contato com a língua e hoje em dia adoro inglês porque ele esta presente em várias formas no meu cotidiano. Como o Inglês é uma língua é uma língua muito importante no mundo, considero importante aprendê-lo. Minas aulas de inglês na escola regular não fora muito didáticos e eu não consegui aproveitar da melhor formar possível. Nunca estudei em outros institutos de idioma, Meu interesse por melhorar meu conhecimento pela

língua começou quando entrei na faculdade e fi minha inscrição no My English online. Utilizar tecnologia no ensino da língua é muito proveitoso, pois o aprendizado se torna mais fácil e dinâmico e eu considero esse recurso importante. Eu utilizo a internet para aprender inglês visitando sites de letras de músicas, pesquisando palavras novas, assistindo filmes online. Tenho contato com o My English online e esperava encontrar uma nova forma de aprender inglês. Tive dificuldade em completar todas as lições porque são muitas para pouco tempo disponível. Quando comecei a frequentar o curso presencial, meu aprendizado melhorou porque foi complementar ao curso online e eu gosto mais do curso presencial pelo contato direto com os professores. Tive contato com os professores assistentes e eu considerei fundamental a participação deles porque gostei de praticar a língua com eles e me senti mais a vontade para errar. Minha experiência mais marcante foi a apresentação oral sobre o meu curso porque consegui falar sem medo de errar e aprendi várias palavras novas.

Autobiografia 127

<Mr Cabron del Roma>

Meu Primeiro contato com a língua inglesa foi ao ver na TV um homem que dialogava com sua patroa, a dona da pensão, que por sua vez respondia em alto e bom som suas reclamações e insatisfações a respeito de sua vida pessoal. Ao ver aquele diálogo, que não foi absolvido por mim devido a minha carência em decodificar a informação recebida, pois não possuía os algoritmos equivalentes, não pude compreender o que só anos depois fui capaz de interpretar. A língua inglesa é como a matemática mesmo não sendo matemático posso fazer a relação, pois utilizo a matemática como ferramenta. Quando aprendemos as regras, sabemos retirar informações que possuem sentido lógico. Cursos on-line são cansativos e não contribuem devido sua impessoalidade. Para a informação ser decifrada precisamos de uma motivação, o ser humano ao observar outro, inconscientemente tenta imitá-los o que facilita deveras o aprendizado. Vamos nos esforçar para entender o próximo, respeitá-lo e ama-lo com ele é. Só assim poderemos contribuir e criar uma noção planetário de justiça e igualdade.

Autobiografia 128

<B.>

1.Aos 11 anos em uma escola de inglês
 2.Sim, pois aumenta minha capacidade comunicativa 3.Sim, pois há necessidade de ter uma segunda língua como opção de comunicação 4.Ruim, pois não daria estímulo por parte deles e interesse da minha parte 5.Sim, Legal, Pois são diferentes forma de ensino 6.É importante para alcançar novas formas de ensino 7.Boa. Sim, pois sei pesquisar o que preciso. 8.Sim, pelo MEO e letras de músicas em inglês 9.Sim. Espero encontrar atividades que me auxiliassem na melhorar minhas habilidades. 10.Foi uma boa experiência e sem dificuldades 11.O Contato com outros alunos e a interatividade com a língua. 12.Presencial, pois estimula nossa curiosidade. 13.Sim, em aulas e pelo computador 14.Sim, pois eles nos trazem o contato com a língua original 15.Sim, Como todos. Gosto da conversação 16.Sim, Pois sei que é local de aprendizado 17.A melhor experiência foi o contato com os próprios erros e com os erros de colegas, pois essa foi a melhor forma de fixar a linguagem.

Autobiografia 129

<Learsi>

1.Aos 12 anos, quando começou a ter inglês em minha escola, durante a quinta série.
 2.Não gostava, a partir do curso do inglês sem fronteiras, comecei a gostar. 3.Sim, por ser a comunicação mundial. 4.Péssimas 5.Sim. Péssimas também 6.Acho muito bom, acredito que auxilia o aprendizado.7.Intensa, pois trabalho com tecnologia,(computadores) todos os dias 8.As vezes 9.Sim, esperava aprender inglês 10.Não, tive dificuldades com a plataforma, mas tive em manter um rotina de estudos online 11.Quando passei para o curso presencial, me dediquei mais e consequentemente aprendi muito mais. 12.Presencial 13.Sim 14.Sim 15.Sim 16.Sim 17.Ver minha evolução no conhecimento da lingua inglesa e poder falar em ingles com mais confiança.

Autobiografia 130

<Andreas>

1.No ensino fundamental 2.Sim, pois é necessario para o futuro 3.Sim
 4.Ruim 5.Não 6.Sim, apenas o My English online 7.Boa, Trabalho com tecnologia
 8.Sim 9.Sim, um curso de inglês 10.Achei muito interessante e prático 11.Ficou melhor para aperfeiçoar a pronuncia das palavras. 12.Presencial 13.Sim 14.Sim 15.Sim, sim
 16.Sim, sim 17.O Churrasco no final do curso

.....

Autobiografia 131

<Lucas>

Comecei a estudar inglês com 10 anos por incentivo dos meus pais que me matricularam em uma escola de idiomas particular, mas por falta de animo acabei desistindo pouco tempo depois, voltando a estudar aos 16 anos no 2 ano de ensino médio, onde me matriculei novamente em outro curso. Sempre tive interesse em estudar inglês, pois grande parte das coisas pelo qual me interesse estão em inglês, como filmes, músicas, séries etc. Além disso por ser a língua mais importante hoje em dia, principalmente na área em que eu estava interessado em graduar (Ciência da computação) me motivei a continuar no curso de inglês. Tive algumas experiências com inglês na escola, mas por sempre ter estudado em escola pública, nunca tive um bom aprendizado, salvo algumas poucas professores que ensinavam muito bem. No curso de inglês particular, aprendi muita coisa útil, mas não tive muita pratica de conversação, por isso procurei o curso do inglês sem fronteiras. Sobre o MED, tive

pouco contato com a ferramenta. Fui sugerido a me cadastrar no site em uma palestra sobre o ciênciã sem fronteiras, me cadastrei e fiz o teste de nivelamento e cai direto no ultimo nível, que ajuda mais preparações para provas como o TOEFL. Como não estava interessado nisso na época, acabei tendo a conta bloqueada e nunca mais entrei. Além disso, prefiro cursos presenciais, pois ajudam a colocar em prática o que você vai aprendendo. Como é minha primeira vez que faço ISF, tive contato com apenas uma ETA. Gostei muito da participação dela no curso, pois aprendi bastante a cultura dela e ainda tive a chance de falar com um nativo. No começo fiquei com medo de falar com ela, pois achava que meu inglês seria insuficiente e ela não entenderia, mas com o tempo isso passou uma experiência muito boa falando com ela. Com a professora e os colegas não tive muitos problemas para falar, inclusive tive alguns momentos muito marcantes onde tive que debater com eles sobre vários temas em inglês.

Autobiografia 132

<Guilherme>

1.Na infância na escola regular 2.Sim, permite discutir assuntos interessantes e nos informar melhor 3.Sim, é a língua mais abrangente no mundo. Conhecendo a, podemos nos informar melhor, ter mais acesso ao conhecimento e ter melhor poder de comunicação 4.Básicas, o material era bom, mas o interesse era questão de vestibular 5.Sim, no CCAA muito boa, apesar da estrutura de empresa baseada na repetição cansativo exige muita e é pouco produtiva. 6.Muito importante.Facilita o aprendizado e o torna mais rápido e menos cansativo. 7.Sim, tive oportunidade de aprender desde jovem 8.Sim, undo, fazendo e vendo videos. 9.Sim, fiz apenas o questionário que foi cansativo. 10.Não 11.Não fiz o curso online 12.Presencial 13.Sim, muito boa a experiência 14.Muito importante, permitindo contato direto com a língua e aprimora a aprendizagem 15.Sim, gosto de praticar e se tivesse oportunidade,continuarei no ISF. 16.Sim, são respeitosos e o nível de inglês é ótimo. 17.Os debates foram marcantes, a entrevista foi desafiadora e o contato com pessoas interessantes foi muito positivo

Autobiografia 133

<Hulle>

1-) Em filmes, seriados e musicas.
2-) Sim, pois ajuda na interação com outras pessoas além de poder utilizar como recurso no aprendizado .
3-) Sim, é uma língua universal então é um meio de participar da globalização, além do que foi citado no item anterior.
4-) Apesar de ser muito básico é um grande incentivo para o aprendizado.
5-) Sim, foi bom. Apesar de não serem os cursos completos e sem muitos recursos.
6-) Sim, muito importante, como por exemplo, há vários aplicativos que auxiliam em um melhor aprendizado.
7-) sim, é uma área ótima de atuação além de ser bem criativa.
8-) Sim, tenho matricula em alguns cursos online, não só para o inglês como para outras línguas.

- 9-) sim, porém não frequentei com assiduidade e tive minha matrícula cancelada, mas parece ser um recurso muito bom.
- 10) –
- 11) –
- 12) Preferencial é melhor, devido ao poder de interação.
- 13) sim, são ótimos auxiliam muito no curso.
- 14) sim, pois dividem experiência além de incentivar o aprendizado
- 15) sim, é um importante e bom para fixação do idioma
- 16) sim, pois é neste momento que mais se aprende
- 17) O curso como um todo foi ótimo a experiência mais marcante foi quando conversei com uma ETA, em que entendi tudo o que ela falou e o nosso diálogo foi ótimo

Autobiografia 134

<Pedro>

Meu primeiro contato com a língua inglesa foi no ensino fundamental e sempre gostei de inglês. Talvez por influência de amigos e família que sempre me incentivaram a aprender inglês, pois o mercado de trabalho é importante que se tenha o conhecimento de outra língua. A internet é um ótimo meio para o aprendizado do inglês, pois possibilita a pessoa buscar várias informações. No entanto, o contato com professores é importante para o aprendizado. O My English on line é uma ferramenta interessante que reforça o conteúdo já adquirido pela pessoa. Portanto, o curso presencial junto a outras plataformas de aprendizagem é importante e vantajoso para o aluno.

Autobiografia 135

<Ferna>

Comecei a estudar inglês com 10 anos. O uso da internet ampliou o contato com a língua. É algo que eu gosto e sempre que surge dúvidas, faço uso de ferramentas como dicionários on line e blog de gramática.

Tive contato com uma english on line, mas não tenho uso, nem me agrada, como alternativa de se aprender inglês. Prefiro curso presenciais e gosto da forma que as aulas do ISF são estruturadas

.....
....

Autobiografia 136

<Lali>

- 1) Acredito que foi no ensino fundamental
- 2) Sim, porque esta muito presente no nosso cotidiano e nas coisas que gosto
- 3) Sim, porque é um língua global
- 4) Acredito que foram importantes para aprender o básico, mas nada além disso

- 5) Sim, a experiência foi boa e bem mais rica do que na escola regular.
- 6) Sim, considero importante, pois é um veículo de comunicação que interessa muitas pessoas
- 7) Sim, minha relação com a tecnologia é diária e percebo que é sempre bom aprender a se utilizar novos recursos tecnológicos para a diversão e aprendizado
- 8) Sim, assistindo vídeos e acessando sites.
- 9) Sim, Eu esperava aulas mais interativas e uma quantidade mais reduzida (realista) de exercícios
- 10) A plataforma era boa, porém tive dificuldades no programa referente ao “Speaking”. Também, foi difícil para mim conseguir realizar todos os exercícios, ver e ler todos os materiais
- 11) Acredito que a aula presencial proporciona um verdadeiro encontro e interação professor-aluno e do aluno com os seus colegas, sendo possível aprender mais e tirar dúvidas
- 12) Gosto mais do presencial
- 13) Não
- 14) Sim
- 15) Sim, Gosto de praticar com professores e principalmente com os colegas
- 16) Nunca falei com o ETA, mas penso que professores podem deixar os alunos mais inibidos e envergonhados pra praticar oralmente o inglês. Eu prefiro falar com os colegas.
- 17) A experiência mais marcante foi, em um curso cuja enfoque era ler e escrever, poder aprimorar também a fala. Além disso relembrar a gramática.

Autobiografia 137

<MGS>

- 1) Meu primeiro contato foi aos 10 anos de idade. Meus pais sempre consideraram importante o conhecimento em outras línguas e por isso me matricularam em um curso de inglês, no qual eu permaneci até aos 17 anos de idade.
- 2) Sim, aprender outro idioma não é apenas falar ou escrever em um língua diferente, mas entrar em contato com uma cultura diferente, por isso eu gosto muito de estudar inglês e pretendo aprender outras línguas também.
- 3) Sim, pelo mesmo motivo da questão 02 e também porque no mundo globalizado em que vivemos hoje é uma vantagem conhecer outra língua.
- 4-) Foram ruins. Como eu fazia um curso de inglês paralelo a escola regulas as vezes eu sentia que sabia mais do que os professores.
- 5) Toda minha formação em inglês foi em uma escola particular e foi muito boa, me considero fluente.
- 6) acho para termos uma ideia de como o que aprendemos é usado pelos nativos.
- 7) eu sempre trabalhando/estudando com o auxílio de recursos tecnológicos e considero que tenho bom conhecimento na área
- 8) não, só para continuar em contato com a língua
- 9) sim. Esperava vários exercícios e achava que era possível interagir com outros alunos ou professores.
- 10) Entrei no MEO apenas duas vezes, não entendo muito bem como é feita a avaliação
- 11) no curso presencial temos o feedback do professor e sabemos onde erramos.
- 12) Presencial
- 13) não

- 14) não sei responder
 15) Não sei, gosto de participar sempre.
 16) não sei, me sito à vontade, pois acho que tenho um bom nível de conhecimento da língua
 17) Considero positivo o fato do curso focar na escrita acadêmica, pois antes eu não tinha conhecimento sobre isso e se eu tivesse que conviver em uma universidade estrangeira minha escrita seria considerada muito informal.

Autobiografia 138

<VinnyR>

O meu primeiro contato foi criança através de jogos. A importância do estudo inglês é porque seja a língua universal. A falta de tempo e interesse fez que atrasasse o aprendizado.

Os recursos tecnológicos ajudaram no ensinamento do inglês, porém o recurso do My English online é ainda fraco, precisa melhorar o layout.

O contato com de EATs foram bons para o desenvolvimento e gostei muito das aulas.

.....

Autobiografia 139

<jjaudi>

Aprendizagem através de cursos de inglês e como autodidata.....

.....

Autobiografia 140

<Cilésio>

Muito da minha pronuncia foi aprendida ouvindo músicas e acompanhando as letras. As traduções das mesmas me ajudaram a ter uma bom repertório gramatical. Foi só aos quinze anos que fiz algum curso de inglês, o qual não achei proveitoso e desisti. Depois disso continuei a aumentar meu repertório com jogos e filmes. Após cerca de 2 anos na faculdade entrei no MEO e pude dar mais atenção a normas gramaticais. Porém, o que evoluiu meu inglês no âmbito de escrita e fala foram os cursos presenciais do ISF.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento



Questionário on-line de pesquisa

Prezado (a) aluno (a),

Meu nome é Gisele e sou aluna do Programa de Pós Graduação em estudos linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Peço sua colaboração para responder a este questionário e nos contar sua autobiografia, instrumentos utilizados em minha pesquisa de mestrado.

Suas respostas são extremamente importantes para a pesquisa realizada e irá ajudar a compreender a dinâmica de cursos que integram recursos tecnológicos ao ensino de aprendizagem de língua inglesa, bem com o serei capaz de conhecer sua visão sobre o uso de tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Informações como o nome, idade, turma e instituição de ensino não serão divulgadas, com o objetivo de preservar o anonimato dos participantes.

Obrigada por sua participação!

Mestranda Gisele da Cruz Rosa

***Obrigatório**

Declaro que entendi o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto como voluntário, sabendo que posso sair quando quiser. *

☒ Concordo

APÊNDICE B – Questionário on-line de pesquisa



Questionário on-line de pesquisa

Prezado (a) aluno (a),

Meu nome é Gisele e sou aluna do Programa de Pós Graduação em estudos linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Peço sua colaboração para responder a este questionário e nos contar sua autobiografia, instrumentos utilizados em minha pesquisa de mestrado.

Suas respostas são extremamente importantes para a pesquisa realizada e irá ajudar a compreender a dinâmica de cursos que integram recursos tecnológicos ao ensino de aprendizagem de língua inglesa, bem com o serei capaz de conhecer sua visão sobre o uso de tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Informações como o nome, idade, turma e instituição de ensino não serão divulgadas, com o objetivo de preservar o anonimato dos participantes.

Obrigada por sua participação!

Mestranda Gisele da Cruz Rosa

***Obrigatório**

Declaro que entendi o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto como voluntário, sabendo que posso sair quando quiser. *

☒ Concordo

Qual o seu nome? *

Você pode escolher um apelido ou pseudônimo? *

Este será o nome pelo qual te chamaremos no decorrer da pesquisa a fim de preservar o anonimato dos participantes.

Qual a sua idade? *

Em qual nível de aprendizagem você se enquadra? *

- ☐ Nível 2 - A1 - Básico
- ☐ Nível 3 - A2 - Pré - Intermediário
- ☐ Nível 4 - B1 - Intermediário
- ☐ Nível 5 - B2 ou C1 - Avançado

Com qual a idade que começou a estudar inglês? *

Cite os recursos tecnológicos mais presentes em seu cotidiano *

Quando (em qual contexto) começou a acessar a Internet? *

Com que frequência, em média, você acessa a Internet? *

- ☐ Nunca
- ☐ 1 Vez por mês
- ☐ 1 Vez por semana
- ☐ 3 Vezes por semana
- ☐ Todos os dias

Caso você acesse a Internet, quantas horas você permanece on-line? *

De quais locais você acessa Internet? *

- ☐ Na Universidade
- ☐ Lan House
- ☐ De casa
- ☐ Nenhum

☐ Outro:

De quais aparelhos eletrônicos você costuma acessar a Internet? *

- ☐ Computador
- ☐ Tablet
- ☐ Celular / Smartphone
- ☐ Nenhum

☐ Outro:

Caso você acesse a Internet, o que você costuma fazer ao utilizá-la? (Escolha quantas alternativas achar necessário) *

Ex. Enviar e-mails, Ver filmes on-line (Netflix), Googlar (realizar pesquisas no Google)

- ☐ Visitar redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram...)
- ☐ Enviar e-mails
- ☐ Conversar on-line (Skype, Messenger, Google Talk...)
- ☐ Fazer comprar on-line (Submarino, Americanas, Peixe Urbano, Ebay...)
- ☐ Ler notícias (jornais e revistas on-line)
- ☐ Escutar música e assistir vídeos (youtube)
- ☐ Ver filmes on-line (Netflix)
- ☐ Entrar em sites de entretenimento (humor, jogos on-line...)
- ☐ Visitar sites de letras de músicas (Terra, Vagalume...)
- ☐ Googlar (realizar pesquisas no Google)
- ☐ Visitar sites educativos (Moodle, bibliotecas virtuais, sites de educadores...)
- ☐ Fazer download de vídeos e músicas
- ☐ Outro:

Que tipos de atividades você realiza ao mesmo tempo enquanto está on-line? *

Exemplo: 2 (Ler e escutar música)

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ + de 3

Quais são estas atividades? *

Você gosta da relação tecnologia e ensino/aprendizagem? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Prefiro que neste contexto não sejam utilizados recursos tecnológicos

Caso você acesse a Internet, você a utiliza para ajudar na aprendizagem de língua inglesa? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Como? O que você faz na Internet para aprender Inglês? *

Narre a trajetória de sua aprendizagem de inglês. Analise seus primeiros passos relatando quando, como e onde sua trajetória com esta língua começou. Relate sua experiência nos cursos do Inglês Sem Fronteiras, considerando o uso de tecnologia no ensino e aprendizagem de idiomas. Ao relatar sua experiência, considere as aulas na plataforma online MEO e as aulas presenciais. Reflita sobre suas experiências, inclusive aquelas que abarcam recursos tecnológicos, e as descreva criticamente. A seguir, apresento um roteiro para facilitar a escrita da narrativa: *

1. Quando foi seu primeiro contato com a língua inglesa? 2. Você gosta de estudar língua inglesa? Por que?
3. Você considera importante aprender a língua inglesa? Por quê? 4. Como foi sua experiência com as aulas de inglês da escola regular? 5. Você já estudou em outros institutos de idioma? Como foi sua experiência? 6. O que você acha de utilizar tecnologia no ensino de línguas? Você considera importante? 7. Qual a sua relação com tecnologia? Você se considera bom quando trabalha com recursos tecnológicos?
8. Você utiliza Internet para aprender Inglês? 9. Você teve contato com o My English Online? Caso tenha feito o curso on-line, relate o que você esperava encontrar quando começou seu curso. 10. Caso tenha feito o curso on-line, como foi sua experiência na plataforma MEO? Você teve dificuldades ao trabalhar na plataforma? 11. Caso tenha feito o curso on-line, quais foram as principais mudanças quando o curso passou a ser presencial? 12. Você gosta mais do curso on-line ou presencial? 13. Você teve contato com os professores assistentes (ETAs nativos americanos)? 14. Você considera os professores assistentes importantes para o curso? 15. Você gosta de praticar falar em Inglês com os ETAs? E com os professores e outros colegas? 16. Você se sente à vontade quando fala com os ETAs? E com os professores e outros colegas? 17. Qual foi sua experiência mais marcante (positiva, negativa, engraçada e/ou embaraçosa) no decorrer do curso?



Enviar

100% concluído.

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE C – KeyWords: lista completa

N	Key word	Freq.	%	RC. Freq.	RC. %	Keyness
1	INGLÊS	697	2,76	1.602	0,02	5.466,95
2	APRENDER	580	2,30	499		5.399,96
3	CURSAR	297	1,18	37		3.290,94
4	IMPORTANCIA	148	0,59	20		1.632,30
5	LÍNGUA	273	1,08	2.984	0,03	1.378,08
6	TER	330	1,31	5.858	0,06	1.369,42
7	GOSTA	151	0,60	190		1.323,19
8	MEO	110	0,44	0		1.304,11
9	EXPERIENCIA	113	0,45	6		1.292,18
10	ESTUDAR	182	0,72	725		1.252,69
11	TEMPO	330	1,31	7.374	0,08	1.229,22
12	ENSINA	144	0,57	216		1.223,97
13	É	787	3,11	71.747	0,76	1.039,20
14	CONTATO	162	0,64	934		1.007,68
15	ETA	86	0,34	10		955,39
16	ONLINE	88	0,35	47		868,96
17	UTILIZA	130	0,51	703		823,55
18	INTERESSA	102	0,40	232		799,41
19	ACHA	98	0,39	412		664,87
20	FAZ	167	0,66	3.312	0,04	657,81
21	BOA	126	0,50	1.700	0,02	586,08
22	IDIOMA	64	0,25	134		510,16
23	ESCOLA	143	0,57	3.724	0,04	491,64
24	FUNDAMENTA	51	0,20	34		490,28
25	SERIADOS	42	0,17	2		481,56
26	PRATICA	53	0,21	55		478,84
27	TECNOLOGIA	123	0,49	2.652	0,03	465,35
28	ISF	52	0,21	68		452,52
29	FALAR	91	0,36	1.036	0,01	451,87
30	PLATAFORMA	53	0,21	179		379,83
31	ALUNA	49	0,19	119		378,62
32	DIFERENÇA	31	0,12	0		367,43
33	REGULAR	54	0,21	285		344,30
34	CONSIDERA	66	0,26	709		334,78
35	DIFICULDADE	65	0,26	717		326,51
36	ENTENDA	39	0,15	90		304,63
37	CONVERSA	48	0,19	289		294,59
38	INTERNET	62	0,25	893		280,72
39	GRAMATICA	23	0,09	0		272,60
40	USAR	61	0,24	945	0,01	267,94
41	FÁCIL	59	0,23	861		265,69
42	DUVIDA	27	0,11	23		251,14
43	NATIVO	28	0,11	32		249,12
44	ANO	121	0,48	6.913	0,07	248,29

45	LEIO	25	0,10	15		243,46
46	PRONÚNCIA	33	0,13	103		240,96
47	VÍDEO	20	0,08	0		237,04
48	PRESENÇA	66	0,26	1.586	0,02	236,43
49	MY	27	0,11	35		235,28
50	AJUDAR	48	0,19	578		233,27
51	ACREDITAR	37	0,15	208		231,67
52	INTERAÇÃO	49	0,19	655		228,63
53	POREM	21	0,08	6		220,32
54	ÓTIMA	32	0,13	133		217,67
55	RECURSO	44	0,17	527		214,26
56	ACESSÁ-LÁ	18	0,07	0		213,33
57	UFU	18	0,07	0		213,33
58	OUÇO	23	0,09	20		213,30
59	SPEAKING	19	0,08	2		211,99
60	MARCADO	33	0,13	234		192,65
61	VOCABULARIO	16	0,06	0		189,63
62	SABEM	34	0,13	280		189,14
63	PREFERÊNCIA	32	0,13	262		178,35
64	TRABALHAR	48	0,19	1.106	0,01	175,62
65	SENTIA	25	0,10	105		169,58
66	GRAVA	20	0,08	33		166,96
67	DICIONARIO	14	0,06	0		165,92
68	FREQUENTÁ-LO	14	0,06	0		165,92
69	ESPERA	40	0,16	725		164,03
70	ENTRAR	38	0,15	637		161,32
71	INICIAR	28	0,11	219		158,41
72	ADORO	17	0,07	15		157,33
73	DINÂMICA	36	0,14	568		156,87
74	FRONTEIRA	28	0,11	243		153,05
75	PARTICULAR	43	0,17	1.053	0,01	152,52
76	TOEFEL	12	0,05	0		142,22
77	MATRICULA	12	0,05	0		142,22
78	NÍVEL	12	0,05	0		142,22
79	MELHORAR	35	0,14	651		141,85
80	CANSANDO	12	0,05	1		135,17
81	CONSEGUE	33	0,13	618		133,32
82	COMPLEMENTAR	26	0,10	279		131,90
83	NÍVEIS	40	0,16	1.148	0,01	130,31
84	PESSOA	49	0,19	2.015	0,02	128,15
85	QUANDO	108	0,43	10.681	0,11	127,88
86	PARTICIPAR	33	0,13	687		126,88
87	MÚSICA	44	0,17	1.616	0,02	123,86
88	FILME	41	0,16	1.435	0,02	118,93
89	POSSIBILIDADE	42	0,17	1.574	0,02	116,72
90	NECESSÁRIA	30	0,12	639		114,08
91	COLEGAS	28	0,11	525		113,05
92	ESCREVER	28	0,11	568		108,99

93	REPETEM	14	0,06	34		108,16
94	CHATA	12	0,05	14		106,41
95	IR	30	0,12	747		105,48
96	SINTO	19	0,08	164		104,04
97	PASSAR	30	0,12	767		104,03
98	CONHECE	22	0,09	288		103,48
99	ENTÃO	9	0,04	1		100,17
100	SUNDAY	11	0,04	11		99,93
101	CULTURA	45	0,18	2.330	0,02	99,73
102	POSITIVA	22	0,09	323		98,79
103	LISTENING	9	0,04	2		96,24
104	CORREÇÕES	16	0,06	107		95,11
105	APÓS	8	0,03	0		94,81
106	VONTADE	28	0,11	767		93,58
107	INTERCAMBIO	9	0,04	3		93,18
108	EXERCÍCIO	26	0,10	630		92,71
109	COMUNICAR	20	0,08	279		91,71
110	NAO	11	0,04	19		91,04
111	AUXILIAR	21	0,08	355		88,81
112	VIDEO	12	0,05	38		87,32
113	ENCONTRADAS	22	0,09	432		86,95
114	GRADUAR	9	0,04	6		86,51
115	MOTIVAÇÃO	19	0,08	284		84,69
116	APRIMORA	9	0,04	8		83,20
117	TAMBÉM	7	0,03	0		82,96
118	CCAA	7	0,03	0		82,96
119	AULA	30	0,12	1.148	0,01	82,25
120	SEI	22	0,09	486		82,17
121	ENGRAÇADA	9	0,04	11		79,20
122	PRINCIPAIS	38	0,15	2.177	0,02	77,71
123	REAL	40	0,16	2.482	0,03	76,49
124	PROVEITOSA	8	0,03	7		74,12
125	PÉSSIMA	11	0,04	49		73,46
126	BÁSICA	23	0,09	686		73,31
127	FICAR	27	0,11	1.060	0,01	72,80
128	DEIXADO	13	0,05	108		72,10
129	LEGENDA	11	0,04	53		71,92
130	ERRADA	12	0,05	81		71,13
131	MOODLE	6	0,02	0		71,11
132	GRATIS	6	0,02	0		71,11
133	EXTREMA	15	0,06	198		70,32
134	EXCELENTE	16	0,06	254		69,53
135	CONTINUAR	21	0,08	597		68,76
136	DISPONIBILIZA	10	0,04	42		67,83
137	MÉDIA	36	0,14	2.275	0,02	67,75
138	BLOQUEADA	8	0,03	13		66,97
139	PROFESSOR	58	0,23	5.867	0,06	66,71
140	FLUÊNCIA	10	0,04	47		65,82

141	TORNAR	24	0,09	930		65,26
142	OBRIGA	12	0,05	106		65,19
143	EMBARAÇOSA	7	0,03	6		65,05
144	UNICA	7	0,03	7		63,59
145	DIDÁTICA	13	0,05	156		63,24
146	INSCREVER	9	0,04	34		62,73
147	CONHECIMENTO	46	0,18	4.047	0,04	62,43
148	ESTRUTRA	6	0,02	2		62,12
149	QUESTÃO	39	0,15	2.978	0,03	61,49
150	AMIGA	12	0,05	127		61,18
151	MUDAR	19	0,08	560		60,97
152	LINE	15	0,06	286		60,09
153	DESAFIADOR	8	0,03	23		59,53
154	ALÉM	5	0,02	0		59,26
155	DIA-A-DIA	5	0,02	0		59,26
156	ENTEDIANTE	5	0,02	0		59,26
157	VÁRIAS	5	0,02	0		59,26
158	APROVEITA	10	0,04	70		58,61
159	SOTAQUE	8	0,03	25		58,39
160	OPORTUNIDADE	19	0,08	609		58,09
161	CIENCIA	8	0,03	26		57,85
162	PERIÓDICOS	12	0,05	149		57,62
163	INCENTIVAR	13	0,05	197		57,61
164	DEDICAÇÃO	12	0,05	150		57,47
165	ÚTIL	17	0,07	466		56,79
166	COMEÇAR	18	0,07	554		56,35
167	TURMA	17	0,07	484		55,62
168	COMPREENDER	17	0,07	499		54,68
169	ADQUIRIDO	11	0,04	128		54,14
170	JOGAR	15	0,06	370		52,99
171	TRANQUILA	6	0,02	8		52,03
172	INSTITUIÇÃO	20	0,08	865		50,52
173	RÁPIDA	15	0,06	414		49,92
174	RUIM	13	0,05	273		49,76
175	CREIO	11	0,04	159		49,71
176	PERMANECERAM	8	0,03	49		48,84
177	OFERECE	15	0,06	439		48,32
178	SITE	14	0,06	363		48,18
179	UBERLANDIA	4	0,02	0		47,41
180	RESPEITÁ-LO	4	0,02	0		47,41
181	AMA-LO	4	0,02	0		47,41
182	ATRAVÉS	4	0,02	0		47,41
183	RELAÇÃO	51	0,20	6.043	0,06	47,31
184	ASSISTINDO	8	0,03	56		46,88
185	ASSISTENTES	8	0,03	60		45,87
186	COISA	28	0,11	2.059	0,02	45,81
187	FERRAMENTA	20	0,08	1.048	0,01	43,90
188	PUDER	9	0,04	110		43,48

189	NOVA	40	0,16	4.256	0,05	43,09
190	TIRAR	13	0,05	372		42,41
191	PROPORCIONA	9	0,04	118		42,30
192	FIXAR	9	0,04	119		42,16
193	PERCEBER	14	0,06	492		40,50
194	PERDE	12	0,05	323		40,48
195	ATE	5	0,02	10		40,22
196	PALAVRA	27	0,11	2.185	0,02	40,10
197	DESISTI	4	0,02	2		39,78
198	PRECISA	21	0,08	1.318	0,01	39,75
199	DISCIPLINA	13	0,05	417		39,73
200	PROCURAR	12	0,05	337		39,55
201	DIVERTIDA	6	0,02	29		39,19
202	INGRESSAR	7	0,03	58		38,85
203	ATUAL	23	0,09	1.637	0,02	38,83
204	ÁUDIO	7	0,03	61		38,20
205	ESFORÇAR	5	0,02	13		38,06
206	PARO	5	0,02	13		38,06
207	TERMINEI	5	0,02	14		37,43
208	VEZES	32	0,13	3.260	0,03	36,46
209	HORA	18	0,07	1.044	0,01	36,43
210	ESTRANGEIRA	9	0,04	173		35,92
211	PREOCUPAVA	5	0,02	17		35,77
212	CRITICA-LOS	3	0,01	0		35,55
213	DANILA	3	0,01	0		35,55
214	MASSANTE	3	0,01	0		35,55
215	NÍVEIS	3	0,01	0		35,55
216	BLOG	3	0,01	0		35,55
217	DESCULPE-ME	3	0,01	0		35,55
218	EXPERCT	3	0,01	0		35,55
219	LEMBRO	8	0,03	124		35,12
220	FRACO	7	0,03	83		34,21
221	SEMESTRE	12	0,05	460		32,86
222	ACABA	14	0,06	680		32,55
223	DEFICITÁRIO	4	0,02	8		32,17
224	ENRIQUECEDOR	4	0,02	8		32,17
225	PROFISSIONAIS	18	0,07	1.216	0,01	31,90
226	HABILIDADE	9	0,04	222		31,79
227	INFÂNCIA	9	0,04	229		31,28
228	PRETENDO	6	0,02	62		30,85
229	DEBATER	6	0,02	62		30,85
230	ACADÊMICA	12	0,05	510		30,68
231	ESPECIFICA	6	0,02	67		29,99
232	SEREM	20	0,08	1.633	0,02	29,42
233	SOZINHA	6	0,02	72		29,19
234	FUTURAS	8	0,03	186		29,13
235	GLOBAL	12	0,05	566		28,50
236	ALIADA	6	0,02	78		28,30

237	REFORÇAR	7	0,03	132		28,18
238	ACOMPANHAR	6	0,02	84		27,47
239	FOCAR	4	0,02	17		27,05
240	TENTAR	12	0,05	609		26,99
241	SALA	15	0,06	1.002	0,01	26,86
242	TREINAR	6	0,02	89		26,83
243	RESOLVI	5	0,02	46		26,79
244	CONTEÚDO	18	0,07	1.454	0,02	26,78
245	PUXADA	4	0,02	18		26,64
246	UNIVERSAL	10	0,04	414		26,02
247	CONSTRUA	3	0,01	4		26,01
248	DIA	39	0,15	5.711	0,06	25,54
249	DOMINAR	6	0,02	101		25,42
250	VIR	9	0,04	336		25,06
251	JEITO	9	0,04	339		24,92
252	ON	15	0,06	1.090	0,01	24,82
253	AGRADÁVEL	5	0,02	58		24,64
254	MONÓTONA	3	0,01	6		24,13
255	APERFEIÇOAR	6	0,02	114		24,07
256	BUSCAR	11	0,04	581		24,00